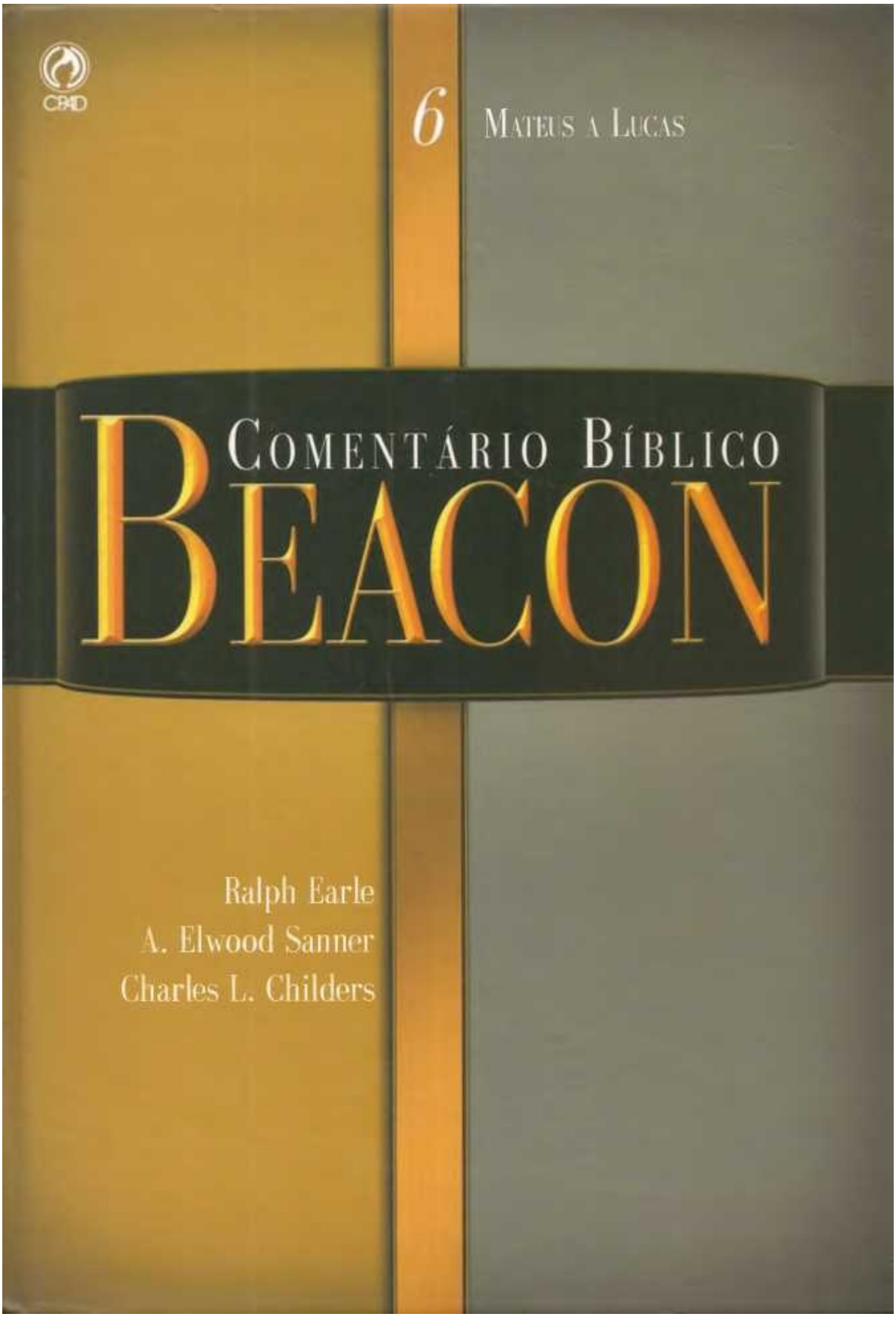
CPAD

6 MATEUS A LUCAS

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers


CPAD
6
Mateus a Lucas
Comentário Bíblico
BEACON
Ralph Earle
A. Elwood Sanner
Charles L. Childers

1. MATEUS
2. A PREPARAÇÃO DO MESSIAS
3. O SERMÃO DO MONTE
4. UM MINISTÉRIO DE MILAGRES
5. AS INSTRUÇÕES PARA OS DOZE
6. A REJEIÇÃO DO MESSIAS
7. PARÁBOLAS DO REINO
8. VIAGENS DE JESUS
9. A COMUNIDADE CRISTÃ
10. DISCIPULADO E CONTROVÉRSIA
    1. Então, Jesus estabeleceu os princípios gerais (já
11. O SERMÃO PROFÉTICO DO MONTE DAS OLIVEIRAS
12. A PAIXÃO
13. A RESSURREIÇÃO
    1. SEÇAOII
    2. SEÇÃO VI
    3. SEÇAO X

B

Comentário Bíblico

EACON

Mateus a Lucas

6



cm

0 Evangelho Segundo

MATEUS

Ralph Earle

Introdução

A. Importância

0 grande crítico francês Renan tem sido citado com freqüência por sua famosa declaração de que o Evangelho de Mateus é "o livro mais importante qqe já foi escrito". Há dúvida se esta afirmação será algum dia seriamente desafiada. Mateus era o principal Evangelho na igreja primitiva e tem um lugar de destaque hoje. Zahn diz: "Em grandeza de concepção, e no rigor com que uma massa de material subordina-se a grandes idéias, nenhum livro em qualquer um dos Testamentos, tratando de um tema histórico, deve ser comparado com Mateus".[1] Ele se encontra no limiar do Novo Testamento, ligando-o ao Antigo Testamento.

B. Autoria

Todos os quatro Evangelhos são anônimos; eles não levam o nome dos autores. No entanto, a tradição da igreja primitiva os atribui respectivamenteja Mateus, Marcos, Lucas e João.

Papias, que escreveu por volta de 140 d.C., é a mais antiga testemunha sobre a questão da autoria. Ele disse que Mateus compôs os discursos ou as palavras (*logia*) "no dialeto hebraico" (aramaico), e "cada um o traduziu como foi capaz".[2]

O prólogo antimarcionita ao Evangelho de Mateus desapareceu. Mas o de Lucas diz que Mateus escreveu o seu Evangelho na Judéia.[3] Irineu *(ca.* 185 d.C.) disse: "Mateus, realmente, produziu o seu Evangelho entre os hebreus em seu próprio dialeto, enquanto Pedro e Paulo proclamaram o evangelho e fundaram a igreja em Roma".[4] Orígenes (ca. 220 d.C.) disse acerca dos Evangelhos: "O primeiro Evangelho é segundo Mateus, o mesmo que foi uma vez publicano, mas depois disso um apóstolo de Jesus Cristo, que tendo-o publicado para os judeus convertidos, o escreveu em hebraico".[6] O fato de

que este Evangelho foi escrito para os judeus é bem apoiado pela natureza de seu conteúdo. O próprio comentário de Eusébio diz: "Mateus, tendo também proclamado o Evangelho em hebraico, quando a ponto de ir também para outras nações, se propôs a escrever em sua própria língua, e assim supriu a necessidade de sua presença copa eles, por meio de

seus escritos".[6]

O testemunho mais antigo, então, cita uma coletânea de "palavras" em aramaico. Seria o nosso atual Evangelho de Mateus uma tradução dessa coletânea? Wikenhauser escreve: "Pode ser tomado como certo que um original em aramaiço do Evangelho de Mateus só pode ser defendido se considerarmos Mateus em grego não uma tradução literal do aramaico, mas uma revisão completa feita com o uso frequente do Evangelho de Marcos".[7]

Tasker, professor emérito de Exegese do Novo Testamento na Universidade de Londres, interpreta assim a antiga tradição: "E concebível que Mateus, que era com toda probabilidade bilíngüe, tenha ele mesmo traduzido a sua obra original ou a republicado em uma edição em grego, ampliada".[8] Ele também diz: "De todos os apóstolos cujas ocupações anteriores nos são conhecidas, Mateus parecia ser o mais qua-

lificado para se encarregar da composição do tipo de narrativas que encontramos inseridas no 'primeiro' Evangelho".[9]

Mateus é citado nominalmente nas quatro listas dos doze apóstolos (Mt 10.3; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13), mas somente na lista de Mateus ele é identificado como "o publicano" (isto é, "cobrador de impostos"). A outra única passagem no Novo Testamento onde o nome de Mateus ocorre está ligada ao seu chamado para seguir Jesus, conforme registrado em Mateus 9.9. Nos outros dois relatos deste chamado, ele é designado como "Levi" (Mc 2.14; Lc 5.27,29). Parece que este apóstolo, da mesma forma que outros homens no Novo Testamento, era conhecido por dois nomes diferentes (cf. João Marcos; Saulo, Paulo). A recusa de muitos estudiosos hoje de identificar Mateus com

Levi não é plausível.

Os argumentos atuais contra a autoria do primeiro Evangelho por Mateus não são convincentes. Recentemente, um dos principais estudiosos do Novo Testamento nos Estados Unidos da América escreveu uma vigorosa exposição e defesa da opinião tradicional de que Mateus, o apóstolo, foi o escritor deste Evangelho.[10] No entanto, devê ficar claro que, sendo os quatro Evangelhos anônimos, não somos obrigados a aceitar qualquer teoria sobre a autoria deles. Mas a tradição da igreja primitiva não deve ser ignorada facilmente. Deve ter havido alguma base histórica para a atribuição universal dos nomes de Mateus, Marcos, Lucas e João para estes quatro livros. Então assumimos a posição de que Mateus, o apóstolo, escreveu o Evangelho que leva o seu nome.

C. Data

Como no caso da maioria dos livros do Novo Testamento, a data é incerta. Escritores mais antigos consideraram Mateus como tendo sido escrito por volta de 60 d.C. A maioria dos estudiosos hoje prefere 80 ou 85 d.C. Streeter prefere a segunda data.[11] A questão não é de importância vital, embora prefira a data mais antiga.

D. Local da Escrita

Novamente há duas opiniões principais. A opinião tradicional é a de que o livro de Mateus foi escrito na Palestina (cf. “Judeia”, acima). Streeter diz que o local foi Antioquía da Síria,[12] e ele é seguido pela maioria dos estudiosos hoje. Talvez a coletânea aramaica de palavras tenha sido escrita na Palestina, e o Evangelho em grego em Antioquia.

E. Propósito

Fica evidente que Mateus escreveu o seu Evangelho para os judeus, com o objetivo de apresentar Jesus como o Messias. Quando o Evangelho foi escrito, a nação já o havia rejeitado, e logo - se Mateus

foi escrito entre 60 e 70 d.C. - iria sofrer por isto um severo juízo através da destruição de Jerusalém (70 d.C.). Hayes diz: "O primeiro Evangelho tinha algo do caráter de um ultimato oficial. Foi um último aviso do Senhor para o seu povo".[13]

F. Fontes

É consenso geral entre os estudiosos modernos que Mateus (como também Lucas) usou Marcos como a fonte principal para a sua estrutura histórica, e uma coletânea de "Palavras" (Q, ou a Logia) para os ensinos de Jesus. Mateus freqüentemente resume as narrativas de Marcos, e é geralmente menos vivido em suas descrições. Mais de 90% do material em Marcos também é encontrado em Mateus. Porém Marcos não parece ser uma condensação de Mateus, como Agostinho defendia, porque o seu estilo e apresentação são mais vivazes e vigorosos.

Streeter postulou uma outra fonte, chamada de M, como responsável pelo material encontrado somente em Mateus.[14] Mas Tasker tem uma boa resposta para isso. Ele diz: *"A* diferença entre Mateus e Marcos pode ser igualmente bem explicada na suposição de que o Evangelho de Mateus retém detalhes originalmente transmitidos pelo apóstolo com este nome, e que o Evangelho de Marcos freqüentemente recofre às memórias de Pedro".[18] Nós avançaríamos um passo além de Tasker e diriamos que os detalhes foram *escritos* por Mateus na composição de seu Evangelho.

G. Caráter

O Evangelho de Mateus é o mais *judaico* dos Evangelhos. A genealogia judaica de Jesus que ele apresenta retrocede até Abraão, e é colocada no início do Evangelho. Isto porque a primeira pergunta dos judeus a respeito de um homem estaria relacionada à sua descendência. Lucas não apresenta a sua genealogia de Jesus até o terceiro capítulo, e ela retrocede até Adão. Jesus é descrito logo no primeiro versículo de Mateus como "filho de Davi, filho de Abraão". Mateus não explica os costumes ou termos judaicos, como fazem

Marcos e Lucas, pois os seus leitores os entenderíam. Ele faz mais referências à Lei de Moisés do que os outros (cf. v. 5). Ele relaciona mais cumprimentos da profecia do Antigo Testamento do que os outros. Frases como "para que se cumprisse o que fora dito" ocorrem treze vezes em Mateus e nunca em Marcos ou Lucas (seis vezes em João). Mateus enfatiza mais a "justiça" do que todos os outros Evangelhos juntos. Esta era a idéia central da religião judaica. A palavra "reino" ocorre com mais freqüência aqui (cinqüenta e seis vezes) do que em qualquer outro Evangelho; e a frase "o reino dos céus" só é encontrada em Mateus (trinta e três vezes) ao longo de todo o Novo Testamento.

Jesus é apresentado aos judeus não só como o seu Messias, mas como o seu Rei. Bem no início, a genealogia apresenta a linhagem real, provando o direito de Jesus ao trono de Davi. Os sábios perguntaram pelo "Rei dos judeus" (apenas em Mateus). Há mais ênfase em Jesus como Rei do que nos outros Evangelhos. ;

A outra característica extraordinária deste Evangelho (além dé seu judaísmo) é o seu *arranjo sistemático.* Mateus havia, provavelmente, recebido algum treinamento em negócios, e tinha que registrar livros como um cobrador de impostos. Ele apresenta o seu material em uma ordem sistemática. Ele tem sete (o número da perfeição) parábolas do Reino no capítulo treze. Nos capítulos oito e nove, ele reúne dez milagres de Jesus. IVês e sete são números proeminentes em seu Evangelho, e aqui ele os acrescenta juntos.

0 exemplo mais óbvio dessa característica é o arranjo de Mateus dos ensinos de Jesus em cinco grandes discursos. São eles: 1) o Sermão do Monte, caps. 5-7; 2) Instruções aos Doze, cap. 10; 3) Sete Parábolas do Reino, cap. 13; 4) A Comunidade Cristã, cap. 18;

5) os Discursos no Monte das Oliveiras, caps. 24-25. Cada um deles finaliza com a fórmula: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso...".

A principal impressão que se tem ao ler este Evangelho é que um escritor judeu está apresentando Jesus aos judeus como o seu

Messias. D. A. Hayes diz que o Evangelho de Mateus é "quase um manual de profecias messiânicas".[16]

Esboço

I. A Preparação do Messias, 1.1—4.25

A. A Genealogia de Jesus, 1.1-17

B. O Nascimento de Jesus, 1.18-25

C. A Infância de Jesus, 2.1-23

D. O Ministério de João Batista, 3.1-12

E. O Batismo de Jesus, 3.13-17 F A Tentação de Jesus, 4.1-11

G. Os Primeiros Tempos na Galiléia, 4.12-25

II. Primeiro Discurso: O Sermão do Monte, 5.1—7.29

A. O Cenário do Sermão, 5.1-2

B. A Natureza dos Discípulos, 5.3-16

C. A Justiça dos Discípulos, 5.17-48

D. A Religião dos Discípulos, 6.1-34

E. A Vida dos Discípulos, 7.1-29

III. Narrativa Retomada: Um Ministério de Milagres, 8.1—9.34

A. Três Milagres de Cura, 8.1-17

B. O Custo do Discipulado, 8.18-22

C. Mais Três Milagres, 8.23—9.8

D. Misericórdia, Não Sacrifício, 9.9-17

E. O Terceiro Conjunto de Milagres, 9.18-34

IV. Segundo Discurso: As Instruções Para os Doze, 9.35—*10 AÍ*

A. A Necessidade de Obreiros, 9.35-38

B. A Missão dos Doze, 10.1-42

V. Narrativa Retomada: A Rejeição do Messias, 11.1—12.50

A. Jesus e João Batista, 11.1-19

B. Jesus e As Cidades, 11.20-24

C. Jesus e Os Simples, 11.25-30

D. Jesus e Os Fariseus, 12.1-45

E. Jesus e a Sua Família, 12.46-50

VI. Terceiro Discurso: Parábolas do Reino, 13.1-52

A. O Cenário, 13.1-2

B. As Sete Parábolas, 13.3-50

C. A Seqüência, 13.51-52

VII. Narrativa Retomada: Viagens de Jesus, 13.53—17.27

A. Rejeição de Jesus e de João, 13.53—14.12

B. Milagres Posteriores, 14.13-36

C. Contaminação Cerimonial *versus* Contaminação Moral, 15.1-20

D. Mais Milagres, 15.21-39

E. Os Fariseus Cegos e Os Discípulos Que Enxergavam, 16.1—17.27

VIII. **Quarto Discurso: A Comunidade Cristã, 18.1-35**

A. O Cristão e As Crianças, 18.1-14

B. O Cristão e Seu Irmão, 18.15-35

IX. **Narrativa Retomada: Discipulado e Controvérsia, 19.1—23.39**

A. Disciplina, 19.1—20.34

B. A Controvérsia, 21.1—23.39

X. **Quinto Discurso: O Sermão Profético do Monte das Oliveiras, 24.1—25.46**

A. O Final dos Tempos, 24.1-51

B. Três Parábolas Sobre a Prontidão, 25.1-46

XI. **A Paixão, 26.1—27.66**

A. A Preparação Para a Morte, 26.1—27.31 A. A Morte e o Sepultamento, 27.32-66

XII. **A Ressurreição, 28.1-20**

A. O Dia da Ressurreição, 28.1-15

B. A Grande Comissão, 28.16-20

Seção **I**

- A PREPARAÇÃO DO MESSIAS
- O SERMÃO DO MONTE
- UM MINISTÉRIO DE MILAGRES
- AS INSTRUÇÕES PARA OS DOZE
- A REJEIÇÃO DO MESSIAS
- PARÁBOLAS DO REINO
- VIAGENS DE JESUS
- A COMUNIDADE CRISTÃ

- DISCIPULADO E CONTROVÉRSIA
  - Então, Jesus estabeleceu os princípios gerais (já
- O SERMÃO PROFÉTICO DO MONTE DAS OLIVEIRAS
- A PAIXÃO
- A RESSURREIÇÃO
  - SEÇAOII
  - SEÇÃO VI
  - SEÇAO X

A PREPARAÇÃO DO MESSIAS

Mateus 1.1—4.25

A. A Genealogia de Jesus, 1.1-17

1. *Quem foi Jesus* (1.1)

Como pode ser observado na introdução, Mateus escreveu o seu Evangelho especificamente para os judeus. Portanto, é muito natural que ele devesse começar pela genealogia. Partieularmente após o cativeiro na Babilônia, os judeus passaram a dar muita ênfase sobre os devidos registros genealógicos. Isso é realçado na longa lista de gerações nos primeiros nove capítulos do primeiro livro de Crônicas. O livro de Neemias conta como alguns levitas foram retirados do sacerdócio porque não puderam indicar as suas genealogias (Ne 7.63-65). Obviamente, Jesus não podería ser aceito como o Messias, a não ser que pudesse haver uma comprovação por meio de registros genealógicos de que Ele era o filho de Davi, pois os judeus acreditavam que o seu Messias viría da linhagem real do maior dos reis de Israel, e que nascería em Belém, a cidade natal de Davi (veja 2.4-6). í

Jesus foi primeiramente identificado como **Cristo.** Esse termo vem da palavra grega *christos,* que é o equivalente do hebraico *mashiah* (Messias). As duas palavras significam "o consagrado" ou "o ungido". **Jesus** é o equivalente do hebraico *yéhoshua* (Josué) na sua forma posterior *yeshua.* A palavra significa "Jeová irá salvar". Dessa forma, a Pessoa Suprema deste Evangelho de Mateus é identificada como o Salvador-Messias. Mas na época em que foi escrito o Evangelho de Mateus, **Jesus Cristo** passou a ser usado como um nome próprio.

O Personagem deste livro é identificado em segundo lugar como o **Filho de Davi.** Isso quer dizer que Ele era o Herdeiro legítimo do trono de Davi. E esse também era um título messiânico. Como escreveu Vincent Taylor: "Tal como o nome 'Cristo', 'Filho de Davi' é um título messiânico, que descreve o Messias como uma figura

humana, a do Salvador nacional, sob cuja liderança esperava-se que as antigas promessas de Deus a Israel fossem cumpridas".[1]

Em terceiro lugar, Jesus é identificado como **Filho de Abraão.** Isso confirma que Ele era um verdadeiro judeu. Esse fato é de suma importância porque nenhum gentio seria aceitável para os judeus como um líder religioso.

A palavra grega para **geração** *égenesis.* Ela significa "origem, linhagem".[2] Arndt e Gingrich afirmam que: "A expressão *biblos geneseos* em Mateus **1.1** vem do Antigo Testamento: Gênesis **2.4; 5.1;** na primeira dessas duas passagens a expressão equivale a *história da origem,* o que seria um título apropriado para Mateus 1, enquanto na segunda significa *genealogia, o* que descreve o conteúdo de Mateus **1.1-17".**[8] Zahn opina que o primeiro versículo teria a função de ser o título do livro inteiro. Ele fala sobre o autor do Evangelho de Mateus: "Ele deu à sua obra o título de 'A história de Jesus' "?
Outros estudiosos consideram que o primeiro versículo representa exclusivamente o título da genealogia **(1.2-17).** **.**

2. *De Abraão até Davi (1.2-6a)*

A maioria das versões mais recentes (RSV, NEB, NTLH) e traduções particulares (como, por exemplo, Weymouth, Moffatt, Goodspeed, Verkuyl, Williams) dizem que "Abraão foi pai de Isaque" (que é uma tradução mais atualizada) e assim prossegue mostrando todo o quadro genealógico. Mas a versão grega diz clara e simplesmente: **Abraão gerou a Isaque (2).**

No primeiro parágrafo da genealogia encontramos os nomes de três mulheres, e uma quarta é mencionada no versículo 6b. E um fenômeno no mínimo estranho, por assim dizer. E duplamente surpreendente é o caráter dessas quatro mulheres. Duas delas eram gentias - **Raabe** e **Rute (5).** Embora as outras duas fossem israelitas, os seus nomes estavam manchados. **Tamar** era culpada de incesto (Gn **38.13-18)** e a **mulher de Urias** (6) participou do pecado de adultério com Davi **(2** Sm **11.2-5).**

A presença de tais pessoas na genealogia de Jesus ressalta a Sua missão de Salvador, e fornece uma maravilhosa amostra da graça de Deus. Não somente para os judeus aparentemente justos, mas também para os estrangeiros e os pecadores seria oferecida a entrada ao reino dos Céus. E isso que transforma o evangelho em Boas Novas para toda a humanidade.

Então Jesus deve também ser verdadeiramente humano, assim como divino, para ser o Salvador da humanidade. A encarnação significava que Ele tinha que fazer parte da raça humana, o que inevitavelmente envolvia que Ele tivesse tido antepassados pecadores.

3. *De Davi até o Cativeiro* **(1.6Ò-11)**

Esse é o período do reino. Seguindo Salomão, são dados os nomes dos reis de Judá, pelo fato de a dinastia de Davi ter governado o reino do sul. Estranhamente, quatro reis foram omitidos da lista, como mostrará a comparação com os livros de Reis do Antigo

Testamento. Aeazias, Joás e Amazias foram omitidos depois de **Jorão** (8), e Jeoaquim foi omitido depois de **Josias** (11). Aparentemente, o único motivo paia isso é que Mateus desejava preservar esse arranjo sistemático da genealogia em três grupos de catorze nomes cada.

4. *Do Cativeiro até Cristo* **(1.12-16)**

Esse é basicamente o período entre o Antigo e o Novo Testamento. Por isso, os nomes não são familiares.

!

O teor exato do décimo sexto versículo é muito significativo. O autor altera o ativo **gerou** para o passivo **nasceu (16).** Desta maneira ele protege o fato do nascimento virginal, que em breve será descrito. José era o pai adotivo de Jesus, mas não o seu pai

físico. Mas Maria era realmente a sua mãe. **i**

!

Quanto ao significado da palavra *gerou* usada neste capítulo, M'Neile diz o seguinte: "A natureza da genealogia mostra que *egennesen* por toda parte iridica a origem legal, mas não necessariamente física", mas que o passivo *egennethe,* **nasceu,** "denota o nascimento físico".[5] I

5. *Resumo da Genealogia* **(1.17)**

Por que Mateus usa três enumerações de **catorze? (17)** Tasker diz: "Chegou a ser sugerido, com considerável probabilidade, que a importância do número *catorze* se deve ao fato do valor numérico das consoantes hebraicas na palavra *Davi* resultar naquele número".[6]

Deve ser notado que os três períodos ali assinalados possuem um relevante destaque. O primeiro foi o dos patriarcas e juizes, o segundo o dos reis, e o terceiro o da dominação de gentios (exceto pelo breve período da independência dos Macabeus).

Até Cristo é, literalmente, "até o Cristo". Morison faz a seguinte observação, que é bastante apropriada: "E assim o evangelista passa do emprego da palavra *Cristo* como um mero nome próprio ao seu emprego como um apelativo, *Até o Messias,* significando o preeminentemente Ungido, o mais alto de todos os reis, e o mais sacerdotal de todos os sacerdotes, assim como o mais inspirado e inspirador entre todos que alguma vez foram profetas ou porta-vozes de Deus".[7]

B. O **Nascimento de Jesus,** 1.18-25

As assim chamadas Narrativas da Infância são encontradas em Mateus 1.18— 2.23 e em Lucas 1.5—2.52. Os dois relatos são quase totalmente' diferentes. No entanto, um não contradiz o outro. Plummer comenta: "Os dois relatjos estão em conformidade um com o outro, não apenas quanto ao fato principal do nascimento de uma virgem, mas também quanto ao modo como ele ocorreu - por ter sido realizado pela ação do Espírito Santo". Ele prossegue enumerando outros quatro pontos de concordância que representam "sinais adicionais de realidade histórica": 1) Quando a vontade divina

foi revelada a José e Maria eles estavam desposados um com o outro; 2) Cristo deveria ser chamado de "Jesus"; 3) Ele nasceu em Belém; 4) Ele foi criado em Nazaré.[8]

A história do nascimento de Jesus é contada com grande beleza e delicadeza. Maria estava **desposada** com José **(18).** Possivelmente "prometida em casamento" ou "noiva" poderíam parecer termos e expressões mais atuais. O verbo grego é empregado apenas aqui e em Lucas **1.27; 2.5** e significa "prometer em casamento, desposar".[9] Amdt e Gingrich dizem que em voz passiva a expressão denota "estar prometida em casamento ou ficar noiva".[10] Mas deve ser lembrado que entre os judeus a quebra de um noivado exigia um divórcio formal. Edersheim diz que o relacionamento de jovens noivos era tão sagrado que "qualquer violação seria considerada um adultério; o compromisso não podería ser dissolvido exceto, como depois do casamento, pelo divórcio normal".[11]

Antes que eles estivessem casados ou tivessem alguma relação conjugal, Maria **achou-se ter concebido do Espírito Santo.** Assim Mateus confirma o relato mais completo de Lucas (Lc 1.35). Isso representou um problema sério para José. Por ser um homem justo ou "honrado", ele não achava que conseguiría prosseguir com os seus planos de casamento. Mas por ser um homem misericordioso, que amava profundamente a Maria, ele **a não queria infamar** (19), isto é, expô-la à vergonha. Então ele decidiu divorciar-se dela **secretamente,** ou seja, em particular. Tudo o que precisava era a presença de duas testemunhas. Não se tratava necessariamente de um caso de justiça.

Pode parecer estranho que José fosse chamado **seu marido.** Mas M'Neile explica o fato assim: "Depois do noivado, mas antes do casamento, o homem era legalmente o 'marido' (cf. Gn 29.21; Dt 22.23ss.); conseqüentemente, um cancelamento informal do noivado era impossível: o homem devia dar à mulher um documento por escrito, e pagar uma multa".[12]

Enquanto José estava considerando o seu problema, **um anjo** (e não **o**

anjo) lhe apareceu **em sonhos.** O mensageiro celestial o chamou de **José, filho de Davi** (20). Foi isso o que deu a Jesus o direito legal ao trono de Davi. José recebeu a garantia de que não precisava temer receber Maria como sua mulher, porque a sua concepção era **do Espírito Santo.** Assim, a anunciação foi feita a José, e também a Maria. Ela precisava disso para ser poupada da terrível perplexidade sobre a sua condição de grávida. Ele precisava disso para ser poupado do sentimento de que Maria pudesse ter sido infiel.

José foi informado de que o Filho que ia nascer deveria ser chamado **JESUS** ("Jeová é a salvação"), pois Ele iria **salvar o seu povo dos seus pecados** (21). A salvação era, em primeiro lugar, para os judeus **(seu povo)** e a seguir para todo o mundo (cf. Lc 2.32). A missão do nosso Senhor não era predominantemente social, política nem física, mas sim moral e espiritual. Ele veio para "aniquilar o pecado" (Hb 9.26). Ele veio para salvar *do* pecado, e não *no* pecado.

Para os que foram salvos por meio da Sua graça, o seu Nome conserva um encanto e uma doçura especiais. Vincent Taylor adequadamente comenta: "De todos os nomes, nenhum é mais precioso aos ouvidos cristãos do que o nome de 'Jesus' ".[13]

Uma das notáveis características do Evangelho de Mateus, escrito para os judeus, é a sua freqüente citação do Antigo Testamento. A inspiração divina e a autoridade das Escrituras estão enfatizadas na introdução: **Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta** (22). Então se segue uma citação de Isaías 7.14,0 nome hebraico **Emanuel** é interpretado como significando **Deus conosco** (23).

José obedeceu à ordem do anjo. Ele recebeu Maria em sua casa, como sua esposa. Mas ele não teve relações conjugais com ela até depois do nascimento da Criança prometida. O significado e a importância da linguagem são bem destacados por Plummer. Ele afirma que o uso do verbo no imperfeito é "contrário à tradição da virgindade perpétua de Maria"; e o uso do aoristo "implica que ela teve filhos com ele posteriormente"; ainda assim "o imperfeito traz esta implicação de maneira ainda mais forte"[14]. Esta é uma visão bastante razoável

sobre o tema.

G. Campbell Morgan encontra nesse parágrafo duas palavras proféticas: 1) a esperança - **ele será chamado pelo nome de Emanuel** (que traduzido é: Deus conosco); e

2) a realização - lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.

C. A Infância de Jesus, 2.1-23

1. *A Visita dos Sábios* (ou Magos, 2.1-12)

Jesus nasceu em **Belém da Judéia** (1). Esta era a cidade natal de Davi, situada a cerca de oito ou dez quilômetros ao sul de Jerusalém, a caminho de Hebrom. O nome significa "casa de pão" - uma designação muito apropriada para o povoado onde o Pão da Vida (Jo 6.35) iria nascer entre os homens. E identificada como sendo **da Judéia** para diferenciação de uma cidade de mesmo nome no território de Zebulom (Jo 19.15), próxima a Nazaré. A designação **da Judéia** também enfatiza o fato de qqe Jesus pertencia à linhagem real de Davi; Ele precisaria ser da tribo de Judá.

Cristo nasceu **no tempo do rei Herodes.** Herodes, o Grande, como é conhecido na história, era um idumeu (edomita), filho de Antípater - que foi nomeado por Júlio César em 47 a.C. como procurador da Judéia. Os idumeus, que durante o cativeiro na Babilônia tinham dominado a parte sul do território de Judá, tiveram que ser circuncidados em 125 a.C., por ordem de João Hireano. Assim, eles eram nominalmènte judeus. Mas a religião de Herodes era, na melhor hipótese, superficial. Ele era um homem cruel, quase sem consciência.

As vezes o reinado de Herodes, o Grande, é mencionado como tendo se iniciado em 40 a.C., e outras vezes em 37 a.C. Isto se deve ao fato de que, embora o senado em Roma tivesse dado a Herodes o título de "rei dos judeus" em 40 a.C., ele só cónseguiu o trono em 37 a.C., depois de dois anos de lutas intensivas.

A afirmação feita aqui de que Jesus nasceu no tempo de Herodes, combinada ao fato de que Herodes, o Grande, morreu em 4 a.C., indica que o nosso calendário tem um erro de pelo menos quatro anos. Na verdade, Jesus provavelmente nasceu em 5 a.C.,[15] e morreu em 30 d.C. (alguns dizem 29).

Uns magos vieram **do Oriente** a Jerusalém. A palavra grega *magoi* (magos) "originalmente denotava a casta sacerdotal entre os persas e os babilônios (cf. Dn 2.2,48; 4.67; 5.7)".[16] Essa palavra é usada em Atos 13.6 significando "mágico". Mas aqui "Mateus usa a palavra em sentido melhor, para designar homens nobres de uma religião oriental".[17] Não se sabe ao certo de que país eles vieram. Atkinson diz: "Eles provavelmente vieram da Mesopotâmia".[18] Esta é uma hipótese tão válida quanto qualquer outra. Beare afirma categoricamente que eles eram "astrólogos caldeus".[19]

As perguntas dos magos (2) mostram que eles obtiveram alguma notificação definida de que um grande **Rei dos Judeus** (2) tinha nascido. Naturalmente, eles esperavam encontrá-lo na capital da nação. Se a estrela era um fenômeno natural ou sobrenatural é <u>um</u> problema que ninguém pode resolver, mas ela deu a orientação divina a esses estrangeiros. Talvez seja bom mencionar que **do Oriente** provavelmente significa "no lugar do nascer do sol". De qualquer forma, a estrela era um tipo de Cristo (Nm 24.17). Os magos ficaram tão impressionados com ela, que fizeram uma viagem cansativa, de muitos meses, para vir e **adorá-lo.**

Herodes ficou muito **perturbado** (3) com o rumo dos acontecimentos. Se havia uma coisa que ele temia, acima de tudo, era uma ameaça ao seu trono. Ele tinha mandado matar três dos seus filhos por julgar que estivessem ficando muito ansiosos por sucedê-lo no trono. Diz-se que César Augusto pronunciou este trocadilho: "E melhor ser um porco de Herodes do que seu filho".[20] A palavra grega para "porco" é *hus* e para "filho" é *huios,* o que produz um jogo de palavras.

Não apenas Herodes estava **perturbado,** mas **toda a Jerusalém com ele.** O governo romano permitia uma considerável liberdade

religiosa para os povos das diversas nações sob seu domínio. Especificamente, os romanos idólatras permitiam que os judeus continuassem em sua adoração de um único Deus verdadeiro. Mas um "rei dos judeus"? Isso parecia uma revolução. Aos olhos do imperador esse era o pecado *por excelência.* Roma estava sempre atenta a qualquer rumor de uma revolução. Os líderes judeus temiam severas represálias caso fosse descoberto que havia surgido um outro governante de sua nação.

O rei preocupado convocou os **príncipes dos sacerdotes e os escribas** (4). Esses eram os dois grupos principais no Grande Sinédrio de Jerusalém, o tribunal de líderes religiosos dos judeus. Os príncipes dos sacerdotes eram os saduceus, e os escribas eram na sua maioria fariseus. **Escribas** significa *grammateis* - literalmente, "escritores". Esses homens tinham a responsabilidade de copiar as Sagradas Escrituras e ensiná-las ao povo.

Herodes perguntou a esses homens **onde havia de nascer o Cristo.** O texto grego diz "o Cristo", isto é, o Messias. Isso mostra que o rei estava familiarizado com as expectativas messiânicas dos judeus. Sem dúvida, ele tinha ouvido falar das profecias do Antigo Testamento, e sentia um medo supersticioso do que o seu cumprimento poderia significar para o seu trono e para a sua vida pecadora.

Os líderes judeus tinham uma resposta pronta. Eles responderam, **em Belém da Judéia** (5). Como base para a sua resposta, eles fizeram uma citação das Escrituras. A citação de Miquéias 5.2 difere um pouco, tanto do texto hebraico quanto da Septuaginta (grego) desta passagem, e talvez se baseie em 2 Samuel 5.2. Filson diz: "Ela mistura livremente materiais do Antigo Testamento de uma maneira que os comentários essênios dos Pergaminhos do Mar Morto mostram que era corrente no judaísmo do primeiro século, e dá ao material uma interpretação messiânica".[21] Também existe a possibilidade de que Mateus tenha usado uma versão grega do Antigo Testamento, que é diferente da Septuaginta, ou talvez tenha adotado "uma tradução livre da versão hebraica",[22]

As implicações dessa narrativa estão bem definidas por Plummer. Ele

diz:

Apesar de os pagãos não terem nada para lhes guiar, exceto conhecimentos superficiais de ciência misturados com muita superstição, eles estão tão entusiasmados pelos sinais que Deus, por meio desses instrumentos imperfeitos, lhes dá, que fazem uma longa viagem e realizam cuidadosas investigações para poderem reverenciar o novo Governante que foi enviado ao mundo. Mas os sacerdotes dos judeus, com o Pentateuco e os profetas nas suas mãos, estão tão longe de se alegrar com esse relato de profecias e sinais cumpridos, que nem se preocupam muito em verificar a sua veracidade. [23]

Herodes chamou os magos **secretamente** (7) ou de forma "privada" (cf. 1.19). O significado da palavra em grego é "secretamente". Uma das principais características de Herodes era a astúcia. Ele próprio era muito ardiloso e não confiava em ninguém mais. Ele perguntou aos homens exatamente quando havia aparecido a estrela. Então ele os enviou a Belém com ordens de procurar **diligentemente** (8) - "com cuidado, meticulosa-mente" - pelo recém-nascido. Eles deveríam lhe transmitir a informação, para que, disse ele, **também eu vá e o adore.** Os eventos posteriores provaram que o seu verdadeiro objetivo ao procurar obter essa informação era completamente diferente. Ele pretendia assassinar a Criança, eliminando, desta forma, a possibilidade de um rival político.

Quando os magos iniciaram a última parte da sua longa jornada, eles novamente encontraram a orientação divina na estrela que brilhava acima das suas cabeças. Ela os levou até o lugar onde estava a Criança (9). A visão da estrela fez com que eles **se alegrassem muito com grande júbilo** (10). Eles sabiam agora que a sua busca havia terminado.

Existe aqui uma implicação de que os magos tinham perdido a visão da estrela enquanto estavam com Herodes e com os líderes judeus em Jerusalém? Se tivessem prestado atenção somente à estrela, ao invés de procurar a orientação humana, será que eles teriam sido levados a Belém? Se isso tivesse acontecido, será que o terrível massacre dos bebês teria sido evitado? Será que às vezes não trazemos problemas a nós mesmos e a outras pessoas porque procuramos os conselhos humanos das pessoas erradas, quando deveriamos estar confiando na orientação divina?

Quando chegaram à **casa** viram **o menino** (11). Isto é um pouco diferente dos pastores encontrando o menino Jesus em uma manjedoura na noite em que Ele nasceu (Lc 2.16). O **menino** tinha provavelmente um ano de idade e a família havia fixado residência em Belém. As imagens que mostram os magos ajoelhados diante de uma manjedoura, portanto, não são exatas, de acordo com as Escrituras.

Os magos, **prostrando-se** (ajoelhando-se), **o adoraram.** Está claro que eles acreditavam que Jesus era digno de adoração. Então eles lhe presentearam com presentes reais: **ouro, incenso** e **mirra.** Esses eram produtos do sul da Arábia, mas eram largamente vendidos e poderíam ser obtidos no país caldeu.

Barclay ressalta maravilhosamente o significado simbólico dos três presentes.[24] Ele registra a afirmação de Sêneca de que na Pártia uma pessoa só podia se aproximar do rei se lhe trouxesse um presente. O **ouro** era o presente mais apropriado para um *rei* - e assim o foi, para Aquele que nasceu para ser o Rei dos reis. O **incenso** era o presente para um *sacerdote,* uma vez que os sacerdotes o ofereciam a Deus no Templo. Assim, este era um presente adequado para ser oferecido Àquele que seria o maior Sumo Sacerdote. E a **mirra** era o presente para alguém que iria morrer. Ela era usada para embalsamar. E assim, era particularmente apropriada para o Filho de Deus, que veio para morrer na Cruz. Esses três presentes "profetizam que Ele seria o Rei verdadeiro, o Sumo Sacerdote perfeito e, no final, o supremo Salvador dos homens".[25]

O relato bíblico não indica quantos magos vieram ver Jesus. Provavelmente como são mencionados três tipos de presentes, espalhou-se a lenda de que foram três visitantes. Depois, foram chamados de "reis" - talvez por causa dos presentes reais que trouxeram - e receberam nomes: Gaspar, Melquior e Baltasar. Mas tudo isso é pura lenda.

Quando os magos foram **por divina revelação avisados em sonhos para que não voltassem para junto de Herodes,** voltaram para suas casas por outro caminho (12). A atitude devota desses sábios astrólogos do Oriente é assim descrita por um

comentarista: “Ali, no limiar do Evangelho, podemos ver a verdadeira relação entre a ciência e a religião...

‘Que o conhecimento cresça mais e mais, mas que em nós resida mais reverência; que mente e alma, em harmonia, possam fazer uma única música, como antes’ ”.[26]

A visita dos magos sugere uma espécie de primícias dos gentios que viriam a Cristo em busca da salvação. O Evangelho de Mateus termina com a Grande Comissão de se evangelizar o mundo.

Alexander Maclaren tem um bom resumo dos “Primeiros Frutos dos Gentios”. Ele observa 1) a sabedoria pagã, levada por Deus até o berço de Cristo, w. 1-2; 2) o alarme do Seu próprio povo diante da menção do Seu Nome, v. 3; 3) o concilio dos teólogos, vv. 4-6; 4) o ardiloso conselho de Herodes, w. 7-8; 5) o encontro do Rei, w. 9-11; 6) a adoração e a oferta dos presentes, depois do encontro, v. 11.

2. *A Fuga para o Egito* (2.13-15)

Depois da partida dos magos, **o anjo do Senhor apareceu a José em sonhos,** e lhe disse: **toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito** porque Herodes tentaria destruir Jesus (13). Partindo **de noite** (14), para evitar ser pego, José levou a família em segurança para o Egito. Esta foi uma viagem de cerca de 320 quilômetros. A imagem tradicional de José caminhando ao lado do asno em que Maria cavalga com Jesus nos braços é muito provavelmente verdadeira.

A família permaneceu no Egito **até a morte de Herodes** (15). Isso ocorreu em 4 a.C. De acordo com o seu costume, Mateus cita novamente o Antigo Testamento - desta vez, Oséias 11.1. Originalmente, as palavras se referiam a Israel, o **filho** de Deus. Aqui elas se aplicam a Cristo, o único Filho de Deus, que também representava Israel. Como no versículo 6, Mateus não cita a Versão dos Setenta (a Septuaginta). Plummer diz: “Ele faz uma tradução independente do hebraico, sozinho ou não”; e acrescenta uma nota de rodapé: “Somente em poucos casos as citações de Mateus são

extraídas da Septuaginta".[27]

3. *A Matança dos Inocentes* (2.16-18)

O fato de Herodes ter matado todos os meninos de Belém e **seus contornos, de dois anos para baixo, segundo o tempo que diligentemente inquirira dos magos** (16) indica que "agora fazia quase dois anos que a estrela tinha aparecido".[28] Tudo indica que Cristo estava com aproximadamente um ano de idade quando foi visitado pelos magos.

Uma vez mais, Mateus cita uma profecia do Antigo Testamento como tendo sido cumprida. Ela está em Jeremias 31.15. **Ramá** (18) ficava a oito quilômetros ao norte de Jerusalém. Mas o túmulo de **Raquel** ficava na estrada para Belém (Gn 35.19). O lugar tradicional, hoje conhecido, fica a cerca de um quilômetro e meio ao norte de Belém. A passagem de Jeremias também está relacionada com os cativos de Jerusalém quando foram levados através de Ramá a caminho da Babilônia em 586 a.C.

Embora na história secular não exista um registro deste perverso massacre dos bebês inocentes em Belém, ele se encaixa perfeitamente com o caráter de Herodes. Como já foi observado anteriormente (cf. comentários sobre 2.3), esse rei cruel e maldoso enviou três dos seus filhos à morte. Ele também matou a sua esposa favofita, Mariamne, e a mãe dela. Josefo conta como Herodes, ao saber que estava à morte, convocou "todos os principais de toda a nação dos judeus" perante ele, em Jerico, sob pena de morte no caso.de desobediência. Ali ele ordenou que fossem trancados no hipódromo. Temendo morrer sem que fosse pranteado, ele instruiu a sua irmã Salomé para que, quando ele morresse, e antes que isso fosse anunciado publicamente, todos os líderes judeus no hipódromo fossem assassinados. Assim, ele teria "a honra de uma lamentação memorável no seu funeral".[29]

4. *0 Retomo para Nazaré* (2.19-23)

Depois da morte de Herodes, o Grande, **o anjo do Senhor apareceu, num sonho, a José** (19) e deu-lhe instruções para voltar **para a**

terra de Israel (20). Esta é a terceira vez que se menciona um anjo aparecendo a José em sonhos (cf. 1.20; 2.13). A frase **num sonho** aparece em um total de cinco vezes nestes dois primeiros capítulos (cf. 2.12, 22).

Quando José chegou à fronteira da Palestina, ele soube que Arquelau estava reinando na Judéia, como sucessor de seu pai. Isto lhe deu medo de fixar residência ali, pois Arquelau era o pior dos filhos de Herodes, o Grande, conhecido por sua maldade e crueldade. Josefo diz que logo depois de subir ao trono esse monstro selvagem massacrou três mil pessoas.[30]

Parece que José tinha pensado em voltar a Belém e estabelecer-se ali. Isso seria algo natural para ele, à luz do anúncio do anjo (1.20-21). Uma vez que Jesus era, de forma singular, "o filho de Davi" (cf. 1.1), teria parecido mais adequado que Ele fosse criado em Belém.

Mas esse não era o caso. Avisado novamente **em sonhos** (22), José **foi para as regiões da Galiléia.** Ele provavelmente desceu a Estrada de Jerico, cruzou o rio Jordão e subiu o lado leste do vale, voltando a cruzar o rio ao sul do lago da Galiléia. O território que ele atravessou era governado por Herodes Antipas - o "Herodes" dos Evangelhos. Embora fosse filho de Herodes, o Grande, ele não era tão cruel quanto o seu irmão da Judéia. Assim, os refugiados estariam mais seguros ali. Eles se estabeleceram na sua antiga cidade de Nazaré (cf. Lc 1.26; 2.4). Este povoado estava situado cerca de 130 quilômetros ao norte de Jerusalém, e aproximadamente na metade do caminho entre o Mediterrâneo e o mar da Galiléia. Obviamente se tratava de uma cidade pequena e obscura, pois não é mencionada no Antigo Testamento, nem por Josefo, nem no Talmude. A visão que os judeus tinham dela na época de Jesus está claramente evidenciada em João 1.46 - "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?"

Uma das passagens mais problemáticas neste Evangelho está na citação, **ele será chamado Nazareno** (23). Muitos estudiosos pensam que não há tal afirmação no Antigo Testamento. Por exemplo, Green declara que "Não há nenhuma profecia no Antigo Testamento

que se pareça sequer remotamente com esta".[31]

O que deve ser observado é que Mateus não atribui esta citação a nenhum profeta específico; ele apenas disse que isto **fora dito pelos profetas.** Assim, esta profecia podería ser interpretada como uma apresentação geral de uma verdade importante. Morison define bem o caso ao dizer que: "Isso indica que o evangelista não está se referindo a nenhuma predição em particular; ao invés disso, ele está reunindo diversas afirmações proféticas e traduzindo o seu significado à fraseologia peculiarmente significativa da sua própria época e localização".[32] Ele acrescenta, como explicação: "Ser chamado Nazareno era ser chamado de desprezível".[33]

Alguns tentaram encontrar uma conexão de Nazareno com "Nazireu". Isso foi proposto por Tertuliano e Jerônimo, no princípio da igreja, e apoiado por Erasmo, Calvino, Beza e Grotius no período da Reforma.[34] Mas a teoria sofre de dois defeitos fatais: 1) as raízes hebraicas das duas palavras são muito diferentes; 2) Jesus não afirmava ser um nazireu, nem viveu esse tipo de vida. Como conseqüência, esta idéia deve ser rejeitada.

Uma conexão mais plausível é a feita com a palavra hebraica para "galho" ou "ramo", que é encontrada em diversas passagens nos livros proféticos do Antigo Testamento. Lange escreve: "A conclusão a que chegamos é que o título Nazareno faz referência à humildade exterior do Messias; de acordo com isso, *netzer,* em Isaías 11.1, é análoga às expressões usadas em Isaías 53.2 e a outras descrições da aparência humilde do Messias".[35] Plumptre expressa a idéia de maneira ainda mais apropriada. Ele fala do autor deste Evangelho: "Ele tinha ouvido os homens falarem com escárnio do 'Nazareno' e as mesmas sílabas daquela palavra tinham chegado aos seus ouvidos em uma das mais gloriosas profecias admitidas como sendo messiânicas - 'Brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo —*netzer* (galho)— frutificará' (Is 11.1)".[36] E interessante observar que "Nazareno" é o título normalmente atribuído a Jesus e aos Seus discípulos no Talmude judaico, onde é claramente um termo depreciativo. Box pensa que *Nazoraios,* a

palavra *grega* em Mateus 2.23 - que ele conecta com a hebraica *netzer* através do aramaico - pode ter sido escolhida pelos primeiros cristãos como um "título honorário" em oposição à desdenhosa palavra *Nazarenos*.[37]

E interessante perceber que todas as Narrativas da Infância de Jesus em Mateus são contadas a partir do ponto de vista de José. Destaca-se o anúncio do nascimento de Jesus que foi feito a ele, e não aquele que foi feito a Maria (como em Lucas). Foi José quem recebeu a ordem de levar o menino Jesus e a Sua mãe ao Egito, e depois de trazê-los de volta à Terra Prometida. Isto está em notável contraste com as histórias dos dois primeiros capítulos de Lucas, que estão escritas a partir do ponto de vista de Maria.

D. **O Ministério de João Batista,** 3.1-12 1. *Sua Primeira Aparição* (3.1-6)

A versão grega sugere que **naqueles dias** (1) João Batista "chegou" ou "apareceu". Lucas conta sobre o anúncio do nascimento de João e as circunstâncias do seu nascimento. assim como um pouco da sua infância. Mas no Evangelho de Mateus o precursor de Jesus aparece repentinamente neste ponto. Todos os quatro Evangelhos apresentam o ministério de João Batista como a preparação da nação para o ministério de Jesus.

João apareceu **pregando.** A palavra grega *kerysso* significa literalmente "ser um arauto, proclamar".[38] Ela deriva de *kerux,* um "arauto" que se colocava diante de um exército para transmitir as ordens de um general, ou perante uma multidão para transmitir um decreto do governante. Ele não falava por si, mas sim pelo seu superior. Ele não transmitia a sua mensagem, mas sim aquela que o seu comandante lhe tinha ordenado que proclamasse. João era o arauto de Deus, anunciando a importante notícia de que o Messias estava chegando. Exatamente assim são todos os pregadores do Evangelho instruídos para proclamar a mensagem de salvação de Deus. Isto, basicamente, é pregar. E por isso que *kerysso* é o verbo mais freqüente usado no Novo Testamento como sinônimo de "pregar", e *evangelizo* - "evangelizar", "anunciar boas-novas" - vem logo atrás, em segundo lugar.

O lugar onde João pregava era **o deserto da Judéia.** Esta era uma região rochosa e acidentada entre o planalto (algo entre 750 e 990 metros acima do nível do mar), e o mar Morto (400 metros abaixo do nível do mar). Era uma região proibitiva, com despe-nhadeiros e precipícios, habitada principalmente por animais selvagens. W. L. Reed observa que a expressão **deserto** é um termo bastante indefinido. Ele diz que "é difícil obter uma tradução precisa, porque as regiões chamadas de desérticas incluem território árido e semi-árido e também desertos de areia, planaltos rochosos, terras de pastoreio e terreno montanhoso infértil".[39] W. F. Boyd e W. L. Reed expressam a opinião de que "deserto" pode ser uma tradução melhor, pois outros termos parecem sugerir uma floresta fechada. Eles prosseguem: "Embora as traduções modernas continuem a usar ambas expressões, sem dúvida devido ao fato de que até mesmo 'deserto' não é uma descrição perfeita, as regiões assim descritas são algumas vezes naturalmente montanhosas, planícies onde o pasto existe depois das chuvas, e regiões onde havia população, como aquela parte do Deserto de Judá, perto do mar Morto, onde foram encontrados o mosteiro de Qumrã e os Rolos do Mar Morto".[40]

Deve ser observado que muitos estudiosos pensam que João Batista era provavelmente um essênio, e pode até mesmo ter tido alguma associação com a comunidade de Qumrã. F. F. Bruce fala de modo favorável a essa idéia. Ele observa a residência de João no deserto da Judéia, seu ascetismo, seu ensino e sua prática do batismo - "Parece que a doutrina de Qumrã - mais do que o relato do Novo Testamento - concorda intimamente com o relato de Josefo sobre os ensinos do batismo de João".[41] Ele conclui: "João pode ter tido algum contato com a comunidade de Qumrã; ele pode até mesmo ter pertencido a ela durante algum tempo".[42]

A palavra-chave da pregação de João Batista era **Arrependei-vos** (2). Existe um pensamento muito superficial sobre o assunto do arrependimento. Normalmente, ele é definido como "sentir muito". Mas o verbo grego significa "mudar de idéia". O arrependimento é basicamente mental e moral, e não basicamente emocional. Ele

envolve uma "mudança de idéia" com respeito ao pecado e à salvação. Ele significa renunciar ao pecado e comprometer-se com Cristo. Chamberlain afirma que "O arrependimento é a reorientação de uma personalidade, com referência a Deus e aos seus propósitos".[43] Com respeito ao significado exato aqui, Robinson escreve: "A palavra aramaica que João usava para 'arrepender' poderia ser literalmente traduzida como 'converter-se', 'dar meia volta e retomar'; não existe segurança no caminho que os homens estão percorrendo agora".[44]

Ao pregar o arrependimento, João estava fazendo eco às palavras dos profetas do Antigo Testamento. Em um sentido muito verdadeiro, ele foi o último dessa seqüência. Ele pertencia ao antigo regime, mas ficou no limiar do novo. Sem dúvida ele estava impregnado das antigas Escrituras. Quando dizia **arrependei-vos,** ele poderia muito bem estar pensando nas palavras de Isaías 1.16-17 - "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer mal. Aprendei a fazer o bem". Ou Isaías 55.7 - "Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele". Ou, ainda, Jeremias 7.3-7 - "Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras... se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras... eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século".

Thayer diz que o substantivo *metanoia* quer dizer "especialmente a mudança de idéia daqueles que começaram a detestar os seus erros e más ações, e que estão determinados a empreender um caminho melhor na vida, para que ela compreenda tanto uma admissão do pecado e a tristeza que vem através dele, como uma correção sincera, cujos sinais e efeitos são as boas obras".[45]

Por que os ouvintes de João deveriam se arrepender? Porque **é chegado o Reino dos Céus.** A sua pregação não era apenas ética, mas escatológica. Barnes sugere que a frase seria melhor traduzida assim: "O reino de Deus se aproxima".[46] Havia uma forte nota de urgência na conclamação de João ao arrependimento. Era quase como se ele estivesse dizendo: "E agora ou nunca!" Os acontecimentos dos

anos seguintes - que culminariam na destruição de Jerusalém em 70 d.C. - justificariam o seu olhar e o seu tom de voz. **Aqueles dias** provaram ser os "últimos dias", ou "os dias do Messias", abrangendo o período entre a Sua primeira vinda e a segunda (cf. At 2.17). Mas a maioria dos judeus não se deu conta disso e sofreu as conseqüências.

Somente Mateus usa a frase **o Reino dos céus** - literalmente "o reino celestial". Essa frase aparece 32 vezes neste Evangelho. Marcos e Lucas preferem "o reino de Deus". A razão para a mudança de terminologia de Mateus é a seguinte: "No período judaístico anterior à era cristã, quando um conceito transcendente de Deus começava a vigorar, passou a ocorrer o uso do termo céu como um sinônimo para Deus".[47] Mateus, não querendo ofender os seus leitores judeus, escreveu de acordo com este costume.

Quase todos os estudiosos concordam que no Novo Testamento o termo **reino** se refere aos limites do governo de alguém, e não apenas "campo". Arndt e Gingrich definem a palavra grega *basileia* como significando "reinado, poder real, governo, reino".[48] Eles a particularizam ainda mais da seguinte maneira: "Especialmente *o reino real* ou *reino de* Deus, é um conceito principalmente escatológico, que começou a aparecer com os profetas, foi aperfeiçoado nas passagens apocalípticas... e ensinado por Jesus".[49] Eles insistem (com toda a propriedade) que "o reino de Deus" e o "reino dos céus" significam basicamente a mesma coisa - e assim deve ser, pois eles são usados nas passagens paralelas de Lucas e Mateus - mas acrescentam: "O segundo termo pode também enfatizar a origem e a natureza celestial do reino".[50]

Morison se aprofunda um pouco mais neste último pensamento, escrevendo: "A sua origem está no céu; o seu fim está no céu; o seu Rei é celestial, os seus súditos, por toda parte, são celestiais em caráter e em destino; as suas leis são celestiais; as suas instituições são celestiais; o seu próprio auge está no céu e é, na verdade, o céu; as suas instituições terrenas anseiam pela glória do céu".[51]

Em anos recentes tem havido muito material escrito sobre o assunto

do reino de Deus. Alguns o identificam com a igreja, como Agostinho fez há mil e quinhentos anos. Outros, como Harnack, o tornam algo puramente subjetivo. Albert Schweitzer o imaginou em termos completamente escatológicos; isto é, como futuro. Por outro lado, C. H. Dodd o torna completamente presente, como uma "escatologia realizada".

George Ladd escreveu muitos livros úteis sobre o assunto. Em um deles, ele afirma que "O significado *primário* tanto da palavra hebraica *malkuth* no Antigo Testamento quanto da palavra grega *basileia* no Novo Testamento é a posição, a autoridade e a soberania exercidas por um rei".[52]

O Novo Testamento ensina que o reino é tanto presente quanto futuro, não apenas uma coisa ou a outra. Na sua extremamente valiosa investigação da história da interpretação do reino de Deus durante os últimos cem anos, o bispo Lundstrom diz: "Para Jesus, tanto o presente quanto o futuro Reino de Deus estão lado a lado".[53]

Para enfatizar o seu chamado ao arrependimento, João cita Isaías 40.3. Ele se identifica como sendo a **Voz do que clama no deserto** - o deserto do pecado e das necessidades espirituais do homem. Halford Luccock dá uma boa explicação quando fala da palavra **deserto,** utilizada por Isaías: "É uma descrição atualizada de grande parte de nosso mundo".[54] Quando João se descreve como sendo uma **voz,** isto está de acordo com o seu papel de arauto (cf. "pregando", v. 1). Ele não estava falando em seu próprio nome, mas em nome de Outro.

Como o precursor do Messias, a tarefa de João Batista era advertir os homens: **Preparai o caminho do Senhor.** Eles deveriam construir uma estrada real por onde o seu Rei pudesse vir. Alguns poucos ouviram e prestaram atenção. Mas os líderes da nação rejeitaram a convocação divina e condenaram o seu Messias à morte.
Endireitai as suas veredas indica o significado do verdadeiro arrependimento. É quando uma pessoa endireita a sua vida.

O resultado foi a antecipação da era do Evangelho, na qual as pessoas são chamadas ao arrependimento individual, e a receberem a Cristo

como o Salvador. O chamado de João era ao mesmo tempo nacional e individual. Hoje em dia, ele é basicamente individual.

O aparecimento de João Batista condiz com a sua missão e mensagem. Ele era um pregador pioneiro e rude. Assim, as suas roupas e os seus alimentos eram naturais e simples. A sua única roupa era de **pêlos de camelo** (4), uma roupa áspera usada pelos ascéticos e pelas carpideiras. O **cinto de couro** mantinha a roupa no lugar. Este item é mencionado na descrição de Elias, no Antigo Testamento (2 Rs 1.8). Jesus identificou João Batista como o Elias do Novo Testamento (Mt 17.10-13). Os dois homens eram muito parecidos em sua aparência, no seu temperamento e na sua missão.

O **alimento** de João - e esta palavra significa "comida" - consistia de **gafanhotos e mel silvestre.** Alguns tentaram identificar os primeiros com vagens de uma árvore e o último com a seiva doce que brota de algumas árvores. Mas provavelmente os dois termos devam ser interpretados literalmente. Os gafanhotos eram considerados como animais "limpos" na lei dos judeus (Lv 11.22), e hoje em dia são comidos pelos árabes. Na verdade, gafanhotos desidratados podem ser comprados nos supermercados dos

Estados Unidos. **O** termo **mel** provavelmente significa o "mel silvestre" (Mc **1.6)** de abelhas, que era encontrado em abundância no deserto.

João Batista foi um mensageiro especial durante uma época especial. J. C. Jones o descreve como sendo "um homem rude nivelando montanhas e aterrando vales, com severidade nos olhos e veemência na voz".[55] Josefo, o historiador judeu do século I, diz que "João era um homem bom, que ordenava que os judeus exercessem a virtude e a justiça uns em relação aos outros, e a devoção em relação a Deus".[56]

João criou uma tremenda agitação. Lemos que "ia ter com ele" (o verbo no tempo imperfeito) **Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão** (5). O povo de Jerusalém (a uma altitude de cerca de 750 metros) tinha que descer mais de 1.100 metros até o rio Jordão, que está a quase 400 metros abaixo do nível

do mar, onde deságua no Mar Morto. João pode ter batizado a cerca de oito quilômetros antes da sua foz. A ansiedade do povo em ouvir o profeta está evidenciada por sua disposição de enfrentar a longa e acidentada subida de volta pela estrada de Jerico.

João batizava somente aqueles que **confessavam os seus pecados (6). O** texto grego diz "expor". Este pregador exigia que os candidatos admitissem que eram pecadores e se expusessem como tais, antes de serem batizados.

2. Sua *Pregação* (3.7-10)

No judaísmo havia dois grupos principais, ou seitas, na época de Jesus. A primeira era a dos **fariseus** (7). O nome parece derivar da palavra hebraica*parash,* "aquele que está separado". O famoso estudioso britânico Matthew Black é favorável ao "significado de *perushim* como aqueles que, no seu meticuloso cumprimento da lei e em particular nas suas leis levíticas, 'se separavam' das impurezas e em especial dos impuros, do 'povo da região' *{'am haaresfp*

A origem dos fariseus remonta ao cativeiro na Babilônia, quando os judeus já não tinham um templo onde adorar. Então eles foram se tornando "o povo do Livro". A lei de Moisés se tornou o centro da vida religiosa. O estudo e o ensino da Lei se tornaram a principal tarefa dos líderes religiosos (cf. Ne 8.1-8). Durante o período Macabeu, os Hasidim, ou "devotos", procuraram manter a pureza da religião judaica contra as invasões do helenismo pagão. Desse movimento de leigos "puritanos" surgiram os fariseus. Josefo diz que na época de Herodes, o Grande, eles chegaram a totalizar mais de seis mil pessoas.[58]

Os **saduceus** eram a segunda seita principal de judeus. Eles eram o grupo sacerdotal e aristocrático. Enquanto os fariseus ensinavam nas sinagogas por todas as partes, os saduceus mantinham o controle do templo de Jerusalém (cf. At 4.1; 5.17).

E comum pensar que a palavra deriva de Zadoque. Ele foi indicado sumo sacerdote por Salomão (1 Rs 2.35), em substituição a Abiatar,

que tinha se unido à rebelião de Adonias (1 Rs 1.7). Assim, Zadoque se tornou o ancestral de uma sucessão de sacerdotes em Jerusalém. Na visão que Ezequiel teve do novo templo são "os filhos de Zadoque" que podem "se chegar" ao Senhor para o servir (Ez 40.46).

Rejeitando teorias de uma origem anterior, Sundberg diz que "é mais provável que os saduceus tenham surgido como um grupo resultante da rebelião dos macabeus".[59] A primeira menção a eles aparece na época de João Hircano (135-104 a.C.). Josefo escreve: "Havia um Jônatas, um grande amigo de Hircano, mas da seita dos saduceus, cujas noções eram bastante contrárias àquelas dos fariseus".[60] O contraste que Josefo traça entre as crenças dessas duas seitas[61] está em perfeito acordo com o que se afirma no Novo Testamento.[62]

E importante notar que enquanto os **fariseus** são mencionados 100 vezes no Novo Testamento,[63] a palavra **saduceus** aparece apenas 14 vezes.[64] Josefo afirma que os fariseus eram muito mais populares entre o povo.[65] Após a destruição final do Templo de Jerusalém em 70 d.C., os saduceus desapareceram da história. O judaísmo que sobreviveu foi o dos fariseus.

João Batista tinha severas palavras de advertência para os fariseus e os saduceus que vinham ao seu batismo. Ele os chamava de **raça de víboras.** Isso parece uma linguagem áspera. Mas na verdade era uma análise de caráter. Morison expressa muito bem as implicações através das seguintes palavras:

Ele enxergava o interior deles de uma maneira impossível para os homens comuns, e lia o que estava no âmago dos seus corações. Ele via o elemento rastejante que perfura até o pó. Ele via o elemento moralmente insidioso. Havia veneno que eles não tinham escrúpulos de ejetar e injetar de vez em quando... ele via que existia neles um elemento de verdadeira antipatia para com o genuíno senso de humanidade. [66]

A imagem de víboras fugindo da **ira futura** (cf. 1 Ts 1.10) encontra um exemplo vivido nesta descrição: "como um fogo do deserto onde a grama dourada e os espinhos nas regiões mais férteis irão arder por quilômetros, e os répteis impuros irão rastejar para fora das suas tocas ante o seu calor".[67]

Esses orgulhosos sectários recebem a ordem: **Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento** (8) - "Façam coisas que mostrem que vocês se arrependeram dos seus pecados" (NTLH). O verdadeiro arrependimento sempre se manifesta na mudança do modo de vida.

João podia sentir a reação dos seus ouvintes: **Temos por pai a Abraão** (9). Não precisamos nos arrepender. Somos os filhos de Abraão e desta forma somos o povo eleito de Deus. São os gentios e os pecadores que precisam de arrependimento. A resposta de João deu vida curta a este falso álibi. Ele declarou que Deus podia fazer filhos de Abraão das pedras que estavam na margem do rio.[68] Ou seja, a descendência física, de que eles se orgulhavam, não significava nada perante os olhos de Deus. Tudo estava no nível material, como as pedras. O que Deus exige é o caráter moral. Jesus repudiava o raciocínio materialista dos líderes judeus nesse assunto (Jo 8.33-39). Paulo declara que aqueles que têm fé são "filhos de Abraão" e serão abençoados com o "crente Abraão" (G1 3.7,9; veja também v. 29; Rm 4.11).

A afirmação de que **está posto o machado à raiz das árvores (10)** pode ser facilmente interpretada como significando que o machado já está atingindo as árvores junto às suas raízes. Mas a versão grega diz: "O machado repousa *[keitai]* junto à raiz das árvores".[69] **A** idéia é a do julgamento que está prestes a ocorrer. **A** qualquer momento o lenhador pode apanhar o machado e brandi-lo. Cada árvore que não estiver produzindo fruto é cortada e lançada ao fogo. Jesus proferiu as mesmas palavras mais tarde **(7.19).** O fogo, afirma Johnson, é aquele "do Geena: 'O fogo' no apocalipse judaico freqüentemente descreve o julgamento final".[70]

3. *Dois Batismos* (3.11-12)

Agora João se refere mais especificamente ao seu papel como o precursor do Messias: **Aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias** (11). Lucas (3.16) diz: "A quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias". Caracteristicamente, a imagem de Marcos é ainda mais

vivida: “do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias” (1.7). Atar e desatar as “correias” das “sandálias” do Mestre e carregá-las para ele - estas eram as tarefas humildes do escravo mais humilde. Porém João não se sentia digno de fazer sequer essas coisas para o Messias. “Ligthfoot (em *Maimônidas)* mostra que esse era o sinal de um escravo tornando-se a propriedade do seu amo, *desatar* seu calçado, *atar* o mesmo, ou *levar* os artigos necessários para ele no banho”.[71] Assim, as palavras que aparecem nos três relatos são todas apropriadas.

Então vem a afirmação mais significativa da pregação de João Batista. Enquanto ele batizava **com água** (ou “na” água), Aquele que viria batizaria **com o Espírito Santo e com fogo.** Outras religiões batizam com água. Porém o batismo que distingue o cristianismo é o batismo com o Espírito Santo. A luz dessa afirmação de João, é difícil justificar o silêncio de grande parte das igrejas com respeito ao batismo com o Espírito Santo.

Mateus e Lucas, neste pondo, acrescentam ao relato de Marcos: **e com fogo.** Muitos estudiosos interpretaram isso, com forte base nos versículos 10 e 12, como uma referência ao fogo do julgamento final dos pecadores. Mas isso também significa o fogo do Espírito Santo, consumindo a natureza carnal. Alford fala da predição aqui: “Isso foi literalmente cumprido no dia de Pentecostes”.[72] De maneira similar, Micklem afirma: “Ao acrescentar ‘e com fogo’ se indica a purificação como a essência do batismo do Messias”.[73] Ele chama a atenção para a descrição da vinda de Cristo em Malaquias 3.2 - “Ele será como o fogo do ourives”.

Brown também discorda da referência ao julgamento, afirmando: “Considerar isso como um batismo diferente daquele do Espírito - um batismo dos impenitentes com o fogo do inferno - é excessivamente não natural”.[74] Ele prossegue dizendo que “está claro que... não é nada além do caráter de *fogo* da operação do espírito sobre a alma - procurar, consumir, refinar, sublimar - como quase todos os bons intérpretes entendem essas palavras”.[75]

G. Campbell Morgan faz eco a essas palavras. Ele parafraseia as palavras do Batismo da seguinte maneira: "Ele irá dominar você com o fogo dominador do Espírito Santo, que queima e expulsa o pecado da vida da pessoa, e a recria".[76]

Particularmente intrigantes são os comentários do falecido Bispo Ryle, da igreja da Inglaterra. Ele escreve:

Nós precisamos ouvir que o perdão dos pecados não é a única coisa necessária para a salvação. Ainda falta uma coisa; e essa é o batismo dos nossos corações pelo Espírito Santo... que nunca descansemos até que aprendamos algumas coisas pela experiência do batismo no Espírito. O batismo com água é um grande privilégio.

Mas que possamos ver que também temos o batismo do Espírito Santo.[77]

Há pelo menos três coisas que o fogo pode fazer: 1) ele aquece; 2) ele ilumina; 3) ele purifica. Assim, o Espírito Santo traz ao coração humano que o recebe calor, luz e purificação de todos os pecados.

Airhart observa que essa grande mensagem de João a respeito de Jesus está relacionada com a doutrina cristã do batismo com o Espírito Santo: 1) por Jesus no Seu mandamento aos discípulos (At 1.4-5); 2) por Pedro, quando interpreta o significado do Pentecostes concedido aos gentios (At 11.15-16). Ele também observa que a promessa de **recolher no celeiro o seu trigo** (12) sugere os valores positivos do batismo com o Espírito Santo. Ele escreve: "somente os resíduos são queimados, e isso somente para que o trigo - os valores genuínos da personalidade - possa ser armazenado e colocado em uso. Existe um potencial nas nossas personalidades que somente Deus pode distinguir. Existem possibilidades de graça, talentos adormecidos, tesouros enterrados dentro da vida dos crentes, mas amplamente inúteis porque ainda estão encerrados nos resíduos de uma natureza não santificada. O batismo com o Espírito Santo irá fornecer as bases para o desempenho e a concretização dos potenciais da personalidade conhecidos pelo Espírito, e que de outro modo estariam perdidos para sempre".[78]

O Messias tem na sua mão uma **pá (12)** - ou melhor, "uma espécie de garfo separador" ou "crivo" (somente aqui e em Lucas **3.17). O** autor

viu um homem no topo de uma colina de Samaria atirar o trigo para o alto com um garfo desse tipo. O vento levou o resíduo para longe e os grãos bons ficaram depositados no solo.

João declarou que Cristo **queimará a palha com fogo que nunca se apagará.** O verbo composto em grego, que significa "purificar completamente", só é encontrado aqui no Novo Testamento. A **palha** representa o local de separação do trigo dos resíduos, como o que se encontrava perto de cada vilarejo. Normalmente ficava situado em um lugar mais elevado, para aproveitar a brisa que sopra do Mediterrâneo. "Era curvado ■ para cima nas extremidades e pavimentado com pedras ou com a lama batida que endureceu com o passar dos séculos."[79] O trigo ou a cevada recém-colhida são empilhados ali em uma profundidade de aproximadamente cinqüenta centímetros. Então um par de bois, conduzidos por uma mulher ou por uma criança, passam um debulhador sobre estes cereais. O debulhador, com cerca de 1,20 metros de comprimento e 80 centímetros de largura tem peças dentadas de pedra ou de metal atadas ao seu fundo. Essas peças dentadas separam os grãos, ao mesmo tempo em que as patas dos bois ajudam a esmagá-los. Ainda se pode ver esses debulhadores na Palestina, às vezes com dois pares de bois trabalhando em um terreno.

Depois que os grãos são separados, o trigo é armazenado no **celeiro** - "armazém" ou "silo" - e o resíduo é queimado com **fogo que nunca se apaga. A** palavra grega para algo que "nunca se apaga" é *asbestos.*

E. O **Batismo de Jesus,** 3.13-17 .

Jesus veio da **Galiléia** (13) - especificamente da sua cidade de Nazaré - ao rio Jordão, onde João estava batizando. Quando Ele se apresentou como um candidato, **João se opôs** (14). A palavra grega, que só aparece aqui, significa "impedir, tentar evitar" (Moffatt). João sentia que era ele quem necessitava ser batizado por Jesus, e não o contrário.

Jesus respondeu: **Deixa por agora** (15) - "Permita-me agora" (Berkeley). A razão que Ele deu foi: **Porque assim nos convém**

cumprir toda a justiça - "para que possamos cumprir todos os deveres religiosos" (Weymouth). O protesto de João e a resposta de Jesus só são encontrados no texto de Mateus.

Por que Jesus foi batizado? Esta pergunta tem atormentado muitas mentes. Por que Aquele que "não cometeu pecado" (1 Pe 2.22) se oferece ao batismo? João fazia todos os candidatos confessarem os seus pecados. Mas Jesus não tinha pecados para confessar. Por que, então, Ele se submeteu ao batismo?

G. Campbell Morgan dá a seguinte resposta: "Quando Jesus deixou o que na sua vida era preparatório e começou o verdadeiro trabalho do ministério, Ele se dedicou ao tema definitivo de Sua obra, ou seja, uma identificação com os homens até mesmo na morte". Mais especificamente, ele acrescenta: "O Seu batismo foi um ato pelo qual Ele concordou em assumir o seu lugar entre os pecadores".[80]

A identificação com a humanidade - esta é a chave que abre a porta desse mistério. Este é o verdadeiro significado da Encarnação. Mais do que vir em um corpo físico, era entrar na raça humana. Freqüentemente, no Antigo Testamento, Deus entrou na história humana de uma maneira milagrosa. Mas agora Ele entra na própria humanidade. A Encarnação é o maior de todos os milagres. O batismo de Cristo foi um prelúdio da cruz. Ele cumpriu "toda a justiça" para que pudesse ser um sacrifício perfeito. Como Aquele que não tinha pecado pôde se identificar com a humanidade pecadora? Esse é um paradoxo que sempre representará um mistério, mas que está completamente relacionado com a sua morte redentora no Calvário. Dietrich explica da seguinte maneira: "Somente mais tarde o profundo significado desse ato pôde ser compreendido - por esse ato Jesus se identificou com aqueles que formavam o seu povo, assumiu a culpa *deles* e recebeu *com eles* e *por eles* o batismo do arrependimento".[81]

Sadler diz que o Batismo foi, depois da morte de Jesus, "o maior exemplo da Sua submissão à vontade do Seu Pai". Como? "Porque através do batismo Ele se submeteu, conscientemente, a estar computado entre os pecadores, como se Ele mesmo fosse um pecador, e a receber o sinal exterior da purificação daquela coisa má e aviltante

na qual Ele não tinha qualquer parte."[82]

Depois de ser batizado (particípio passivo aoristo), Jesus **saiu logo da água** (16). O texto grego diz *apo* - "da" água. No entanto, Marcos (1.10) diz *ek,* "para fora". Nenhum deles é uma prova conclusiva a favor ou contra a imersão. O modo não está indicado e não podemos ir além do que está escrito.

Os fatores centrais na cena do batismo foram uma visão e uma voz. A visão foi a do **Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele** (16). A voz declarou: **Este** é **o meu Filho amado, em quem me comprazo** (17). Erdman comenta: "O primeiro foi uma indicação simbólica do poder divino pelo qual o seu ministério deveria ser realizado, e o último foi uma confirmação de que Ele era o Messias, o próprio Cristo de Deus".[83]

Aexpressão **viu** (v. 16; Mc 1.10) parece sugerir que a visão da pomba só foi contemplada por Jesus. Mas Lucas diz que "o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba" (Lc 3.22). Também o Evangelho de João (1.32-34) indica que o Espírito descendo como uma pomba era o sinal combinado previamente com João, de que este era realmente o Messias. Entretanto, em nenhum lugar se afirma que a pomba foi vista pela multidão que os rodeava. A pomba era um símbolo apropriado da amabilida-de do Espírito.

A voz do céu expressou a aprovação do Pai quanto à obediência do Filho. Um significado do termo **amado** é "único". Assim, o Pai, de duas maneiras e com força dobrada, declarou o papel singular de Jesus como o Seu único Filho, e Servo obediente. Cristo já estava trabalhando como o Servo do Senhor descrito em Isaías. A obediência à vontade do Seu Pai, que Ele manifestou publicamente pela primeira vez em Seu batismo, encontrou o seu ponto culminante na cruz. O Calvário foi o clímax do seu ministério como o Servo Sofredor.

Mateus faz da mensagem do céu uma proclamação pública: **este** é **o meu Filho amado,** ao passo que Marcos (1.11) e Lucas (3.22) apresentam a frase mais direta e mais pessoal: "Tu és meu Filho amado". Mas Lucas e João indicam claramente que a forma da pomba

foi vista pelo menos por João Batista (veja acima). Assim, existe um amplo testemunho para o fato de que esta não foi uma experiência meramente subjetiva e desfrutada apenas por Jesus.

Com respeito à última frase, **em quem me comprazo,** Meyer escreve: "O *aoristo* denota: *em quem eu tenho bom prazer,* que se tornou o objeto do meu bom prazer".[84] Lange explica do seguinte modo: "O verbo está na forma aoristo para significar o eterno ato de contemplação amorosa que o Pai tem para com o Filho".[85]

Uma das características significativas do Batismo é a de que nós temos aqui, pela primeira vez na Bíblia, uma indicação clara e completa da Trindade. Quando Jesus saiu da água, o Espírito Santo desceu sobre Ele e, ao mesmo tempo, uma voz do céu declarou: **Este** é **o meu Filho amado, em quem me comprazo.** Assim, nós entramos no Novo Testamento com uma revelação explícita de que Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo.

F. A Tentação de Jesus, 4.1-11

O Batismo foi um acontecimento público glorioso. Mas imediatamente após ele veio uma dura experiência privada. "Grandes bênçãos normalmente são seguidas por grandes tentações."[86] E ainda é verdade que *"é* necessária uma grande tentação, assim como uma grande graça, para se produzir um grande pregador".[87]

Por que Jesus foi tentado? A Epístola aos Hebreus é aquela que responde mais profundamente a essa pergunta do que qualquer outra parte das Escrituras. Lemos a respeito de Cristo: "Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque, naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados" (Hb 2.17-18).

A última sentença declara uma verdade muito reveladora: Ele "sendo tentado, padeceu". Isto não foi fingimento. Isto foi um estado de guerra, difícil e severo. As tentações de Jesus eram tão reais para Ele quanto as nossas são para nós - e igualmente angustiantes. Alguns

diríam que, como Cristo era o Filho de Deus, Ele sabia que não iria fraquejar, não se entregaria. Mas isso faria das Suas tentações uma farsa vazia e negaria a afirmação clara da epístola aos Hebreus. Se Ele foi "de todas as maneiras tentado como nós somos", deve ter sofrido o mesmo tormento e a mesma tortura *na Sua própria consciência* que nós sofremos quando somos fortemente tentados. É verdade que, como o Filho de

Deus, Ele era onisciente. Mas há muitas indicações nos Evangelhos de que Jesus limitava o seu conhecimento na Sua verdadeira consciência. Isto fazia parte da encarnação, de tomar-se como nós. Foi parte do preço que Ele teve que pagar para ser ao mesmo tempo o nosso Sumo Sacerdote e o nosso Sacrifício pelos pecados.

Jesus foi **conduzido** (1) do vale do rio Jordão (300 metros abaixo do nível do mar) até às alturas do solitário deserto da Judéia. Os três sinóticos afirmam que Ele foi levado **pelo Espírito** ao deserto. Por um mandamento divino Ele foi para lá. Quando as coisas vão mal ou sofremos alguma severa tentação, é fácil pensar que podemos estar fora da vontade do Senhor. Mas quando Jesus estava sendo tentado, Ele estava no centro da vontade de Deus para a sua vida.

Foi **ao deserto** que Ele foi levado. **O** contraste entre este lugar e o cenário da tentação de Adão e Eva é chocante. Eles estavam em um bonito paraíso, no Jardim do Éden. Ele estava no deserto desolado. Eles tinham tudo o que alguém poderia desejar para comer. Ele estava faminto. Eles tinham um ao outro. Ele estava sozinho. Apesar disso, eles fracassaram, ao passo que Ele triunfou.

Uma das descrições mais explícitas da Tentação está na obra de Milton, *Paradise Regained* (Paraíso Reconquistado). Milton retrata Satanás aproximando-se de Cristo na forma de um homem velho. Parece mais provável que as tentações específicas descritas aqui fossem sugestões mentais, como elas normalmente são para nós hoje em dia. No entanto, Broadus pensa de maneira diferente. Ele diz: "Durante os quarenta dias (Lc 4.2), e em outras ocasiões, o nosso Senhor sem dúvida foi tentado pela sugestão na sua mente, como acontece conosco; mas nas três tentações aqui descritas, parece estar

claramente declarado que Satanás apareceu em uma forma corpórea e com palavras verdadeiramente pronunciadas, e isto torna a cena adequada para uma descrição distinta e impressionante".[88] Mas parece provável que Satanás tenha levado Jesus corporeamente até o pináculo do templo? O argumento conclusivo contra esse ponto de vista é o de que não existe na terra uma montanha de onde alguém possa ver todos os reinos do mundo (8).

O propósito divino pelo qual Cristo foi levado até o deserto foi o de que Ele pudesse ser **tentado. A** palavra grega *épeirazo.* Na literatura grega antiga (Homero) ela é usada com o sentido de "pôr à prova". O seu significado principal é "testar, pôr à prova, provar".[89] Arndt e Gingrich dizem que ela significa "*tentar***;** *fazer um teste com, colocar em teste* para descobrir que tipo de pessoa alguém é".[90] O Pai estava permitindo que o Seu Filho fosse posto à prova antes de começar o Seu trabalho público, como um metal que deve ser testado antes de poder ser usado com confiança em uma posição crucial. Mas, a partir do ponto de vista de Satanás, Jesus estava sendo **tentado,** seduzido ao pecado, na esperança de que Ele fracassasse. Isso também está indicado pela palavra "tentador" *(peirazon)* no versículo 3.

Cristo foi tentado **pelo diabo.** Marcos nunca usa essa palavra; ao invés disso, ele usa "Satanás" (Mc 1.13). Essa última palavra, que significa "adversário", vem diretamente do hebraico para o grego e para o português. A palavra grega *diabolos* significa "caluniador" ou "falso acusador" e tornou-se *diable* em francês e **diabo** em português. As duas palavras são usadas como sinônimos no Novo Testamento.

Negar o diabo de forma pessoal, significa tranqüilizar-se com um falso sentimento de segurança. Nos últimos anos temos percebido, cada vez mais, que não é possível explicar a influência insidiosa do mal no nosso mundo sem postular a existência de um agente pessoal por trás das várias ocorrências.

Jesus jejuou **quarenta dias e quarenta noites** (2), como fizeram Moisés no Monte Sinai (Êx 34.28) e Elias no deserto (1 Rs 19.8). O número quarenta normalmente indica um período de teste. Foi isso o

que ele representou para Jesus. E Jesus não falhou no teste.

No final dos quarenta dias, Ele **teve fome.** Aparentemente Jesus estava tão absorvido nos conflitos espirituais e na contemplação que não sentiu fome até o final desse período. Então surgiu nele um intenso desejo de comer.

Marcos faz apenas uma pequena afirmação resumida da Tentação, sem detalhar os três ataques específicos de Satanás. Mateus e Lucas dão os três, mas em ordens diferentes (veja os comentários sobre Lucas 4.1-13). M'Neile sugere que Lucas adota uma "seqüência geográfica", com a mudança do deserto para a cidade, por último, ao passo que "Mateus organiza um clímax psicológico: a primeira tentação é duvidar da verdade da revelação recém-recebida; a segunda é testá-la; e a terceira é agarrar de forma prematura a posição de Messias que ela envolve".[91]

A dúvida é uma das armas favoritas do diabo. A primeira coisa que ele disse a Jesus foi: **Se tu és o Filho de Deus** (3).[92] Ele se aproximou de Eva de uma maneira similar: "E assim que Deus disse...?" (Gn 3.1). Depois o diabo apelou para a fome de Jesus: **manda que estas pedras se tornem em pães.** Como diz Maclaren: "Satanás usou a mesma isca diante do primeiro Adão. Esta funcionou tão bem naquela ocasião, que ele se considerou esperto por trazê-la à baila uma vez mais".[93] Intrinsecamente, não haverία nada de errado em Jesus realizar um milagre para obter a comida de que necessitava. Mas obedecer Satanás é pecado. Além disso, Cristo tinha vindo para compartilhar a nossa humanidade conosco. Ele se recusava a usar qualquer poder que não estivesse disponível para nós. Ele não faria nada que pudesse representar uma negação da Sua encarnação. G. Campbell Morgan explica isso assim: "O inimigo pediu que Ele fizesse uma coisa certa de uma maneira errada, para satisfazer um apetite legítimo de uma maneira ilegal, para fazer uso dos privilégios do Filho violando as suas responsabilidades".[94]

A primeira coisa que Jesus disse em resposta foi, **está escrito** (4). A expressão está em um tempo perfeito em grego, o que indica a ação

terminada e também o estado resultante como ainda continuando. O significado completo é: "Foi escrito e ainda permanece escrito". Isso enfatiza a eternidade e a imutabilidade da Palavra de Deus.

Jesus encontrou e derrotou o diabo com a mesma arma que nós temos à nossa disposição: "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Ef 6.17). Nas três vezes Ele fez citações do livro de Deuteronômio. A primeira citação foi: **O homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem** (Dt 8.3). Jesus vivia pela Palavra de Deus, não pelos caprichos do Seu próprio apetite. Nisto, Ele dá um exemplo para todos os Seus seguidores.

Na segunda tentação, o diabo levou Jesus até **a cidade Santa** (5). No Novo Testamento, esta designação para Jerusalém só é encontrada em Mateus e no livro do Apocalipse. Ela ocorre cinco vezes no Antigo Testamento. O diabo colocou Cristo **sobre o pináculo do templo,** o lugar mais alto da cidade santa. Morgan destaca com propriedade: "A escolha do lugar é a principal prova da astúcia do adversário".[95]

Nesse cenário, consagrado por associações sagradas, provavelmente com uma multidão esperando embaixo, Satanás faz uma abordagem completamente diferente. Desta vez ele apela para a confiança total de Jesus em Deus Pai. Antes, a tentação estava no plano físico. Desta vez está em um plano espiritual: **Se tu és o Filho de Deus** (ou "Já que você é o Filho de Deus"), **lança-te daqui abaixo** (6). Tão sagrado era o cenário, que o próprio diabo se sentiu incentivado a citar as Escrituras. Ele tentou citar Salmos 91.1112. Mas omitiu uma frase importante: "em todos os teus caminhos". Os caminhos de Cristo são os caminhos de Deus. Se Ele se afastasse da vontade divina não poderia mais reivindicar a proteção divina. Isso é verdadeiro hoje em dia para nós.

Os judeus daquele templo esperavam que o seu Messias aparecesse repentinamente, espetacularmente, no Templo. Aqui estava a oportunidade de Jesus ganhar a aclamação de toda a nação como o seu Messias. Mas Ele resistiu a esta tentação do sensacionalismo. Ao invés disso, Ele iria seguir o caminho simples da humilde obediência ao Seu Pai.

Jesus brandiu a Sua Espada outra vez - a Palavra de Deus. Dessa vez Ele disse: **Não tentarás o Senhor, teu Deus** (7). O comportamento temerário evidencia não a fé, mas a presunção.

O cenário da terceira tentação foi também diferente: **um monte muito alto** (8). Aqui o diabo fez a sua aposta mais alta. Depois de dar a Cristo uma visão de **todos os reinos do mundo e da glória deles,** fez esta surpreendente proposta: **Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares** (9). Que tentação era esta - a de ganhar o mundo inteiro sem ir até a cruz! A essência da tentação foi a de tentar atingir os objetivos aprovados por Deus, usando as estratégias de Satanás. Jesus rejeitou também esta proposta aparentemente plausível.

Ele disse a Satanás que se retirasse. Uma vez mais Jesus citou a Palavra: **Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele servirás** (10). (Veja Dt 6.13.) Aqui está a primeira e mais alta obrigação do homem.

Satanás tentou Jesus em três planos: 1) o físico - alimento; 2) o intelectual - fazer alguma coisa sensacional; 3) o espiritual - **adore-me.** O diabo ainda tenta os homens nesses três planos.

Em obediência à ordem de Cristo, o diabo se retirou. Então **chegaram os anjos e o serviram** (11). Eles provavelmente lhe trouxeram comida (cf. 1 Rs 19.5-7) e também lhe ministraram espiritualmente, regozijando-se com Ele na vitória que havia alcançado.

G. Os Primeiros Tempos na Galiléia, 4.12-25

1. *A Primeira Pregação* (4.12-17)

A prisão de João Batista é o ponto de partida cronológico do grande ministério de Jesus na Galiléia, como indicado nos dois primeiros Evangelhos (cf. Mc 1.14). Quando Jesus soube que **João estava preso, voltou para a Galiléia** (12), isto é, Ele voltou do deserto da Judéia, mais ao sul, para a sua casa. Com João na prisão, era chegada a hora de Jesus começar o seu ministério público. E Ele estava

preparado para isso - já havia passado por Seu batismo e por suas tentações.

Mas Ele não ficou em sua cidade, Nazaré. Ao invés disso, Ele **foi habitar em Cafamaum** (13), cerca de trinta quilômetros na costa norte do lago da Galiléia. A escolha desse lugar como sua base foi sábia. Nazaré era uma cidade pequena e obscura nas montanhas. O seu povo era tacanho e não recebería o seu ministério, como sabemos, com base na maneira como Ele foi tratado quando visitou a sua cidade (Lc 4.16-30). Nesse ambiente provinciano, Ele sofreu uma forte oposição.

Por outro lado, **Cafamaum** era uma cidade agitada, repleta de atividades comerciais. Aqui as multidões seriam mais abertas e receptivas. Muitos poderíam estar indo e vindo, e desta forma o evangelho seria difundido. Pelo fato de a cidade estar situada na principal estrada para Damasco ao norte até o Egito no sul, esta era uma localização estratégica.

Novamente (14) aparece a fórmula de se apresentar uma citação do Antigo Testamento - **para que se cumprisse o que foi dito** (14; cf. 1.22; 2.15,23). Esta citação é de Isaías 9.1-2. Mateus faz quinze citações deste príncipe dos profetas do Antigo Testamento. Por causa das suas muitas passagens messiânicas, o livro algumas vezes foi chamado de "O Evangelho Segundo Isaías".

Zebulom e **Naftaii** (15) eram os dois territórios tribais que abrangiam a Galiléia. Zebulom ficava na parte ocidental, na direção do Mediterrâneo, enquanto Naftaii ficava mais para o leste, perto do lago da Galiléia. O **caminho do mar** significa a importante estrada do Egito até Damasco, pela qual as caravanas dos comerciantes passaram durante muitos séculos.

Essa região era chamada **Galiléia das Nações,** ou Galiléia dos gentios, porque ela tinha uma população gentílica maior do que a Judéia. A razão para isso remonta aos dias de Isaías. Quando os assírios começaram a invadir a Palestina, eles naturalmente tomaram os territórios mais afastados em primeiro lugar. Em 2 Reis 15.29 está

escrito: “Nos dias de Peca, rei de Israel, veio Tiglate-Pileser, rei da Assíria, e tomou a Ijom... a Gileade, e à Galiléia, e à toda a terra de Naftaii, e os levou para a Assíria”. No lugar dos habitantes nativos ele colocou povos dos países do leste (2 Rs 17.24). Assim, a população de Samaria, e em um grau menor a da Galiléia, tornou-se uma mistura de judeus e gentios. Também é verdade que muitos cananeus tinham permanecido na região mais tarde conhecida como Galiléia, que assim teve mais gentios durante o período dos juizes e dos reis (cf. Jz 1.30-33; 4.2).

Mas Isaías tinha predito que nessa região haveria uma **grande luz (16).** Mateus destaca o início do ministério de Jesus na Galiléia como o cumprimento dessa profecia.

Quando Jesus começou a **pregar** (17) - a mesma palavra, “arauto, proclamar”, como usada a respeito de João Batista (3.1) - Ele adotou o mesmo texto do seu predecessor: **Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus.** A última frase, **é chegado,** significa literalmente “está próximo”. Como alguém disse, “Jesus é Deus, trazido para perto”. Nele os judeus eram confrontados com o reino de Deus, um reino que se recusaram a aceitar.

2. Os *Primeiros Discípulos* (4.18-22)

Quando Jesus estava **andando junto ao mar da Galiléia** (18), Ele viu dois irmãos que pescavam. Um deles era **Simão.** Este é um nome muito comum entre os judeus da época de Jesus, talvez em parte por causa do Simão que foi um grande herói na revolta dos Macabeus do século II a.C. Há nove pessoas diferentes chamadas Simão no Novo Testamento. Jesus deu a este o sobrenome **Pedro,** que é a palavra grega para “pedra” (*petros*).

André é principalmente conhecido como o **irmão** de Pedro, e assim é identificado aqui. Mas foi ele que primeiro levou o seu irmão a um contato com Cristo (Jo 1.40-42). André foi quem avisou que um menino tinha um almoço, com o qual cinco mil pessoas foram alimentadas (Jo 6.8-9). Assim como Barnabé é ofuscado por Paulo, André parece escondido à sombra de Pedro. Mas ele teve o seu próprio

papel e executou-o de forma fiel e eficiente.

Os dois irmãos estavam **lançando as redes ao mar.** Isto era feito nas águas rasas perto da praia. Para esse propósito se usava um tipo especial de rede. Ela tinha pesos para que pudesse chegar ao fundo e encerrar um cardume de peixes. O mesmo tipo de rede ainda é usado nas fontes de água morna na praia do lago da Galiléia, ao sul de Cafamaum.

Jesus dirigiu-se a esses dois pescadores com uma ordem e uma promessa: **Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens** (19). Ele tinha uma convocação mais elevada e uma tarefa maior para eles. O negócio mais importante do mundo é ganhar almas. Pedro e André foram privilegiados por serem os dois primeiros que Jesus convidou para acompanhá-lo em seu trabalho.

Este versículo sugere o tema: "A convocação mais elevada", que pode ser resumida assim: 1) o chamado divino - **vinde após mim;** 2) a preocupação divina - **eu vos farei;** 3) a missão divina - **pescadores de homens.**

Não houve hesitação por parte daqueles que ouviram o chamado. Eles, **deixando logo** ("imediatamente") **as suas redes, seguiram-no (20).** Estes pescadores reconheceram que era a voz do Mestre que lhes falava, e obedeceram.

Um pouco mais adiante, Jesus viu um barco de pescadores perto da praia. Nele estavam **Zebedeu** e seus dois filhos, **Tiago** e **João** (21). Eles estavam **consertando as redes,** preparando-se para outra noite de pescaria. Jesus também os **chamou** para segui-lo. Da mesma maneira que aconteceu com os outros dois, **imediatamente** - a palavra grega que também significa "logo" (v. 20) - **Eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no** (22). A repetição dessas duas palavras enfatiza o fato de que se alguém vai seguir Jesus em período integral, deve deixar a sua ocupação anterior.

E um fato intrigante que Cristo tenha chamado quatro pescadores como os seus primeiros discípulos. Ele ainda chama homens de todos

os setores da sociedade para pregar o Seu Evangelho. Ele precisa de homens firmes e corajosos, que aprenderam a enfrentar as dificuldades com paciência e perseverança.

Estes quatro homens são sempre citados em primeiro lugar nas listas dos doze apóstolos (Mt 10.2-4; Mc 3.16-20; Lc 6.14-16; At 1.13). Três deles (Pedro, Tiago e João) parecem ter sido particularmente íntimos de Jesus. Nós os vemos com Ele quando ressuscitou a filha de Jairo, no Monte da Transfiguração, e no Getsêmani. Dois deles, Pedro e João, estão fortemente associados nos capítulos iniciais de Atos (por exemplo, 3.1; 8.14). Pedro foi o principal porta-voz do círculo apostólico, tanto nos Evangelhos quanto em Atos. Foi ele que proferiu o Sermão do Dia de Pentecostes (At 2). Tiago era evidentemente um líder reconhecido no grupo, porque ele se tornou o primeiro mártir entre os apóstolos (At 12.2).

3. As *Primeiras Multidões* (4.23-25)

Este parágrafo abrange uma afirmação muito breve de um percurso pela **Galiléia** (23) que Jesus fez logo depois de alistar os seus primeiros quatro assistentes. O seu ministério tinha três funções definidas: **ensinar... pregar... curar.**

O ensino ocorria, em primeiro lugar, nas **sinagogas.** Estes eram os lugares de adoração nas cidades e nos povoados. Elas também funcionavam como escolas, onde os meninos judeus podiam memorizar as Escrituras. Os tribunais locais estavam ligados às sinagogas, assim elas formavam o centro da vida na comunidade. George A. Buttrick diz: "A sinagoga era ao mesmo tempo uma escola, um conselho local e uma igreja".[96]

Nem o Antigo Testamento nem os textos apócrifos nos contam qualquer coisa sobre a origem da sinagoga. Mas as razões para o seu surgimento parecem bastante óbvias. Quando o Templo em Jerusalém foi destruído em 586 a.C., os judeus ficaram sem um lugar para adoração. No cativeiro eles se reuniam naturalmente para orar. A palavra grega *synagoge* quer dizer "uma reunião". O mesmo aconteceu com a palavra "igreja", que foi usada primeiramente para a

congregação, e posteriormente para o edifício onde ela se reunia.

Jesus pregava **o Evangelho do Reino.** Estas eram as boas-novas de que o reino de Deus estava sendo oferecido aos homens na pessoa de Cristo, o Messias. Além disso, Ele estava curando **todas as enfermidades e moléstias entre o povo.** Não havia limites para o seu poder. Nenhum caso era difícil demais para Ele. Ele era o grande Médico do corpo, assim como da alma.

A sua **fama** correu (24). A expressão **Toda a Síria** incluía a Palestina, assim como o território ao norte dela incluía os atuais países da Síria e do Líbano. Como um resultado dessa publicidade, os doentes eram trazidos até Ele vindos de todas as partes. Eles são descritos como aqueles que **padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos.** A palavra **tormentos,** que pode ser traduzida como *torturas,* enfatiza a dor e o sofrimento causado pelas doenças. Entre aqueles que vinham estavam os **endemoninhados** (aqueles que eram possuídos por demônios - a palavra em grego é *daimonizomenous,* "endemoninhados"). **Os lunáticos,** da mesma maneira, correspondem a uma palavra, *seleniazomenous,* que literalmente significa "afetado pela lua". A palavra era usada com referência a epilépticos que supostamente tinham sido influenciados pela lua. **Os paralíticos** são simplesmente *paralytikous.* Diz-se que ele **os curava** de todos esses casos difíceis. O verbo é *therapeuo,* de onde vieram palavras como "terapia" e "terapeuta".

A popularidade de Jesus é ressaltada pelo fato de que Ele atraía **uma grande multidão** (25) - literalmente "grandes multidões" - de todos os territórios vizinhos. A **Galiléia** era a parte norte da Palestina. **Decápolis** literalmente quer dizer "dez cidades". Este era o nome dado principalmente à região a leste do vale do Jordão, e que compreendia dez cidades que eram helênicas na cultura e nos interesses. Elas se estendiam desde Damasco no norte até Filadélfia (a moderna Amã) ao sul. Esta área era principalmente de influência gentílica. Stendahl diz que "em Decápolis os judeus devem ter sido a minoria".[97] **Jerusalém** era a capital da Judéia, na parte sul da

Palestina. O fato de as pessoas viajarem 160 quilômetros a partir do norte, de Jerusalém até a Galiléia, mostra o tremendo poder de atração de Jesus. **Além do Jordão** - uma região atualmente chamada de Transjordânia - era uma região oficialmente conhecida naquela época como Peréia (literalmente "do outro lado"). Esta região do lado leste do rio Jordão era governada por Herodes Antipas, governador da Galiléia.

Tendo dado essa descrição geral do início do ministério de Jesus na Galiléia, Mateus agora estabelece o cenário para o Sermão da Montanha. Este é o primeiro de cinco grandes discursos neste Evangelho (veja Introdução).

Primeiro Discurso:

O SERMÃO DO MONTE

Mateus 5.1—7.29

Franzmann, em sua obra *Follow Me: Discipleship According to Saint Matthew,* fala a respeito do Sermão do Monte: "Ele se baseia na narrativa inicial (1.1—4.16), a genealogia e os sete cumprimentos".[1] A última frase se refere aos sete cumprimentos de profecia que ocorrem nos primeiros quatro capítulos de Mateus. São eles: 1) Emanuel, 1.23; 2) nascimento em Belém, 2.6; 3) o chamado do Egito, 2.15; 4) o choro de Raquel, 2.18; 5) chamado de nazareno, 2.23; 6) uma voz no deserto, 3.3; 7) uma grande luz, 4.14-16.

Segundo Franzmann cada um dos cinco grandes discursos de Mateus é precedido por uma narrativa que está relacionada ao discurso. Este, o primeiro, é introduzido por 4.17-25. Ele escreve: "O Sermão do Monte nesta estrutura deve ser entendido e estimado como o registro de como o chamado de Jesus, proferido por Ele com autoridade Messiânica, convocando homens para uma realidade escatológica do reino dos céus, é feito para determinar toda a existência do discípulo".[2] Isto é, "Jesus está, no Sermão do Monte, moldando messianicamente a vontade do seu discípulo".[3]

Esta idéia parece fornecer a chave adequada para se entender a natureza e o propósito desse grande discurso. O Mestre havia acabado de chamar os seus primeiros quatro discípulos. Agora Ele está lhes mostrando o que significa o verdadeiro discipulado. Ele está descrevendo o tipo de vida que seus discípulos devem viver.

Têm sido sugeridas muitas maneiras de interpretar e aplicar o Sermão do Monte. McArthur dedica um capítulo inteiro para descrever doze destas interpretações,[4] que ele chama de "Versões e Evasivas do Sermão do Monte".[5] Ele começa comentando que se

"um visitante imaginário de Marte" fosse visitar "uma típica comunidade cristã", tendo lido o Sermão do Monte no caminho, ele

ficaria perplexo pelo contraste. "O abismo entre o padrão do Sermão do Monte e o padrão da vida cristã convencional é tão grande que o visitante suspeitaria ter lido o Sermão errado ou visitado a comunidade errada."[6] A análise e avaliação de McArthur sobre estas opiniões é excelente.[7]

A. O **Cenário dó Sermão,** 5.1-2

Alguém poderia deduzir do primeiro versículo do capítulo cinco que Jesus deixou **a multidão** (1) e entregou este "sermão" somente para os discípulos. Mas parece que a multidão se reuniu em torno da parte externa do círculo interno e ouviu o discurso (cf. 7.28).

A referência a um **monte** é provavelmente significativa. Assim como Moisés recebeu a antiga Lei no monte Sinai, assim também Jesus, o novo Líder, pronunciou a lei do Reino na encosta de um monte.

Assentando-se. Enquanto os pregadores de hoje seguem o costume grego e romano de ficar em pé para falar, os mestres judeus sempre se sentavam enquanto ensinavam. **Discípulos** literalmente significa "aprendizes". A palavra só é encontrada nos Evangelhos e Atos (Mateus, 74 vezes; Marcos, 45; Lucas, 38; João, 81; Atos, 30). Esta é a designação mais antiga para os seguidores de Jesus.

B. A **Natureza dos Discípulos,** 5.3-16

1. As *Bem-aventuranças* (5.3-12)

a) *Os Pobres de Espírito* **(5.3).** Cada beatitude começa com **bem-aventurados,** o que lembrava aos ouvintes o Salmo 1.1. Lenski comenta: " 'Bem-aventurado!' entoado repetidas vezes, soa como sinos do céu, tocando neste mundo amaldiçoado, do alto da catedral do reino, convidando todos os homens a entrar".[8]

A palavra grega *makarios* significa "feliz". Mas é óbvio que "... as bênçãos contempladas nas Beatitudes não podem de forma alguma ser expressas em nosso idioma pela palavra ou pelo conceito de 'felicidade' ".[9] Elas se referem, antes, à bem-aventurança que só vêm

para aqueles que desfrutam da salvação em Jesus Cristo. Hunter sugere: " 'Abençoado' significa 'Ah, a felicidade de', e a beatitude é a felicidade do homem que, em comunhão com Deus, vive a vida que é realmente a vida".[10] Arndt e Gingrich escrevem: "A tradução O, *a felicidade de* ou *saudação àqueles,* preferida por alguns, pode ser exatamente correta para o original aramaico, mas ela escassamente exaure o conteúdo que *makarios* tinha nos lábios dos cristãos de fala grega".[11] John Wesley tem sido seguido por vários tradutores atuais ao adotar "Feliz". Mas "Bem-aventurado" talvez seja uma tradução mais adequada.

Os pobres de espírito (3) são aqueles que reconhecem a sua pobreza espiritual. Lucas (6.20) diz: "Bem-aventurados vós, os pobres". Mas, após o cativeiro babilônico, a frase "os pobres" era freqüentemente usada para os piedosos, em contraste com os opressores ricos, ímpios e mundanos dos pobres. Assim, as afirmações em Mateus e Lucas significam a mesma coisa. Talvez a melhor tradução de 5.3a seja a de Goodspeed: "Bem-aventurados são aqueles que sentem a sua necessidade espiritual".

Por que estes pobres são bem-aventurados? Porque **deles é o Reino dos céus.** As Beatitudes estão na forma de paralelismo sintético, um tipo de poesia hebraica na qual a segunda linha completa o significado da primeira. Desse modo, aqui a segunda linha define mais especificamente a conotação de "bem-aventurado".

A primeira beatitude atinge diretamente o centro da necessidade do homem. Fitch declara: "A pobreza de espírito é essencialmente o destronamento do orgulho".[12] Depois de declarar que "o orgulho é a própria essência do pecado", ele continua dizendo: "O orgulho é o pecado de um individualismo exagerado, o pecado do usurpador reivindicando um trono que não é seu, o pecado que enche o universo com apenas um ego, o pecado de destronar a Deus de sua soberania de direito".[13] —

b) *Os que Choram* (5.4). Quando alguém percebe que está falido de todos os bens espirituais que o tornariam aceitável a Deus, irá **chorar**

(4) sobre o fato. Lloyd-Jones escreve: " 'Chorar' é algo que vem logo depois da necessidade de ser 'pobre de espírito' ", e acrescenta: "Quando eu confronto Deus e a sua santidade, e contemplo a vida que devo viver, vejo a mim mesmo, o meu total desamparo e falta de esperança".[14]

Este choro leva ao arrependimento e à conversão. Mas não pára aqui. Continua por toda a vida do cristão consciencioso. Os maiores santos percebem mais intensamente o quanto carecem da perfeita semelhança com Cristo, e choram acerca disso. Só o cristão néscio pode se sentir complacente.

A promessa para aqueles que choram é que **eles serão consolados** (cf. Is 57.18). Isto acontece primeiro na consolação do perdão, e depois na consolação da comunhão. Um Cristo compassivo está especialmente perto daqueles que choram.

c) O *Manso* (5.5). O significado da verdadeira mansidão, infelizmente, tem sido com freqüência mal-entendido. Por diversas vezes ele tem sido imaginado em termos de uma humildade modesta, negativa e quase falsa. Mas, na verdade, é algo muito diferente, mesmo quando se trata de alguém em relação ao seu companheiro. O arcebispo Trench escreve a esse respeito: "A mansidão é uma graça lavrada na alma; e o seu exercício está primeira e principalmente relacionado a Deus".[15] Ele acrescenta: "E aquele estado de espírito em que aceitamos os seus tratos conosco como bons e, portanto, sem discussão ou resistência".[16] De acordo com esta mesma opinião, Fitch diz: "A mansidão é a entrega a Deus, a submissão à sua vontade, o preparo para aceitar o que quer que Ele possa oferecer, e a prontidão para assumir a posição mais baixa".[17] Colocada em termos simples, a mansidão é a submissão à vontade de Deus. E isto não é primariamente negativo, mas positivo. É um cumprir ativo da vontade de Deus na nossa vida diária. Jesus Cristo é o Exemplo supremo de tal mansidão (cf. 11.29). Esta realização da vontade de Deus inclui uma avaliação correta de si mesmo, uma avaliação que leva a pessoa a "não saber mais do que convém saber" (Rm 12.3).

Dos mansos é dito que **eles herdarão a terra** (5). O mundo acredita que o caminho para vencer é fazer valer os seus direitos. Mas Jesus disse que aqueles que aceitam a sua vontade, um dia reinarão com Ele.

d) *Os que têm Fome e Sede de Justiça* (5.6). Um dos primeiros sinais de vida de um bebê normal é a fome. Assim sendo, aquele que verdadeiramente nasceu de novo sentirá **fome e sede de justiça** (6) - o que nas Escrituras freqüentemente significa "salvação" (cf. Is 51.6). Para estes, é dada a promessa: **eles serão fartos.** A palavra grega é *chortazo,* de *chortos,* que é geralmente traduzida como "relva" no Novo Testamento. O quadro é o do gado que se alimenta até estar satisfeito. O verbo também é traduzido como "satisfeito", e isto se encaixa muito bem aqui. Fitch observa: "A plenitude é a resposta de Deus para o vazio do coração do homem".[18]

e) Os *Misericordiosos* (5.7). Aqueles que receberam a misericórdia de Deus devem demonstrar misericórdia aos seus companheiros. A ilustração mais vivida de como é irracional se recusar a perdoar os outros, é apresentada na parábola do credor incompassivo (18.23-35). A parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-37) dá um excelente exemplo de misericórdia a alguém necessitado. A misericórdia tem sido definida como a "bondade em ação".

Bowman e Tapp sugerem que as Beatitudes aparentemente representam "um poema aramaico original em duas estrofes de quatro versos cada".[19] As quatro primeiras beatitudes descrevem: "primeiro, um despertar do seu estado de inadequação...; segundo, a determinação de 'se converter' a Deus com arrependimento...; terceiro, a adoção de uma atitude constante de confiança somente em Deus...; e finalmente, o profundo desejo de adquirir a 'justiça' completa que constitui a 'salvação' para o homem".[20] Fitch defende que a primeira estrofe descreve o nascimento do cristão, e que a segunda estrofe descreve a sua vida como cristão.[21]

f) *Os Limpos de Coração* (5.8). Sobre esta condição Whedon diz: "Aqui está um traço de caráter que só o Espírito de Deus pode

produzir. Isto é a santificação".[22] McLaughlin escreve: "Um coração puro é um coração que não tem, em si, nada que seja contrário ao amor de Deus".[23]

Jesus declarou que somente os limpos de coração **verão a Deus (8).** E isto se refere à vida aqui, bem como à vida futura. O pecado é como poeira nos olhos. Ele obscurece a visão e distorce a vista. Só podemos entrar em plena comunhão com o Senhor quando os nossos corações estão limpos de todo pecado (cf. 1 João 1.7).

Apureza de coração é a finalidade e a soma das beatitudes anteriores. A possibilidade de tal retidão interior está claramente implícita; mas também está aparente tanto nas Escrituras quanto na experiência universal de que ninguém é puro por natureza (Jr 17.9); os corações só podem ser puros se forem purificados. Nem mesmo a cultura humana poderá purgar as profundezas da corrupção; deve necessariamente haver uma obra da graça divina.

O coração deve ser purificado de seu orgulho (Pv 16.5); se não, em vez de ser "pobre de espírito" ele será arrogante e auto-suficiente; em vez de estar arrependido (alguém *que chora* verdadeiramente) ele será autocomplacente; em vez de ser "manso", um homem será obstinado e impetuoso. O coração também deve ser purificado do duplo ânimo (Tg 4.8), do egoísmo e da contenda (Tg 3.14), e da incredulidade (Hb 3.12).

g) *Os Pacificadores* (5.9). Tiago diz em sua epístola que "a sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica" (Tg 3.17). Esta é a ordem aqui. Somente os puros de coração, que foram limpos da natureza carnal (a causa de toda a luta interior), podem ter "a paz de Deus" plenamente em suas almas. Um coração dividido é um coração perturbado. Somente a paz de Cristo, nos controlando, pode nos tornar pacificadores.

Ninguém gosta de um provocador. Mas o desafio para o cristão é: Será que sou um pacificador - na comunidade, na igreja, em casa? Este último local é o teste mais difícil de todos.

Filhos de *Deus (9)* é, *no grego,* literalmente, "filhos de Deus". Quando

o artigo definido é omitido no grego, ele enfatiza o tipo ou o caráter. Quando as pessoas promovem a paz, elas são chamadas de "filhos de Deus" porque agem como Deus. No pensamento oriental "filho de" significa "ter a natureza de".

h) *Os que sofrem perseguição* (5.10-12). Alguns estudiosos classificam as Beatitudes em número de nove. Outros contam oito, considerando o versículo 11 como uma extensão adicional do versículo 10. Seguiremos este último método.

Não se deve falhar em observar que aqueles que **sofrem perseguição por causa da justiça (10)** são bem-aventurados. Alguns que se fizeram mártires a si mesmos alegam estar sendo perseguidos por causa da justiça, quando na verdade estão sofrendo por causa de sua própria ignorância. Quando criticados por agirem ou falarem de forma insensata, eles citam esta beatitude. Mas isto é "falsificar a palavra de Deus" (2 Co 4.2).

Quando perseguido, o cristão deve **exultar e alegrar-se** (12). Jesus cita o exemplo dos **profetas** que foram perseguidos nos tempos do Antigo Testamento. Mas, na verdade, Ele mesmo é o Exemplo supremo daquilo que é descrito no versículo 11. Alguém já disse que as Beatitudes são uma autobiografia de Cristo.

As virtudes que Jesus exalta no Sermão do Monte são quase que exatamente o oposto daquelas admiradas pelos gregos e romanos em seus dias. Ele disse: Bem-aventurados são os pobres de espírito, os limpos de coração, os pacificadores, os que sofrem perseguição; os que choram, os mansos, os misericordiosos; e aqueles que têm fome e sede de justiça. Estas características também são contrárias ao espírito deste século. Bowman e Tapp se expressam assim: "Parece, então, que o nosso Senhor está esboçando uma personalidade salva que é forçada a viver em um mundo perdido; a justiça cercada pela iniqüidade, com as conseqüentes tensões assim criadas".[24]

Um dos melhores resumos das oito Beatitudes é o apresentado por Fitch. Ele diz:

Elas se dividem naturalmente em quatro partes separadas. As três primeiras nos mostram um homem se convertendo dos seus pecados a Deus, e a quarta nos mostra Deus se voltando para o pecador e revestindo-o com a justiça de Cristo. As três seguintes... nos mostram o filho recém-nascido de Deus operando as obras de justiça entre os homens; e a Beatitude final mostra como os homens reagem... Há, primeiro, três graças de uma alma contrita, seguidas pela resposta de Deus em misericórdia, em justiça e em paz. Então seguem-se três graças de uma alma comissionada, seguidas pela resposta do mundo em perseguição e reprovação. [25]

2. *A Influência Deles* **(5.13-16)**

Jesus usou dois símbolos para descrever a influência que os cristãos têm sobre uma sociedade não-cristã. O primeiro foi o sal, e o segundo, a luz.

a) *Como o Sal* (5.13). O **sal** possui dois usos - dar gosto e conservar. 1) Alimentos como mingau de aveia ou molhos são muito desagradáveis ao paladar sem sal. Durante a Idade Média, na Europa, quando as pessoas preparavam a maior parte de seu próprio alimento, elas ainda tinham que viajar para os mercados anuais para comprar sal. O sal era considerado um ingrediente absolutamente essencial. Dessa mesma forma, a vida sem Cristo e sem o cristianismo é insuportavelmente insípida. Assim como Cristo revitalizou e deu gosto à vida do crente, cada discípulo, por sua vez, deve fazer o mesmo pela vida de outros.

2) O sal conserva. Antes do advento das caixas de gelo e dos modernos refrigeradores, o sal era um dos principais meios de conservar os alimentos. Quando peixes eram transportados no lombo de burros por cento e sessenta quilômetros de Cafarnaum até Jerusalém, eles tinham que ser abundantemente salgados. Assim, o seguidor de Cristo deve agir como um conservante no mundo. Não se pode deixar de imaginar o que aconteceria com a sociedade moderna, com toda a sua podridão moral, se não fosse a presença da igreja cristã.

b) *Como Luz* (5.14-16). Jesus declarou certa vez: "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12). Aqui Ele diz aos seus discípulos: **Vós sois a luz do mundo** (14). Assim como a lua reflete a luz do sol no lado escurecido da terra, a igreja deve refletir os raios do "Sol da Justiça" (Ml 4.2) em um mundo escurecido pelo pecado.

Os cristãos são como **uma cidade edificada sobre um monte** - uma imagem comum na Palestina. Gostem ou não, eles estão expostos perante o mundo o tempo todo. Não se pode mais escapar de sua influência, assim como ninguém é capaz de fugir de sua própria sombra.

O termo **candeia** (15) deve ser entendido como "lâmpada"; **alqueire** deve ser entendido como "medida de cereal" ou "cuba de farinha"; **velador** deve ser entendido como "castiçal". Não se usavam velas nos dias de Jesus, mas pequenas lâmpadas de barro do tamanho aproximado da palma da mão de um homem. Muitas lâmpadas do tempo de Cristo foram desenterradas na Palestina. Nas casas sem janelas daqueles dias, a lâmpada deveria ser colocada em um pedestal, ou mais provavelmente em um nicho na parede de barro; ela daria luz **a todos aqueles** que estivessem **na casa.** Isto seria literalmente verdadeiro nas casas de apenas um cômodo das pessoas pobres da Palestina. O azeite era o combustível usado nestas lâmpadas.

A **luz** dos discípulos deveria ser as suas **boas obras** (16). Se eles brilhassem de forma coerente com aquilo que professavam, ela iria **glorificar** a Deus. Louvar ao Senhor com a nossa vida é mais importante do que louvá-lo com os nossos lábios.

C. A Justiça dos Discípulos, 5.17-48 1. *Sua Natureza* (5.17-20)

Sem dúvida, alguns dos ouvintes de Jesus sentiram que Ele era revolucionário em seu ensino. Eles podem ter pensado que Ele pretendia **destruir a lei ou os profetas (17).** Isto Ele negou enfaticamente - **não vim ab-rogar, mas cumprir.** Nesta declaração muito significativa Ele indicou o seu relacionamento com o Antigo Testamento. Ele iria cumprir seus mandamentos e promessas, seus preceitos e profecias, seus símbolos e tipos. Isto Ele fez em sua vida e ministério, em sua morte e ressurreição. Jesus cumpriu totalmente os aspectos do Antigo Testamento. Quando lido à luz de sua pessoa e obra, ele brilha com um novo significado. Cristo é a Chave, a única Chave que abre as Escrituras.

O que acontecerá à Lei? O Mestre declarou solenemente: **Em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido** (18). O **jota** representa a menor letra do alfabeto hebraico, o *yodh,* que se parece muito com o apóstrofo. Ele também corresponderia à menor letra grega, *iota.* O **til** era o "chifre" (ou "acento") sobre algumas letras hebraicas que as dis-tinguiam de outras. Estas distinções são freqüentemente tão pequenas, que é necessário olhar bem de perto para se ter certeza de qual letra se trata. A contraparte moderna é muito bem expressa na tradução de Goodspeed: "Nem um pingo no *i* ou a linha que corta o *t* serão removidos da Lei até que tudo seja observado".

De forma coerente com esta visão, Jesus advertiu que qualquer que **violar** (19; "remover, separar") um dos menores mandamentos e assim ensinar aos outros **será chamado o menor no Reino dos céus.** Aparentemente, a última parte desta afirmação parece surpreendente. Como alguém que violou a Lei poderia estar no Reino? A solução reside em traduzir a frase assim: "em relação ao reino do céus"; isto é, em relação ao Reino ele seria o menor, deixado de fora. **Grande** é aquele que **cumprir e ensinar** os mandamentos. A ação deve preceder o ensino.

O versículo 20 é geralmente considerado o versículo-chave do Sermão do Monte. A justiça dos discípulos de Cristo deve **exceder a dos escribas e fariseus.** Jesus estava se referindo a uma justiça interior, moral e espiritual, em vez da justiça exterior, cerimonial e legalista dos fariseus. "O problema com os fariseus", diz Martin Lloyd-Jones, "era que eles estavam interessados nos detalhes em vez de nos princípios, que eles estavam interessados nas ações em vez de nos motivos, e que eles estavam interessados em fazer em vez de ser".[26]

É correto para o cristão agradecer a Deus por não estar debaixo da Lei, mas debaixo da graça. Mas se ele pensa que as exigências sobre ele são menores por causa disso, não leu o Sermão do Monte de forma a compreendê-lo. Jesus declarou enfaticamente que Ele exige uma justiça mais elevada do que a dos escribas e fariseus. No restante do

capítulo, o Senhor fornece seis exemplos concretos daquilo que Ele quer dizer, exatamente, com isso. Ele basicamente se refere a uma justiça de atitude interior em vez de meramente uma ação exterior. Mas isto levanta a exigência. Deve-se não só guardar as suas ações, mas também as suas atitudes; não só as suas palavras, mas também os seus pensamentos. A lei de Cristo traz, para aqueles que a guardam, mais exigências do que a lei de Moisés.

2. *Sua Aplicação* (5.21-48)

Cada um desses seis exemplos de justiça mais elevada é introduzido pela frase, **Ouvistes que foi dito** (21, 27, 33, 38,43),[27] exceto no versículo 31, onde há uma modificação: "Também foi dito". **Aos antigos** (21; ou "para os antigos" - que no grego poderia significar qualquer um dos dois) refere-se em retrospecto a algum mandamento na lei de Moisés.

Nos seis exemplos Jesus acrescenta: **eu, porém, vos digo (22, 28,** 32, 34, 39, 44). **O** grego é ainda mais enfático do que o nosso idioma. Ele diz *ego de lego hymin* - "*Eu*, porém, vos digo". Em grego, como no latim, o pronome está incluído na forma do verbo. Ele só é expresso separadamente quando o que fala ou o escritor quer dar uma forte ênfase. *Lego* significa "Eu digo". O *ego* **(Eu)** não só é acrescentado aqui, mas também colocado em primeiro lugar na oração - a posição enfática em uma frase grega. Assim, a oração deveria ser lida: *"Eu,* porém, vos digo". Falando dessa forma, ou Jesus era a pessoa que possuía o maior ego do mundo, ou era o que reivindicava ser - o eterno Filho de Deus, que falava com autoridade divina. Vinte séculos de história cristã têm validado a sua reivindicação. Blair corretamente observa: "O retrato de Jesus feito por Mateus se concentra na representação da autoridade de Jesus".[28] E Taylor disse bem: "Jesus sempre permanecerá como um desafio a ser alcançado em vez de um problema a ser resolvido".[29] E Ele que tem o direito de nos desafiar; nós não podemos desafiá-lo.

a) A *Ira* (5.21-26). **Não matarás** é o sexto mandamento do Decálogo (Êx 20.13; Dt 5.17). Jesus não o anulou. Antes, Ele lhe deu uma

interpretação mais elevada: Se você está irado com seu irmão, você tem o homicídio em seu coração.

Qualquer que matar alguém será **réu de juízo** (21). A referência é evidentemente ao tribunal local, ligado à sinagoga. Mas Jesus declarou que qualquer que **se encolerizar contra seu irmão**[30] será **réu** - um termo legal, "sujeito a" - **de juízo** (22). Isto é, ele estaria sujeito à ação do tribunal. Qualquer que dissesse a seu irmão, **Raca** - "uma palavra de contenda, considerada ser de uma raiz significando 'cuspir' " - estaria sujeito à ação do **Sinédrio** (*synedrion*),[31] o Grande Sinédrio em Jerusalém. Amdt e Gingrich definem Raca como "um termo de violência, loucura, *leviandade".*[32] Qualquer que dissesse, **louco** (grego, *moron*), estaria sujeito ao **fogo do inferno** (literalmente, "Geena de fogo").

Geena era o vale de Hinom, ao sul de Jerusalém. O refugo e o lixo da cidade eram levados para fora pela Porta do Monturo (Ne 3.14; 12.31) e jogado no que agora seria chamado de lixão da cidade. Já no século I a.C. os judeus usavam Geena em um sentido metafórico para indicar um lugar de tormento atroz. As chamas terríveis lambendo constantemente a margem desse lixão formavam um símbolo adequado que Jesus usou aqui para as chamas do inferno.

A aplicação da advertência acima é feita em duas esferas - a de adoração (23-24) e a de processo legal (25-26). Se um judeu trouxesse uma oferta para o Templo para ser apresentada no altar - o altar das ofertas queimadas diante do santuário - e se lembrasse que seu **irmão** (23) tinha algo contra ele, ele deveria ir e se reconciliar com seu irmão antes de apresentar a sua oferta. A palavra grega para **reconciliar-se** (24; *diallasso)* no Novo Testamento, só é encontrada nesta passagem. Paulo usa *katalasso, e* o composto duplo *apokatallasso,* para a reconciliação unilateral que o homem deve ter com Deus. Isto é, o'homem deve cessar a sua inimizade contra Deus, e reconciliar-se através de Cristo. Mas *diallasso* denota "concessão mútua depois de hostilidade mútua".[33]

O significado disso é claro. Quando alguém se reconcilia com Deus,

tem que atender as condições divinas, porque o erro está todo de um único lado. Mas quando alguém se reconcilia com seu irmão, ambos têm que fazer concessões, porque em toda discussão humana há dois lados. O que Jesus quer dizer, porém, é que a adoração de uma pessoa na casa de Deus não é aceita enquanto houver qualquer sentimento ruim entre o que seria o adorador e um "irmão". O relacionamento com Deus não poderá estar correto, enquanto o relacionamento com um companheiro estiver errado.

A segunda aplicação **(25-26)** é um pouco diferente. O seu adversário está arrastando você até **o juiz (25).** Jesus disse que seria mais sábio resolver o assunto fora do tribunal. Do contrário a pessoa não sairá da prisão até que tenha pago o último **ceitil (26)** - "o último centavo" (Goodspeed). O *quadrante (kodrantes*) era a menor moeda de cobre romana, valendo cerca de um quarto de um centavo. A questão é que os cristãos deveríam resolver as suas diferenças o mais rapidamente e o mais silenciosamente possível, e resolvê-las entre si mesmos. Os cristãos normalmente não precisam de um juiz ou um tribunal para decidir o que é certo e justo entre si (cf. 1 Co 6.1-8).

b*)* *Adultério* **(5.27-30).** Jesus citou o sétimo mandamento (Ex **20.14;** Dt **5.18),** e então passou a lhe dar uma interpretação mais elevada. Ele indicou que aos olhos de Deus a intenção errada é tão pecaminosa quanto a ação errada. E Deus está igualmente ciente de ambos.

Os versículos 29 e 30 mostram como a luxúria é algo sério. Jesus disse: **Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti** (29). A palavra grega para **escandalizar** é *skandalizo* ("escandalizar"). Ela vem do substantivo *skandalon* ("escândalo"), que era primeiro a isca de uma armadilha ou laço, e depois era usada como o próprio laço ou armadilha. Então o significado aqui é: Se olhar é uma armadilha ou laço para você, evite olhar de todas as maneiras. O verbo é traduzido como "tropeçar" na ARA e como "fizer pecar" na NVI. Lenski insiste no significado literal do verbo, e então traduz como "apanhar em armadilha". Back apresenta "fazer você pecar",[34] o que é uma tradução interpretativa correta. Parece que o significado adequado é "colocar uma armadilha

para" em vez de "colocar uma pedra de tropeço no caminho de".[35]

Cristo declarou que seria melhor que alguém perdesse o seu **olho direito** ou a sua **mão direita** do que ser lançado no **inferno** (Geena). Não podemos acreditar que Ele estivesse defendendo a mutilação física do corpo - embora no passado alguns tenham erroneamente tomado as suas palavras de forma literal. Ele estava falando metaforicamente: Se um amigo íntimo ou uma associação favorita de qualquer tipo estiver se tornando um laço para você, corte-o! É melhor ser desprovido de *qualquer coisa* nessa vida do que estar perdido para sempre.

c) *Divórcio* **(5.31-32).** Uma vez que o assunto do divórcio é discutido mais detalhadamente em um capítulo posterior **(19.3-12),** uma consideração mais extensa será adiada até então. É suficiente dizer aqui que enquanto a Lei permitia o divórcio (Dt **24.13),** Jesus afirmou que isso freqüentemente significava nada menos que o **adultério** legalizado **(32).**

d) *Juramentos* **(5.33-37).** A lei mosaica dizia: **Não perjurarás (33;** Lv **19.12;** Nm **30.2;** Dt **23.21),** isto é, "jurar falsamente" - no Novo Testamento, este verbo só é encontrado aqui. Mas Jesus disse: **De maneira nenhuma jureis (34).** Ele proibiu especificamente jurar pelo **céu,** pela **terra,** por **Jerusalém,** ou pela nossa própria **cabeça (3436).** Os judeus defendiam que jurar pelo nome de Deus vinculava aquele que fazia o juramento, mas jurar pelo céu não trazia nenhum vínculo. Assim, os itens acima eram substituídos como uma forma de subterfúgio, para não se dizer a verdade. Bengel cita o ditado rabínico: "Como o céu e a terra passarão, assim também o juramento passará, pois os conclamou como testemunhas".[36] Jesus defendeu que Deus está sempre presente quando os homens falam; por esta razão, todos devem falar honestamente.

O mandamento de Cristo foi: **Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não** (37) - ou, como Beck apresenta: "Simplesmente diga: 'Sim, sim; não, não' ". A própria prática de jurar é um triste reflexo do caráter humano. Jesus exige honestidade o tempo todo, esteja um homem sob juramento ou não. Não há um padrão duplo para o cristão.

e) *Retaliação* (5.38-42). O princípio básico de justiça refletido na lei de Moisés era: **Olho por olho e dente por dente** (38). Veja Êx 21.24; Lv 24.20; Dt 19.21. O propósito deste mandamento não era encorajar os homens a retribuir a agressão, mas proibi-los de executar uma penalidade maior que o crime.

Jesus apresentou uma lei mais elevada, a da não-retaliação. Seu mandamento foi: "Não retribua a agressão!" Ele aplicou este princípio de cinco maneiras específicas: ofereça a outra face (39), deixe levar a sua capa (40),[37] acompanhe a pessoa em uma segunda milha (41), dê a quem lhe pedir, e não se desvie daquele que quiser que lhe empreste (42).

Muitas pessoas têm presumido que essas palavras de Jesus devem ser entendidas de forma totalmente literal. Mas pensar um pouco a respeito mostrará como esta posição é equivocada. Por exemplo, se um homem pedir algum dinheiro para comer - suponha que você lhe dê o que ele pede, e ele usar o dinheiro para se embriagar, será que você fez uma boa ação? Você agiu de acordo com um amor inteligente? Ou será que aquilo que você pretendia que fosse uma bênção se tornou uma maldição? O que Jesus estava ordenando era um espírito generoso e compassivo em relação aos necessitados.

O que se deve sempre lembrar é que "a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). A nova lei de Jesus é primeiramente um novo espírito. O Mestre estava principalmente interessado nas atitudes. Deve ser reconhecido que "o Sermão do Monte trata, em toda a sua extensão, de princípios e não de regras".[38]

f*) Amar os Inimigos* (5.43-48). Nesta sexta e última aplicação da justiça mais elevada exigida dos cristãos, Jesus fez uma mudança de procedimento. Nos exemplos anteriores Ele só havia citado uma passagem do Antigo Testamento, e então dado uma interpretação mais grandiosa. Desta vez, para o mandamento bíblico, **Amarás o teu próximo** (43; Lv 19.18), Ele inseriu um acréscimo feito pelos mestres judeus, **e aborrecerás o teu inimigo.** Esta segunda parte não é encontrada em nenhuma passagem nas Escrituras Sagradas.

Henry expôs bem a sua opinião: "Deus disse: *Amarás o teu próximo*; e por próximo eles entenderam somente aqueles de seu próprio país, nação e religião...; deste mandamento... eles quiseram inferir o que Deus nunca disse: *Odiarás o teu inimigo*".[39]

Jesus se opôs a este falso ensino atrqvés do incisivo mandamento: **Amai a vossos inimigos** (44). E natural amar os amigos; amar os inimigos é sobrenatural. Mas aqueles que assim o fazem demonstram que são **filhos do Pai que está nos céus** (45). Outra vez observe que a ausência do artigo denota o tipo ou a qualidade - mostrais que em caráter sois filhos de Deus. Pois Ele dá o **sol** e a **chuva** tanto para os **maus** como para os **bons** (45). Se mostrardes bondade somente aos amigos, não sereis melhores que os **publicanos** (46-47). Estes eram os cobradores de impostos para o governo romano, e eram desprezados pela maioria de seus compatriotas judeus como estando no patamar mais baixo da escala da iniqüidade.

Então vem o clímax deste capítulo: **Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o**

vosso Pai, que está nos céus (48). Este parece um conselho desesperador. Mas a interpretação correta é que na esfera *humana* devemos ser perfeitos, assim como Deus é perfeito na esfera divina. Este é o alvo e o objetivo da vida cristã.

O contexto imediato sugere que **perfeito** deva ser interpretado como perfeição em amor. Isto pode ser experimentado na vida, aqui e agora (1 Jo 2.5; 4.12, 17-18). Filson escreve: *"Perfeito* enfatiza a medida de toda a vida pelo amor santo e perfeito do próprio Deus, e faz do versículo 48 uma conclusão e um resumo adequados de tudo o que os versículos 17-47 disseram".[40]

A perfeição transcendente do amor de Deus é vista em: 1) sua *universalidade,* pois todos os homens estão incluídos; 2) sua *compaixão,* pois ele a estende aos ímpios e indignos, incluindo aqueles que não o amam em retribuição; 3) sua *praticidade,* pois busca ativamente o bem-estar deles enviando a chuva e o sol - e acima de tudo enviando o seu Filho. Somente quando o nosso amor é assim

perfeito, é que ele pode ser considerado sobrenatural e verdadeiramente cristão. Tal amor não é só o nosso dever atual, mas o nosso privilégio atual, através do poder do Espírito. Sem ele, "o que fazemos mais do que os outros?"

Deus graciosamente concede, a todos aqueles que buscam, um amor perfeito por Ele e por sua vontade. Depois disso, o cristão busca uma manifestação ainda mais perfeita desse amor em sua vida e conduta. Por sermos finitos, essa perfeita manifestação nunca será completamente alcançada neste mundo, mas cada seguidor consagrado de Cristo deve, constantemente, se esforçar para alcançá-la (cf. Fp 3.12-14).

O contexto imediato dos versículos 17-47 é importante, mas isso não é tudo. Aperfei-ção aqui deve ser explicada em termos de um contexto maior - todo o capítulo cinco. O comentário de John Wesley sobre este versículo é: "Referindo-se a toda esta santidade que é descrita nos versículos anteriores, que o nosso Senhor no início do capítulo recomenda como felicidade, e, na conclusão dele, como perfeição".[41]

Estes seis últimos parágrafos do capítulo sugerem seis "Características da Perfeição Cristã". Elas são: 1) pacifismo (21-26); 2) pureza (27-30); 3) harmonia (31-32); 4) honestidade (33-37); 5) bondade (38-42); 6) amor (43-48).

D. A Religião dos Discípulos, 6.1-34

1. *Três Práticas Religiosas* (6.1-18)

(.Introdução, v. 1). Na versão King James em inglês, este versículo parece fazer parte da discussão sobre dar esmolas, que vem a seguir (2-4). Mas os mais antigos manuscritos gregos apresentam o termo "justiça" em vez de **esmolas.** Isto faria do primeiro versículo uma introdução mais ampla para as três discussões seguintes sobre dar esmolas (2-4), oração (5-15) e jejum (16-18). No entanto, deve ser observado que Kraeling inclui o primeiro versículo com o parágrafo da doação de esmolas, embora aceite a leitura dos manuscritos mais antigos. Ele diz: "A doação caridosa era tão importante neste período

que a palavra hebraica para 'justiça' adquiriu o significado de 'dar esmolas' "f Este talvez seja o motivo pelo qual a prática de dar esmolas seja discutida primeiramente aqui. Hoje em dia a oração provavelmente recebería o primeiro lugar, e dar esmolas o último.

John Wesley, que era um cuidadoso estudante do texto grego e surpreendentemente ciente da importância da crítica textual,[43] traduziu a primeira parte deste versículo como se segue: "Atentem para não praticarem a vossa justiça perante os homens, para serem vistos por eles". Traduções mais recentes apresentam: "Tenham cuidado para não fazerem as suas boas obras publicamente para serem notados pelo povo" (Berkeley); "Cuidado ao fazerem as suas boas ações à vista dos homens, para atraírem seus olhares" (Weymouth); "Tenham cuidado para não fazerem uma exibição de sua religião diante dos homens" (NEB); "Tenham o cuidado de não praticarem os seus deveres religiosos em público a fim de serem vistos pelos outros" (NTLH). A tradução mais simples é: "Não ostentem a sua piedade".

Jesus não disse que não deveriamos deixar que alguém visse as nossas boas obras. Ele já havia admoestado os seus discípulos: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus" (5.16). E com o motivo que Ele está lidando aqui. A frase significativa é: **para serdes vistos por eles.** Devemos buscar a glória de Deus, não a nossa própria.

a) *Dar Esmolas* (6.2-4). Jesus advertiu os seus discípulos contra anunciar a sua doação com trombetas, **como fazem os hipócritas** (2) em lugares públicos. **Já receberam o seu galardão** é uma expressão que pode ser traduzida como: "Já receberam a sua recompensa". Os papiros provaram que o verbo *apecho,* que Mateus emprega, era usado regularmente nos recibos daquele período. A força plena da afirmação de Jesus é que aquele que almeja e obtém o louvor dos homens, dá virtualmente um recibo: "Totalmente pago". Não haverá nenhum outro galardão aguardando por ele no céu.[44]

Algumas pessoas têm se recusado a fazer qualquer voto público, por

causa da admo-estação, **não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita** (3). Mas a Bíblia também diz: "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado" (Tg 4.17). Se o voto de alguém em público encorajar outra pessoa a dar, e a causa do Reino for assim aumentada, um cristão consagrado deve estar disposto a fazê-lo.

b) *Oração* (6.5-15). Jesus também indicou que uma oração que demonstre ostentação deve ser evitada. Os **hipócritas... se comprazem em orar em pé** em lugares proeminentes, **para serem vistos pelos homens** (5). Eles também "já.receberam o seu galardão". O Mestre enfatizou a importância da oração em **oculto** (6). Um dos lugares mais sagrados em Londres é o pequeno cômodo onde John Wesley orava. Ele tem uma janela, e está do lado de fora de seu quarto em sua casa na City Road. Os visitantes têm a impressão de que o ambiente é uma rica ilustração do espírito de oração.

Cristo advertiu contra o uso de **vãs repetições** (7) na oração. Algumas pessoas inconscientemente repetem nomes para a Divindade diversas vezes na oração pública, até que ela se torne incômoda. Isso é uma repetição desnecessária. O nosso Pai Celestial sabe que estamos falando com Ele, e sabe o que precisamos antes **de lho pedirmos** (8). Portanto não precisamos ficar repetindo as nossas petições.

A oração do Pai-Nosso é um modelo perfeito da simplicidade e sinceridade da petição de Jesus. Ela também é um lindo exemplo de paralelismo poético. Impressa na forma a seguir, ela tem apenas dez linhas. Mas como são significativas!

Pai nosso, que estás nos céus,

Santificado seja o teu nome.

Venha o teu Reino.

Seja feita a tua vontade,

Tanto na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

Perdoa-nos as nossas dívidas,

Assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

E não nos induzas à tentação,

Mas livra-nos do mal.

Aquele a quem nos dirigimos - **Pai Nosso** (9), sugerindo uma íntima comunhão, **que estás nos céus,** requerendo reverência - é seguido por seis petições. As três primeiras são pelos interesses do Reino. As outras três são pelas necessidades pessoais. A ordem é muito significativa. As necessidades do Reino devem sempre ter prioridade sobre todas as outras coisas.

Na verdade a oração começa, como todas as orações deveriam, com adoração: **Santificado seja o teu nome.** O texto grego diz: "Permita que teu nome seja santificado". Esta é uma petição desafiadora: Permita que o teu santo nome seja santificado através da minha vida hoje, à medida que eu, sendo portador do nome de Cristo, vivo a vida de uma maneira semelhante à dele.

A segunda petição é: **Venha o teu reino** (10). Isto deve ter precedência sobre os interesses pessoais. George Ladd diz: "Esta oração é uma petição para Deus reinar, para manifestar a sua soberania e poder majestosos, para colocar em fuga todo inimigo da justiça e de seus preceitos divinos, e que só Deus possa ser o Rei sobre o mundo inteiro".[45] Mas esta petição também está relacionada à evangelização mundial. Pois é particularmente na salvação das almas que vem o reino de Deus.

A terceira petição: **Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu,** foi ecoada por Jesus no jardim do Getsêmani (Lc 22.42). Não há maior oração que se possa oferecer. Devemos torná-la pessoal: Seja feita a tua vontade primeiro em meu coração, assim como ela é feita no céu.

A quarta petição é a primeira a expressar uma necessidade pessoal: **O pão nosso de cada dia dá-nos hoje** (11). O sustento físico não deve vir em primeiro lugar; mas ele tem o seu lugar no devido tempo. Deus está interessado nas nossas necessidades pessoais, e Ele quer que as coloquemos diante dele em oração. Ele prometeu suprir as nossas necessidades materiais, desde que coloquemos o seu reino em primeiro lugar (v. 33). O significado exato das palavras *de cada dia* (encontrado somente na oração do Pai-Nosso) é incerto. A palavra grega *epiousion* tem sido traduzida como "o necessário para a existência", "para o dia de hoje", "para amanhã", "para o futuro". A expressão **de cada dia** é melhor.

Uma necessidade mais urgente é o perdão: **Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores** (12). Aquele que carrega um espírito que não perdoa os outros deve parar antes de oferecer esta oração. Suponha que Deus o tome por sua palavra; que esperança haveria para ele? A versão de Lucas da oração do Pai-Nosso apresenta "pecados" em vez de "dívidas".[46] Todo ser humano está em dívida, pois "todos pecaram" (Rm 3.23). (Veja a exposição sobre Lucas 11.4.)

A última petição é: **E não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal (13) -**ou "do maligno". **Tentação** pode ser "provação"; a palavra grega pode ser traduzida de ambos os modos. Morison parafraseia a petição da seguinte forma: "E não nos coloque em provação, provação severa, provação que, em virtude de sua severidade, venha a pressionar duramente o nosso estado moral".[47]

Nos antigos manuscritos gregos, a oração do Pai-Nosso termina com esta petição. A doxologia que segue - **Porque teu é o Reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém!** - foi acrescentada há muito tempo, provavelmente para lhe dar uma conclusão mais acabada quando recitada em público. O acréscimo foi finalmente incorporado ao texto pelos escribas. Entretanto, é melhor incluí-la quando a oração do Pai-Nosso for recitada em público.

Nos dois versículos que se seguem à oração (14-15), Jesus mostrou a grande seriedade da questão de perdoar aos outros. Aquele que se

recusa a perdoar fecha a porta do céu em seu próprio rosto. Nenhum espírito que não perdoa pode entrar ali. Independentemente daquilo que for feito contra nós, devemos perdoar - completamente e para sempre.

c) *Jejum* (6.16-18). Outra vez os **hipócritas** (16) são descritos, desta vez como mostrando-se **contristados,** desfigurando o rosto, **para que aos homens pareça que je-juam.** E outra vez nos é dito que "já receberam o seu galardão".

As instruções de Jesus, colocadas em termos modernos, são as seguintes: Quando jejuar, penteie os cabelos e lave o seu rosto. Não tenha a aparência triste para lembrar as pessoas que você está jejuando. Antes, jejue por causa do bem espiritual dos outros e de si mesmo. Observe que Jesus diz que Deus tem uma recompensa para este tipo de jejum.

Sobre o valor espiritual do jejum, Pink diz o seguinte: "Quando o coração e a mente são profundamente exercitados com relação a um assunto sério, especialmente o de um tipo solene e pesaroso, há uma indisposição para alimentar-se, e a abstinência a partir daí é uma expressão natural da nossa falta de merecimento, do nosso senso de inutilidade comparativa das coisas terrenas, e do nosso desejo de fixar a nossa atenção nas coisas do alto".[48]

2. *Unidade de Propósito* **(6.19-24)**

a) *Um Único Tesouro* **(6.19-21).** Jesus advertiu sobre a loucura de juntar tesouros na terra. Tudo pode ser destruído ou perdido. Roupas caras tinham grande importância nos tesouros dos homens e mulheres orientais. A traça seria uma grande ameaça para tal riqueza; **ferrugem** também significa, literalmente, "comer". Assim, isto pode se referir a vermes comendo a roupa. Naquela época também era comum para os ladrões "cavarem" **(minarem, 19)** as paredes de barro das casas palestinas para **roubar.** Mas no céu todos os nossos tesouros estão seguros (20).

Jesus apresenta aqui um princípio muito significativo: **onde estiver**

o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração (21). Ao encorajar uma pessoa a contribuir para a obra do Senhor, você está ajudando a ligá-la ao céu. Até mesmo solicitar que um não-crente contribua para um projeto especial da igreja pode impulsioná-lo à salvação. Portanto, prestamos às pessoas um serviço claro quando lhes damos a chance de apresentar as suas ofertas ao Senhor. O nosso coração se encaminha para onde o nosso dinheiro se encaminha.

b) *Olhos Bons* (6.22-23). Jesus declarou que a candeia do corpo são os olhos. Se os olhos forem **bons,** todo o corpo terá **luz** (22). Mas se os olhos forem **maus** (uma palavra forte, *poneros),* o corpo será **tenebroso** (23). O que o Mestre estava querendo dizer é que somente a unidade de propósitos, ou pureza de intenção, pode manter o ser interior iluminado com a presença de Deus. O contraste entre a **luz** e as **trevas** é um tema favorito na Bíblia, especialmente em João. Isto também desempenha um papel proeminente nos manuscritos do Mar Morto, particularmente no manuscrito intitulado "A Guerra dos Filhos da Luz Contra os Filhos das Trevas".[49]

c) *Um Único Mestre* (6.24). Filson observa: "O versículo 24 (cf. Lc 16.23) afirma claramente a intenção dos dois parágrafos anteriores: Deus reivindica total lealdade; o discípulo não pode dividir a sua lealdade entre Deus e as suas posses"[5].[0] **Mamom** (24) é a palavra aramaica para dinheiro ou riqueza.

As três ênfases principais no capítulo 6 até este ponto são a simplicidade, a sinceridade e a unidade. Estas são virtudes básicas na vida do discipulado, como o próprio Senhor Jesus descreveu. Nenhuma parcela de habilidade ou intelectualismo sofisticados compensarão a falta delas.

3. *Simplicidade de Confiança* (6.25-34)

O pecado que Jesus condena nesta seção é o da preocupação. **Não andeis cuidadosos** (25) pode ser traduzido como: "Não estejais ansiosos". Não devemos nos preocupar com o alimento ou a roupa. **A vida** é **mais do que o mantimento** (comida). Aqui se trata tanto da existência espiritual quanto da vida material.

O Mestre, então, deu o exemplo das **aves do céu (26).** Elas não **semeiam,** nem **segam,** e contudo o Pai Celestial as alimenta. Quanto mais Ele cuidará de seus próprios filhos?

O significado de **estatura** (27) é incerto. Ele pode ser traduzido como "medida de sua vida", "extensão da vida", "curso da sua vida", mas também "altura" (NEB). A palavra grega (*helikia*) ocorre oito vezes no Novo Testamento. Em João 9.21,23 ela significa muito claramente "idade" - "tem idade; perguntai-lho". Mas em Lucas 19.3 ela também significa claramente "estatura". Zaqueu tinha falta de altura, não de idade. A questão é: O que a palavra significa aqui e na passagem paralela (Lc 12.25)? Parecería mais natural falar de acrescentar um **côvado** (45 centímetros) à altura de alguém do que à sua idade. Abbott-Smith dizem: "Mas o uso predominante na Septuaginta e nos papiros favorecem o antigo significado [idade] nestas passagens duvidosas".[51] O contexto aqui também favorece a "duração da vida". Seja qual for o significado da palavra, a afirmação de Jesus é poderosa. A preocupação não pode acrescentar nada à altura, idade ou extensão da vida de uma pessoa.

Deus não só alimenta as aves, mas Ele também veste **os lírios do campo** (28). Embora eles não **trabalhem,** nem **fiem,** contudo, nem mesmo Salomão em toda a sua glória se vestiu como qualquer deles (29). Se Deus cuida dessa maneira das flores efêmeras - que hoje estão aqui, e que amanhã serão inexistentes (tornando-se combustível para o **forno)** - quanto mais Ele vestirá os seus próprios filhos (30)? Esta é uma lógica que não se pode contestar. Assim, o discípulo não deve ficar ansioso sobre o que comer, beber ou vestir (31); seu Pai Celestial sabe o que ele precisa (32).

Segue-se, então, a grande passagem sobre a mordomia: **Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas**

(33). A ordem das petições na oração do Pai-Nosso é lembrada. Primeiro devemos buscar o Reino de Deus e a sua justiça para *nós mesmos.* Na verdade, o Reino de Deus é a justiça. Pink observa: "Agora, por 'justiça de Deus' devemos entender duas coisas:

uma justiça imputada e uma justiça concedida, que é colocada em nossa conta ou crédito e que é comunicada às nossas almas".[52]

Em segundo lugar, devemos buscar o Reino de Deus e a sua justiça para os *outros.* Isto é, a nossa principal preocupação como discípulos do Senhor deve ser a salvação das almas e a edificação da sua igreja. Se colocarmos isto em primeiro lugar, Ele promete suprir todas as necessidades materiais.

O capítulo termina com uma admoestação de encerramento, para não nos preocuparmos sobre o futuro (34). Já basta a cada dia o seu **mal;** isto é, problemas e cuidados que já lhe pertencem.

E. A **Vida dos Discípulos,** 7.1-29

1. *Advertências e Exortações* (7.1-23)

a) *Censura* (7.1-5). Um espírito crítico é uma negação da verdadeira religião. Este era um dos piores defeitos dos fariseus. Assim, Jesus advertiu os seus seguidores: **Não julgueis, para que não sejais julgados** (1). Usando o termo no sentido popular, poderiamos parafrasear assim: "Não seja crítico, ou você será criticado". Uma tradução livre ainda melhor seria: "Não condene os outros, ou você mesmo será condenado". Como Buttrick diz: "A censura crítica é um bumerangue".[63] O problema de julgar os outros é que nos colocamos acima daqueles que julgamos. Bowman e Tapp traduzem assim este versículo: "Não se 'sente no tribunal' a não ser que você tenha vindo para ser julgado!".[54] Oswald Chambers adverte os seus leitores: "Cuidado com qualquer coisa que o coloque no lugar de uma pessoa superior".[55]

Deve ser notado que vários comentaristas interpretam a segunda oração do primeiro versículo como se referindo ao dia do juízo final. Se julgarmos os outros seremos julgados por Deus (ou Cristo).

No versículo 2, Jesus declara, de forma dupla, um dos princípios básicos da vida. Ele pode ser colocado mais brevemente desta forma: "Você recebe o que você dá". Dê um sorriso e você receberá um sorriso;

dê um resmungo e você receberá um resmungo.

Então Jesus ilustrou a incoerência de um espírito crítico (3-5). Um homem vê um **argueiro** (3) - "grão" ou "lasca" - no olho de seu irmão e quer tirá-lo. Mas na verdade ele tem uma **trave** ou "tronco" em seu próprio olho. O Mestre sugeriu que seria melhor para o crítico tirar primeiro a trave de seu próprio olho, para que ele pudesse enxergar mais claramente a fim de tirar o argueiro do olho de seu irmão.

Jesus estava, obviamente, falando por meio de uma hipérbole. Mas Ele estava usando o forte princípio pedagógico de que as pessoas se lembram mais facilmente daquilo que lhes parece mais ridículo. Ninguém jamais podería se esquecer do quadro que ele pintou aqui.

Alguém que mostra um espírito agressivo e crítico ao criticar um defeito insignificante em um companheiro cristão, na verdade tem uma tora de madeira em seu próprio olho. A falta de amor sempre distorce a visão. O que Jesus está dizendo é: Você não pode ajudar outro companheiro até que tenha se livrado dessa atitude crítica que possui.

b) *Consagração* (7.6). A maioria dos comentaristas interpreta este versículo como uma advertência contra compartilhar ricas verdades espirituais com ouvintes indignos. Jones, no entanto, opõe-se a esta opinião, alegando que ela não se encaixa no contexto, nem representa o pensamento de Cristo. Assim, ele oferece a seguinte interpretação alternativa: "Não devemos tomar a parte santa da personalidade que está sendo aperfeiçoada, e dá-la aos cães do desejo, nem tomar as pérolas da nossa vida espiritual e lançá-las aos porcos, aos nossos apetites mais baixos, para que eles não pisem a parte santa no lamaçal, e, voltando-se, despedacem o bem mais precioso que possuímos, ou seja, a nossa vida espiritual".[56]

c) *Pedir* (7.7-12). Pedir, buscar, bater. O primeiro sugere uma oração sincera, o segundo uma oração fervorosa, e o terceiro uma oração desesperada. E talvez sugerido - e a experiência parece apoiar este pensamento - que às vezes é necessário simplesmente **pedir** (7) a fim de obter a resposta. Se ela não vier, deve-se começar uma oração

perseverante; deve-se **buscar.** Se a resposta ainda estiver demorando, pode ser necessário bater, em uma oração desesperada, e até mesmo agonizante. Mas a promessa é que todos esses tipos de oração serão recompensados (8).

Alexander Maclaren tem um sermão baseado nesta passagem chamado "A Nossa Batida". Ele analisa a verdade através de perguntas investigativas: 1) A quem estas exortações são corretamente dirigidas? 2) Em que parte da vida estas promessas são verdadeiras? 3) De que condições dependem estas promessas?

Jesus usou a analogia de um pai humano. Nem um dos seus ouvintes daria ao seu filho uma **pedra** por **pão,** ou uma **serpente** por um **peixe (9-10). A** conclusão, então, é que se nós, **sendo maus** - "mau como você e eu somos em comparação com o Pai"[57] -damos boas coisas aos nossos filhos, **quanto mais** o Pai Celestial dará **boas coisas** - e Lucas traz a expressão "o Espírito Santo" (Lc **11.13) - aos que lhe pedirem (11).** Não se pode fugir à lógica.

Achamada regra de ouro (12) resume **a lei e os profetas;** isto é, o Antigo Testamento. O cristianismo não é nada menos, mas é algo mais.

A regra de ouro havia sido declarada na forma negativa antes da vinda de Cristo. Confúcio disse: "Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você". Os mestres judeus tinham um ditado similar. Mas é geralmente reconhecido que Jesus foi o primeiro a apresentá-lo de uma forma positiva. Isso é algo muito diferente. Deixar de ferir é uma coisa; estender uma mão para ajudar, é outra. Esta atitude positiva é ilustrada pela parábola do Bom Samaritano (Lc 10.30-35).

d) *Dois Caminhos* (7.13-14). A idéia de dois caminhos é familiar no Antigo Testamento (cf. SI 1; Jr 21.8). Mas Jesus chamou a atenção para as portas. **Estreita** (13); a mesma palavra do versículo 14. A tradução literal é "apertada". O termo grego para **larga** significa "espaçosa". **O** "cristianismo do caminho largo" não levará ninguém para o céu. Este é um pensamento solene que Jesus

declarou; **poucos encontrariam** o caminho que leva à **vida.**

e) *Falsos Profetas* (7.15-20). Jesus teve que advertir os seus discípulos contra aqueles que viriam vestidos como ovelhas. Eles ajuntariam o rebanho de crentes, como se fossem um com eles, mas **interiormente** (15) seriam **lobos devoradores.** A igreja de Jesus Cristo tem sido afligida por esses falsos profetas ao longo de toda a sua história. Eles às vezes têm feito muito para destruir o rebanho. Como podem ser reconhecidos? **Por seus frutos os conhecereis (16).**

Cristo usou a analogia de vinhas e árvores frutíferas. Cada uma produz seus próprios frutos. Se a árvore for má, os frutos serão maus. O inverso também é verdadeiro. A árvore que não produz bons frutos **corta-se e lança-se no fogo.** Esta é uma advertência solene. Aqueles que não estão produzindo bons frutos não pertencem a Cristo (19).

f) *Falsa Profissão de Fé* (7.21-23). Enquanto a advertência anterior estava particularmente voltada aos líderes religiosos, esta trata do grupo de membros dentro da Igreja. O verdadeiro teste do discipulado é a obediência. Nem mesmo a pregação e a operação de milagres em Nome de Jesus Cristo prova que uma pessoa é aceita diante de Deus. O termo **demônio,** *diabolos* ("Diabo") é sempre singular no grego. **A** palavra aqui é plural, *daimonia,* "demônios". **A** penalidade para a desobediência é a separação de Deus.

2. *A Conclusão do Sermão* (7.24-29)

a) *Ilustração Final* (7.24-27). Aquele que ouve e pratica é como um homem que construiu a sua casa sobre a rocha. Quando as tempestades batem contra a casa com toda a sua fúria, ela ainda permanece firme. O termo enchente, utilizado por algumas versões, significa, literalmente, rios. O clima da Palestina é como o do sul da Califórnia, sob muitos aspectos. Os leitos dos rios ficam secos durante a maior parte do ano. Mas quando as chuvas do inverno e da primavera chegam, surgem as inundações. Jesus retratou o ouvinte descuidado como um homem que de forma insensata construiu a sua casa sobre a areia, e então a perdeu. As casas na Palestina são em sua

maioria construídas com pedras ou com tijolos secos ao sol. Quando as tempestades dissolvem a argamassa, as paredes tendem a cair.

b) *A Reação da Multidão* (7.28-29). Quando Jesus concluiu o seu sermão, o povo **se admirou da sua doutrina** - ou melhor, do seu "ensino". Ele ensinava **com autoridade** (29). As pessoas comuns sentiram a sua autoridade divina, que faltava aos **escribas,** e a reverenciaram. Os escribas tinham o hábito de citar antigos mestres como apoio aos seus ensinos.

Narrativa Retomada:

UM MINISTÉRIO DE MILAGRES

Mateus 8.1—9.34

Uma das principais características deste Evangelho é o seu arranjo sistemático (veja Introdução). Depois de três capítulos de ensinos, agora encontramos dois capítulos de poderosos milagres. As *palavras* de Jesus são seguidas pelas suas *obras*. Da mesma maneira que Moisés, depois de dar aos israelitas a Lei no monte Sinai começou a realizar milagres para o povo, assim também o novo Moisés, depois de dar no monte os mandamentos básicos do Reino, realizou milagres para dar provas do poder do Reino. A respeito dele, ainda mais verdadeiramente do que a respeito do primeiro Moisés, podería ser dito que "era poderoso em suas palavras e obras" (At 7.22).

Pode-se definir "milagre", de uma maneira muito resumida e simples, como "uma interferência na Natureza por um poder sobrenatural".[1]0 homem moderno questionou a credibilidade dos milagres. Mas C. S. Lewis coloca toda a questão sob o enfoque adequado ao escrever que: "O milagre central afirmado pelos cristãos é a Encarnação... qualquer outro milagre é a preparação para isso, ou é o resultado disso".[1]

Há dez "milagres do Messias" que estão registrados nos capítulos oito e nove. A predileção de Mateus por um arranjo sistemático também aparece no agrupamento dos acontecimentos destes dois capítulos. Primeiramente, ele apresenta três milagres - a cura de um leproso (8.1-4), de um paralítico (8.5-13) e da sogra de Pedro (8.14-17). Esses milagres são seguidos por uma breve seção de ensinos (8.18-22). Em seguida, vêm outros três milagres - a transformação da tempestade em bonança (8.23-27), a libertação de dois endemoninhados (8.28-34) e a cura de outro paralítico (9.1-8). A seguir, estão o cha-

mado de Mateus (9.9), a festa em sua casa (9.10-13), e uma discussão sobre o jejum (9.1417). O terceiro grupo de milagres inclui a cura da mulher com hemorragia e a ressurreição da filha de Jairo, mencionados juntos (9.18-26), a cura de dois cegos (9.27-31) e a cura

do mudo endemoninhado (9.32-34). Estes são seguidos por uma afirmação de que Jesus passou por toda a Galiléia, ensinando, pregando e curando; também há uma observação a respeito da necessidade de obreiros.

Dos dez milagres mencionados nestes dois capítulos, nove são curas, e o outro é um milagre da natureza. Jesus mostrou a sua autoridade divina sobre as enfermidades, a morte, os demônios e as tempestades.

A. Três Milagres de Cura, 8.1-17

1. *A Purificação de um Leproso* (8.1-4)

Este acontecimento também está registrado em Marcos 1.40-45 e em Lucas 5.12-16. Como de costume, o relato de Marcos é o mais vivido dos três. Marcos coloca o episódio no final de uma viagem de pregação pela Galiléia. Lucas o coloca depois do chamado dos quatro primeiros discípulos. Mas Mateus o coloca depois do Sermão do Monte. Isto está de acordo com o seu padrão de arranjo sistemático, agrupando em um lugar os ensinos de Jesus, e em outro os seus milagres.

Um exemplo interessante das diferenças de vocabulário dos três Evangelhos Sinóticos, embora com o mesmo significado, se encontra aqui. Mateus diz que veio um leproso e **o adorou** (2). Marcos diz: "rogando-lhe e pondo-se de joelhos". E Lucas diz: "prostrou-se sobre o rosto e rogou-lhe". Os três autores utilizam uma considerável liberdade de expressão para relatar os mesmos fatos, como seria de se esperar.

Quando Jesus **tocou** o leproso (3), Ele se tomou cerimonialmente impuro, de acordo com a Lei. Mas, na verdade, o seu poder **purificou** a doença. Assim nós, ao invés de ficarmos contaminados pelo contato com os pecadores, deveriamos, pelo poder do Espírito Santo, ter uma influência redentora sobre eles. Como a lepra, na sua maneira de espalhar-se pelo corpo e de devastá-lo, é um tipo impressionante do pecado na alma, é completamente adequado que a sua cura seja mencionada como uma "purificação" (cf. Lv 14.2).

Os versículos 2 e 3 sugerem o tópico “A Disposição do Amor” com três pontos: 1) O medo do homem - **se quiseres;** 2) A fé do homem - **podes tornar-me limpo;** 3) o cumprimento por parte do Mestre - **Quero; sê limpo.**

Cristo mandou que o homem curado se apresentasse ao sacerdote, para que pudesse ser oficialmente declarado purificado (cf. Lv 14.1-52). A expressão **para lhes servir de testemunho** (4) se refere aos sacerdotes, pois Jesus já lhe tinha dado a ordem de não divulgar o ocorrido. Marcos conta que o homem curado desobedeceu esta ordem. O resultado foi que o Mestre passou a enfrentar um obstáculo em seu ministério de ensino; as grandes multidões que vinham em busca de curas (Mc 1.45; cf. Lc 5.15). Como de costume, a narrativa de Mateus é a mais curta das três. [1] - que era o oficial encarregado de cem soldados romanos - veio até Cristo com um pedido urgente. Um dos seus servos, “a quem... muito estimava” (Lc 7.2) jazia em casa paralítico e **violentamente atormentado** (6). Lucas diz que ele estava “doente e moribundo”.

Jesus imediatamente respondeu: **Eu irei e lhe darei saúde** (7). Mas o centurião objetou, dizendo que ele não era digno de que o Mestre viesse à sua casa (8). Tudo o que Jesus precisava fazer era **dizer somente uma palavra** e o seu servo seria curado. Ele argumentou que, assim como ele dava as ordens e elas eram obedecidas, da mesma maneira as ordens do Mestre teriam completa autoridade para a sua execução (9). Quando Jesus ouviu esta incomum declaração de fé no seu divino poder, **maravilhou-se** (10) e disse aos seus seguidores de pouca fé: **Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé.**

Há somente uma outra ocasião em que se diz que Cristo se maravilhou, ou se admirou, e esta foi diante da incredulidade das pessoas da sua cidade (Mc 6.6). O Mestre deve ter sentido uma mistura de emoções ao ouvir as palavras do centurião - uma vibração de alegria diante da fé de um gentio, e uma pontada de tristeza diante da descrença dos seus companheiros judeus. Não se pode deixar de imaginar quais podem ser as Suas reações diante das atitudes dos

membros da Sua igreja na atualidade. Será que estamos alegrando o coração de Jesus com uma convicta fé nele?

Somente Mateus registra, nesta ocasião,[3] a advertência de Cristo de que muitos gentios virão **do Oriente e do Ocidente** (11) para se sentarem à mesa com os patriarcas no Reino dos céus, ao passo que os **filhos do Reino** (12) - os judeus - serão lançados **nas trevas exteriores** (11-12). Este é um dos diversos pontos onde Jesus faz uma forte advertência quanto a estar perdido na noite da eternidade. Vindo no final desta demonstração de fé, o ensino é claro. Aqueles que vêm ao **Reino dos céus** o fazem por meio da fé. Aqueles que não possuírem esta fé serão lançados fora.

O Mestre mandou que o centurião fosse para casa, com fé. **E, naquela mesma hora, o seu criado sarou (13).**

William Barclay desenvolve essa história sob três títulos: 1) Um pedido de um bom homem (5-6); 2) O passaporte da fé (7-12); 3) O poder que aniquila as distâncias (13).

Em um exame superficial, parece que Mateus e Lucas apresentam uma séria contradição em suas narrativas (veja o comentário sobre Lc 7.1-10). Lucas diz que o centurião não veio pessoalmente até Jesus, mas enviou alguns "anciãos dos judeus" para fazerem o pedido. Eles rogaram muito, dizendo que o centurião amava a nação judaica e que tinha construído a sinagoga deles (Lc 7.5). Quando Jesus estava a caminho da casa do homem, ele "enviou-lhe... uns amigos" para lhe dizer que não precisava vir, mas apenas pronunciar uma palavra de cura.

Todo o problema fica resolvido quando identificamos o hábito de Mateus de enfocar os acontecimentos através de um "telescópio", resumindo os fatos por meio de uma descrição breve e genérica, sem dar todos os detalhes. Inúmeros exemplos desse fenômeno podem ser encontrados no seu Evangelho. Neste caso, o centurião **veio** até Jesus representado por seus amigos.

E interessante observar que todos os centuriões mencionados no Novo

Testamento aparecem sob uma luz favorável. Além deste, os outros Evangelhos Sinóticos falam sobre o centurião junto à cruz, que deu um testemunho favorável por ocasião da morte de Jesus. Os demais centuriões são mencionados no livro de Atos. Um deles é Cornélio, no capítulo 10, e o outro, Júlio, no capítulo 27. Eles foram melhores do que os governadores, que eram os seus superiores hierárquicos, e do que os soldados que lhes eram subordinados.

3. *A Cura da Sogra de Pedro* (8.14-17)

Este milagre está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 1.29-34; Lc 4.3841). Marcos e Lucas indicam que ele aconteceu quando Jesus e os seus discípulos retornavam de um culto na sinagoga, no sábado. Mas Mateus o coloca junto com uma série de eventos de cima, sem uma seqüência cronológica.

Talvez Pedro estivesse embaraçado pelo fato de sua sogra não poder servir os convidados em sua casa. Mas Jesus **tocou-lhe na mão, e a febre a deixou** (15). O fato de que ela foi curada imediata e completamente está demonstrado pela afirmação de que ela **levantou-se e serviu-os.** Que emoção: **"O** toque da mão do Mestre na minha!"

Os três Evangelhos Sinóticos também narram os muitos milagres de cura que ocorriam após o pôr-do-sol, quando o sábado já tinha terminado. Uma característica notória desta ocasião foi a expulsão dos demônios, ou **espíritos** (16). Como é característico, Mateus cita uma passagem do Antigo Testamento como tendo sido cumprida: **Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças** (17).

Na versão AKC da Bíblia, em Isaías 53.4 lemos: "Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si". Morison afirma que essas palavras, como estão apresentadas em Mateus: **Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças** são "uma tradução mais literal do original hebraico do que a que está apresentada na nossa versão do Antigo Testamento".[4] Além disso, "a palavra hebraica

traduzida como *tristezas* em algumas versões, na verdade significa *doenças,* e é assim traduzida em quase todas as outras passagens onde aparece".[5] Filson observa que **tomou** e **levou** "têm aqui um significado pouco comum: levou embora, removeu".[6]

B. **O Custo do Discipulado, 8.18-22**

Jesus era um trabalhador vigoroso. Mas apesar disso percebeu que Ele e os seus discípulos precisavam às vezes afastar-se da **grande multidão** (18) que constantemente se aglomerava em volta dele. Então, Ele ordenou que fizessem a travessia para a **outra margem** - a margem leste do lago da Galiléia, onde poderiam ter um período tranqüilo para descanso e isolamento.

Um **escriba (19)** ansioso - um professor da Lei - aproximou-se de Jesus com uma oferta que soou como uma completa consagração: **Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei.** Mas Cristo pôs à prova este possível discípulo, lembrando-o de que **as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça** (20). Em outras palavras, Ele disse: "Pense no custo dessa decisão".

Esta é a primeira vez, no texto de Mateus, que aparece o título **Filho do Homem.** Ele é usado oitenta e três vezes nos Evangelhos - sempre saindo dos lábios de Jesus e sempre se aplicando a Ele mesmo. Exceto nos Evangelhos, ele só aparece no Novo Testamento - com o artigo definido "o Filho do Homem" - em Atos 7.56.

Já houve uma considerável discussão sobre o significado desta expressão. Vincent Taylor escreve: "Já se afirmou que *bar nasha* não pode querer dizer nada além de 'um

homem' ou 'homem' em geral; mas agora se reconhece amplamente que o termo pode carregar o sentido de 'o Homem', e desta maneira poderia ser usado como um nome para o Messias".[7] Manson encontra uma correlação íntima entre Filho de Deus, Servo do Senhor (em Isaías) e Filho do Homem. Ele diz: "... funções a princípio atribuídas pelos profetas ao príncipe da linhagem de Davi e que nos Salmos

reaparecem em uma forma transfigurada ou infiltrada de sofrimento na pessoa do Servo, e finalmente investida de todas as características de glória e esplendor apocalípticos na figura do sobrenatural Filho do Homem".[8] Este último uso se encontra em Daniel 7.13.

Um outro discípulo de Jesus lhe disse: **Senhor, permite-me que, primeiramente, vá sepultar meu pai** (21). A resposta do Mestre parece áspera: **Segue-me e deixa aos mortos sepultar os seus mortos** (22). Mas não devemos supor que o pai já estivesse morto e que Jesus estivesse tentando evitar a ida do discípulo ao sepultamento. A exigência na Palestina era que o corpo fosse sepultado no mesmo dia da morte. Provavelmente o pai desse discípulo ainda viveria por alguns anos. Mas, sendo o filho mais velho (aqui implícito), era sua responsabilidade cuidar para que quando o seu pai morresse, tivesse um sepultamento adequado. Jesus lhe informou que havia coisas mais importantes para fazer. Aqueles que estavam espiritualmente **mortos** poderiam sepultar aqueles que passassem a estar fisicamente **mortos.**

Esta passagem só tem um paralelo em Lucas 9.57-62. Ali, um terceiro indivíduo é quem se oferece para seguir a Cristo. Mas antes ele quer se despedir dos que estão em casa. Isto poderia significar dias de festas e de visitas a todos os seus parentes. Jesus o advertiu do perigo de "olhar para trás".

Bonhoeffer expressou bem o principal impulso desta seção. Ele diz: "Jesus convoca os homens para segui-lo, não como um professor ou como um padrão de uma vida de caridade, mas como o Cristo, o Filho de Deus... Quando somos convocados para seguir a Cristo, somos convocados para uma ligação exclusiva com a sua pessoa".[9]

C. Mais Três Milagres, 8.23—9.8

1. *Acalmando a Tempestade* (8.23-27)

Depois do atraso causado pela conversa com os dois homens (cf. v. 18), Jesus **entrou em um barco** com os seus discípulos (23). Este era provavelmente o pequeno barco de pesca de Pedro. Quando eles

estavam cruzando o lago, se levantou (24) uma **tempestade** (*seismos*, "terremoto"). Enquanto o barco era **coberto pelas ondas,** Jesus estava dormindo (tempo imperfeito). Ele estava tão cansado que a tempestade não o despertou (veja também Mc 4.35-41; Lc 8.22-25).

Muito assustados, os discípulos o despertaram com o grito: **Senhor, salva-nos, que perecemos** (25). Ele primeiro os repreendeu por **temerem** (26; de forma literal, "covardemente") e então **repreendeu** os ventos e o mar. O resultado foi uma **grande bonança.** Não é de surpreender que **aqueles homens tenham se maravilhado** (27). Em seus anos de pescaria no lago eles já tinham passado por muitas tempestades graves, mas nunca por uma que tivesse sido subitamente acalmada pela ordem de uma pessoa. A reação deles ainda hoje é pertinente: **Que homem** é **este!** Como um mero homem Ele seria completamente inexplicável.

2. Os *Endemoninhados Gadarenos* **(8.28-34)**

Quando Jesus e os seus discípulos chegaram ao lado leste do lago da Galiléia - cerca de onze quilômetros de travessia - eles se encontraram no país dos *Gergesenos.* Isto pode representar a vila de Khersa, cujas ruínas estão próximas à única colina perto da costa leste. Mas em alguns manuscritos gregos consta "gerasenos" (a leitura em Marcos e Lucas). Gerasa estava a cerca de 48 quilômetros a sudeste do lago. "Gadareno" é o termo que os mais antigos manuscritos gregos apresentam no texto de Mateus. Gadara era a cidade mais próxima, a quase dez quilômetros de distância.

O fato de Mateus mencionar **dois (28)** endemoninhados, ao passo que Marcos e Lucas falam somente de um, pode ser devido à sua mente de contador. Sendo um coletor de impostos, ele tinha que manter estatísticas cuidadosas. Os outros dois evangelistas podem ter mencionado somente o mais proeminente dos dois.

Embora a descrição de Marcos seja mais completa e vivida, Mateus é o único que diz que **tão ferozes eram, que ninguém podia passar por aquele caminho.** Esses dois homens estavam colocando em perigo a vida dos habitantes daquela região.

Os demônios, como em outras ocasiões, reconheceram Cristo como sendo o Filho de Deus e temeram o **tormento** que inevitavelmente sofreriam **(29).** Atendendo um pedido, Jesus permitiu que os demônios entrassem em uma manada de porcos que estava nas proximidades - Marcos afirma que eram quase dois mil. O resultado foi que toda a manada morreu nas águas do lago **(30-32).** Aqueles que guardavam os porcos fugiram até à cidade para contar tudo o que havia ocorrido **(33). Toda aquela cidade saiu ao encontro de Jesus (34). O** povo, tomado pelo medo (Lc **8.38)** rogou que Ele se retirasse **do seu território** (das suas "fronteiras" ou do seu "distrito"). Eles tiveram medo do poder de Jesus.

Como de costume, a narrativa de Mateus é muito mais curta do que a de Marcos (5.1-20), ou mesmo do que a de Lucas (8.26-39). Ele deixa de lado muitos dos detalhes encontrados nos relatos dos outros dois evangelistas, de acordo com o seu procedimento usual de resumir o material da narrativa.

Algumas vezes, duas questões têm sido formuladas a respeito desse acontecimento. A primeira é: Por que Jesus permitiu que esses porcos fossem destruídos? Houve quem sugerisse que Ele queria confirmar a fé dos dois endemoninhados curados, por esta evidência visível de que os demônios haviam realmente deixado os seus corpos. Alguns pensam que Jesus fez isso para mostrar à multidão o poder tremendo e as tendências destrutivas que os demônios possuem. Trench escreve sobre o relato onde somente é mencionado um endemoninhado: "Se esta concessão ao pedido dos espíritos maus ajudou de alguma maneira a cura deste sofredor, fazendo com que eles relaxassem a sua posse do corpo dele com maior facilidade, aliviando o ataque através de sua saída, este teria sido um motivo suficiente para permitir que aqueles animais morressem. Para a cura definitiva do homem poderia ter sido necessário que ele tivesse esta evidência exterior e o testemunho de que os poderes infernais que o mantinham aprisionado agora o haviam deixado".[10]

Uma segunda pergunta que se faz é a seguinte: Que direito tinha Jesus de destruir a propriedade de outras pessoas? A resposta para

esta pergunta é mais difícil. Se tivéssemos certeza de que os donos eram judeus, isto ofereceria uma solução simples. Os judeus deveríam evitar as carnes impuras, o que incluía os porcos. Mas Decápolis era uma região de população predominantemente gentílica. De qualquer forma, o caráter de Cristo garante que Ele não faria nada injusto. Os atos de Deus não podem ser sempre julgados segundo os padrões dos homens. Porém devemos sempre nos lembrar de que Deus não fica devendo nada a ninguém. Se tivéssemos mais informações, poderiamos entender melhor esta situação.

3. *A Cura do Paralítico* (9.1-8)

Deixando Decápolis, como lhe havia sido solicitado, Jesus **passou para** a margem oeste (veja o mapa), à **sua cidade** (1). Esta cidade era Cafarnaum, que Ele tinha escolhido como o quartel-general para o seu ministério na Galiléia. Ela estava localizada na costa noroeste do Lago da Galiléia.

Ali trouxeram a Ele **um paralítico** - uma única palavra em grego,*paralyticon.* Quando Jesus viu a **fé deles** - provavelmente tanto a do homem enfermo quanto a dos seus amigos - disse ao paralítico: **Perdoados te são os teus pecados** (2). O texto grego diz: "Os seus pecados estão perdoados". Este já era um fato concreto. Os judeus acreditavam que as enfermidades eram conseqüências do pecado na vida de uma pessoa (Jo 9.2). Existe a possibilidade de que a paralisia deste homem tenha sido causada, em parte, por um severo complexo de culpa, e que ele precisasse, antes de mais nada, cuidar desse aspecto.

Alguns escribas ali sentados pensaram: **Ele blasfema** (3). Jesus, **conhecendo os seus pensamentos,** perguntou: **Por que pensais mal em vosso coração? (4).** A absolvição do homem pecador colocou Cristo em uma posição difícil no conceito desses fariseus. "Ou Ele era o Filho de Deus ou - como os escribas disseram segundo o ponto de vista deles - era um blasfemo."[11] Ele já tinha demonstrado suficientemente a sua divindade, mas eles ainda não criam nele. Agora, a realização do milagre justificava a sua reivindicação de ter o direito divino de perdoar os pecados.

O que é mais fácil? perguntou Jesus: **Dizer ao paralítico: Perdoados te são os teus pecados, ou: Levanta-te e anda?** (5). A resposta dos escribas teria sido a primeira. Pois ninguém poderia confirmar os resultados desta afirmação. Mas Jesus curou o corpo do homem - um fato possível de ser observado - como prova de que Ele tinha perdoado os seus pecados.

A cura deste paralítico de Cafarnaum é "a primeira história que coloca o divino poder de cura de Jesus em uma relação direta com o seu divino poder e autoridade para perdoar pecados".[12]

Como no caso do evento anterior, a narrativa de Mateus é muito mais curta e menos vivida do que a de Marcos (2.1-12) ou do que a de Lucas (5.17-26). Ele não diz nada sobre os quatro homens (Marcos) que traziam o paralítico, descobrindo o telhado e fazendo um buraco nele (Marcos e Lucas). Uma cuidadosa comparação destes três relatos fornece uma amostra legítima das diferenças típicas dos três Evangelhos no tratamento do material da narrativa.

D. **Misericórdia,** Não **Sacrifício,** 9.9-17

1. *A convocação de Mateus* (9.9)

Quando Jesus estava saindo de Cafarnaum, Ele viu um homem chamado **Mateus -**"Levi" em Marcos 2.14 e Lucas 5.27 - sentado **na alfândega.** Isso pode sugerir uma alfândega perto do cais da cidade, onde os peixes eram examinados e os impostos sobre eles eram coletados. Outra possível tradução é o *lugar onde os impostos eram pagos* (ASY), e podería se tratar de uma praça de pedágio na grande estrada entre Damasco e o Egito, onde as caravanas eram obrigadas a pagar o pedágio sobre os bens que levavam. Provavelmente a melhor tradução será "eoletoria". Os romanos exigiam que os judeus pagassem impostos por cada árvore frutífera, cada poço, cada pedaço de terra e cada animal que eles possuíssem. Essa taxação parecia opressiva e o fato de ser imposta por estrangeiros era particularmente ofensivo.

Para esse coletor de impostos Jesus disse apenas: **Segue-me.** Mateus

imediatamente, **levantando-se, o seguiu.** Este foi um grande passo para Mateus. Bonhoeffer comenta: "O discípulo é arrastado da sua relativa segurança para uma vida de completa insegurança (ou seja, na verdade, para a completa segurança da companhia de Jesus)".[13]

2. *Comendo com os Publicanos e Pecadores* (9.10-13)

Quando Jesus estava **sentado à mesa** (literalmente, "reclinado à mesa") **em casa** - Lucas 5.29 a identifica como sendo a casa de Levi (Mateus) - **muitos publicanos e pecadores** sentaram-se **juntamente com Jesus e seus discípulos** (10). Uma boa tradução para **publicanos** é "coletores de impostos". Os *publicani* eram os homens ricos, normalmente romanos, que eram responsáveis pelos impostos de regiões inteiras. Os assim chamados **publicanos** dos Evangelhos eram os coletores de impostos locais -judeus que eram odiados pelos seus compatriotas. Eles eram considerados "de dupla face" e "desprezíveis" porque "tinham vendido os seus serviços para o opressor estrangeiro contra o seu próprio povo, e estavam literalmente envolvidos em um roubo".[14]

Os **pecadores** eram aqueles que assim eram considerados pelos fariseus, porque não eram cuidadosos na observância das muitas exigências cerimoniais da lei escrita e oral. Um judeu sério não comería com os publicanos nem com os pecadores.

Então os fariseus reclamaram aos **discípulos** (11). Aparentemente, temiam atacar a Jesus diretamente. Mas o Mestre tinha uma resposta para eles: **Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes** (12). Isto expressa um fato perfeitamente óbvio e explica por que os fariseus desprezavam Jesus. Eles pensavam que eram **sãos.** O Mestre então cita Oséias 6.6 - **Misericórdia quero e não sacrifício** (13). Uma das idéias dominantes dos Profetas Menores é a exigência da justiça, mais que o ritualismo. Isto é o que esta declaração do Antigo Testamento significa. Ela continua válida hoje em dia. Nenhuma quantidade de sacrifícios de animais - nem ritualismo ou retidão exterior -compensa a falta de amor e de misericórdia na vida de uma pessoa. Jesus não veio para convocar aqueles que se consideravam **justos,** mas aqueles que tinham necessidades -aqueles

que eram **pecadores** desprezados.

3. *A Questão do Jejum* (9.14-17)

Marcos (2.18) torna este episódio mais vivido apresentando o contexto da situação: "Os discípulos de João e os fariseus jejuavam" (ASV). Isto é, na verdade, era um dia de jejum, e estes dois grupos de judeus rigorosos estavam respeitando a ocasião. Eles ficaram chocados ao ver que os discípulos de Jesus estavam comendo em um dia de jejum. Então fizeram perguntas a esse respeito. A expressão **muitas vezes** (14) não aparece nos manuscritos gregos mais antigos. Deixando-a de fora, a pergunta em

Mateus é basicamente a mesma em Marcos: "Por que jejuamos nós, e os fariseus... e os teus discípulos não jejuam?"

Jesus respondeu usando a imagem de um casamento. **Os filhos das bodas** (15) significa os amigos do noivo. Eles não podem **andar tristes** - o jejum é, de alguma maneira, um símbolo de tristeza - enquanto o noivo está com eles. Mas Jesus indicou que chegaria uma época em que Ele seria levado, e então os seus discípulos iriam jejuar.

Para ilustrar o contraste entre o Antigo e o Novo, Jesus mencionou duas parábolas curtas. A primeira foi aquela que tratava de fazer um remendo novo em uma roupa velha (16). Quando a roupa fosse lavada, o remendo novo iria encolher e esticar as extremidades da roupa previamente encolhida. Isto faria com que a roupa se rasgasse.

O segundo exemplo foi o de colocar vinho novo em odres velhos (17). Eles não tinham **garrafas** de vidro naquela época. Ao invés disso, usavam bolsas feitas de peles de cabra. A carcaça era removida e a pele era costurada, exceto pelo pescoço. Ainda se pode ver pessoas na Palestina enchendo bolsas de peles de cabra com água em fontes.

Se o vinho novo for colocado em uma pele "nova" ou "fresca", a pele irá esticar devido à fermentação e à expansão do vinho. Mas se o vinho novo for colocado nas peles velhas, quebradiças e já esticadas, será um desastre. As peles secas e esticadas não têm capacidade para esticar

mais pela atuação da fermentação do vinho novo. Ao invés disso, elas irão arrebentar em algum ponto, e tanto o vinho quanto a pele se perderão.

A aplicação é clara. As novas verdades do cristianismo não devem ser aplicadas às antigas formas do judaísmo. Os primeiros capítulos do livro de Atos dão uma idéia das dificuldades envolvidas na substituição das peles antigas pelas novas. As instituições entrincheiradas podem rachar e serão incapazes de guardar as novas verdades.

Os três episódios desta seção (9.9-17) são encontrados nos três Evangelhos Sinóticos (veja Marcos 2.13-22; Lucas 5.27-39).

E. O Terceiro Conjunto de Milagres, 9.18-34

1. *Um Milagre Duplo* (9.18-26)

Nos três Evangelhos Sinóticos[15] a cura da mulher que tinha uma hemorragia é colocada no contexto da ressurreição da filha de Jairo. Assim, esses dois episódios serão tratados em conjunto.

Jesus foi abordado por um chefe da sinagoga,[16] Jairo, - o nome é dado em Marcos **5.22** - com o pedido de que Ele viesse e colocasse a mão na cabeça de sua filha. Mateus relata que Jairo disse: **Minha filha faleceu agora mesmo** (18) ao passo que Marcos apresenta: "Minha filha está moribunda" (Mc **5.23)** - literalmente, "no seu último suspiro". Marcos e Lucas falam de alguém que conta, quando estavam a caminho da casa, que a filha tinha morrido. Mas ela estava morta quando Jesus começou a caminhar com Jairo? Uma vez mais, para uma explicação nos valemos do costume de Mateus de resumir a narrativa. Marcos e Lucas dão os detalhes corretos que preenchem o magro relato de Mateus.

Enquanto Jesus estava acompanhando Jairo até à sua casa, uma tímida mulher que vinha sofrendo de uma hemorragia durante doze anos veio por trás dele e **tocou a orla da sua veste (20)** - ou "a borda da sua veste" (cf. Nm **15.38).** Ela acreditava que se tocasse a

sua veste, **ficaria sã (21). O** verbo aqui é *sozo,* que é usado com freqüência nos

Evangelhos e algumas vezes no Livro de Atos, significando a cura física. Mas nas Epístolas ele é usado regularmente significando a salvação espiritual. As palavras gregas para Salvador e salvação têm a mesma raiz de *sozo.* Elas enfatizam o fato de que a salvação significa a saúde espiritual ou a saúde completa.

Não foi o toque na veste de Jesus que curou a mulher; foi a sua fé (22). Mas a sua fé se manifestou através do seu ato.

Quando Cristo chegou à casa do chefe da sinagoga, Ele encontrou **os instrumentistas e o povo em alvoroço** (23), ou "tumulto". Esses **instrumentistas** ou "flautistas" seriam as carpideiras contratadas, profissionais. Quanto mais ruído fizessem no sepulta-mento, mais dinheiro receberíam. Como o corpo devia ser enterrado no mesmo dia, não havia tempo a perder.

Que contraste com a conduta calma e digna de Cristo! Ele mandou embora as carpideiras contratadas: **Retirai-vos** (24). Ele garantiu a todos que a jovem não estava morta, mas somente adormecida. Irritadas e frustradas, as carpideiras riram dele.

Colocando os incrédulos para fora da sala, Jesus levou consigo somente Pedro, Tiago e João, além dos pais da menina (cf. Marcos e Lucas). O Criador pegou a mão da menina sem vida e ela se levantou (25).

A história da ressurreição de uma garota naturalmente causou grande comoção, e divulgou ainda mais a fama de Jesus por toda a terra da Palestina (26).

2. *A Cura de Dois Cegos* (9.27-31)

Este episódio, assim como o seguinte, só está registrado em Mateus. Novamente encontramos dois homens - desta vez, **dois cegos** (27). Eles clamaram: **Tem compaixão de nós, Filho de Davi.** Filson

observa: “Eles o aceitam como o líder messiânico esperado que iria fazer as maravilhosas obras de misericórdia mencionadas em Isaías 35.5”.[17]

Quando afirmaram a sua fé nele (28), Jesus respondeu: **Seja-vos feito segundo a vossa fé (29).** Esta é uma afirmação tremendamente desafiadora para todos os cristãos da atualidade. Teremos aquilo que cremos que o Senhor pode fazer por nós.

Quando o Grande Médico tocou os olhos deles, logo puderam ver. Então Jesus os **ameaçou,** dizendo que não contassem a ninguém o que havia acontecido (30). O verbo é muito forte em grego. Aqui ele significa “advertir com firmeza”.[18] A razão para Jesus falar tão energicamente era que Ele não queria que o excesso de publicidade atrapalhasse o seu ministério de ensino, causando a vinda de multidões procurando apenas a cura. Mas a ameaça foi em vão. Os dois homens **divulgaram a sua fama por toda aquela terra** (31). ’

3. *A Cura do Endemoninhado e Mudo* (9.32-34)

Os Evangelhos mostram a possessão demoníaca como causando a demência, e, aqui, a mudez. Quando libertado do demônio, o homem falou. Novamente **a multidão se maravilhou** (33) com o poder de Deus.

Mas os fariseus tinham uma outra explicação para o fato. Eles disseram que Jesus estava expulsando os “demônios” por meio do príncipe dos demônios (34). Esta era uma perversão moral por parte daqueles líderes religiosos, confundindo o demoníaco com o Divino. Em outra passagem vemos Jesus lidando firmemente com essa atitude deles.

Seção IV

Segundo Discurso:

1

A *Cura do Servo do Centurião* (8.5-13)

Este episódio não é registrado por Marcos, mas somente por Lucas (7.1-10). Aconteceu em **Cafamaum,** a cidade que Jesus tinha adotado como seu quartel-general. Um **centurião**

AS INSTRUÇÕES PARA OS DOZE

Mateus 9.35—10.42

A. A Necessidade de Obreiros, 9.35-38

A afirmação resumida sobre o ministério de Jesus na Galiléia no versículo 35 é muito similar à do texto em 4.23. Nos dois versículos se chama a atenção para o *ensino, a pregação* e *a cura.* A palavra grega para enfermidades significa "moléstia", e denota "doença".[1] Assim, a tradução correta é "todas as enfermidades e moléstias".

A expressão Teve grande compaixão (36) é uma única palavra em grego, *esplangchnisthe.* Este verbo ocorre cinco vezes em Mateus, quatro em Marcos e três em Lucas. Ele vem de *splangchnon,* que significa "as partes interiores". Ele só é usado literalmente uma vez no Novo Testamento (At 1.18), e dez vezes metaforicamente, significando "o coração, os sentimentos".[2] Aqui a idéia é a de que o coração de Jesus estava movido pela compaixão - o que literalmente significa "sofrendo com". Como o verbo está no aoristo passivo, é melhor traduzi-lo como "ele estava *tomado* pela compaixão". Esta era a reação imediata de Cristo às necessidades humanas.

Desta vez o seu coração foi tocado porque Ele viu a multidão desgarrada e errante, como ovelhas que não têm pastor. Os líderes religiosos do judaísmo não estavam cumprindo a sua responsabilidade como pastores do povo. As ovelhas estavam "esgotadas" e "prostradas".

Assim, Ele disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros (37). Os olhos compassivos do Mestre viam a multidão como um grande campo, pronto para a colheita. Ele disse aos seus discípulos: **Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara** (38). Esta oração ainda hoje é pertinente. Pois embora os ceifeiros estejam em maior número, eles não são suficientes diante do crescimento colossal da seara. Vinte séculos depois, existem incontáveis multidões de pessoas que nunca ouviram

as boas-novas do evangelho, de que Cristo morreu para salvá-las do pecado. *Mandar* é um verbo forte em grego. Jesus tinha urgência de que a tarefa da evangelização fosse desempenhada.

Neste exemplo, e nestas palavras de Jesus, podemos ver: 1) O Nosso Senhor nos ensinando como olhar para os homens; 2) Como essa visão nos deve tocar; 3) Como Cristo gostaria que nós agíssemos (Maclaren).

B. A Missão dos Doze, 10.1-42

1. *A Nomeação* (10.1-4)

Jesus escolheu **doze discípulos** (1) para que empreendessem uma viagem missionária pelas doze tribos de Israel. As fronteiras dessas tribos já não estavam intactas, mas havia representantes de todas estas tribos no meio do povo que ficou na terra, assim como no meio daqueles que retornaram do cativeiro. A missão dos doze era estritamente voltada às "ovelhas perdidas da casa de Israel" (6).

Aos seus mensageiros, Jesus deu "autoridade" - a palavra grega é *exousia* - **sobre os espíritos imundos.** Uma importante parte do ministério dos discípulos, como do próprio Senhor, consistia em expulsar demônios, e curar os enfermos.

A expressão **espíritos imundos** aparece duas vezes em Mateus, dez vezes em Marcos, e cinco em Lucas (além de "espírito de um demônio imundo", 4.33), duas vezes no livro de Atos e uma vez no Apocalipse (16.13). Ela parece ser uma designação particularmente apropriada para "demônios". Essa última palavra, *daimonia,* é encontrada onze vezes em Mateus, treze em Marcos, vinte e duas vezes em Lucas e seis vezes em João -de um total de sessenta vezes no Novo Testamento. Lucas também os chama de "espíritos maus" ou "espíritos malignos" (Lc 7.21; 8.2; At 19.12-13,15-16).

Os doze discípulos são chamados de **apóstolos (2). A** palavra vem do grego *apostolos,* que quer dizer "alguém enviado em uma missão". Walls observa que **"A** força do termo *apostolos* é provavelmente a de 'alguém comissionado' - e está implícito que se trata de alguém

comissionado por Cristo".[3]

Listas dos **doze apóstolos** podem ser encontradas em todos os Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 3.16-19; Lc 6.14-16) e em Atos 1.13. Todas as listas começam com Pedro e terminam com Judas Iscariotes (exceto a última, que foi preparada quando Judas já estava morto). Os quatro pescadores sempre são citados em primeiro lugar, embora em seqüências diferentes. Mateus e Lucas os mencionam como pares de irmãos. Marcos e Atos mencionam Pedro, Tiago e João em primeiro lugar, como constituindo o círculo mais íntimo, um grupo privilegiado que esteve a sós com Jesus na ocasião da ressurreição da filha de Jairo, no Monte da Transfiguração e no Getsêmani. Além disso, o segundo grupo de quatro nomes sempre começa com Filipe, e o terceiro grupo com Tiago, o filho de Alfeu. As pequenas diferenças podem ser vistas na comparação das listas.[4]

Simão "é um nome grego comum substituto do hebraico Symeon" (cf. Atos 15.14)." **Pedro** é o grego *petros* ("pedra"). Ele é designado como sendo **o primeiro.** Tasker diz: "Há pouca dúvida de que o *primeiro (protos)* signifique 'o primeiro e o principal' "? **André** e **Filipe** são nomes gregos. **Bartolomeu, Tomé** ("gêmeo") e **Mateus** são nomes aramaicos. Aquele que foi apelidado como **Lebeu** talvez deva ser omitido, por não ser encontrado nos dois manuscritos gregos mais antigos (cf. as versões revisadas). Marcos apresenta simplesmente **Tadeu.** Em lugar desse nome, Lucas usa "Judas, filho [ou irmão] de Tiago" (Lc 6.16; At 1.13). Tasker observa: "Pode ser que Judas fosse o seu nome verdadeiro; porém, mais tarde, devido ao estigma ligado ao nome Judas Iscariotes, Tadeu (que talvez signifique "de coração bondoso") tenha sido um nome que substituiu o nome Judas".[7]

Simão, o Zelote (4), esta última palavra deve ser entendida como simplesmente designando-o como um judeu que era zeloso pela lei (como Saulo) ou um homem que foi, anterior mente, um membro do grupo revolucionário que se tornou conhecido como "os zelotes".[8] **Iscariotes** normalmente se explica como um "homem (hebr. *ish)* de Queriote" - um vilarejo de Judá. Se isso estiver correto, Judas era, aparentemente, o único dos doze que não era da Galiléia.

2. *Instruções* (10.5-15)[9]

A primeira instrução que o Mestre deu aos seus doze apóstolos (somente no texto de Mateus) foi a de não evangelizar **as gentes** (ou "os gentios") nem os **samaritanos** (5). Depois do Pentecostes isso seria feito, como está registrado no livro de Atos. Mas antes da sua crucificação, Jesus estava preocupado em oferecer o Reino a Israel. Paulo declarou que o evangelho de Cristo é "o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (Rm 1.16). **As ovelhas perdidas da casa de Israel** (6) devem ser as primeiras a ter a oportunidade de aceitar o seu Messias.

A mensagem que eles deviam *pregar* (proclamar) era: **E chegado o Reino dos céus** (7). Esta era a mensagem de Jesus e de João Batista.

Juntamente com a sua pregação, eles deviam desempenhar um ministério de cura dos enfermos e de expulsão dos demônios (8). A ordem, **ressuscitai os mortos** (encontrada somente no texto de Mateus) apresenta um problema. Adam Clarke a rejeita como improvável.[10] Stier diz: "Nós a consideramos uma importação espúria de uma época futura... à fraca fé deles não se podería confiar esse poder tão grande".[11] Mas estas palavras são encontradas na maioria dos primeiros manuscritos gregos. A. B. Bruce afirma: "Está... demasiadamente autenticada para ser omitida", e acrescenta: "Ou ela encontrou um lugar no manuscrito, ou deve ter se infiltrado como um comentário em um período muito curto".[12] O problema é que os Evangelhos registram somente três vezes em que Jesus ressuscitou os mortos. Alguns pensam que é difícil imaginar os doze apóstolos fazendo isso. Mas o Mestre delegou sua autoridade aos seus apóstolos, e esse poder estava potencialmente incluído. Nos Evangelhos não há registro de que eles realmente tenham ressuscitado os mortos, embora Pedro posteriormente tenha ressuscitado Dorcas (At 9.36-43).

A seguir vêm as instruções específicas em resposta à pergunta que não foi feita: "O que devemos levar conosco?" A ordem foi: **Não possuais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos** (9). Estas eram as três modalidades de dinheiro. O **ouro** tinha o lugar do

nosso atual papel-moeda. **Cintos** literalmente significa os cintos de dinheiro -o lugar mais seguro para se transportar dinheiro.

Os **alforjes** (10) também estavam proibidos. O termo*pera,* em grego, era a palavra usada para a bolsa de couro de um viajante. Mas com base em uma inscrição deste período na Síria, Deissmann afirma: "Este termo claramente significa a bolsa em que os mendigos guardavam as esmolas que recebiam".[13] Assim, a orientação de Cristo significa duas coisas: "Não haverá pagamento, e nem mendicância".[14]

Eles não poderíam ter duas **túnicas.** A palavra grega se refere à roupa íntima. Assim, "camisas" (Moffatt) seria uma boa tradução. **Sandálias** quer dizer literalmente "atado embaixo". Eles deveríam usar sandálias, mas não poderíam levar um par extra (cf. Mc 6.9).

Bordão está no singular nos manuscritos antigos - "nem um bordão". Evidentemente algum copista posterior passou o termo para o plural, porque parecia estar em conflito com o texto de Marcos - "senão um bordão". Mas Mateus diz que eles não deveríam **possuir** ou "conseguir" um bordão; isto é, um bordão extra. Eles deveríam simplesmente levar o que tinham, e sair para a sua missão.

A razão para essas instruções rigorosas é óbvia. Os discípulos fariam uma viagem urgente e de curta duração. O clima era quente e os costumes da época lhes garantiam comida e alojamento grátis onde quer que estivessem. Assim, eles não precisavam se sobrecarregar com bagagens.

Eles deveríam escolher cuidadosamente os seus alojamentos em cada cidade, e permanecer na mesma casa enquanto estivessem ali **(11).** Ao entrar em uma casa a instrução era **saudai-a (12).** A saudação costumeira era "Shalom", a palavra hebraica que significa "paz!"

Quando rejeitados, deveríam sacudir dos pés a poeira do lugar (14) como um sinal de que Deus, por sua vez, rejeitava aquela casa ou cidade porque ela havia rejeitado a sua mensagem. Jesus declarou que **haverá menos rigor para... Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade** (15). Muita coisa foi dita nos últimos anos sobre "os

bondosos ensinos do humilde galileu". Mas em diversas ocasiões Jesus falou com voz severa sobre a realidade de um julgamento futuro. A destruição de Sodoma é mencionada diversas vezes no Novo Testamento como um exemplo de advertência (cf. 11.23-24; Lc 10.12; 17.29; Rm 9.29; 2 Pe 2.6; Jd 7). Na verdade, em determinada ocasião Jerusalém chegou a ser chamada de "Sodoma" (Ap 11.8).

3.*Advertências* (10.16-23)

Jesus advertiu os seus discípulos quanto às perseguições que os surpreenderíam. Esta predição não fala apenas da viagem imediata que eles estavam fazendo, mas também dos muitos anos de ministério que estavam por vir. Eles estavam saindo como **ovelhas** ao meio de **lobos** (16). O Livro de Atos fornece uma documentação vivida desta afirmação. Os missionários deveríam ser **prudentes como as serpentes,** mas **símplices como as pombas. O** primeiro adjetivo significa "cauteloso", o segundo "inofensivo" ou "sincero". Um cristão bem-sucedido precisa ter essas duas características.

O Mestre preveniu os seus discípulos de que eles seriam entregues aos **sinédrios** (conselhos) e açoitados nas **sinagogas (17).** Eles também **(18)** seriam conduzidos à presença dos **governadores** (como Félix e Festo, Atos **24** e **25)** e dos **reis** (como Agripa, Atos **26).** Esses eram governadores gentios. Mas foram os judeus que causaram a prisão de Paulo. Assim, a perseguição ainda era judaica, em sua origem.

Quando entregues, eles não deveriam ficar ansiosos por sua defesa (19), pois o Espírito Santo lhes daria as palavras que deveriam dizer (20).

Cristo também declarou que a vinda do seu reino resultaria na divisão das famílias, de modo que os filhos poderíam causar a morte dos pais (21). Isto já aconteceu muitas vezes no passado e ainda hoje acontece, especialmente nos países muçulmanos. Com o aviso de que eles seriam odiados por todos os homens, por causa de Jesus, vem a promessa: **mas aquele que perseverar até ao fim será salvo (22).** Há um significado segundo o qual alguém é salvo quando se converte,

outro em que alguém está sendo salvo dia após dia à medida que crê e obedece, e ainda outro segundo o qual a pessoa será salva no céu, finalmente e para sempre. E do segundo e do terceiro significados que Jesus fala neste versículo.

Se fossem perseguidos em uma cidade, os missionários deveriam ir para outra (23). Jesus os informou de que não acabariam **de percorrer as cidades de Israel** sem que viesse **o Filho do Homem.** Muita tinta foi usada na tentativa de explicar o significado dessa afirmação. Talvez a melhor interpretação possível seja a de Tasker: "Este versículo muito difícil, que só é encontrado no texto de Mateus, é melhor compreendido como uma referência à vinda do Filho do Homem em triunfo, imediatamente após a sua ressurreição, quando Ele apareceu aos apóstolos e os encarregou de fazer discípulos em todas as nações (28.18-20)".[15]

4. *O Discipulado* (10.24-25)

Os apóstolos não poderíam esperar escapar à perseguição, pois **não é o discípulo mais do que o mestre** (24) - literalmente, "professor". **(Discípulo** significa "aprendiz"). Nem é o **servo** (grego, "escravo") mais do que o seu **senhor** (amo). Se eles chamaram **Belzebu[16]** ao "pai de família" (uma única palavra em grego), quanto mais aos **seus domésticos** (25)?

A origem e o significado de **Belzebu** ainda estão velados na obscuridade. As recentes descobertas em Ugarit sugeriram "príncipe de Baal". Outras sugestões são "Senhor do Esterco" ou "Senhor da Residência" [por exemplo, santuário]".[17] Davies diz:
"Beelzebub, significava originalmente 'senhor das moscas'. Mas nessa época significava Satanás, como o senhor da casa dos demônios".[18]

5. *A garantia* (10.26-33)

Apesar dessas predições de perseguição, Jesus disse aos seus discípulos que não tivessem medo. Pois **nada há encoberto que não haja de revelar-se** (26) - em grego, "descoberto". Chegará o dia em que tanto os perseguidores quanto os perseguidos serão vistos sob a

sua luz verdadeira. O Dia do Juízo fará o registro correto. Portanto, os discípulos deveriam pregar a mensagem de Cristo corajosa e abertamente (27).

Eles não deveriam temer aqueles que podiam matar o corpo, mas somente **aquele que pode fazer perecer no inferno a alma e o corpo** (28) - Geena (inferno). A maioria dos comentaristas concorda que a referência aqui é a Deus e não a Satanás.[18]

Para encorajar a fé dos discípulos, Jesus citou os **passarinhos** (29). Dois deles eram vendidos por um **ceitil.** Aqui há uma palavra grega diferente daquela que é traduzida como "ceitil" em 5.26 (veja o comentário sobre esta passagem). Um ceitil valia aproximadamente um centavo. Embora comercialmente cada pássaro valesse apenas meio centavo, nenhum deles cairia no chão sem o consentimento do Criador. Somente a eternidade pode explicar esse conceito .de Deus. As mentes finitas são incapazes. E necessário um "salto de fé" para se crer em um Deus que, na verdade, é infinito em conhecimento e em poder.

Para tornar as coisas um pouco mais pessoais, Jesus disse: **até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados** (30). Além disso, **mais valeis vós do que muitos passarinhos** (31). Assim, o sentimento lógico é a confiança, e não o medo.

Se os discípulos fossem fiéis em **confessar (32)** a Cristo pela pregação destemida da sua verdade (cf. v. 27), e o reconhecessem fielmente como o seu Senhor, a qualquer preço, Ele prometeu que os reconhecería perante o seu Pai. Mas quem quer que o negasse **(33)** seria negado perante o Pai. O contexto indica que o silêncio - ou seja, deixar de falar a favor de Cristo - pode ser uma maneira de negá-lo.

6. *O Preço do Discipulado* (10.34-39)

A afirmação de Jesus: **não vim trazer paz, mas espada** (34) é assombrosa - poderiamos dizer, literalmente, "chocante". E óbvio que Ele está falando dos inevitáveis resultados das exigências do

discipulado. Tasker acertadamente observa: "As conseqüên-cias são freqüentemente expressas na Bíblia cõmo se fossem intenções".[20] Sempre será verdade que alguns membros de uma família aceitarão a Cristo, enquanto outros o rejeitarão. Isto traz um conflito inevitável. Pois Deus exige, em primeiro lugar, o nosso amor e a nossa fidelidade (37). Falando em termos terrenos, isto combate a natureza do egoísmo. Aquele que deseja seguir a Cristo deve tomar a **sua cruz** (38) em completa submissão à vontade de Deus.

Uma das frases mais significativas de Jesus está no versículo 39.[21] Sobre a primeira parte, Filson diz: "Buscar a si mesmo é derrotar a si mesmo".[22] Sobre a segunda parte, Davies escreve: "A auto-negação e o auto-sacrifício são os únicos caminhos para o auto-conhecimento".[23] No contexto da perseguição descrita nos versículos anteriores, a aplicação especial desta verdade seria: "Aquele que, sob a pressão da perseguição, desejar preservar a sua vida, perderá a verdadeira vida da alma; ao passo que aquele que morrer com alegria, viverá".[24]

7. *O Privilégio do Discipulado* (10.40-42)

O relacionamento entre o discípulo e o seu Senhor é, de certo modo, semelhante ao de Cristo com o seu Pai - **aquele que me enviou** (40). Somos lembrados da linguagem de Jesus em sua oração sumo-sacerdotal (Jo 17.21-23).

Lukyn Williams define **profeta** (41) como "alguém sobre quem se pode afirmar que o manto dos antigos profetas, de alguma maneira, caiu"; e **justo** como "alguém que é meticuloso em cumprir a vontade revelada de Deus em todos os seus detalhes".[25] Profeta e justo são termos usados aqui referindo-se aos discípulos. Até mesmo dar um copo de água fria **em nome de discípulo** (42) traz uma recompensa. Os discípulos são, desta maneira, honrados como emissários de Cristo.

Como indicado pelos títulos, as duas últimas seções deste capítulo nos dão um esboço de sermão de dois tópicos: 1) o preço do discipulado; 2) o privilégio do discipulado.

Seção **V**

Narrativa Retomada:

A REJEIÇÃO DO MESSIAS

Mateus 11.1—12.50

A. **Jesus e João Batista,** 11.1-19

1. *A Resposta de Jesus a João* (11.1-6)

O primeiro versículo deste capítulo é composto por uma afirmação de transição entre o segundo discurso e a retomada da narrativa. Pela segunda vez (cf. 7.28) aparece a expressão conclusiva: **E aconteceu que, acabando Jesus de dar instruções (1;** exatamente a mesma expressão no texto grego, como em 7.28). Então se afirma que Jesus partiu - aparentemente sozinho - em uma missão de ensino e pregação. No próximo capítulo encontraremos os discípulos uma vez mais com Ele (cf. 12.1).

Somente Mateus e Lucas (7.18-35) relatam o episódio em que João enviou dois dos seus discípulos a Jesus. O profeta estava definhando na prisão, evidentemente tentado a desencorajar-se e a decepcionar-se. Ele tinha apresentado Jesus à nação dos judeus como o seu Messias. Ele tinha humildemente declarado: "E necessário que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30). João tinha imaginado que Jesus assumiría o papel do Messias, destruindo o opressor estrangeiro (Roma) e libertando o Seu povo da escravidão. Mas Jesus não estava fazendo nada disso.

A pergunta que João fez, por meio dos seus discípulos, foi, literalmente: "Es tu aquele que havia de vir ou esperamos outro?" Em outras palavras: "Você é realmente o Messias?"

Ao invés de dar uma resposta categórica, Jesus mandou que os discípulos voltassem até João e lhe contassem o que tinham visto e ouvido. A cura dos **cegos** e dos **coxos** (5) era um cumprimento do papel messiânico, conforme descrito em Isaías 35.5-6. Mas o clímax era a pregação do evangelho aos **pobres** (cf. Is 61.1). A versão em grego diz: "Os pobres estão sendo evangelizados" (*evangelizontai*).

Esta foi a sua principal credencial.

Uma ligeira alusão ao problema de João está sugerida no versículo 6 - **E bem-aventurado é aquele que se não escandalizar em mim.** O verbo é s*kandalizo,* que já observamos (veja o comentário sobre 5.29). Parece que João tropeçava no fato de Jesus aparentemente não estar fazendo nenhum esforço para estabelecer o seu reino messiânico. João Batista havia proclamado: "E chegado o Reino dos céus" (3.2). Será que ele estava enganado? Ele tinha avisado que o machado estava pronto para cortar a árvore que não produzisse bons frutos (3.10). O Juízo estava pronto para desferir o golpe. Ele havia pregado sobre Aquele que viria para "limpar a sua eira", recolhendo no celeiro o seu trigo, mas queimando a palha com fogo que "nunca se apagará" (3.12). João sabia que a nação de Israel estava pronta para o julgamento, e ele esperava que o Messias julgasse o seu povo. O que ele não pôde perceber foi que a primeira vinda de Cristo era na graça e misericórdia. O Juízo teria que esperar pela sua segunda vinda.

Muitos estudiosos sugerem que a dúvida foi dos discípulos de João, e não dele . Mas Lenski discorda: "Este ponto de vista coloca em dúvida a integridade de João, como se ele estivesse fazendo uma pergunta que, na realidade, estava sendo feita pelos seus discípulos".[1] Além disso, Jesus disse aos discípulos que voltassem e dessem uma resposta a João. Certamente não é de surpreender que o profeta, encerrado na prisão, estivesse se debatendo em meio a sérias questões.

2. O *Elogio de Jesus a João* (11.7-15)

Depois de ter confortado João, talvez ao mesmo tempo reprovando-o gentilmente por sua falta de fé (6), Jesus prosseguiu, fazendo acerca dele os mais altos elogios para a multidão. O Senhor perguntou o que tinham ido ver no deserto, fazendo uma longa viagem para serem batizados por João. **Uma cana agitada pelo vento** (7), uma pessoa covarde e vacilante? Todos eles sabiam que João estava na prisão por sua destemida pregação perante o rei. **Um homem ricamente vestido** (8) - "vestido em seda e cetim" (NEB)? Todos sabiam que João usava uma roupa extremamente rústica - uma veste

de pêlos de camelo e um cinto de couro (3.4). Ele era **um profeta?** A resposta agora era: **Sim, vos digo eu, e muito mais do que profeta** (9). Este era o mensageiro de Deus, o precursor do Messias, que tinha sido predito em Malaquias 3.1.

Então Jesus fez a João o mais elevado elogio. O Senhor disse que entre todos os homens que já haviam nascido, não tinha havido ninguém maior que ele (11). Talvez isso signifique que ele foi o maior dos profetas.[2] Mas ainda assim, **aquele que é o menor no Reino dos céus é maior do que ele.** O famoso pregador do século IV, Crisóstomo, interpretou **aquele que é o menor** como uma referência a Cristo. Muitos patriarcas da igreja o acompanharam nesta interpretação, como Erasmo e Lutero. Eles se basearam na idéia de que Jesus, que foi batizado por João, e que tinha menor idade e menos fama que o profeta, pudesse ser considerado "menor".[1] Em épocas recentes, Cullman apoiou esta opinião, com base nos seus estudos dos Rolos do Mar Morto. Ele apresenta a sua opinião da seguinte forma: "O menor (ou seja, Jesus como o discípulo) é maior do que ele (ou seja, João Batista) no reino do céu".[2] Mas A. B. Bruce oferece uma refutação convincente. A respeito da opinião de Crisóstomo, ele diz: "No plano abstrato é uma interpretação possível, e expressa uma idéia que poderia até mesmo ser verdadeira; mas somente Jesus poderia tê-la confirmado".[1] [2] [3] Evidentemente, Cristo queria dizer que o "menor" cristão é "maior" do que João em termos de privilégio, pois aquele homem de Deus de fato estava mais ligado à ordem do Antigo Testamento.

O versículo 12 é de difícil explicação. O que quer dizer a afirmação: **se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele?** Thayer, em seu estudo do verbo *biazo* **(se faz violência),** escreve: "O *reino do céu é tomado pela violência, levado pela tempestade,* isto é, uma parte do reino celestial é buscada com o mais ardente zelo e com o esforço mais intenso".[4] Esta parece ser uma interpretação sadia e confiável à luz das palavras da introdução - **desde os dias de João Batista até agora.**[5] Em outras palavras, somente aqueles que se mostram ansiosos e dedicados a buscar o Reino de Deus é que podem entrar nele. Uma vez que o verbo *biazetai* pode ser passivo ou

intermediário (usado com sentido ativo), Lenski prefere a seguinte interpretação: "O reino do céu avança vigorosamente, e os mais vigorosos se apoderam dele".[6] A sua conclusão é a seguinte: "A linha de todo o discurso trata não da violência contra o reino, mas sim da indiferença e da insatisfação que impedem que os homens entrem nele com entusiasmo".[7]

O mesmo conteúdo dos versículos 12 e 13 é apresentado em Lucas 16.16, mas na ordem inversa. A idéia parece ser: Todo o Antigo Testamento - **todos os profetas e** [até mesmo] **a lei profetizaram até João** (13). Ou seja, as antigas Escrituras predisseram a vinda de Cristo. Mas João teve um papel especial. Ele foi o cumprimento de Malaquias 4.5 - o Elias do Novo Testamento, o precursor do Messias. A frase **Se quereis dar crédito** (14) provavelmente quer dizer: "Se vocês forem capazes de entender isso". Pos-teríormente, Jesus definiu João Batista como o cumprimento da profecia de Malaquias (17.10-13).

Quem tem ouvidos para ouvir ouça (15) é uma expressão conhecida, encontrada pela primeira vez nesta passagem, e em duas outras no texto de Mateus (13.9, 43). Ela também ocorre diversas vezes em outras passagens (Mc 4.9, 23; 7.16; Lc 8.8; 14.35; Ap 2.7; 3.6; 13.9). Este é um convite e, ao mesmo tempo, uma advertência a ouvirmos atentamente as palavras de Cristo.

pelas suas "obras", e não pelos seus "filhos". Mas as duas idéias são muito parecidas. Micklem parece indicar o caminho para uma possível síntese das duas, quando diz: "As obras da sabedoria, que justificam o seu caráter, são os resultados da sua energia criativa... como visto nas 'novas criaturas' (2 Co 5.17) que são os frutos das suas obras".[10]
Ou seja, a sabedoria é justificada pelos seus frutos. Assim Jesus se defende contra as críticas dos fariseus.

B. **Jesus e As Cidades,** 11.20-24

O Mestre começou a **lançar em rosto** - "repreender" ou "censurar" - **as cidades** onde Ele tinha realizado a maioria dos seus **prodígios** ("poder", ou "obras poderosas"), porque elas não tinham se

arrependido (20). Cox diz: "E digno de nota que o arrependimento é considerado como a reação humana apropriada aos milagres de Jesus".[11]

Especialmente citadas para a condenação foram **Corazim** e **Betsaida** (21). Essas duas cidades já desapareceram há muito tempo, como cumprimento do julgamento aqui proferido. Na realidade, a localização exata de **Corazim** é desconhecida. **Betsaida** estava à margem leste do rio Jordão, perto do lugar onde ele desemboca no Lago da Galiléia. Jesus declarou que **Tiro** e **Sidom** (cidades da Fenícia) há muito tempo teri-am se arrependido com pano de saco e com cinza (sinais de profundo pesar) se tivessem presenciado os **prodígios** ("poder", ou "obras poderosas") realizados nas cidades dos judeus. Portanto, haverá **menos rigor para Tiro e Sidom, no Dia do Juízo,** do que para as outras cidades (22). Jesus assim enfatizava a extrema gravidade do pecado da impenitência. Aqueles que têm a maior luz, mas a rejeitam, serão punidos de uma forma mais severa.

A primeira parte do versículo 23 poderia ser traduzida como: "E tu, Cafarnaum, que te ergues até aos céus, serás abatida até aos infernos". O último é o lugar da morte. A orgulhosa e arrogante **Cafarnaum** seria derrubada. Hoje está completamente em ruínas. **Sodoma** (24), a cidade pecadora do mundo antigo, estará melhor **no Dia do Juízo** do que Cafarnaum.

Este parágrafo permanece como uma severa advertência a todos os que testemunham a presença e o poder de Cristo, manifestados nos seus dias, ao longo de todas as épocas. Aqueles que se recusam a se arrepender serão duplamente condenados, por rejeitarem a luz que lhes é ofertada.

C. **Jesus e Os Simples,** 11.25-30

Embora rejeitado pelas cidades orgulhosas, Cristo foi aceito pelos simples, pela "grande multidão", que "o ouvia de boa vontade" (Mc 12.37). **Respondendo..., disse** (25) é uma expressão hebraica típica que significa, simplesmente, "disse". **Graças te dou** é a expressão

que é traduzida como "confessar" em 3.6, onde as pessoas estão confessando os seus pecados na ocasião em que João as está batizando. Arndt e Gingrich observam: "Do significado de *confessar* se origina... o sentido mais geral de *louvor,* um louvor dirigido a Deus".[12] Jesus fala de seu Pai como **Senhor do céu e da terra.** Na sua sabedoria soberana, o Pai ocultou **estas coisas** - as coisas relacionadas ao reino - aos **sábios e instruídos.** Os primeiros (sábios) são referidos como *sophos,* o que sugere os sofisticados, aqueles que têm "inteligência humana e educação acima da média".[13] Os outros (instruídos), são referidos como *synetos,* um termo que significa "inteligente, sagaz, sábio".[14] Estas duas expressões descrevem os fariseus e os escribas, que se orgulhavam da sua educação superior. Eles tinham rejeitado a luz da verdade e como conseqüência estavam sofrendo da cegueira do juízo. Enquanto isso, o Pai tinha revelado o caminho aos **pequeninos.** Carr comenta: "Os segredos do reino não são revelados àqueles que são sábios no seu próprio conceito, mas àqueles que têm a mansidão dos bebês e uma ânsia pelo conhecimento semelhante à das crianças".[15]

Todas as coisas (27) foram dadas pelo Pai ao Filho, de modo que Ele possa cumprir a sua missão de redenção (cf. 28.18; Jo 3.35; 13.3; 17.2; 1 Co 15.25). Este versículo é quase exatamente igual a Lucas 10.22.

Jesus declarou que ninguém conhece o Filho, senão o Pai. Obviamente, Ele não está falando em um sentido relativo - como, por exemplo, conhecer a Cristo para a salvação -mas sim em um sentido absoluto. Nenhum ser humano pode compreender plenamente o Cristo divino-humano. A união de duas naturezas em uma única Pessoa está além da nossa compreensão. Mas nós podemos acreditar nela.

Revelar não é um futuro simples, mas uma expressão dupla em grego - "vai (ou deseja) revelar". Jesus é Deus revelado (Jo 1.18). Não podemos conhecer a Deus separadamente de Cristo.

Os versículos 28-30 estão entre os mais belos da Bíblia. Todo cristão deveria memorizá-los e então usá-los como consolo nas suas horas de

tristeza ou de sofrimento.

Jesus não disse à humanidade pecadora: "Afastem-se de Mim", mas sim **Vinde a mim** (28). Quem está sendo convidado? **Todos os que estais cansados e oprimidos.** A primeira referência era aos judeus, sob o jugo da Lei. A Lei - escrita e oral - como era interpretada e aplicada pelos rabinos, tornava-se um fardo excessivo para se carregar (23.4; At 15.10). A segunda referência clara é ao peso esmagador do pecado e da culpa do homem, sobre o seu coração. Mas o convite também cabe aos cristãos que estão cansados e fracos. Para eles, Jesus diz: **Vinde a mim... e eu vos aliviarei** - literalmente, "eu lhes darei descanso", isto é, com a Minha presença.

Tomar o **jugo** de Cristo significa submeter-se completamente à sua autoridade. Com os rabinos, tomar o jugo de alguém significava "ir à escola de". Assim o Mestre disse, na verdade: Vinde à minha escola e **aprendei de mim** (29). Jesus declarou: Eu **sou manso e humilde de coração.** Na verdadeira mansidão está o repouso da alma. Cristo ainda declarou: **Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.** Este é o testemunho daqueles que aceitaram este bondoso convite. Bonhoeffer escreveu: "A graça é custosa porque ela obriga o homem a se submeter ao jugo de Cristo e a segui-lo; porém é graça, porque Jesus diz: 'O meu jugo é suave e o meu fardo é leve' "![8] O segredo está em sermos cheios do Espírito de Cristo (o Espírito Santo), para que possamos dizer: "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (SI 40.8). Quando os nossos corações estão cheios do amor de Deus, nós nos alegramos por fazer a Sua vontade. Alguém bem disse: "O amor suaviza todos os fardos, tornando-os leves".

Os três imperativos aqui sugerem três temas sob o título "O repouso que Jesus nos dá". São eles: 1) **Vinde;** 2) **Tomai;** 3) **Aprendei.**

D. Jesus e Os Fariseus, 12.1-45

1. A Controvérsia Sobre a Observância do Sábado (12.1-14)

a) A *Colheita de Grãos* (12.1-8). Havia três coisas que distinguiam

particularmente os judeus dos gentios na época de Jesus. A primeira era a observância do sábado. Os fariseus eram especialmente rígidos a esse respeito. O Talmude, que é o grande depositório do judaísmo farisaico, tem 24 capítulos sobre o assunto. A segunda característica que distinguia a vida dos judeus era a circuncisão. E a terceira era a proibição de comer carne "impura".

Aconteceu que em um sábado Jesus estava passando pelas **searas** (1) - uma palavra que significa "os semeados" (plural), que quando usada como substantivo significa "campos cultivados, campos de grãos". Os seus discípulos **tendo fome,** ou, como diriamos hoje em dia, "estavam com fome", começaram a **colher espigas** - mais corretamente, "apanhar a parte superior do trigo". A imagem dos discípulos apanhando espigas de milho é enganosa para o leitor americano ou brasileiro.

Os **fariseus** (2) seguiram Jesus, não para receber a sua ajuda, mas para espioná-lo com a esperança de colocá-lo em dificuldades. Então, quando viram os apóstolos colhendo as espigas, eles imediatamente os acusaram de colher no sábado. Eles reclamaram com Jesus que os seus discípulos estavam fazendo **o que não é lícito fazer num sábado.** O quarto mandamento os proibia de fazer alguma "obra" no sábado (Êx 20.10). Mas a pergunta é: o que caracteriza uma "obra"? Os rabinos falam disso com cuidado meticuloso em centenas de regulamentos detalhados. Nós nos lembramos do menino - cuja mãe o havia mandado à cama com ordens estritas de fazer silêncio e não pedir nada. Entretanto, ele tinha uma pergunta: "Posso pensar?" Algumas vezes o peso sufocante e repressor da legislação legalista deve ter tentado alguns judeus a perguntar: "Posso respirar?"

A essa reclamação dos fariseus, Jesus tinha uma réplica. Ele citou o caso de **Davi** (3), que, com um grupo de homens famintos, comeu **os pães da proposição** (4),[17] que somente os sacerdotes tinham permissão de comer. Em outras palavras, a necessidade humana é uma lei mais importante do que as leis e regras religiosas. Ou, colocando de maneira mais exata, o amor é a lei mais importante no universo e anula todas as demais leis. E o amor exige que a

necessidade humana seja satisfeita, mesmo se alguns aspectos legais tiverem que ser deixados de lado durante o processo. Isto é o que os fariseus não conseguiam enxergar. Sendo típicos legalistas, a eles lhes faltava aquele amor e aquele bom senso que juntos fazem a vida funcionar com alegria e suavidade. Mas o amor é a dádiva da graça de Deus - sim, dele mesmo, pois "Deus é amor". O legalismo é uma negação humana do amor divino.

O Mestre também lembrou os seus críticos de que os sacerdotes trabalham todos os sábados no Templo. Assim, eles **violam o sábado,** mas **ficam sem culpa** (5). O bom senso mostra que, na prática, algumas leis anulam outras. Isto é inevitável, em um mundo imperfeito como o nosso.

Então Jesus destacou o seu ponto principal. Agora está presente **quem é maior[18] do que o templo** (6). O verdadeiro templo, o lugar de encontro entre Deus e o homem, era o próprio Cristo. O Templo de Jerusalém era a casa de Deus; Jesus é o Filho de Deus (cf. Hb 3.3-6). Isto é algo infinitamente **maior.**

Mais uma vez (cf. 9.13), Cristo citou Oséias 6.6 - **Misericórdia quero e não sacrifício** (7). E óbvio que este conceito de religião verdadeira como consistindo de uma atitude correta e não de atos rituais era essencial no pensamento de Jesus. Se, no cristianismo, alguém colocar o seu principal enfoque na liturgia em lugar da vida, estará retrocedendo do Novo Testamento ao Antigo. E, mesmo assim, deixará de seguir a interpretação profética da lei Mosaica.

Jesus declarou: **se vós** (os fariseus) **soubésseis** o significado de Oséias 6.6 - e a construção em grego deixa claro que não sabiam - não teriam condenado os **inocentes** (plural no texto grego). O convencimento (com um sentido de condenação) é obra do Espírito Santo (Jo 16.8), e não dos seres humanos. Quando saímos por aí condenando as pessoas, estamos usurpando a autoridade divina (cf. 7.1).

O ponto decisivo é que **o Filho do Homem** (o Messias) **até do sábado é Senhor** (8). A submissão a Cristo como o Senhor Supremo

acaba com todas as controvérsias básicas.[19]

b) *A Cura de um Homem que Tinha a Mão Mirrada* **(12.9-14).** Este milagre (cf. Mc **3.1-6;** Lc **6.6-11)** representa outro item no conflito entre Jesus e os fariseus quanto ao assunto da observância do sábado. Havia em sua **sinagoga (9)** - provavelmente em Cafarnaum (cf. Mc **2.1; 3.1)** - um homem que tinha a mão **mirrada** (literalmente "seca"). Os fariseus perguntaram a Jesus: **E lícito curar nos sábados? (10) O** objetivo deles não era obter informações para si mesmos, mas sim evidências contra **Jesus,** para o **acusarem.**

A primeira vista, parece haver um conflito entre o texto em Marcos 3.4 e Lucas 6.9. Mateus diz que os fariseus fizeram essa pergunta a Jesus. Tanto em Marcos quanto em Lucas, Jesus é quem faz essa pergunta aos fariseus. Mas a pergunta do Mestre pode muito logicamente ter sido feita em uma forma retórica. Na presença do homem aleijado, os fariseus perguntaram a Jesus: "E lícito curar nos sábados?" Em resposta, Jesus perguntou: "É lícito no sábado fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matar?" Marcos diz imediatamente que "eles calaram-se". Ao responder a pergunta dos fariseus com outra pergunta, Jesus os coloca no seu devido lugar, e assim silencia os seus adversários.

Para concluir o seu assunto, Cristo perguntou se eles não tirariam uma ovelha de uma cova em um sábado **(11).** Quanto mais vale um homem do que uma ovelha? **E, por consequência, lícito fazer bem nos sábados (12).** Tudo o que for para o bem da humanidade, será sempre agradável a Deus.

Então o Criador ordenou à sua criatura aflita: **Estende a mão** (13). Morison opina que somente a mão era mirrada, e não o braço, e que o objetivo de estender a mão tinha a finalidade de que todos pudessem ver a cura.[20] Mas estender a mão não implica e envolve um movimento do braço? Então, parece que M'Neile tem razão quando diz: "A ordem fez aflorar a fé, que foi o meio pelo qual a cura foi realizada".[21] Em outras palavras, o homem demonstrou a sua fé por meio da sua obediência. Nas situações da vida real as duas nunca

podem estar separadas. De qualquer forma, a mão do homem **ficou sã como a outra.** A cura estava completa.

Ao invés de se sentirem obrigados - por este milagre - a crer em Jesus como o seu Messias, os fariseus "formaram conselho"[22] contra Ele, **para o matarem (14).** Esta ação dá uma idéia da dimensão da voluntária e obstinada rejeição deles a Cristo. Não existe nada mais irracional e despropositado do que o fanatismo religioso.

2. *O Conforto das Multidões* (12.15-21)

Em contraste com os líderes religiosos, que procuravam defeitos e faziam críticas, estavam as multidões, que tinham um entusiasmo encorajador. Quando Jesus **retirou-se** da sinagoga para escapar da conspiração para o assassinar, **acompanhou-o uma grande multidão de gente** (15). Cheio de compaixão - e talvez de gratidão, pelo menos pela fé que aquelas pessoas demonstravam em seu poder de curar - **ele curou a todos.**

Ao mesmo tempo, Ele **recomendava-lhes rigorosamente** (ou "avisava") que não o tornassem conhecido (16). A razão para este aviso está indicada em Marcos 1.45. Jesus estava tentando evitar a publicidade do seu ministério de cura, para que este não se tornasse um obstáculo para o seu ministério de ensino, que era mais importante. Ele também queria evitar que a excitação popular ficasse, humanamente falando, fora de controle, com o conseqüente perigo de um levante revolucionário contra Roma.

Mais uma vez Mateus emprega a sua fórmula favorita para apresentar o material do Antigo Testamento: **para que se cumprisse o que fora dito** (17). Desta vez a citação um pouco longa é de Isaías 42.1-4. Ela não foi tomada da Septuaginta, mas é de alguma forma uma tradução livre do hebraico. Esta característica já foi anteriormente observada no texto de Mateus. A respeito disso, Carr comenta aqui: "A divergência entre os pontos da Septuaginta aponta para uma versão independente, e a divergência entre o vocabulário de Mateus aponta para algum tradutor, e não para o próprio evangelista".[23]

A palavra **servo** (18) é*pais,* que pode significar tanto "servo" quanto "filho", embora a palavra hebraica em Isaías signifique apenas "servo". Morison tem um comentário que pode ser útil: "Os dois significados da palavra grega fazem com que ela seja peculiarmente aplicável ao Messias, no qual os dois relacionamentos se combinam".[24] A profecia: **Porei sobre ele o meu Espírito,** foi cumprida no Batismo, quando o Espírito Santo desceu sobre Jesus. **Juízo** é o significado usual para a palavra grega *krisis* (cf. "crise"). Mas aqui ela traz consigo a rara conotação de "justiça".

O Servo do Senhor não **contenderá** (19) - uma palavra grega que só é encontrada aqui no Novo Testamento, e que significa "discutir, brigar". **Clamará** é a palavra *kraugazo,* e sugere um clamor que chama a atenção para si mesmo. Ninguém **ouvirá pelas ruas a sua voz,** pedindo popularidade. Este versículo, que compõe o centro da citação, mostra particularmente a razão pela qual Mateus escolheu estas palavras de Isaías. Ele queria mostrar a modéstia do Messias, ao desejar evitar publicidade (16).

O versículo 20 emprega duas metáforas em relação ao ministério de Cristo. A primeira é a da **cana quebrada** e a segunda é a do **morrão que fumega.** A última indica um pavio que ainda tremula, mas já quase apagado pela falta de óleo. Morison dá um significado claro e simples para esta interessante passagem: "A cana quebrada e o pavio quase apagado podem se referir às vidas que Jesus restaura, e às chamas da fé que Ele faz reviver".[25] Alford diz que essas metáforas representam "uma expressão proverbial conhecida: 'Ele não esmagará o coração contrito, nem extinguirá a menor faísca de arrependimento sentida pelo pecador' "f **Até que faça triunfar o juízo** significa "até que Ele faça a sua justiça triunfar, até que Ele a leve à vitória".

Para os versículos 18-21, Charles Simeon sugere o tópico: "A compaixão de Cristo em relação aos fracos". 1) A sua missão é expressa no versículo 18. 2) A sua maneira de cumpri-la está indicada nos versículos 19-20: *a)* Em silêncio; *b)* Com ternura; *c)* Com sucesso. 3) A nossa obrigação para com Ele é mostrada no versículo 21.

3. *O Desprezo dos Críticos* (12.22-45)

Esta seção mostra os fariseus na sua mais obstinada e cruel oposição a Cristo. Os seus corações carnais são desmascarados e a imagem revelada é um sórdido comentário sobre os frutos da religião legalista.

a) *O Endemoninhado Cego e Mudo* (12.22-30). Lucas, que também registrou este milagre de cura (Lc 11.14), menciona somente a mudez do homem, não a sua cegueira. Mas tanto Lucas quanto Mateus indicam que ele estava "endemoninhado". Pode ser que esta condição tão difícil tivesse sido trazida a Jesus como uma espécie de teste. Mas Ele enfrentou o desafio e teve sucesso total; o homem foi completamente curado.

Compreensivelmente, a reação do povo foi de admiração. Eles diziam: **Não é este o Filho de Davi?** (23). Mas a forma do texto grego indica claramente que se esperava uma resposta negativa: "Este não é o Filho de Davi, é?".[27] A pergunta expressa surpresa, incredulidade, talvez em uma mistura de esperança - "Será que é possível que este seja o Filho de Davi?"

A reação dos fariseus foi bem diferente. Eles disseram que Jesus expulsava os demônios por Belzebu,[28] o príncipe dos demônios (24). Cristo sabia o que eles estavam pensando e começou a lhes fazer perguntas. Depois de observar que **todo reino** dividido contra si mesmo é devastado; e **toda cidade ou casa** dividida contra si mesma não subsistirá (25), Ele declarou que se Satanás estivesse expulsando Satanás, ele estaria dividido contra si mesmo; como subsistiría, pois, o seu reino (26)? A lógica era simples e clara.

Mas Jesus ainda prossegue. Se Ele expulsava demônios por Belzebu, **por quem os expulsam, então,** os filhos daqueles homens (27)? A expulsão de demônios era praticada pelo menos por alguns judeus naquela época (cf. At 19.13).

Então o Mestre dá a forma correta ao registro. Se **pelo Espírito de Deus,** não "por Belzebu" (24), ele expulsava os demônios... é **conseguintemente chegado a vós o Reino de Deus** (28). Foi exatamente isso o que aconteceu. Na pessoa de Jesus o Reino "chegou

repentinamente" (tempo aoristo). Mas eles o estavam rejeitando.

Jesus dá mais um exemplo. Ninguém pode entrar na casa de um homem valente e **furtar** - "roubar, levar embora, arrastar"[29] - **os seus bens** - "a sua propriedade"[30] - a menos que amarre o homem valente. Novamente, contra a lógica não há argumento. Satanás é um adversário vencido, caso contrário Jesus não poderia estar se apossando da sua propriedade.

A primeira parte do versículo 30 - **Quem não** é **comigo é contra mim** - parece, à primeira vista, estar em conflito com Lucas 9.50 - "Quem não é contra nós é por nós". Mas no texto de Mateus, Jesus está falando sobre a lealdade interior; em Lucas, Ele está falando da oposição exterior. Os objetivos das duas frases são completamente diferentes. Em Lucas, Ele está reprovando um espírito de sectarismo; em Mateus, Ele está advertindo contra o perigo da lealdade dividida. Existe também uma diferença quanto a quem está contra quem (cf. Mt 12.30 e Lc 9.50 em várias versões). Em Mateus, Jesus declara que um homem não pode permanecer neutro em relação a Cristo; aqueles que não são a favor dele, são contra Ele. Em Lucas, Jesus está falando dos seus seguidores. Um homem não precisa sempre concordar com os outros cristãos, ou com grupos de outros cristãos, para estar com Cristo. Nem eu devo exigir que todos os outros cristãos concordem comigo. Um outro cristão pode estar realizando a obra de Cristo à sua própria maneira; se ele estiver fazendo isso sinceramente, estará do mesmo lado que eu estou, porque eu também estou procurando fazer a obra de Deus.

b) *O Pecado Imperdoável* (12.31-32). Jesus afirmou que **todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens** (31), exceto a blasfêmia contra o Espírito. Essa nunca será perdoada. No versículo 32 Ele coloca isso de maneira ainda mais forte: qualquer pessoa que fale **alguma palavra contra o Filho do Homem** será perdoada, mas não aquela que falar **contra o Espírito Santo. O** contexto dá a entender que o "pecado imperdoável" é atribuir obstinadamente a Satanás uma obra que é do Espírito Santo. Esta é a opinião sustentada por John Wesley e Adam Clarke. Wesley diz: "Isso não é

nem mais nem menos do que atribuir ao poder do diabo esses milagres que Cristo realizou pelo poder do Espírito Santo".[31] Mas Morison, que é um comentarista seguidor de Wesley nos estudos teológicos, expressa o ponto de vista mais aceito hoje em dia com respeito ao pecado imperdoável, da seguinte maneira: "Qualquer pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, exceto aqueles que sejam imperdoáveis por constituírem uma blasfêmia contra o Espírito".[32] Novamente, ele escreve: "A blasfêmia contra o Espírito é uma rejeição escarnecedora do Espírito, como o único Revelador da santa propiciação realizada por Deus".[33] Isto é impenitência, "continuada até o fim das provações".[34]

c) *Corações Bons e Maus* (12.33-37). Assim como existem dois tipos de árvores, as boas e as más, assim também existem dois tipos de corações. E da mesma maneira como a árvore é conhecida pelos seus frutos, assim também a verdadeira natureza do homem é conhecida pelo que flui dela (35). Isto se demonstra especialmente pelo que dizemos (36-37), pois **do que há em abundância no coração, disso fala a boca** (34). A conexão com os parágrafos precedentes é demonstrada na primeira parte do versículo 34. O coração **mau** dos fariseus foi revelado pelas palavras de blasfêmia que eles tinham acabado de proferir.

Os versículos 36 e 37 proclamam uma verdade solene. As palavras blasfemas não são as únicas pelas quais os homens são responsáveis diante de Deus. Pois de cada **palavra ociosa** que alguém falar, ele deverá prestar contas no dia do juízo. A pergunta importante obviamente é: o que se quer dizer com **ociosa?** A palavra grega significa "indolente, preguiçosa, sem utilidade". Para esta passagem, Arndt e Gingrich sugerem *"uma palavra descuidada* que, devido à sua falta de valor, não deveria ter sido proferida".[35] Jesus está advertindo contra o descuido no falar, pois a conversa de uma pessoa revela a condição do seu coração. Assim, pelas palavras alguém pode ser **justificado** ou **condenado.**

d) *Procurando Um Sinal* (12.38-42). Os escribas e os fariseus tentaram colocar Jesus em dificuldades, pedindo que Ele lhes

mostrasse **algum sinal** (38). Esta é a palavra normalmente usada no Evangelho de João para os milagres que Jesus realizava. O Mestre tinha acabado de lhes dar um maravilhoso sinal, ao curar o endemoninhado cego e mudo. Mas eles procuravam alguma coisa ainda mais sensacional e espetacular. O texto de Lucas 11.16 indica que eles estavam pedindo "um sinal do céu" que provasse que Ele era o Messias. Jesus se recusou a atender este pedido.

Cristo afirmou que era **uma geração má e adúltera** que estava pedindo um sinal (39). A palavra **adúltera** é usada aqui com um sentido espiritual, assim como em Isaías e Oséias, significando ser infiel ao Senhor, afastado de Deus.

O único sinal que Jesus lhes poderia dar é aquele que eles poderiam encontrar em suas próprias Escrituras Sagradas. Este é um aviso salutar para aqueles que hoje em dia procuram sinais "sensacionais". A Bíblia é a base da nossa fé. "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17). Este é o único alicerce seguro para a nossa fé.

Da mesma maneira que Jonas esteve três dias e três noites no ventre do "grande peixe" (cf. Jn 1.17) - "não existem baleias no Mediterrâneo"[36] - assim também **estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra** (40). Em virtude da dificuldade de encontrar **três dias e três noites** entre a tarde de sexta-feira e a manhã de domingo, muitas pessoas defendem a idéia de uma crucificação na quarta-feira. Mas isto exigiría a ressurreição na tarde do sábado. Uma quinta-feira se encaixaria mais facilmente, mas por alguma razão esse dia não é sugerido pelos comentaristas. O que é importante observar é que os judeus consideram as partes dos dias como sendo dias inteiros. Por esta razão podemos entender que não há nada de errado em considerar a sexta-feira, o sábado e o domingo como um intervalo de três dias e três noites. Mais tarde, Jesus declarou definitivamente que Ele "ressuscitaria ao terceiro dia" (16.21). Quando comparamos esta afirmação com a forte tradição da igreja primitiva de que a crucificação ocorreu na sexta-feira, parece bastante razoável aceitar esse dia como correto. Os judeus eram muito

mais flexíveis nos seus conceitos sobre o tempo do que nós, pois, em nossa era, dividimo-lo até mesmo em segundos. O "relógio" mais preciso que eles possuíam era um relógio de sol.

Então Jesus advertiu os seus ouvintes de que os **ninivitas** (41) - os homens de Nínive - e a Rainha do Sul (42; a rainha de Sabá, cf. 2 Cr 9.1-9) se levantarão **no Dia do Juízo com esta geração** e a condenarão pela sua falta de fé. Com muito menos esclarecimento, eles obedeceram ao chamado de Deus, e seguiram a luz que viram.

e) *Varrida, mas Vazia* (12.43-45). O significado deste parágrafo no seu contexto está bem destacado por Neil, que escreve: "Israel de alguma maneira se libertou das principais manchas da sua história inicial, através da sua confissão verbal de obediência à Lei, mas sete demônios piores entraram e tomaram posse da sua vida religiosa - o fanatismo, a intolerância, o preconceito e os demais pecados do judaísmo".[37]

A expressão **Lugares áridos,** ou "sem água" (43), significa lugares não habitados pelo homem, por não terem água disponível. Meyer diz que os desertos "eram considerados a habitação dos demônios".[38]

Jesus estava advertindo contra o perigo de haver somente uma conversão parcial -uma reforma sem regeneração. Não é suficiente livrar-se dos maus hábitos do pecado. Isto só deixa a vida **desocupada, varrida e adornada** (44). A última palavra é o verbo *kosmeo,* cujo significado básico é "colocar em ordem".

Se um homem passar por uma reforma moral sem uma transformação espiritual, o resultado poderá ser, perfeitamente, que **os últimos atos desse homem** se tornem **piores do que os primeiros** (45). Cristo deve preencher a vida purificada, para que ela se mantenha limpa.

E. **Jesus e a Sua Família,** 12.46-50

Este interessante e curto episódio está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 3.31-35; Lc 8.19-21). A **mãe** e os **irmãos** de Jesus

(veja os comentários sobre 13.55) queriam **falar** com Ele (46).

Ao ser informado disso (47), Jesus apontou para os seus discípulos e disse: **Eis aqui minha mãe e meus irmãos** (49). A seguir Ele definiu um novo relacionamento espiritual: **porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, este é meu irmão, e irmã, e mãe** (50). Esta é a nova família de Deus. Nós podemos fazer parte dela por meio de um novo nascimento. Enquanto fizermos a vontade de Deus, pertenceremos a ela. A desobediência - se for voluntária e obstinada - nos expulsará dela.

Terceiro Discurso:

1

Jesus Contrastado com João (11.16-19)

2

A análise que Jesus faz das pessoas naquela **geração** é, ao mesmo tempo, divertida e patética. Ele disse que eram como meninos que se assentam **nas praças** - na Ágora, o principal ponto de encontro em qualquer cidade daquela época - e que se recusam a cooperar com os seus companheiros, tocando seja em um casamento, seja em um funeral. Como João era um ascético, diziam: ele "tem demônio" (18). Eles se recusavam a lamentar com ele. Jesus era uma pessoa sociável, que festejava com os seus amigos. O veredicto sobre Ele: **Eis aí um homem comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores** (19). Os fariseus se recusavam a reconhecer a amizade

3

de Jesus com os necessitados como sendo a sua maior glória, e não se alegravam com Ele pela salvação dos pecadores.

4

A última parte do versículo 19 causou considerável discussão. Talvez a **sabedoria**

5

devesse ser personalizada (cf. Pv 8) podendo ser escrita com uma inicial maiúscula. No

6

Livro de Provérbios, ela parece estar quase identificada com Deus. Os dois manuscritos

7

gregos mais antigos (do século IV) dizem que a sabedoria é **justificada** (“aprovada”)

PARÁBOLAS DO REINO

Mateus 13.1-52

O capítulo treze consiste, principalmente, de sete parábolas do reino. Como foi observado anteriormente, Mateus é marcado por um arranjo sistemático do material de acordo com o assunto. E o tópico principal neste Evangelho é o Reino dos céus. Seguindo a parábola mais longa e introdutória, a *do semeador,* há três outros pares - o joio e a rede, o grão de mostarda e o fermento, o tesouro escondido e a pérola de grande preço. Cada uma delas, exceto a do semeador, é introduzida pela frase: "O Reino dos céus é semelhante".

A. O Cenário, 13.1-2

Tendo Jesus saído de **casa naquele dia** (veja 12.46) - provavelmente a casa de Pedro em Cafarnaum - foi para fora da cidade, e **estava assentado junto ao mar (1).** Cafarnaum ficava na praia do lago da Galiléia (veja o mapa). Quando **muita gente** (2) ajuntou-se aos seus pés, Ele foi forçado a entrar em um barco - provavelmente o barco de pesca de Pedro - e ali **se assentou.** Esta era a postura normal dos mestres judeus enquanto ensinavam (cf. 5.1). A grande multidão estava em pé no declive da praia, que formava uma espécie de anfiteatro natural.

B. As **Sete Parábolas,** 13.3-50

1. *O Semeador* (13.3-23)

Sentado no barco, Jesus falou ao povo muitas coisas **por parábolas (3).** Esta palavra vem do grego *parabole,* que significa algo "lançado de lado". O termo é usado somente nos Evangelhos Sinóticos (Mateus, 17 vezes; Marcos, 13 vezes; Lucas, 18 vezes) e duas vezes em Hebreus (9.9; 11.19), onde é traduzida como "alegoria" ou "figura". Arndt e Gingrich afirmam exatamente o que ela significa: "Uma parábola é um curto discurso que faz uma comparação; ela expressa um único pensamento completo".[1] O que vem a seguir é uma definição

interessante: “Sendo o mais simples, a parábola é uma metáfora ou símile tirada da natureza ou da vida comum, atraindo o ouvinte por sua vivacidade ou estranheza, e deixando a mente com dúvida suficiente sobre a sua exata aplicação, a ponto de provocá-la a ter um pensamento ativo”.[2]

Uma vez que os orientais são naturalmente dados ao uso de linguagem alegórica, não é de se surpreender que várias parábolas devam ser encontradas no Antigo Testamento, bem como nos escritos judaicos posteriores. Mas Jesus fez o uso mais eficaz desse método de ensino. Para ser válida e vigorosa, uma parábola deve ser verdadeira para a vida. Conseqüentemente, “Jesus é Mestre da parábola porque Ele é Mestre da vida”.[3] Somente Aquele que conhecia a vida perfeitamente podería interpretá-la completamente. Uma parábola tem sido definida como “uma história terrena com um significado celestial”.

Os primeiros escritores cristãos, como Orígenes, deram interpretações alegóricas extremas às parábolas de Jesus, embora Tertuliano e Crisóstomo tenham sido contra isso. Este último diz em seu comentário grego sobre Mateus: “E, como estou sempre dizendo, as parábolas não devem ser explicadas em toda a sua extensão, palavra por palavra, uma vez que muitos absurdos se seguirão”.[4]

A maioria dos estudiosos tem aceitado a opinião de que a parábola tinha a intenção de ensinar somente um ponto, e que interpretar alegoricamente vários detalhes deve ser evitado. M’Neile, porém, sabiamente adverte que devemos nos guardar contra “a recusa de admitir a possibilidade de que mais de um único ponto possa ser ilustrado em uma parábola”.[6] Ele diz: “Quando mais de uma verdade é ilustrada, a figura se aproxima de uma alegoria e não é sempre certo quais detalhes são usados para ilustrar algo, e quais são meramente parte da estrutura cênica”.[6]

Isso acontece de tal forma que a primeira parábola neste capítulo prova a inadequabilidade da teoria de “um único ponto”. Pois Jesus mesmo prosseguiu em dar uma interpretação alegórica de vários itens

na parábola do joio, bem como brevemente no caso da parábola da rede. Portanto, três das sete parábolas aqui são tratadas alegoricamente pelo Mestre.

a*) A Afirmação da Parábola* (13.3-9).[7] O quadro que Jesus pintou nesta parábola era muito familiar aos seus ouvintes. Mesmo hoje pode-se ver na Palestina um homem andando pelo campo, tirando a semente da sacola jogada sobre seu ombro, e espalhando-a por toda parte com largos movimentos de sua mão.

Esta história é às vezes chamada de parábola das terras, uma vez que seu ponto principal é a comparação de quatro tipos diferentes de solo - **ao pé do caminho** (4), **pedregais** (5), **entre espinhos** (7) e **em boa terra** (8). A semente que caiu **ao pé do caminho** foi comida pelas aves. A que caiu em **pedregais** - solo raso em cima da rocha - brotou rapidamente, mas logo **secou-se** porque não tinha raiz. **A** semente que caiu **entre espinhos** (ou "cardos") foi *sufocada.* A que caiu em **boa terra** produziu uma rica colheita.

Jesus concluiu a sua história com uma admoestação: **Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça** (9). A disposição para ouvir é o preço do aprendizado. Esta expressão ocorreu uma vez anteriormente em Mateus (11.15), e é encontrada outra vez na última parte deste capítulo (43).

b) *O Motivo para Falar em Parábolas* (13.10-17). Os discípulos estavam curiosos sobre a razão pela qual Jesus ensinava as multidões por parábolas. Quando eles lhe perguntaram, Ele respondeu que, embora fosse um privilégio deles **conhecer os mistérios do Reino dos céus** (11), isto não era concedido às multidões.

O termo **mistérios** vem do grego *mysteria.* Nos Evangelhos ele ocorre somente aqui e nas passagens paralelas em Marcos 4.11 e Lucas 8.10. Ele é mais freqüentemente encontrado nas Epístolas de Paulo (vinte vezes) e em Apocalipse (quatro vezes). Nos dias de Cristo, ele tinha o significado técnico de segredos que eram conhecidos somente pelos iniciados, como nas religiões de mistério. O mistério do Reino em particular, como Paulo o define, é a salvação dos gentios bem como dos

judeus (Ef 3.3-9).

No versículo 12, Jesus apresenta o princípio significativo de que aquele que possui receberá abundantemente mais, enquanto que aquele que não possui perderá até o pouco que possui. Esta é uma verdade em economia. O homem com dinheiro para investir ganha mais dinheiro. O que tem pouco está em perigo de perder o que tem quando surgirem emergências. O princípio se aplica também ao conhecimento; o aluno deve ter uma certa informação básica antes que o professor possa levá-lo ao entendimento avançado. Jesus aqui aplica este princípio à vida espiritual. Os discípulos eram aqueles que já tinham algum entendimento espiritual e assim receberíam mais através do ensino do Mestre. Cristo estava falando para as multidões por parábolas, não para que perdessem o pouco que já possuíam, mas a fim de que aqueles que já tinham alguma compreensão da vida espiritual pudessem acrescentar a ela. Por causa da diferença de percepção e entendimento do povo, Jesus teve que lhes falar por parábolas (13). Carr expressa isso da seguinte forma: "A parábola serve 1) para o não instruído, como sendo atraente na forma e como revelando uma verdade espiritual exatamente em proporção à capacidade do ouvinte; e 2) para os divinamente sábios como revelando um segredo no qual eles podem penetrar por sua inspiração espiritual".[8]

Embora o **porque** de Mateus (do grego *hoti)* não apresente problemas, o uso de *hina* ("que", literalmente, "a fim de que") em Marcos 4.12 e Lucas 8.10 cria uma das maiores dificuldades na exegese dos Evangelhos. Por que Jesus deveria falar por parábolas "a fim de que" seus ouvintes não pudessem entendê-lo?

M'Neile sugere três respostas possíveis. A primeira é a resposta tradicional - "para evitar que o seu ensino fosse inteligível para qualquer um que não fosse daqueles que simpatizavam com Ele". A segunda seria *hina* ("a fim de que") "virtualmente equivalente a *hoste* fpara que]: de acordo com uma expressão hebraica bem conhecida, o *resultado* é ironicamente descrito como um *propósito".* A terceira é expressa assim: "O versículo de Marcos é, possivelmente, como

Mateus 14ss., um comentário editorial: 'a fim de que as palavras de Isaías fossem cumpridas'... a gramática da sentença sendo dominada por *hina,* como em Mateus 28.16".[9]

A segunda dessas explicações encontra um forte apoio em uma recente gramática oficial do Novo Testamento grego, que afirma ter o uso casual de *hina* ("porque") "bom precedente" e que faz "excelente sentido" em Marcos 4.12.[10]

Mais uma vez (14-15) Mateus cita seu escritor favorito do Antigo Testamento, o profeta Isaías (6.9-10). A propósito, essa é a única ocasião, além de 2 Pedro 1.20-21, onde uma passagem do Antigo Testamento é referida como **profecia** (14). Esta citação, contrária a várias anteriores no livro, é tomada literalmente da Septuaginta. O hebraico de Isaías 6.9-10, como traduzido em nossas versões, é imperativo em vez de futuro do indicativo. O primeiro enfatizava a sua aplicação ao ministério de Isaías, o segundo é uma aplicação profética para os tempos posteriores.

Coração (15), no antigo pensamento hebraico, referia-se ao lugar da inteligência em vez do lugar das afeições. Esse é o caso nesta citação, como em muitas outras passagens do Antigo Testamento. Neste versículo, Jesus apresenta um segundo impedimento ao conhecimento espiritual. Nos versículos 11 e 12, Ele disse que o entendimento e o crescimento espiritual são limitados pela ignorância, pela qual o homem não é responsável. Aqui Ele declara que também há uma ignorância intencional da verdade do Evangelho - **fechou os olhos.**

Jesus lembrou aos discípulos que seus **olhos** espirituais eram bem-aventurados, porque podiam **ver** a verdade (16); também seus **ouvidos,** porque podiam **ouvir.** Este é o privilégio dos filhos de Deus - de todos os que ouvem o evangelho e que mantêm seus corações abertos para a verdade dele.

A afirmação do versículo 17 é mais tarde iluminada por 1 Pedro 1.10-11. Que privilégio viver desde que Cristo veio!

c*) A Explicação da Parábola* **(13.18-23).** Jesus descreveu quatro tipos

de ouvintes do Evangelho. Existem primeiro aqueles **ao pé do caminho (19).** Seus *corações impassíveis* - que se tornaram assim pela indiferença ou pelas pressões da vida - não recebem realmente a verdade, e o **maligno** arrebata a semente que fica na superfície da terra. Luccock diz: "O que quer que seja mantido na superfície da vida será arrebatado".[11]

O segundo compreende aqueles que estão em **pedregais** (20), ou em solo pedregoso. Seus *corações superficiais* - a superficialidade em parte herdada, em parte adquirida -respondem com um entusiasmo emocional, mas falham em firmar as suas raízes em profundo arrependimento. Assim, vivem "vidas fracas". Quando a **angústia** e a **perseguição** (21) os atingem, definham e morrem. Eles se **ofendem** (s*kandalizetai)* - tropeçam, ou se prendem.

O terceiro tipo compreende aqueles que estão **entre espinhos** (22). Eles recebem a mensagem, e são salvos. Mas **os cuidados deste mundo e a sedução das riquezas**

sufocam a palavra. Estas duas coisas ameaçam a vida espiritual de cada cristão e causam a morte espiritual de muitos. Estes são os c*orações estrangulados,* cujas vidas se tornam sobrecarregadas de muitas *coisas,* até que a consciência em relação a Deus é completamente sufocada.

O quarto tipo compreende aqueles que são descritos como **boa terra** (23). Estes não só ouvem a Palavra, mas também a entendem. Eles produzem frutos, mas em vários graus. O desafio para cada cristão é produzir "mais frutos" e "muitos frutos" (Jo 15.2, 5).

Poderiamos pensar nesses quatro solos como sugerindo "Um Quarteto dos Corações Humanos": 1) O Coração Impassível; 2) O Coração Superficial; 3) O Coração Estrangulado; 4) O Coração Firme.

Naturalmente, a terra é inteiramente passiva, mas o espírito humano não. Inferir alguma espécie de fatalismo ou determinismo dessa história seria como desviar-se das Escrituras como um todo, pois elas assumem em toda parte uma responsabilidade individual. Pela ajuda

do sempre disposto Espírito Santo podemos romper a "terra não cultivada" dos nossos corações (Jr 4.3). Aremoção dos "pedregais" da vontade própria latente, e da dureza espiritual, é um privilégio prometido inerente na nova aliança (Ez 36.25-27), e é exatamente o que ocorre no arrependimento sólido, e, mais radicalmente, em toda a santificação. No que diz respeito aos **cuidados deste mundo e a sedução das riquezas,** o crente vigilante, purificado, cheio do Espírito Santo, pode se recusar a permitir que as preocupações temporais monopolizem a sua atenção e sufoquem completamente a sua espiritualidade.

2. *O Joio* (13.24-30, 36-43)

Esta parábola só é encontrada em Mateus. Ela é colocada logo após a parábola do semeador, provavelmente porque ambas estejam relacionadas com a semeadura de grãos. Mas aí termina a similaridade. As lições ensinadas pelas duas são completamente diferentes.

a) *A Parábola Declarada* (13.24-30). Jesus comparou o Reino dos céus a um homem que **semeia boa semente no seu campo** (24). Mas enquanto todos estavam dormindo, um **inimigo** semeou **joio** ("cizânia", uma semente com praganas que lembra o trigo) **no meio do trigo** (25). O estrago não foi descoberto até que o trigo começou a despontar (26), quando a diferença entre o trigo e o joio podia ser discernida. Os **servos** relataram o problema ao **pai de família** (27). O dono reconheceu isto como sendo a obra de um inimigo.

Quando os servos perguntaram se deveriam retirar o joio (28), o dono os proibiu, para que não arrancassem o trigo ao mesmo tempo (29). Ele os instruiu a deixar que ambos crescessem juntos até o tempo da ceifa. Então o joio seria juntado em molhos para ser queimado, enquanto o trigo seria armazenado no celeiro (30), ou "armazém". J. Jeremias explica como isto era feito: "Pelo ajuntamento do joio, não devemos entender que ele era arrancado pela raiz imediatamente antes da colheita dos grãos, mas que, quando o ceifeiro cortava o grão com a sua foice, ele deixava o joio cair, para que não fosse agrupado nos molhos".[12] Posteriormente o joio era apanhado e amarrado, e

queimado como combustível.

Qual foi a ocasião para esta história ser contada? "A parábola soa como a resposta de Jesus a uma crítica - provavelmente um fariseu... que havia objetado: 'Se o Reino de Deus está realmente aqui, por que não houve uma separação dos pecadores e dos santos em Israel?'."[13] No idioma original, o nome fariseu significa "separatista".

b*)* *A Parábola Explicada* (13.36-43). Depois que Jesus expôs as parábolas do grão de mostarda e do fermento, Ele foi para casa (veja 13.1) - provavelmente a casa de

Pedro em Cafarnaum. Na privacidade do lar, os discípulos pediram uma explicação da parábola do joio (36).

Como no caso da parábola do semeador, Cristo deu uma interpretação detalhada. O semeador é o **Filho do Homem (37). O campo é o mundo, a boa semente são os filhos do Reino** - aqui a igreja invisível, todos aqueles que são os verdadeiros filhos de Deus -, **e o joio são os filhos do Maligno (38).** O **inimigo** é o **diabo; e a ceifa é o fim do mundo** ("era"); **e os ceifeiros são os anjos (39).** No fim desta era, disse Jesus, Ele enviará os seus anjos para colher do seu **Reino (41)** - a palavra aqui parece ter uma conotação mais ampla do que é usual, e diferente do significado no versículo **38;** aqui a palavra se refere à igreja visível, ou mais provavelmente ao mundo inteiro composto por homens bons e homens maus. **Tudo o que causa escândalo** (*skandala*) significa "tudo o que apanha em armadilha ou seduz os homens à destruição".[14] **Iniqüidade** é, no grego, "impiedade". Estes serão lançados em uma **fornalha de fogo,** onde haverá **pranto e ranger de dentes** (42) - uma frase encontrada cinco vezes em Mateus **(8.12; 13.42; 22.13; 24.51; 25.30)** e uma vez em Lucas **(13.28).** Ela sublinha o horror do inferno. Em contraste com isso, **os justos resplandecerão como o sol (43).** Este é um eco de Daniel **12.3** - "Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas, sempre e eternamente".

3. *O Grão de Mostarda* (13.31-32)

Esta parábola é encontrada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Marcos 4.30-32; Lucas 13.18-19). O quadro é o de uma pequenina semente sendo semeada na terra e crescendo até o tamanho de uma árvore, grande o suficiente para as aves se aninharem em seus ramos. Na verdade, o grão de mostarda não é **a menor de todas as sementes** (32), mas esta era uma expressão proverbial para algo extremamente pequeno.

A breve parábola nos sugere o ditado: "O Pouco é Muito se Deus Estiver Nele", e os três pontos: 1) Perdida na Terra; 2) Menor das Sementes; 3) Maior das Ervas.

4. *O Fermento* (13.33)

Esta parábola também é encontrada em Lucas (13.20-21), mas não em Marcos. Jesus retratou uma mulher tomando o **fermento** (levedura) e escondendo-o em **três medidas** (cerca de um alqueire) de **farinha.** O fermento afetou toda a quantidade de massa de pão, de forma que tudo cresceu.

Uma vez que esta parábola está intimamente relacionada com a anterior, elas bem podem ser interpretadas juntas. Duas interpretações principais são populares hoje.

A primeira é a interpretação tradicional, sustentada desde os primórdios da Igreja. Esta opinião afirma que Jesus está descrevendo aqui o duplo crescimento da Igreja. Na parábola do grão de mostarda, trata-se do crescimento exterior; na parábola do fermento, trata-se do crescimento interior e espiritual - ou a sua influência na sociedade contaminada.

Durante os últimos cem anos uma opinião completamente diferente tem sido promovida por alguns estudiosos da Bíblia. Ela é principalmente baseada na premissa de que o **fermento** é sempre um símbolo da iniqüidade. De acordo com esta interpretação, o grande crescimento da planta da **mostarda** tipifica a expansão exterior de uma Igreja apóstata que ganharia o domínio do mundo. As **aves do céu** são os homens ímpios em altas posições em vários ramos da

igreja. O **fermento** simboliza o ensino herege na igreja, pelo qual ela se tornou contaminada. Dessa forma as duas parábolas fornecem uma antecipação do curso do mal da igreja exterior nesta era. A interpretação tradicional parece muito mais coerente com toda a força do ensino de Jesus sobre o Reino.

Interlúdio: Resumo (13.34-35)

Para as multidões, Cristo falou somente por parábolas (34). Isso contribuiu tanto para uma variedade como para uma vivacidade em seu ensino. Ele usou ilustrações de pesca, lavoura, comércio e até mesmo de culinária. Todos puderam encontrar algo familiar aqui.

Além disso, Mateus encontra um cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Ele declara que o que se segue **fora dito pelo profeta** (35), mas então cita o Salmo 78.2. Não há tal declaração registrada no Livro de Isaías.[15] Como em outras passagens, ele traduz o hebraico em vez de fazer uma citação da Septuaginta, como fazem, comumente, outros escritores do Novo Testamento. **Criação** significa "princípio". A palavra grega é assim usada pelos escritores seculares.

5. *O Tesouro Escondido* (13.44)

Nos tempos antigos, quando em muitos lugares não havia bancos, era costume esconder tesouros no solo. Jesus falou sobre um homem que inesperadamente descobriu um "achado", e vendeu tudo o que tinha para comprar o campo e obter o tesouro.

6. *A Pérola de Grande Preço* (13.45-46)

Semelhantemente, um homem que descobriu uma pérola de valor altíssimo, vendeu tudo o que possuía para comprá-la. As duas parábolas, que só são encontradas em Mateus, ensinam claramente a mesma lição.

Alguns têm interpretado essas duas parábolas como significando que Cristo deu tudo o que possuía para comprar a igreja. Mas a maioria dos estudiosos as interpreta como significando que devemos estar

dispostos a desistir de tudo o que possuímos para ganhar a salvação. O Reino de Deus, a vida de Deus na alma, é o tesouro escondido e a pérola preciosa. Tem sido sugerido que o tesouro escondido tipifica aqueles que de repente e inesperadamente encontram a Cristo, enquanto a pérola de grande preço simboliza aqueles que o buscam por muito tempo, antes de encontrá-lo. [1]

Jesus, na consumação deste século virão **os anjos e separarão os maus dentre os justos** (49). Os maus serão lançados na **fornalha de fogo** (50), onde haverá **pranto e ranger de dentes** (cf. v. 42).

A lição das parábolas parece ser dupla. Ela é, em primeiro lugar, uma advertência para que cada pessoa tenha a certeza de que está entre o trigo e os peixes bons no Reino, e não entre o joio e os peixes **ruins.** Em segundo lugar, ela é uma advertência para os líderes humanos, para não usurparem a prerrogativa divina de separar os justos dos ímpios. Só no dia do juízo esta tarefa poderá ser adequadamente executada.

C. A Sequência, 13.51-52

Tendo concluído o seu discurso das sete parábolas do Reino, o Mestre perguntou aos seus discípulos se eles haviam entendido tudo o que Ele disse. Eles responderam, **Sim, Senhor** (51). Então Ele comparou o **escriba** que é **instruído** - ou que se "tomou um discípulo" - nas verdades do Reino, a um **pai de família** que tira do seu tesouro coisas **novas** e **velhas** (52). Isto poderia significar as novas verdades do cristianismo acrescidas dos ensinos do Antigo Testamento.

Narrativa Retomada:

1

A Rede (13.47-50)

Esta parábola - assim como a do joio - só se encontra em Mateus e ambas ensinam a mesma lição. Ambas descrevem o dia do juízo final, e a conseqüente separação dos bons e dos maus. Na presente

parábola, a frase, **o Reino dos céus é semelhante,** é provavelmente melhor entendida se a lermos da seguinte forma: "A obra de Deus no mundo é como..." Desta vez o quadro é o de uma grande rede que retirou do lago um arrastão de peixes de **toda qualidade** (47). Quando a rede de arrasto foi puxada até à praia, os peixes foram separados. Os **bons** foram colocados em **cestos** (48). Mas os pescadores lançaram fora os **ruins.** A palavra *sapra* geralmente significa "podre". Mas aqui ela deve significar "imprestável, impróprio para o uso". Semelhantemente, disse

VIAGENS DE JESUS

Mateus 13.53—17.27

A. **Rejeição de Jesus e de João,** 13.53—14.12

1. *Rejeição em Nazaré* (13.53-38)

O versículo 53 contém a fórmula habitual que encerra cada um dos cinco discursos de Jesus. Essa é a terceira vez que isso ocorre (cf. 7.28; 11.1).

Depois de ter contado as sete parábolas do Reino, Jesus **se retirou dali** (53) - provavelmente de Cafarnaum - e retomou **à sua pátria** (54), isto é, Nazaré (veja o mapa). Lá Ele **ensinava-os** - "estava ensinando" (tempo imperfeito) - **na sinagoga deles.** Essa é, provavelmente, a mesma sinagoga onde Ele havia adorado desde os doze até os trinta anos de idade.

A atitude de seus conterrâneos foi a que geralmente seria de se esperar, tratando-se de um jovem daquele lugar: **Donde veio a este a sabedoria e estas maravilhas?** Não parece estranho o fato de sermos capazes de rejeitar facilmente uma reconhecida sabedoria e até obras notáveis quando elas aparecem em lugares inesperados? O povo ainda o considerava **o filho do carpinteiro** (55) - Marcos usa a expressão "o carpinteiro" (Mc 6.3). Eles conheciam **sua mãe** e **seus irmãos,** sendo que os nomes de quatro deles são mencionados aqui. São nomes judeus muito comuns, encontrados freqüentemente no Novo Testamento. Jesus também tinha irmãs (56) e **todas** elas ainda estavam vivendo em Nazaré - mas não sabemos exatamente o seu número. **Escandalizavam-se nele** (57) -As pessoas se sentiam inseguras pelo fato de o conhecerem muito bem desde criança.

Essa reação indica que Jesus havia tido uma vida bastante normal até os trinta anos de idade, e que durante esse período nunca havia realizado nenhum evento sobrenatural.

A menção dos **irmãos** e **irmãs** de Jesus levanta, imediatamente, a questão da perpétua virgindade de Maria, sua mãe - um dogma da igreja católica romana que não encontra respaldo nas Escrituras. No século IV, Helvídio (380 d.C.) afirmou que eles eram filhos de José e Maria. Essa é a opinião mais natural, especialmente devido ao fato de os nomes de seus **irmãos** terem sido mencionados aqui. Essa opinião é provavelmente apoiada pela maioria dos protestantes e evangélicos.

Epifânio (382 d.C.) afirmou que eles eram meio-irmãos de Jesus, filhos de um casamento anterior de José. O fato de o nome de José não ser mais mencionado depois que Jesus iniciou o seu ministério público, levou à conclusão de que ele devia ser um homem de certa idade, e que já havia morrido. Essa é a opinião oficial da Igreja Ortodoxa Grega e tem o apoio de um número considerável de protestantes e anglicanos.

Jerônimo (383 d.C.) deu um passo adiante. Ele considerou os "irmãos" como "primos". Essa interpretação foi finalmente adotada pela igreja católica romana. Ela faz parte da sublimação e da adoração da "Virgem Santíssima", agora fortalecida pelos dogmas oficiais romanos da sua Imaculada Conceição e da Assunção de seu corpo.

Jesus respondeu à atitude de seus antigos vizinhos citando um velho provérbio (57). O aspecto mais triste é que Ele foi impedido de fazer ali **muitas maravilhas, por causa de incredulidade deles** (58). A descrença sempre impede que as pessoas recebam a graça de Deus.

Esse incidente também foi registrado em Marcos 6.1-6. Um ponto que ainda deve ser discutido é se essa viagem a Nazaré é a mesma descrita de forma mais extensa e detalhada por Lucas. Alguns bons estudiosos são a favor de duas visitas, outros encontram evidências suficientes para uma única visita. Veja os comentários sobre Lucas 4.16-32.

Depois que João foi preso, Antipas, **querendo matá-lo, temia o povo** (5). Aparentemente, isso parece ir de encontro com a afirmação de Marcos (conforme está escrito no texto grego): "E Herodias o espiava e queria matá-lo, mas não podia; porque Herodes temia a

João, sabendo que era varão justo e santo; e guardava-o com segurança e fazia muitas coisas, atendendo-o, e de boa vontade o ouvia" (Mc 6.19-20). Mas é preciso lembrar novamente que Mateus tinha o hábito de observar as coisas de longe, omitindo detalhes e incluindo apenas observações gerais. Parece não haver dúvida de que Antipas queria mandar executar João. Carr inclui esse útil comentário: "A narrativa de Marcos nos dá um quadro das intrigas internas da corte e provas do forte questionamento de alguma testemunha ocular dos fatos".[4]

Herodias suportou a situação por algum tempo. Ela esperava uma ocasião apropriada para submeter o profeta aos seus desígnios assassinos. Finalmente chegou o momento - **o dia natalício de Herodes.** Com toda a esperteza e malícia que uma mulher inteligente consegue acumular, ela formulou o seu plano. Estava tão desesperada para realizar esse feito covarde que se dispôs a desgraçar sua **filha** (Salomé) aconselhando -a executar uma dança sensual à frente de um grupo de homens embriagados.

Sua astúcia foi recompensada. Herodes, bêbado e apaixonado, **prometeu, com juramento** dar à jovem **tudo o que pedisse** (7). Ela, **instruída previamente por sua mãe** (8), pediu a cabeça de João Batista em um prato. Mas esse relato parece estar em conflito com a afirmação de Marcos de que a jovem saiu e perguntou à sua mãe o que deveria pedir (Mc 6.24). A solução do problema é simplesmente corrigir a tradução de Mateus. A frase **instruída previamente** deve ser traduzida como "incitada" *ou "instigada". De acordo com o seu costume de fazer generalizações, Mateus simplesmente afirma que Salomé agiu instigada pela mãe. Marcos, seguindo sua própria característica, preenche os detalhes de que ela saiu e consultou sua mãe.

O rei (9), título de cortesia para o tetrarca, ficou triste. Isso está de acordo com o quadro que Marcos fez de Antipas, onde diz que ele talvez gostasse de João secretamente e talvez também tivesse medo dele. Mas, por causa dos convidados, Herodes manteve sua promessa e ordenou a execução. A cabeça de João Batista foi oferecida à jovem e

ela a ofereceu à mãe (11). Seu corpo foi enterrado pelos discípulos entristecidos (12). O ódio humano havia vencido a batalha.

Essa dramática história pode ser facilmente resumida. Podemos pensar em: 1) A filha dançando; 2) O déspota embriagado; 3) O ato covarde.

B. **Milagres Posteriores,** 14.13-36

1. *Mais de Cinco Mil Foram Alimentados* (14.13-21)

A alimentação de mais de cinco mil pessoas tem a característica de ser o único milagre de Jesus que foi registrado nos quatro Evangelhos. Ele também é encontrado em Marcos 6.30-44; Lucas 9.10-17 e João 6.1-14.

Quando Jesus, provavelmente nas vizinhanças de Cafarnaum, ouviu sobre o assassinato de João Batista, ele atravessou o lago da Galiléia, em um barco, chegando até a sua margem oriental. Era um lugar tranqüilo, **um lugar deserto** (13), isto é, uma área desabitada. Tanto Ele como os seus discípulos precisavam de descanso, e de uma mudança.

Mas quando as multidões souberam para onde Ele tinha ido, o seguiram **à pé,** ou "por terra", dando a volta na extremidade norte do lago. E possível medir a velocidade de um barco da época: talvez as pessoas tenham conseguido fazer um percurso de 13 quilômetros, enquanto os discípulos, remando, percorreram cerca de 10 quilômetros.

Quando Jesus desceu do barco, encontrou uma grande multidão à sua espera. Ao invés de se aborrecer com a sua presença, Ele foi **possuído** ("dominado") **de íntima compaixão para com ela** e **curou os seus enfermos** (14).

Quando anoiteceu, os discípulos se aproximaram de Jesus lembrando que a hora do jantar já havia passado: **a hora é já avançada (15).** Melhor seria enviar a multidão embora para que as pessoas pudessem

ir para as vilas mais próximas, e comprar **comida.**

A réplica de Jesus foi a seguinte: **Dai-lhes vós de comer** (16). Os discípulos protestaram. Havia apenas **cinco pães e dois peixes** (17). Esses pães tinham o tamanho e a forma de uma pequena panqueca ou de um biscoito plano. A soma total das provisões disponíveis correspondia exatamente ao lanche de um menino (Jo 6.9).

Mas os discípulos haviam feito esse cálculo sem levar em conta o seu Mestre. Ele pediu que esse lanche simples lhe fosse trazido (18). Depois de mandar que a multidão **se assentasse** (19; o termo grego é "reclinar") **sobre a erva** - Marcos diz que a erva era "verde", mostrando que era primavera - Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, **os abençoou, e, partindo... deu-os** aos discípulos que, por sua vez, os distribuíram à multidão.

Um aspecto digno de nota é que os discípulos executaram a ordem de Cristo. Eles realmente alimentaram a multidão quando se associaram a Jesus nesse ato. O que cada cristão pode aprender é que, não importa o quanto sua tarefa lhe pareça impossível, com a ajuda divina tudo pode ser feito. "Porque para Deus nada é impossível" (Lc 1.37).

Todas as pessoas comeram e **saciaram-se (20). O** verbo *chortazo* (ficaram satisfeitas) vem do substantivo *chortos,* "grama". Era usado principalmente para animais pastando. O quadro geral é do gado comendo até ficar saciado e depois se deitando satisfeito sobre a grama. Arndt e Gingrich dizem que no modo passivo (como aqui) ele significa "comer até se encher, até ficar satisfeito".[6] Essa é a ênfase aqui. Todas essas pessoas comeram o suficiente, até ficarem "satisfeitas". Essa é a melhor tradução.

Dos pedaços que sobejaram - nos cestos dos discípulos e provavelmente em uma pilha sobre a grama limpa em frente a Jesus - eles levantaram **doze cestos cheios.** Isto é, cada apóstolo foi capaz de encher o cesto do seu lanche com alimento para o dia seguinte.

A multidão que foi alimentada compunha-se de quase **cinco mil homens** (21). Somente Mateus, o estatístico, acrescenta, **além das**

mulheres e das crianças. Se a multidão fosse composta por peregrinos prontos para comparecer à celebração da Páscoa, haveria poucas mulheres e crianças (Jo 6.4-5). Essa distinção reflete o fato de que em público - como ainda acontece entre os orientais - as mulheres e as crianças nunca comem junto com os homens. Acima de qualquer discussão, aquele era um mundo dos homens.

2. *Jesus Caminha Sobre as Aguas* (14.22-27)[6]

O Mestre imediatamente **ordenou** aos seus discípulos que partissem. **O** verbo é bastante forte, significando "obrigar, forçar". Arndt e Gingrich sugerem aqui a tradução: "Ele fez com que os seus discípulos embarcassem".[7] Por quê? João tem a resposta: "Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte" (Jo 6.15).

Ele não queria que os seus discípulos permanecessem em um ambiente tão revolucionário, nem queria que a Sua presença desse motivo para tal movimento. Ele não estava ali para estabelecer um reino político em oposição ao governo de Roma, mas para estabelecer o seu Reino espiritual no coração dos homens. Jesus percebeu o fato de que esses inconstantes galileus estavam prontos para dar início a outra revolta contra Roma. Portanto, ordenou que os seus discípulos se retirassem do local, dispensou a multidão e partiu para orar a sós.

E, chegada já a tarde (23) corresponde exatamente à frase grega "quando já era noite" (15). Mas, neste intervalo, a alimentação de mais de cinco mil pessoas já havia acontecido. Essa atividade deve ter durado pelo menos uma ou duas horas. Como podemos, então, harmonizar essas duas expressões de tempo? A resposta se encontra na distinção entre a "primeira tarde" (que começa por volta das 3 horas da tarde) e a "segunda tarde" (que acontece depois do pôr-do-sol). A palavra para *tarde* significa, literalmente, "uma hora mais avançada".

A frase como um todo (23) significa "quando ficou tarde". Arndt e Gingrich sugerem: "Muitas vezes o contexto torna mais fácil decidir exatamente qual é o tempo que se pretende, se antes ou depois do pôr-

do-sol".[8]

Quando chegou a noite, Jesus estava sozinho no monte. Enquanto isso, o barco estava **no meio do mar** (24) - aproximadamente na metade do lago. O texto grego de M'Neile diz: "Longe da terra, a muitos estádios". Isso está admiravelmente de acordo com a afirmação de João de que os discípulos haviam remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios (Jo 6.19), isto é, de cinco a sete quilômetros. Em sua extremidade norte, onde eles estavam, o Lago da Galiléia tem cerca de onze quilômetros de largura.

O barco estava sendo açoitado pelas ondas. Carr comenta: "Essa expressão é muito enérgica, 'torturado pelas ondas', contorcendo-se nos espasmos da agonia, por assim dizer".[9] O Lago da Galiléia é famoso por suas repentinas e terríveis tempestades. O escritor deste livro nunca se esqueceu da tempestade que enfrentou nesse mesmo lago em 1953. Parecia que o barco de pesca iria certamente afundar cada vez que despencava em uma profunda depressão que se formava entre ondas gigantescas. Porém, rangendo, gemendo, tremendo todo, ele conseguiu atravessar as ondas sucessivas, enquanto torrentes de água inundavam a proa.

O potente motor desse moderno barco de pesca fazia com que ele continuasse a navegar para frente. Mas os discípulos tinham que se contentar em lutar inutilmente com seus remos para enfrentar o forte vento contrário que vinha do norte.

Quando as coisas pioraram, na **quarta vigília da noite** (das 3 às 6 horas da madrugada), Jesus se aproximou, **caminhando por cima do mar** (25). Os discípulos **assustaram-se** (26), melhor dizendo, "ficaram apavorados" - pensando que Ele fosse um espírito ou um **fantasma** (em grego, *phantasma).* Tomados de terror por causa da tempestade e apavorados pela aparição, eles **gritaram.** O verbo significa "gritar, berrar, bradar".[10]

Jesus os tranqüilizou imediatamente com as palavras: **Tende bom ânimo, sou eu; não temais** (27). A redação grega diz, literalmente: "Tenham coragem, sou eu, parem de ter medo". Essa ainda é a

mensagem de Cristo em meio às tempestades da vida.

3. *Pedro Caminha Sobre as Águas* (14.28-33)

Esse é um episódio singular, encontrado apenas em Mateus. Pedro ficou tão intrigado ao ver Jesus caminhando sobre as águas, que disse: **Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas** (28). Essa frase está de acordo com a natureza impulsiva de Pedro. Como diz M'Neile àqueles que duvidam da veracidade da história: "Um forte ponto a favor da história é o seu fiel reflexo do caráter do apóstolo".[11]

Confiante, Pedro respondeu ao convite do Mestre: **Vem (29),** e começou a caminhar sobre as águas. O texto grego mais antigo diz: "Pedro caminhou sobre as águas e veio a Jesus".

Aparentemente, ele havia quase alcançado Cristo antes de perder a fé. Mas sentindo o **vento forte** (30), mais precisamente, os seus efeitos, ele se atemorizou. **Começando a ir para o fundo** - esse enérgico verbo composto significa "afundar no mar profundo"[12] - ele gritou, **Senhor, salva-me.**

Imediatamente, **Jesus, estendendo a mão, segurou-o** (31) - literalmente, "apanhou-o". Isso mostra que Pedro estava à distância de um braço. Gentilmente, o Mestre repreendeu seu ambicioso discípulo pela sua **pequena fé.** Parecia que a fé de Pedro era bastante grande quando ele saiu do barco e pisou na água. Mas, ela devia estar misturada com alguma presunção.

Logo que entrou no barco junto com Pedro, Cristo **acalmou o vento** (32). A raiz grega sugere "tornou-se exausto, fadigado".

Os discípulos que estavam no barco se aproximaram e o adoraram como o **Filho de Deus** (33). Para eles, a sua presença e poder eram prova da sua divindade.

4. *A Cura em Genesaré* (14.34-36)

Depois de atravessar **para a outra banda** do lago, do leste para o oeste, eles desembarcaram em **Genesaré** (34). Esta era uma planície que se estendia por aproximadamente cinco quilômetros ao longo da margem ocidental do lago da Galiléia, perto da sua extremidade norte, e que alcançava a largura de dois quilômetros e meio em direção ao interior. Josefo descreve essa área com muito entusiasmo por ser extremamente fértil.[13]

Era uma região densamente povoada, e logo a multidão se reuniu novamente para ser curada. Os doentes imploravam a permissão de ao menos tocar a **orla da sua veste** (36). Essa orla do manto judeu é descrita em Números 15.38-39. Carr a explica assim: "Em cada canto do manto havia uma borla e cada borla tinha um fio azul evidente que simbolizava a origem celestial dos Mandamentos".[14]

A frase **todos os que a tocavam ficavam sãos** é representada por uma única palavra grega. E uma expressão forte e que sugere uma cura completa.

C. Contaminação Cerimonial *versus* Contaminação Moral, 15.1-20

Sobre esta seção, Carr escreve: "Estes vinte versículos resumem a grande questão do Novo Testamento, que existe entre a religião da letra com suas observâncias exteriores, e a religião do coração, entre aquilo que Paulo chama de 'a justiça que é segundo a lei e a justiça que vem de Deus pela (ou alicerçada na) fé', Filipenses 3.9".[15]

1. A *Impureza Cerimonial* (15.1-9)

Mais uma vez Jesus entrou em conflito com os fariseus. Dessa vez eles tinham o apoio dos escribas, ou doutores da Lei, de **Jerusalém (1),** que ficava a uma distância de cerca de cento e sessenta quilômetros (veja o mapa). E bem possível que eles fizessem parte de uma representação oficial do Sinédrio, enviada para questionar Jesus (cf. João 1.19).

Esses escribas queriam saber por que os seus discípulos haviam desobedecido à **tradição dos anciãos** (2). A importância dessa

expressão é explicada por M'Neile: "Os 'anciãos' eram os grandes mestres do passado e do presente...; a 'tradição' representava a lei oral, transmitida por eles, embora incompleta, e que mais tarde foi codificada no Mishna".[16]

A transgressão dos fariseus, que foi especificamente citada, era a seguinte: **Não lavam as mãos quando comem pão.**[17] Isto não significa que os discípulos comessem com as mãos sujas, mas que eles não faziam o elaborado cerimonial de lavagem prescrito na tradição dos anciãos. Marcos explicou esse costume aos seus leitores romanos (Mc 7.2-4). Mateus assumiu que os seus leitores judeus o compreenderíam com facilidade.

O Senhor Jesus respondeu aos fariseus fazendo a seguinte pergunta: **Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?** (3) Depois, Ele explicou o que queria dizer fazendo o contraste entre o que **Deus ordenou (4)** e o que eles diziam (5). O quinto mandamento diz: **Honra a teu pai e a tua mãe** (cf. Ex 20.12). Também havia uma advertência para qualquer um que **amaldiçoasse** - a palavra grega significa literalmente "falar mal de" - seu pai ou sua mãe; tal pessoa deveria ser condenada à morte (Êx 21.17).

Os fariseus haviam se esquivado desse mandamento divino por meio da sua tradição humana. Eles diziam que os filhos, que eram obrigados a cuidar de seus pais - um ponto extremamente importante para os orientais - podiam declarar que o dinheiro necessário para o sustento deles seria dado como uma oferta (5), isto é, podería ser dedicado a Deus. Dessa forma eles ficavam isentos de cumprir sua obrigação legal (6) e "tornavam nulo", "invalidavam" o **mandamento de Deus** através da **tradição** deles.

As implicações antiéticas e irreligiosas desse costume dos rabinos foram descritas por Carr: "Os escribas afirmavam que essas palavras, mesmo quando pronunciadas em uma situação de ira e de desrespeito para com os pais que precisavam de socorro, isentavam os filhos de seu dever natural; na verdade, deixava-os livres para não oferecê-lo. Por outro lado, elas também não o obrigavam realmente a dedicar a

soma ao serviço de Deus ou do Templo".[18] M'Neile concorda com essa análise. Ele diz: "A verdadeira contribuição deles não era realmente contemplada, a soma era dedicada (isto é, ficava indisponível) apenas em relação aos pais, ou a outra pessoa, que esperasse recebê-la".[19]

Não é de admirar que Jesus chamasse os escribas de **hipócritas** (7). Para descrevê-los Ele citou (8-9) Isaías 29.13 (uma citação que se baseia mais na Septuaginta do que no texto hebraico).

2. A *Impureza Moral* (15.10-20)

A **multidão** (10) Jesus explicou que não era o que entra pela boca que **contamina,** mas o que dela sai (11). O verbo vem de *koinos,* "comum", portanto, ele significa literalmente "tornar comum". Mas como o adjetivo adquiriu o significado de "cerimonialmente impuro" (cf. Atos 10.14), o verbo passou a ter o significado de "contaminar" (no sentido cerimonial). Cristo declarou: "Não é o que você come que contamina a sua vida, mas o que você diz". Montefiore, um escritor judeu, expressou bem a lógica do que Jesus queria dizer. "Coisas não podem ser religiosamente puras ou impuras; somente as pessoas o podem ser. E as pessoas não podem ser contaminadas pelas coisas, mas somente por si mesmas quando agem de forma ímpia."[20]

Essa era uma escandalosa negação do judaísmo farisaico, que colocava sua maior ênfase na pureza cerimonial. Não é de admirar que os discípulos tenham informado o Mestre **(12)** de que os fariseus **se escandalizaram.** Sua resposta deixava implícito que esses críticos não haviam sido plantados por Deus; portanto, seriam **arrancados (13).** Ele os chamou de **condutores cegos** de outros **cegos (14).**

Em seguida, **Pedro** (15) pediu uma explicação dessa **parábola** - referindo-se, evidentemente, ao versículo 11. Uma parábola (*parabole*) foi usada aqui no estrito sentido de uma afirmação semelhante a uma parábola, isto é, fazendo uma comparação.

O Mestre expressou sua surpresa, e sem dúvida o seu desapontamento, porque nem os discípulos conseguiam ainda entendê-lo (16). Ele tentou tornar o assunto do versículo 11 um pouco

mais claro, procurando aperfeiçoá-lo. O alimento tem um efeito apenas físico, e não espiritual (17). Mas o que vem **do coração** contamina uma pessoa (18). Embora o Senhor tenha mencionado a palavra *boca* pela quarta vez (cf. 11, 17), os versículos 19 e 20 deixam claro que Ele não está se referindo apenas às *palavras* de uma pessoa, mas também aos seus *atos*.

Maus pensamentos (19) parece ser uma expressão introdutória geral, seguida de seis outros plurais, para descrever as ações exteriores das pessoas. Mas todas elas se originam de atitudes erradas do coração. Os pecados são relacionados em uma seqüência muito semelhante à dos Dez Mandamentos. Nas Escrituras, as condições do coração são muito importantes. Elas representam o interior do homem, como Deus o vê, seu estado de espírito, sua imaginação, afeições, motivos básicos e objetivos. Quando esse "eu" interior é pecador, ele se torna o manancial de todo o pecado na vida e na conduta das pessoas. Nenhum homem consegue evitar totalmente a contaminação dos atos pecaminosos, a não ser que o manancial de seu caráter tenha se tornado puro. Foi exatamente com esse propósito que Cristo veio viver entre os homens.

D. **Mais Milagres,** 15.21-39

1. *A Cura da Filha da Mulher Cananéia* (15.21-28)

Depois de sua conversa com os fariseus, Jesus viajou em direção ao norte, para a costa - "região ou "distrito" - **de Tiro** e **Sidom** (21). Essas duas cidades estavam localizadas na Fenícia (atualmente, o Líbano) que era um território gentílico (veja o mapa). Jesus desejava ficar sozinho com os seus discípulos para instruí-los.

Ao chegar, Ele foi procurado por uma **mulher cananéia** (22). Em Josué 5.12 a "terra de Canaã" (do Hebraico) aparece na versão da Septuaginta em grego como o "país dos fenícios". Essa mulher era estrangeira e pagã. No entanto, ela veio a Cristo. Marcos, que é o único outro autor que registrou esse episódio (Mc 7.24-30), diz que ela era "grega, siro-fenícia de nação". Portanto, as duas descrições estão essencialmente de acordo.

Ela vinha daquelas **cercanias.** Essa é uma palavra grega totalmente diferente daquela que foi traduzida como *costa,* em algumas versões, no versículo 21. Aqui ela significa literalmente "fronteiras" ou "limites". No versículo 21 ela consta, em várias versões, como "partes".

Essa mulher se dirigiu a Jesus da seguinte forma: **Senhor, Filho de Davi,** isto é, Messias. Ela pode ter estado entre aqueles que eram das "partes de Tiro e de Sidom", que tinham vindo ao Lago da Galiléia para ver Jesus (Mc 3.8). Agora ela implorava por **misericórdia.** Sua filha estava **miseravelmente endemoninhada,** o que está de acordo com os originais gregos.

No início, Jesus **não lhe respondeu palavra** (23). Finalmente, os discípulos chegaram e começaram a pedir: "Despede-a, que ela vem gritando atrás de nós" (tradução literal). Eles estavam aborrecidos porque a mulher continuava a segui-los, "gritando" por ajuda. Provavelmente queriam que o Mestre fizesse o que ela pedia, para assim ficarem livres dela.

Ao responder, Cristo informou à suplicante que Ele havia sido enviado apenas **às ovelhas perdidas da casa de Israel** (24). Primeiro com o seu silêncio e depois com uma afirmação direta, Ele rejeitou o pedido. Carr expressa corretamente o propósito de Cristo: "Por meio de sua recusa, Jesus estava testando a fé dessa mulher, para poder torná-la mais pura e profunda".[21]

Para não ser repelida, a mulher se aproximou e **adorou-o** - "ela se ajoelhou perante Ele" - implorando: **Senhor, socorre-me** (25). Este verbo significa auxiliar alguém que está pedindo socorro.

Aparentemente, a resposta de Jesus parece não ser nada menos que um insulto. Ele disse que não era apropriado (literalmente **bom)** pegar o pão dos **filhos** (dos judeus) e deitá-lo **aos cachorrinhos** (26).

Geralmente, os judeus chamavam os gentios de "cães", isto é, "impuros". Esta expressão parece fora de propósito, saindo dos lábios de Cristo. Entretanto, a palavra grega significa "cachorrinhos". Como diz Morrison: "Nosso Salvador não estava se referindo aos cães

selvagens, violentos, imundos e sem dono que perambulavam pelas cidades do Oriente, mas aos cachorrinhos de estimação nos quais as crianças estão interessadas e com os quais elas brincam".[22] Weatherhead também acredita que Jesus pode ter usado um tom de voz oü um certo olhar para dizer à mulher que com essa expressão Ele estava principalmente censurando os discípulos pela sua atitude mesquinha e nacionalista.[23]

A reposta da mulher foi, em todos os sentidos, notável. Ao invés de se ressentir por ter sido classificada como "cachorrinho" por parte de Cristo, ela aceitou a situação. Mas tirou dela o maior proveito possível. Tudo que pedia eram as **migalhas que caem da mesa** (27). Ela cria que essas **migalhas** iriam atender às suas necessidades. Em outras palavras, o poder do Mestre era tão grande, que não seria necessária uma parte expressiva dele para expulsar o demônio do corpo da sua filha. Não é de admirar que Jesus tenha respondido: **Ó mulher, grande é a tua fé** (28). Seu pedido foi atendido de forma imediata e plena.

Esse incidente foi bem resumido por G. Campbell Morgan: "Contra o preconceito, ela veio; contra o silêncio, perseverou; contra a exclusão, prosseguiu; e contra a rejeição, ela venceu".[24]

2. *As Multidões São Curadas* (15.29-31)

Depois de seu breve retiro com os discípulos, mesmo com as costumeiras interrupções, Jesus partiu e chegou ao **pé do mar da Galiléia** (29). Marcos (7.31) nos conta que Ele foi a Decápolis, a leste do lago, onde subiu **a um monte** e **assentou-se** para ensinar.

Grandes multidões vinham à sua procura, trazendo indivíduos **coxos, cegos, mudos, aleijados e outros muitos** (30). Isso nos dá alguma idéia da grande incidência de doenças e de calamidades naqueles dias onde não havia hospitais, e o número de médicos era bastante reduzido. Até hoje afirma-se que cerca da metade das crianças árabes que vivem nas cidades têm doenças nos olhos por falta de saneamento básico.

Jesus curou todos aqueles que se apresentaram. Isso despertou grande assombro e admiração entre o povo, levando as pessoas a glorificar a Deus (31).

3. *Mais de Quatro Mil Pessoas São Alimentadas* (15.32-39)

Embora a alimentação de cinco mil pessoas tenha sido registrada nos quatro Evangelhos, este episódio só é encontrado em Mateus e Marcos (8.1-9). Uma multidão havia permanecido ao lado do Mestre durante **três dias,** e toda a comida havia sido consumida. Ele não estava disposto a mandar as pessoas embora **em jejum** (famintas), para que não **desfalecessem** a caminho de casa (32). Os discípulos protestaram, dizendo que **não havia pão no deserto** para alimentá-los (33). Tudo que tinham eram **sete** pães **e uns poucos peixinhos** (34), o equivalente a apenas alguns biscoitos e sardinhas.

A primeira coisa que Jesus fez foi mandar que a multidão **se assentasse no chão** (35). Esse verbo é diferente daquele usado em relação à alimentação das cinco mil pessoas (14.19). No primeiro caso, a palavra significa literalmente "deitar", e aqui "cair de costas". A diferença essencial é pequena. Na verdade, as duas palavras querem dizer "reclinar". O Senhor "abençoou" o pão na ocasião em que alimentou mais de cinco mil pessoas, e aqui Ele deu **graças** (36).

O verbo é *eucharisteo,* e equivale à nossa moderna expressão "dar graças" quando estamos à mesa, prestes a fazer as nossas refeições. Depois, Jesus partiu os pães e os discípulos novamente serviram a multidão.

Dessa vez, eles juntaram **sete cestos cheios de pedaços** que sobraram (37). A palavra usada para **cestos** é diferente daquela que é usada em relação à alimentação das cinco mil pessoas (14.20). Naquele caso, entendemos que se tratava das cestas de lanche dos doze discípulos, enquanto aqui o significado é um cesto maior. Isso é sugerido pelo fato da mesma palavra ter sido usada para o cesto no qual os discípulos desceram Paulo pelo muro de Damasco (At 9.25). Provavelmente se tratasse de um cesto de pescador, feito com cordas trançadas, e que podia carregar pelo menos um alqueire de

cereais. Dessa forma, os **sete cestos** mencionados aqui podem ter acondicionado uma quantidade muito maior de alimentos do que os "doze cestos" da ocasião anterior.

Dessa vez havia **quatro mil homens** (38), novamente Mateus (e não Marcos) acrescenta: **além de mulheres e crianças.**

Tendo despedido a multidão, Jesus **entrou no barco** - literalmente "subiu no barco" - e foi para as "fronteiras" de **Magdala** (39). Essa era a cidade de onde veio Maria Madalena. Estava localizada na fértil planície de Genesaré (cf. 14.34). Os manuscritos gregos mais antigos trazem o termo "Magadã". Como a localização dessa última é desconhecida, fica fácil entender porque algum escriba a mencionou como a cidade de Madalena.

E. Os Fariseus Cegos e Os Discípulos Que Enxergavam, 16.1—17.27

1. *A Exigência de Um Sinal* (16.1-4)

Os **fariseus** - que eram os mestres das sinagogas - e os **saduceus** - que eram os sacerdotes no templo - vieram a Jesus para **o tentar** ("experimentar" ou "testar"; v. **1).** Geralmente, esses dois grupos eram antagônicos, tanto do ponto de vista teológico como político. Os **saduceus** eram partidários dos governantes romanos, enquanto os fariseus se ressentiam da sua presença. Mas os dois partidos trabalhavam juntos no Sinédrio de Jerusalém, e agora estavam unidos por uma hostilidade comum em sua oposição a Jesus.

Esses líderes judeus **pediram-lhe que lhes mostrasse algum sinal do céu** (1). Não tinham ficado satisfeitos com os sinais que até então o Senhor Jesus havia mostrado constantemente em seu ministério de curas. Eles rejeitavam essas curas como provas de que Ele era o Messias. Antes, exigiram que Ele apresentasse um sinal espetacular do céu, alguma coisa do outro mundo, como prova de que Ele era realmente quem afirmava ser.

Nos versículos 2 e 3[26] encontramos uma comparação entre os sinais climáticos e os **sinais dos tempos.** Essa frase, usada tão

freqüentemente na literatura profética atual, só é encontrada nesta passagem no Novo Testamento.[26] Ela se refere a indicações relativas àquilo que está por acontecer em assuntos mundiais.

As palavras de Jesus, citadas no versículo **4,** são as mesmas que se encontram em **12.39.** A palavra **má** corresponde **à** mesma palavra grega traduzida como "pecadora". Deste modo, as duas passagens são idênticas, exceto que o termo **profeta (4)** não consta do texto grego.

Marcos registra as palavras de Jesus: "A esta geração não se dará sinal algum" (Mc **8.12).** Essa frase pode parecer conflitante com a observação de Mateus a respeito do sinal de Jonas. Mas obviamente o que Marcos está dizendo é que nenhum sinal do tipo que os líderes judeus estavam exigindo lhes seria dado (veja também os comentários sobre **12.38-42).**

2. *O Fermento dos Fariseus e dos Saduceus* **(16.5-12)**

Jesus novamente deixou a margem ocidental - onde havia experimentado tanto uma grande popularidade quanto a maior oposição - e atravessou para **a outra banda** do lago (5). Alguém havia esquecido de providenciar **pão** para o grupo. Dois fatos tornavam difícil a compra de alimento no lado oriental do lago da Galiléia. Em primeiro lugar, era uma região esparsamente habitada e, em segundo lugar, era um território principalmente habitado por gentios e assim podia ser difícil encontrar alimentos "limpos", que fossem aceitáveis aos judeus.

Jesus advertiu os discípulos de que deveriam tomar cuidado com o **fermento dos fariseus e saduceus** (6). Eles imediatamente pensaram que Jesus estivesse se referindo ao fato de terem se esquecido de trazer pão (7). O Mestre atribuiu essa conclusão à **pequena fé** que demonstravam (8), isto é, a uma falta de percepção espiritual. Sem a graça de Deus os homens se tornam materialistas incuráveis. Para contrabalançar a preocupação dos discípulos pela falta de pão, Cristo lembrou-lhes de como Ele havia alimentado mais de cinco mil pessoas com cinco pães e mais de quatro mil pessoas com sete pães **(9-10).** Não era do pão físico que Ele estava falando

(11). Então, os discípulos entenderam que Ele estava se referindo à **doutrina** ("ensino") dos fariseus e saduceus (12). Caracteristicamente, essa explicação foi acrescentada por Mateus (cf. 17.13). Ela não é encontrada em Marcos (8.13-21), o único outro livro em que esse incidente foi registrado.

Os estudiosos discutiram muitas vezes sobre a possibilidade de a alimentação das cinco mil pessoas' e também das outras quatro mil serem variações deturpadas da mesma história. Mas, provas bastante claras depõem contra essa opinião negativa. Como já observamos, a alimentação das cinco mil pessoas está registrada nos quatro Evangelhos, enquanto a de quatro mil foi descrita por Mateus e também por Marcos. No parágrafo que estamos considerando, Mateus e Marcos estão se referindo aos dois fatos anteriores. Isso nos dá seis referências do atendimento a cinco mil pessoas (Mt 14.20; 16.9; Mc 6.43; 8.19; Lc 9.17 e Jo 6.13). Em todas elas, a palavra grega para "cesto" é *kophino*s. Existem quatro referências à alimentação de quatro mil pessoas (Mt 15.37; 16.10; Mc 8.8,20). Em todas elas a palavra usada foi *spyris.* E difícil entender como alguém pode responder por esses relatos cuidadosos e consistentes a não ser por meio de um registro acurado desses dois milagres distintos. Esse é, claramente, o duplo quadro apresentado nos Evangelhos.

3. *A Grande Confissão* (16.13-20)

Pela quarta vez Jesus se afastou das multidões a fim de instruir os seus discípulos (cf. 14.13; 15.21, 29). Ele viajou em direção ao norte (veja o mapa), até à costa (ou **partes)** de **Cesaréia de Filipe** (13). Essa cidade havia sido construída por Filipe, filho de Herodes, o Grande, e recebeu o nome de **Cesaréia** em honra ao imperador reinante, Tibério César. Posteriormente, ela recebeu a designação **de Filipe** para distingui-la da cidade de Cesaréia na costa do Mediterrâneo, construída por Herodes e que, na época de Jesus, era a sede do governo romano na Judéia. O antigo nome grego de Cesaréia de Filipe havia sido Paneas, nome que sobreviveu até hoje como a moderna Banias. Estava localizada em um planalto rochoso debaixo das sombras do elevado monte Hermom, cujos picos ficam cobertos de neve o ano todo.

Nas suas proximidades existem penhascos que ainda trazem as marcas do antigo culto aos deuses Baal e Pan (palavra grega para "Tudo"). Era um local muito apropriado para a confissão da divindade de Jesus, e de sua identidade como o Messias longamente aguardado.

Sua carreira havia chegado a um ponto crítico. M'Neile observa: "O ministério público na Galiléia havia terminado e a jornada em direção à cruz logo seria iniciada; e Ele desejava atrair os discípulos a uma afinidade ainda maior com a sua pessoa, como jamais havia feito".[27] Era necessário que seus doze seguidores tivessem uma fé muito sólida em sua missão como o Messias, para enfrentarem um futuro que iria, rigorosamente, testá-la.

Ao alcançar as proximidades de Cesaréia de Filipe, Cristo perguntou aos discípulos: **Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?** Eles deram várias respostas: **João Batista;... Elias,... Jeremias ou um dos profetas** (14). Então Ele fez a pergunta mais importante de todas (15). Literalmente, ela seria: "E vós, quem dizeis que eu sou?" **Si-mão Pedro** respondeu pelo grupo: **Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo** (16).

Os versículos 13-16 sugerem o seguinte resumo: 1) A questão comum - **Quem dizem os homens...** que eu sou? 2) A questão crucial - "E vós, quem dizeis que eu sou?" 3) E a resposta confiante: **Tu és o Cristo.**

Marcos 8.27-30 e Lucas 9.18-21 registram essa confissão de Pedro. Mas ambos limitam a resposta a "o Cristo". Somente Mateus acrescenta, **o Filho do Deus vivo.** Carr indica com propriedade a seguinte implicação: "Essa confissão não só vê em Jesus o prometido Messias como reconhece, no próprio Messias, a sua natureza divina".[28] Os líderes judeus poderíam ter aceitado um Messias humano, mas foi precisamente essa pretensão à divindade que os levou a rejeitar Jesus e a condená-lo à morte sob a acusação de blasfêmia (26.64-65).

O restante dessa seção (17-20) encontra-se somente em Mateus. Jesus declarou: **Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não**

foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus (17). **Carne e sangue** era uma expressão rabínica usada para a humanidade, fazendo um contraste com a Divindade. Somente uma revelação divina do Espírito Santo pode nos fazer conhecer realmente que Jesus é o Filho de Deus, e essa revelação nos dá uma certeza interior que não pode ser abalada.

Cristo prosseguiu dizendo: **tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela** (18). A palavra **Pedro** corresponde ao termo grego *petros,* que quer dizer "pedra". O rochedo é uma *petra* ou "uma massa de pedra diferente de *petros,* que é um pedaço de pedra solta ou seixo".[29] Muitos estudiosos fazem uma objeção dizendo que só existe uma palavra em aramaico com os dois sentidos, isto é, *Kepha,* e que, como Jesus falou em aramaico, nesse caso não se aplica a distinção entre as duas palavras gregas. Mas nessa área de gentios que falavam grego é totalmente possível que Jesus tenha falado em grego e mudado propositada-mente as palavras.

M'Neile acredita que Jesus falou em aramaico, usando a palavra *kepha.* Ele observa que essa palavra é do gênero feminino, e assim ela foi corretamente representada por *petra,* ou "rocha". Ele entende que a palavra *petros,* ou "pedra", tinha o mesmo significado, embora fosse mais apropriada para um nome de homem por ser do gênero masculino. Ele acrescenta, entretanto: "Não se pode concluir a partir desse jogo de palavras que 'esta rocha' seja Pedro", e conclui: "A referência foi feita provavelmente à verdade que o apóstolo havia proclamado, isto é, ao fato de que o Messianismo do Senhor seria como uma rocha imóvel sobre a qual a sua *'ecclesia'* (igreja) estaria segura".[30] Acreditamos que essa interpretação seja preferível à de Cullmann, que faz de Pedro a rocha sobre a qual a igreja seria construída. Cullmann, naturalmente, está se referindo a Pedro como apóstolo e não como bispo.[31]

Jesus declarou: **edificarei a minha Igreja.** Nos Evangelhos, a palavra *greg&ekklesia* ocorre apenas nessa passagem e em 18.17 (duas vezes). Mas ela é encontrada cerca de vinte e quatro vezes em

Atos e mais de sessenta vezes nas epístolas de Paulo. Seu significado básico é "assembléia". Na Septuaginta, essa palavra foi usada para a "congregação" de Israel. Na época de Jesus, seu significado comum era uma reunião legal dos cidadãos livres e eleitores de uma cidade grega. No Novo Testamento, ela foi empregada três vezes com esse sentido secular (At 19.32, 39, 41). O significado literal de *ekklesia* é "chamados para fora". Da mesma maneira, a igreja de Jesus Cristo é composta por pessoas "chamadas para fora", as quais têm o especial privilégio de funcionar como uma congregação de Deus.

As **portas do inferno** (Hades) provavelmente significam aqui os "poderes da morte", isto é, todas as forças que se opõem a Cristo e ao seu Reino. Em grego, Hades era o lugar dos espíritos que partiram e equivale à palavra hebraica *Seol*. Morrison diz: "Nosso Salvador quer dizer que a sua verdadeira igreja nunca sucumbirá à morte e à destruição".[32]

O que Jesus quis dizer com **Eu te darei as chaves do Reino dos céus** (19)? O livro de Atos parece sugerir a resposta. Pedro usou primeiramente as chaves quando sua pregação no Pentecostes abriu as portas do Reino dos Céus aos judeus e prosélitos, e mais de três mil almas entraram em um único dia. Mais tarde ele usou as chaves para abrir a porta aos gentios na casa de Cornélio. Em um sentido real: "Cada pregador usa as chaves do reino dos céus quando proclama os termos da salvação em Cristo".[33]

Mais notável ainda é a afirmação de Cristo de que tudo que Pedro ligar na terra será ligado no céu, e tudo que for desligado na terra será desligado no céu. Qual seria o significado de **ligar** e **desligar?** M'Neile explica: " 'Ligar' e 'desligar' parecem representar em aramaico os termos técnicos do veredicto de um professor da Lei que, baseado na força de seu conhecimento específico da tradição oral, declarou que algum ato ou coisa é 'ligado', isto é, proibido, ou 'desligado', isto é, permitido".[34] Em outras palavras, baseado nos ensinos de Jesus, Pedro daria as decisões que seriam *ligadas no céu,* isto é, seriam honradas por Deus.

O Mestre **mandou** — um termo bastante forte, "mandou estritamente"—, que seus discípulos não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo (20). O momento ainda não era chegado. O conceito político de um reino messiânico, em que o povo acreditava, estava correndo o risco de sofrer uma revolução.

4. *A Primeira Previsão da Paixão* **(16.21-23)**

Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos (21) sugere que a confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe constituiu um momento crucial no ministério de Cristo, e Ele começou a revelar cada vez mais aos seus discípulos o verdadeiro propósito de sua missão na terra. Ele deveria morrer na Cruz, e dessa maneira dar aos homens a salvação. Mas essa revelação somente poderia ocorrer depois que eles tivessem reconhecido que Ele era o Messias.

Quatro coisas foram incluídas nessa previsão: **1)** ir a **Jerusalém; 2) padecer muito dos anciãos, e dos principais sacerdotes, e dos escribas** (o Sinédrio); **3)** ser **morto** e 4) e **ressuscitar ao terceiro dia.**

Pedro, tomando-o de parte (22) parece sugerir que o apóstolo o agarrou como se fosse protegê-lo contra esse destino. **Tem compaixão de ti** corresponde à expressão grega *hileos soi* que pode ser traduzida como "Deus, tenha piedade de ti", ou simplesmente, "Tenha piedade de ti". Pedro tinha um grande coração cheio de terna afeição pelo seu Senhor.

Mas nesse momento ele falou as palavras erradas. Jesus se virou - não para longe de Pedro, mas em direção ao apóstolo - e disse: **Para trás de mim, Satanás** (23). A palavra **Satanás** significa "adversário" e ao insistir com Jesus para evitar a Cruz, Pedro estava agindo em favor do inimigo contra o propósito da divina missão de Cristo. Ele estava tentando Jesus a dar as costas, como Satanás havia tentado fazer na tentação do deserto no início do ministério público de Jesus.

Mateus acrescenta (em relação a Marcos 8.33): **que me serves de**

escândalo. A palavra é *skandalon,* isto é, "escândalo". Sem querer, Pedro estava armando uma cilada para Jesus. **Compreendes** significa simplesmente "pensas" ou "tem em mente". O pensamento de Pedro era contrário ao de Deus.

Nessa conversa, Pedro representa o exemplo perfeito da inconstância que caracteriza, em maior ou menor grau, todos os crentes que ainda não foram totalmente santificados. Não se tratava de uma indecisão consciente ou intencional da devoção a Cristo que contaminava Pedro, mas de um outro estado de espírito que coexistia no subconsciente e que era incompatível com a verdadeira espiritualidade do Reino. Embora tenha enxergado a verdadeira personalidade de Cristo quando disse: "Tu és o Cristo", ele não entendia a natureza espiritual de sua condição como o Messias. Essa mesma ambivalência fica evidente não só nessa passagem de Pedro, mas em todos os discípulos e de várias maneiras, até que seus olhos se abriram e eles se tornaram mais espirituais (ajustados aos caminhos de Deus) no batismo com o Espírito Santo no Dia de Pentecostes.

5. O *Preço do Discipulado* (16.24-28)

Uma das expressões mais significativas de Jesus (cf. 10.38; Mc 8.34; Lc 9.23; 14.27) é encontrada no versículo 24. Não era só Cristo que deveria enfrentar a Cruz, mas também os seus discípulos.

Existe todo um sermão envolvido nesse versículo. O Mestre disse: **Se alguém quiser vir após mim** - uma linguagem rabínica para "ser meu discípulo" - deve primeiro renunciar **a si mesmo.** "Renuncie-se a si mesmo" é a frase que está escrita na porta de entrada do Reino de Deus. Todo cristão deve se humilhar, renunciar aos seus pecados e negar a si próprio para entrar. Em seguida, deve tomar **sobre si a sua cruz.** Isso significa a morte do *eu,* ser crucificado com Cristo (Rm 6.6; G12.^0), isto é, uma renúncia total da vontade própria, e uma entrega à vontade de Deus. Bonhoeffer escreveu: "O discipulado significa adesão à pessoa de Jesus e, portanto, submissão à lei de Cristo, que é a lei da cruz".[85] **Renuncie-se a si mesmo** e **tome sobre si** estão no tempo aoristo e sugerem as crises da conversão e da completa consagração. **Siga-me** está em um tempo

presente, de ação contínua, e enfatiza o compromisso que cada cristão tem de seguir a Cristo, um compromisso que deve durar a vida toda.

Tudo isso está sugerindo que o único caminho para a vida é através da: 1) Renúncia de si mesmo (regeneração); 2) Morte do "eu" (santificação total); 3) Determinação própria **(Siga-me).**

Também ocorre a repetição desse pensamento no versículo 25 (cf. 10.39; Mc 8.35; Lc 9.24; 17.33; Jo 12.25). A única maneira de alguém **salvar a sua vida** é **perdê-la.**

Depois Jesus perguntou o que aproveita ao homem ganhar o mundo todo, mas perder a sua **alma.** A palavra é *psyché,* e é traduzida como "vida" no versículo 25 em várias versões. Talvez essa seja a melhor tradução aqui. Sobre o significado da palavra grega, Carr diz: *"Psyché* tem uma grande variedade de significados em grego; representava a 'vida' em toda a sua acepção, desde a mera existência vegetativa até a mais elevada vida intelectual".[36] Ele continua: "O cristianismo aprofundou essa concepção ao acrescentar à conotação de *psyché* a vida espiritual da alma em união com Cristo".[37] F. C. Grant fez a seguinte observação: "E a alma que pensa e sente e é, em geral, o princípio vivo dentro do corpo".[38] Ele pensa que tanto a palavra "alma" como "vida" são apropriadas para essa passagem.

No versículo -26, John Wesley encontra um forte sermão evangelístico sobre "A Importante Questão". Seus pontos principais são: 1) O que está implícito na expressão *ganhar* o mundo inteiro? 2) O que está implícito em *perder* a sua alma? 3) O que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?

A razão pela qual precisamos estar cuidadosamente atentos à questão de se perder a vida por amor a Cristo, é poder descobrir que o **Filho do Homem** voltará um dia como Juiz para recompensar cada homem de acordo com as suas obras (27).

A previsão de que **alguns há... aqui** que não irão morrer até que vejam o **Filho do Homem no seu Reino** (28) tem sido interpretada de várias maneiras. Ela foi aplicada: 1) À transfiguração, que ocorre a

seguir. Entretanto, todos os estudiosos atuais parecem concordar que essa não é uma interpretação correta. 2) O versículo foi aplicado à queda de Jerusalém no ano 70 d.C. O principal argumento para essa segunda interpretação é que ela está de acordo com a ênfase do julgamento do versículo 27. Mas parece que está se referindo a um Dia do Juízo, um evento posterior, que ocorrerá logo após a segunda vinda de Cristo. Levando tudo isso em consideração, seria melhor interpretar esse versículo como 3) se referindo ao Dia de Pentecostes e à rápida propagação do evangelho descrita no livro de Atos.

M'Neile amplia um pouco mais essa questão. Ele escreve: "Os cristãos podem reconhecer que receberam, ou melhor, começaram a receber, o seu cumprimento no Pentecostes e que cada catástrofe ou crise subseqüente, ou demonstração do poder divino, tem representado a porta de entrada para uma nova era, um novo passo no processo eterno de seu completo cumprimento, a um clímax que está além do nosso entendimento"[39]. Em um sentido semelhante, Morison diz: "Não temos dúvida de que o nosso Salvador está se referindo, de forma indefinida, ao estabelecimento e à extensão de seu Reino e à manifestação de si próprio como Rei vitorioso, que teve lugar quando Jerusalém e o judaísmo, ambos totalmente corrompidos até o seu âmago, foram aniquilados".[40]

6. A Transfiguração (17.1-8)

Esse episódio representa uma das grandes crises da vida de Cristo. Junto com o Batismo e a Tentação, foi um momento de grande importância espiritual, registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 9.2-8; Lc 9.28-36).

Ele aconteceu **seis dias depois (1).** Lucas **9.28** diz "quase oito dias depois", mas não existe nenhuma contradição aqui. Lucas está contando os dias que precederam e se seguiram ao episódio, enquanto Mateus e Marcos contam apenas os seis dias que se passaram entre os dois fatos.

Depois do quê? Lucas diz "depois dessas palavras". Isso nos leva de

volta a dois importantes itens dos capítulos anteriores: 1) A confissão da obra messiânica e da divindade de Jesus, e 2) a previsão de Cristo sobre a sua paixão.

Devemos nos lembrar de que enquanto Pedro se levantou magnificamente em resposta ao desafio da pergunta do Mestre: "E vós, quem dizeis que eu sou?", sua reação ao anúncio da Paixão foi um miserável fracasso. Ele protestou dizendo que Cristo não deveria morrer. Ele falhou, assim como todos os outros discípulos, em compreender o significado e a necessidade de um Messias sofredor.

E digno de nota os três Evangelhos Sinóticos começarem seus relatos enfatizando a semana que se passou entre a confissão e a transfiguração. G. Campbell pensa que "durante esse período houve uma sensação de desarmonia entre os discípulos e o Mestre".[41] E continua dizendo: "Aqueles seis dias devem ter sido os mais tristes da vida do Mestre;

seis dias de silêncio, seis dias em que a sua solidão representou o fato supremo de sua jornada".[42] Mesmo como uma antecipação, Ele deveria caminhar sozinho para o Calvário.

Qual foi o propósito da Transfiguração? Agora a resposta está clara. Ela deveria ser uma dupla confirmação: 1) da divindade de Jesus no momento em que os três discípulos tiveram uma visão de sua glória eterna, e 2) da importância e necessidade da Paixão. Esse último ponto aparece em Lucas, onde se afirma que o tópico da conversação com os dois visitantes celestiais era a sua "morte" que deveria se cumprir em Jerusalém (Lc 9.31). A palavra grega correspondente é *êxodos,* que significa "uma partida" ("êxodo"). Portanto, ela inclui a sua crucificação, ressurreição e ascensão, que seria o clímax de seu ministério terreno.

Para a visão desse relato singular sobre a sua divindade e futura morte, Jesus escolheu os mesmos três discípulos que haviam testemunhado a cura da filha de Jairo (Mc 5.37). Mais tarde, Ele iria incluí-los em seu círculo mais íntimo - **Pedro, e a Tiago, e a João** (1) - no Jardim do Getsêmani. Agora Ele os havia levado **a um alto**

monte. Embora o local tradicional da Transfiguração seja o Monte Tabor, na Planície de Esdraelom, provavelmente a melhor escolha teria sido um dos contrafortes do elevado Monte Hermom, o qual se projeta como uma sentinela solitária adornada por picos brancos na extremidade do Vale do Jordão. Esse local estaria próximo a Cesaréia de Filipe, onde Jesus se encontrava na ocasião anterior.

Ali Jesus **transfigurou-se** (2). O termo é *metamorphoo,* do qual se originou a palavra *metamorfose.* Além da passagem semelhante encontrada em Marcos 9.2, esta palavra só é encontrada em Romanos 12.2 ("transformai-vos") e em 2 Coríntios 3.18 ("transformados"). A transformação da aparência de Jesus foi assim descrita: **O seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes se tornaram brancas como a luz.** Lucas não usa a palavra "transfigurou-se", mas descreve o que se passou quase que exatamente com as mesmas palavras. Somente ele observa que foi enquanto Jesus estava orando que a Sua aparência se alterou. Existe uma sugestão de que a nossa transfiguração espiritual ocorre em nossos momentos de oração.

Os três Sinóticos mencionam a visita surpresa de **Moisés e Elias,** que falaram com Jesus (3). Moisés representava a Lei, e Elias, os Profetas. Existem muitas passagens no Novo Testamento onde o Antigo Testamento é mencionado como "a lei e os profetas".[43] A implicação aqui é que o Antigo Testamento como um todo apontava em direção a Cristo e, especificamente, que tanto o Pentateuco quanto os Profetas predisseram a morte expiatória do Salvador. Este fato precioso foi mostrado através da tipologia e do simbolismo da Lei (por exemplo, dos sacrifícios), e das declarações dos profetas (por exemplo, Isaías 53).

Pedro ficou tão contente com a situação que desejou prolongá-la. Ele sugeriu que os discípulos podiam construir **três tabernáculos (4)** - tendas feitas com ramos de árvores - um para cada um deles: Jesus, Moisés e Elias. Podemos até simpatizar com os sentimentos do apóstolo. Era uma comunhão singular. Mas Pedro mostrou que a previsão da Paixão ainda não havia sido corretamente registrada em sua mente. Ele queria um Messias glorificado e não um Messias

sofredor.

Enquanto Pedro falava, **uma nuvem luminosa os cobriu** (5). Nesse caso, a nuvem sobre o Monte da Transfiguração tinha a finalidade de alertar os discípulos para que ouvissem a voz de Deus. Ela os lembraria da "coluna de fogo de noite" (Ex 13.22) que guiou os israelitas no deserto, assim como da glória *Shekinah* que habitava no Tabernáculo (Nm 9.15, 22) e no Templo (1 Rs 8.10). Foi em uma nuvem que Deus apareceu no Sinai (Ex 19.9).

Da nuvem uma voz falava clara e distintamente confirmando a divindade de Jesus **- Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo...** e, silenciando Pedro, disse: **escutai-o.**[44] O problema de Pedro é que ele era rápido para falar e lento para ouvir. Infelizmente, sua *tribo* não desapareceu.

Dominados pela visão e aterrorizados pela voz, os três discípulos caíram sobre seus rostos (6). Isso pode sugerir que eles caíram da mesma forma que Saulo na estrada de Damasco (At 9.4) ou, mais provavelmente, que se prostraram em adoração. Nos dois casos, eles tiveram **grande medo.**

Mas o Mestre tocou-lhes com terno consolo, convidando-os a se levantar e não ter medo (7). Quando abriram os olhos **ninguém viram, senão a Jesus** (8). O valor dessa visão pode ser medido pelos seus permanentes resultados. Nenhuma experiência espiritual tem valor a não ser que seja capaz de deixar a pessoa com uma ampliada consciência da presença de Cristo. Quando os visitantes celestiais - a nuvem e a voz - desapareceram, os discípulos ficaram apenas com **Jesus.** Ele é a suprema necessidade de cada vida humana em todos os tempos.

7. *A Questão Sobre Elias* **(17.9-13)**

Lucas observa que o episódio ocorreu no "dia seguinte", quando voltaram da montanha (Lc 9.37). Isso implica que a Transfiguração aconteceu à noite, o que se enquadra bem nesse quadro descritivo. A afirmação de Mateus de que **o rosto** do Senhor **resplandeceu como**

o sol (2) teria maior sentido se esse fato acontecesse na escuridão da noite.

Ao descerem da montanha Jesus **ordenou (9)** ou "mandou",[45] que os três discípulos não contassem a **visão** - a palavra grega significa, simplesmente, "o que foi visto" (cf. Mc **9.9)** - até que Ele ressuscitasse **(9).** A divulgação desse fato podería provocar um malentendido e levar a população a um levante messiânico, algo que o Messias procurava constantemente evitar.

A presença de Elias no monte havia aguçado uma questão na mente dos discípulos **(10).** Os **escribas,** ou mestres da Lei, haviam dito que a vinda de Elias precedería a do Messias. Eles baseavam o seu raciocínio em Malaquias 4.5. Se Jesus era realmente o Messias, como Pedro havia confessado em Cesaréia de Filipe, e havia sido confirmado pela voz do Pai no monte, por que Elias ainda não havia aparecido?

Como uma forma de resposta, Jesus primeiramente endossou a afirmação dos escribas. Elias iria aparecer antes do Messias e **restaurar[46] todas as coisas** (11); isto é, ele anunciaria uma nova era na qual todas as coisas seriam finalmente restauradas em Cristo (Cl 1.16; Ef 1.9-11). Mas Jesus foi além e afirmou que "Elias" já tinha vindo e eles (o povo a quem João Batista fora enviado) lhe fizeram tudo o que quiseram, porque não o reconheceram (12). Então, Ele acrescentou: **Assim farão eles também padecer o Filho do Homem.** João Batista havia sido pijeso e executado, e o mesmo destino estava reservado ao **Filho do Homem,** o Messias. '

Mateus tinha o hábito de acrescentar explicações em pontos que poderíam parecer obscuros em Marcos. Já vimos isso acontecer em 16.12. Aqui ele está afirmando que os discípulos então entenderam que Jesus estava falando de **João Batista (13).**

8. *A Cura do Menino Lunático* (17.14-21)[47]

Pedro queria permanecer no Monte da Transfiguração, mas havia uma necessidade desesperada no vale, logo abaixo. A mesma

compaixão que levou Cristo a deixar o céu e descer a este mundo de pecado e sofrimento, agora o impelia a deixar a gloriosa companhia do topo do monte e descer até o vale para atender às necessidades de um menino e de seu pai. A maior glória de Cristo está nesse amor que resplandeceu através de sua vida.

Quando Jesus e os seus discípulos se aproximaram da **multidão** que parecia estar sempre à sua espera, um ansioso suplicante se aproximou, pôs-se **de joelhos diante dele** (14), e imediatamente apresentou o seu pedido. Ele tinha um filho que era **lunático (15).** Essa palavra vem do latim *luna* ou "lua" e reflete a palavra grega que literalmente significa "lunático". Em algumas versões modernas ela foi corretamente traduzida como "epilético". Os povos daquela época pensavam que a epilepsia às vezes fosse causada pela luminosidade da lua (cf. SI 121.6 - "O sol não te molestará de dia, nem a lua, de noite"). Os ataques descritos aqui são típicos dessa doença.

O pai angustiado informou a Jesus que havia trazido seu filho aos discípulos, mas que eles **não puderam curá-lo** (16). O verbo usado é *therapeuo,* que significa "curar". O Mestre lhes havia concedido o poder de expulsar demônios (10.8), mas por alguma razão eles foram incapazes de resolver esse caso.

O profundo desapontamento que Cristo sentiu pela incapacidade de seus próprios apóstolos está refletido nas palavras do versículo 17. Eles foram patéticos. Os discípulos haviam aprendido tão pouco com Ele!

Deve ter sido com a maior severidade em sua voz que Jesus **repreendeu... o demônio** que, imediatamente, **saiu dele** (18). O **menino** *(pais)* foi curado (*therapeuo*) naquele mesmo instante. E óbvio que Cristo era mais do que capaz de cuidar desse caso tão difícil.

Não é de admirar que os discípulos quisessem saber porque haviam fracassado (19). Jesus informou que era por causa da sua **pequena fé (20).**[48] Se tivessem **fé como um grão de mostarda** (veja os comentários sobre **13.31-32),** teriam ordenado ao **monte** que passasse daqui para acolá e ele teria passado. E provável que Cristo não

estivesse falando literalmente sobre um monte.[49] Ao mencionar **este monte** Ele queria dizer "essa grande dificuldade", esse caso que era demasiado difícil para eles. Sherman Johnson observa: "A fé não move montanhas físicas através de alguma mágica, mas seus próprios triunfos são mais maravilhosos do que uma engenharia em grande escala".[50] Em uma linha semelhante, George Buttrick escreve: "A fé *já removeu* montanhas - poderosos impérios, seitas pagãs e a impiedade entrincheirada".[51]

O versículo **20** atinge o seu clímax com essa admirável afirmação: **nada vos será impossível.** Mas como isso poderia acontecer? A resposta é: "Pela fé". Marcos, cuja descrição dessa cura é, como de costume, muito mais vivida do que consta em Mateus ou Lucas, registra que Jesus disse ao pai do menino: "Tudo é possível ao que crê" (Mc 9.23). Isso acontece porque Deus é o Todo-Poderoso, e a fé traz consigo a divina onipotência para superar os problemas humanos.

O versículo 21 não consta em algumas versões modernas, porque não faz parte dos dois manuscritos gregos mais antigos (Vaticano e Sinaítico), assim como de algumas versões antigas. Em Marcos, a primeira parte do versículo é autêntica, mas as palavras "e jejum" foram acrescentadas mais tarde. Então, o versículo todo deve ter sido transcrito por algum copista de acordo com esse mesmo paralelo em Mateus.

9. *A Segunda Previsão da Paixão* (17.22-23)

O primeiro anúncio de que sua morte estava próxima foi feito logo depois da confissão de Pedro em Cesaréia de Filipe. Esse outro anúncio foi feito depois do segundo grande evento em sua vida, a Transfiguração. Depois da confissão e da confirmação de sua divindade e missão messiânica, Jesus deixou bem claro aos discípulos que a sua missão na terra não era se sentar em um trono, mas morrer em uma cruz.

A primeira previsão (16.21) especificava que Jesus iria sofrer muitas coisas do Sinédrio judaico em Jerusalém. A segunda acrescenta a traição - **será entregue nas mãos dos homens** (22). As palavras

nas mãos dos homens poderiam incluir tanto Pilatos, quanto os líderes judeus. As duas previsões mencionam a morte de Jesus e a sua ressurreição **ao terceiro dia** (23). Mateus ainda completa este relato dizendo que os discípulos **se entristeceram muito.**

10. *O Imposto do Templo* (17.24-27)

Este relato só se encontra em Mateus. Quando Jesus e seus discípulos voltaram para casa em Cafarnaum - depois de uma considerável ausência - alguns se aproximaram de Pedro com a seguinte pergunta: **O vosso mestre não paga as didracmas?** (24). A palavra grega para imposto é *didrachma,* uma moeda grega cujo valor estava próximo ao do denário romano. A dracma dupla (aqui) tinha, aparentemente, o valor de trinta ou trinta e cinco centavos. Ela correspondia à metade de um siclo, uma quantia dedicada à manutenção do templo, e que deveria ser paga todo ano, pouco antes da Páscoa, por todo adulto judeu do sexo masculino.

A base para esse imposto era o "meio siclo" prescrito como oferta ao santuário em Êxodo 30.13. Na época de Cristo os judeus de todo o mundo tinham a obrigação de fazer esse pagamento, que tinha a aprovação do governo de Roma. Josefo cita uma carta de César a Flaccus, que dizia: "Deixe esses judeus... - que têm enviado, de acordo com seu antigo costume, o seu sagrado dinheiro a Jerusalém - fazerem-no livremente".[52] Depois da destruição de Jerusalém (70 d.C.), quando não havia mais o templo para manter, o imperador continuou a coletar esse imposto. Josefo diz: "Ele também impôs um tributo sobre os judeus, onde quer que eles estivessem, e ordenou que cada um deles levasse duas dracmas anualmente ao Capitólio, como costumavam fazer na época do templo de Jerusalém".[53]

Quando Pedro entrou em casa, Jesus **se lhe antecipou** - "O Senhor se antecipou respondendo aos seus pensamentos".[54] Jesus perguntou: **De quem cobram os reis da terra os tributos, ou os impostos? Dos seus filhos ou dos alheios?** (25). A palavra **tributos** está se referindo aos impostos sobre mercadorias ou as taxas sobre as pessoas (em latim, *census).* **Dos alheios** significava aqueles que não

pertenciam à família do rei.

Quando Pedro respondeu: **dos alheios,** Jesus disse: **Logo, estão livres os filhos** (26). O que Ele estava querendo dizer era: "Será que Aquele a quem vós justamente chamastes de Filho de Deus terá que pagar imposto ao Templo de seu Pai?".[55]

Mas Jesus tinha o hábito de pagar o imposto do Templo e isso pode ser constatado através da resposta de Pedro: **Sim** (25). Então disse o Mestre: **Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar,** - o lago da Galiléia, em frente a Cafarnaum - **lança o anzol** (27). Isso mostra que a pesca com "anzol e linha" era praticada naquela época, como ainda é costume atualmente nas margens desse lago. O primeiro peixe que Pedro pescou teria em sua boca uma peça de dinheiro, **um estáter** (em grego, *stater).* Esse estáter tinha o valor igual ao de um siclo, e seria suficiente para pagar o imposto do templo tanto para Pedro como para o Senhor.

Seção **VIII**

Quarto Discurso:

A COMUNIDADE CRISTÃ

Mateus 18.1-35

A. O Cristão e As Crianças, 18.1-14

1. O *Maior no Reino* (18.1-4)

A importância dessa breve seção sobre a humildade pode ser entendida pelo fato de ser encontrada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 9.33-37; Lc 9.46-48). Ela também foi repetida em várias passagens desses livros (veja Mt 20.26-27; 23.11; Mc 10.15,43-44; Lc 18.17; 22.26). Podemos construir um sólido argumento em defesa da proposição de que Jesus enfatiza mais a humildade do que qualquer outra virtude cristã. Um dedicado estudante dos Evangelhos se sentirá cada vez mais impressionado com esse fato.

Marcos nos dá o cenário dessa seção. Os discípulos haviam discutido durante todo o trajeto para Cafarnaum sobre quem seria o maior (Mc 9.33). Em Mateus, os discípulos se aproximam de Jesus e fazem a pergunta: **Quem é o maior no Reino dos céus?** Eles perguntaram isso na **mesma hora** (1) - literalmente, "naquela hora". Isso sugere que os acontecimentos imediatamente precedentes deixaram o grupo empolgado sobre a possibilidade de o Reino ser estabelecido na terra dentro de pouco tempo. Eles eram como os políticos desse mundo, que estão sempre fazendo manobras para conseguir alguma posição de destaque.

Ao responder à pergunta deles, Jesus chamou a si **uma criança** (2). Temos aqui uma visão da ternura do Mestre. As crianças não tinham medo dele; ao contrário, sentiam-se atraídas pela sua pessoa.

Solenemente, Ele disse **(Em verdade vos digo)** que não poderíam entrar no Reino dos céus se não **vos converterdes** (3). Essa palavra quer dizer, literalmente, "voltar-se". Abbott-Smith sugere para essa passagem o sentido metafórico de "mudança".[1] Thayer sugere *"abandonar o curso de sua própria conduta,* isto é, *mudar o seu*

pensamento".[1] Arndt e Gingrich dizem que essa expressão, nesse contexto, significa *"abandonar, mudar interiormente, ser convertido".*[2] No grego, a expressão **de modo algum** tem um duplo sentido negativo, com a finalidade de aumentar a ênfase. Ela tem a conotação de *"nunca* deverá (ou, de maneira alguma) entrar". Os discípulos estavam falando sobre quem seria o maior no Reino. Jesus disse: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos céus". Os discípulos precisavam "mudar" sua atitude, "abandonar" seus pensamentos orgulhosos e ambiciosos. Lukyn Williams observa: "A conversão mencionada aqui está restrita a uma mudança do atual estado de espírito - através de uma nova direção dada aos pensamentos e desejos".[3] Shank traduz essa frase: "A não ser que estejais completamente mudados em atitude e vos tornado como criancinhas".[4]

No versículo 4, o Mestre responde diretamente a pergunta dos discípulos: **Aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus.** Em

outras palavras, a principal característica da grandeza de um cristão é a humildade. Não um impressionante desempenho, mas a humildade. Não é de admirar que lemos no Antigo Testamento: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor" (Is 55.8). Os caminhos de Cristo são diametralmente opostos aos caminhos do mundo.

A humildade de uma criança consiste principalmente em um estado de confiança e dependência. Essa é a atitude que Deus deseja que seus filhos adotem em relação a Ele. O estado de espírito moderno que prevalece atualmente, de auto-suficiência e de sabedoria mundana e sofisticada, é inimigo de uma autêntica espiritualidade.

moinho, isto é, uma grande mó puxada volta por volta por um asno - fosse pendurada em seu pescoço e ele **se submergisse na profundeza do mar.** Williams oferece o seguinte comentário: "Parece que o castigo foi reservado para os maiores criminosos -e o

tamanho dessa pedra iria impedir qualquer chance de o corpo se erguer novamente até a superfície, e ser sepultado pelos amigos - uma consideração que, na mente dos pagãos, aumentava incrivelmente o horror desse tipo de morte".[6] E difícil conceber como Jesus poderia ter dado um aviso mais solene sobre o horror de levar um cristão novo ou fraco a errar e ser seduzido pelo pecado por causa da influência de alguém. A necessidade de uma vida consistentemente santa deve despertar a nossa atenção como as luzes que piscam no cruzamento de uma estrada de ferro. Faremos bem em dar atenção a esse aviso.

3. A *Gravidade do Pecado* (18.7-10)

Ai do mundo (7) - ou "Cuide-se o mundo" (veja 11.21) - por causa dos escândalos (.*skandalon*). Esta é uma das palavras mais difíceis de se traduzir no Novo Testamento (veja os comentários sobre 5.29). Mas, trata-se de um termo muito forte, muito mais forte do que a palavra "escândalo" em nosso idioma, que se originou deste termo grego. Lenski diz que o substantivo *skandalon* e o verbo *skandalizo* "vão além da idéia de tropeçar (um erro do qual alguém pode se levantar) e sempre denotam a destruição espiritual".[7]

Jesus indicou que os laços que prendem os incautos sempre existirão. Mas, **ai daquele homem** que for responsável por colocar a armadilha.

E difícil pensar como Cristo poderia ter retratado a gravidade do pecado com maior nitidez do que o fez nos versículos 8 e 9. **Se a tua mão ou o teu pé te escandalizar,** (se "fizer com que você peque") **corta-o.** Melhor **te é entrar na vida** (a vida eterna, que começa aqui e que desabrocha no céu) **coxo** (manco) ou **aleijado,** do que ter as duas mãos ou os dois pés e ser lançado no **fogo eterno** (8). Essa frase ocorre aqui pela primeira vez. Ela pinta um quadro horrível do castigo eterno.

Se o teu olho te escandalizar, arranca-o. Jesus não estava defendendo uma mutilação física literal, embora isso seja melhor do que ficar eternamente condenado ao **fogo do inferno** (9). O idioma grego diz "Geena (inferno) de fogo" que significa "Geena (inferno)

ardente". Qualquer que seja o aspecto do inferno, vale a pena pagar qualquer preço para não irmos para lá.

Estes dois versículos (8-9) são paralelos muito próximos ao texto em 5.29-30, exceto que a palavra **pé** não é mencionada. Observamos que, nesses últimos versículos, as palavras deveríam ser entendidas de forma figurada, sugerindo uma íntima associação ou associações (pessoas ou coisas) que podem seduzir as pessoas a pecar. William escreve: "Metaforicamente, essa expressão significa tudo que é tão caro e tão necessário quanto esses importantes membros".[8] Quaisquer amizades ou atividades prejudiciais devem ser eliminadas de forma drástica e imediata.

Na verdade, pé, mão e olhos representam a própria pessoa em suas várias formas de expressão. Toda vez que os pés se desviam do caminho, isso acontece porque o coração também se desviou. Uma personalidade santa terá pés, mãos e olhos santos. Portanto, Jesus está insistindo para que o próprio ser seja rejeitado a fim de se tornar totalmente santificado através da purificação de seu egoísmo pecaminoso. Somente quando nos tornarmos dispostos para a vida, e formos dessa maneira "podados", é que poderemos nos aproximar da verdadeira semelhança com Cristo. Renunciar àquilo que parece ser o nosso direito natural, seja representado pelo pé, mão, ou pelos olhos, seria certamente o resultado de uma personalidade deformada. Mas, é melhor salvar um *eu deformado* do que perder um *eu "completo"*. Se não houvesse pecado no coração, o pé, a mão e os olhos não se tornariam, tão facilmente, instrumentos do pecado.

Três pensamentos podem ser sugeridos aqui: 1) a mão é o símbolo do qu*e fazemos;* 2) o pé é o símbolo de *aonde vamos;* e 3) o olho é o símbolo do *que vemos*. Tudo isso deve ser mantido sob cuidadoso controle.

Jesus se volta novamente para os **pequeninos** (10; cf. 6). Ele diz que **seus anjos nos céus sempre vêem a face de meu Pai.** Carr diz: "Nessas palavras, nosso Senhor reafirma a crença judaica nos anjos da guarda", mas também observa: "A reserva com que é tratada a doutrina no NT contrasta com a extravagância generalizada da

crença oriental sobre o assunto".[9]

4. *A Parábola da Ovelha Desgarrada* (18.12-14)[10]

Essa história, que também pode ser chamada de parábola da busca da ovelha, é encontrada em Lucas 15.3-7. Esse cenário era muito familiar para os ouvintes de Jesus.

O pastor do Oriente ama suas **ovelhas** (12) - cada uma delas. Somente um coração cheio de amor pode levar um homem a arriscar sua vida à noite nos **montes** infestados de animais selvagens, a fim de procurar uma única ovelha que tenha se desgarrado do rebanho. Mas o amor não conhece limites.

Quando o pastor encontra a sua ovelha perdida, ele se alegra mais com ela do que com as outras noventa e nove ovelhas **que se não desgarraram** (13). A aplicação que Jesus fez dessa parábola mostra que não é desejo de seu **Pai** que um **destes pequeninos** (cf. 6, 10) **se perca** (14). "Os mais jovens e os mais doentes de seu rebanho são tão queridos a Ele quanto os mais fortes."[11]

Essa parábola nos dá um quadro impressionante da própria missão de Jesus na terra. Ele veio em busca das ovelhas perdidas. Este foi o seu objetivo por todos os lugares onde passou.

B. O Cristão e Seu Irmão, 18.15-35

1. *A Disciplina na Igreja* (18.15-20)

Até esse ponto do capítulo, Jesus havia advertido contra o perigo de levar alguém a tropeçar, a pecar contra o próximo. Agora, na segunda parte, Ele trata do outro lado do cenário. O que você deve fazer se o seu irmão (companheiro ou membro da igreja) transgredir - a palavra grega aqui é **pecar** (*hamartese*) - contra você? A resposta é: **vai e repreende-o entre ti e ele só (15). Repreende-o...** com o sentido de comunicar à pessoa a sua falta, corresponde a uma palavra no grego, *elenxon.* Ela significa "condenar" (o mesmo sentido de João 16.8) ou "censurar". Este último significado está em sintonia com

Levítico **19.17** - "Não aborrecerás a teu irmão no teu coração; não deixarás de repreender o teu próximo e nele não sofrerás pecado". Com muita freqüência, os membros da igreja costumam contar a outras pessoas algum problema, ao invés de obedecer ao que Jesus disse aqui.

Se o transgressor ouvir, **ganhaste a teu irmão** - isto é, "conseguiste persuadi-lo a ter uma mente melhor - para Cristo".[12] Nesse ínterim, a infeliz questão ainda não se tornou pública, o que teria como resultado as pessoas assumindo diferentes lados, e, dessa forma, dando início a uma disputa que podería terminar com a divisão da igreja. A melhor ocasião de lidar com essa situação é quando ela ainda é restrita, e antes de se tornar grande demais para ser administrada.

Se o irmão se recusar a ouvir, então convoque duas ou três testemunhas para que tudo que for dito **seja confirmado (16).** Muitas vezes isso se torna necessário para proteger alguém contra a calúnia lançada pelo oponente. Se ele se recusar a ouvir esse comitê, então toda a **igreja** deverá ser comunicada **(17).** Se não ouvir a igreja, deve ser excluído. Esse parece ser o significado da última parte do versículo **17.**

A palavra **igreja** só é encontrada em outro lugar nos Evangelhos em 16.18 -"Edificarei a minha igreja", em uma referência à igreja de Jesus Cristo em todo o mundo. "Aqui, essa expressão se refere à congregação local, que representa a igreja como um todo, atuando, naturalmente, através de seus ministros."[13]

Anteriormente (16.19), Jesus havia dito a Pedro que tudo que ele ligasse na terra seria ligado no céu, e tudo que desligasse na terra seria desligado no céu. Agora, Ele dá a mesma autoridade aos doze apóstolos (18). Isso mostra que Pedro não tinha um lugar permanente de singular proeminência. Para o significado de **ligar** e **desligar** veja as notas sobre 16.19. Aqui, o contexto indica claramente que Jesus está cuidando da disciplina na igreja. A disciplina imposta pela igreja, dentro de um espírito de amor e da forma como Jesus ordenou, recebe a aprovação de Deus.

O versículo 19 deve estar relacionado com esse assunto. A oração feita por dois crentes sinceros irá **ligar** ou **desligar** os assuntos do Reino. Quanta responsabilidade isso transfere aos cristãos, que devem orar de acordo com a vontade de Deus! A palavra grega traduzida como concordar é *symphoneo.* Seu significado literal é "concordar quanto ao som" *{phone),* "estar em harmonia". Ela veio a ser usada, como aqui, no sentido de "concordar juntamente". O uso desse termo nessa passagem sugere "uma sinfonia de orações" que transmite uma alegre harmonia aos ouvidos de Deus.

Um culto da Igreja - por menor que seja o grupo, ou por mais humilde que seja o lugar - não representa apenas um encontro de pessoas, mas um encontro de pessoas com Deus **(20).** Mesmo que apenas **dois** ou **três** se reúnam **em meu nome** (disse o Senhor Jesus), a Presença Divina está prometida.

2. *Perdão Ilimitado* (18.21-22)

Evidentemente, Pedro esteve pensando no que Jesus havia dito sobre um irmão que peca "contra ti" (15). Ele queria saber quantas vezes tinha que perdoar esse irmão. Ele achou que estava sendo muito generoso quando sugeriu: **Até sete?** (21). "A lei rabínica dizia que ninguém deveria pedir o perdão de seu próximo mais do que três vezes."[14]

A resposta do Mestre deve ter sido muito perturbadora: **Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete** (22). Alguns tentaram traduzir o texto como "setenta e sete vezes" (Goodspeed). Mas a tradução tradicional parece ser a melhor. Jesus gostava muito de utilizar hipérboles, com já vimos em outras passagens.

Parece óbvio que Jesus não pretendia que Pedro entendesse a sua resposta dentro de um estrito sentido matemático. Ele não quis dizer: "Perdoe 490 vezes e depois desista". Ao contrário, Ele quis dizer claramente que o perdão deveria ser ilimitado. Buttrick entendeu o espírito dessa expressão, quando o Senhor disse **setenta vezes sete:** "Podemos fazer a conta 'em nossa mente'. Mas essa é uma aritmética celestial: 'devemos fazê-la em nosso coração' "![5]

3. *A Parábola do Credor Incompassivo* (18.23-35)

Como Mateus está apresentando Jesus como Rei, inúmeras parábolas que ele registrou se referem a um rei (cf. 22.2) ou ao Reino dos céus (c. 13). Essa admirável parábola só é encontrada no Evangelho de Mateus.

Por isso, o Reino dos céus pode comparar-se a... (23) - essa é virtualmente a mesma fórmula introdutória encontrada, várias vezes, no capítulo 13. Aqui havia **um certo rei** que quis fazer contas com os seus servos. Ele descobriu um deles que lhe devia **dez mil talentos** (24). Como um talento valia cerca de mil dólares americanos, esse valor alcançava "dez milhões de dólares" (Goodspeed). Era uma soma incrível. Mas devemos reconhecer que esses servos eram importantes oficiais da corte de um monarca oriental. Os documentos que os arqueólogos descobriram dos períodos assírio e babilônio indicam que esses homens lidavam com imensas somas de dinheiro. Mas também devemos reconhecer que Jesus pode ter usado novamente uma hipérbole. O que o Senhor estava procurando salientar é a completa falta de esperança de pagarmos o incomensurável débito gerado pelos nossos pecados, até que fossem perdoados por Deus. Simbolizar esse débito seria impossível, mesmo que esses números fossem representados de uma forma absurdamente exagerada.

Não tendo com que pagar, o senhor ordenou que o homem, sua **mulher** e seus **filhos** fossem vendidos como escravos (25). Esse era o costume daqueles tempos no trato com os devedores. Mas o homem implorou misericórdia (26) e seu senhor perdoou toda a sua dívida (27).

O servo perdoado, deixando a presença de seu senhor, encontrou um de seus companheiros que lhe devia **cem dinheiros** ou "cem denários" (28). Esta era uma moeda romana, chamada *denarius*. Ela é mencionada dezesseis vezes no Novo Testamento, mais freqüentemente do que qualquer outra moeda.

Na versão KJV em inglês, ela sempre foi traduzida como "penny" ou

“pence” e valia cerca de vinte centavos de dólar (americano). Portanto, cem *pences* seria o equivalente a “vinte dólares americanos” (Goodspeed) - uma soma insignificante comparada àquela que o oficial da corte devia ao rei. No entanto, esse servo agarrou o companheiro pela garganta e exigiu o pagamento imediato daquela dívida. Quando o conservo implorou que lhe fosse dado algum prazo para pagar, o credor o recusou, e mandou que ele fosse lançado na prisão.

Naturalmente, os outros servos se revoltaram por essa injusta atitude, e levaram o assunto ao conhecimento do rei. O primeiro oficial foi rapidamente convocado para comparecer à presença real, e recebeu o castigo que merecia. O Senhor Jesus advertiu: **Assim vos fará também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas** (35).

Essa parábola traz uma vivida advertência a cada cristão. Cada crente recebeu o perdão de uma dívida incalculável de pecados, que nunca teria possibilidade de pagar. No entanto, alguns cristãos confessos guardam rancor durante anos contra algum companheiro membro da igreja, por causa de uma palavra ou ação insignificante que pode ter sido pronunciada ou realizada por inocência ou ignorância. O ensino é *perdoar de coração*; isto é, conceder um verdadeiro perdão. Isso significa “perdoar e esquecer”! Uma pessoa não pode abrigar o ódio em seu coração e ser, ao mesmo tempo, um verdadeiro cristão.

Seção **IX**

Narrativa Retomada:

1

Uma Advertência Solene (18.5-6)

2

Enquanto Jesus segurava a criancinha em seus braços (cf. Mc 9.36), Ele usou a situação para dar uma lição objetiva. Disse Ele aos seus

discípulos: **E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta a mim me recebe** (5). Isso revela o profundo cuidado do Mestre para com as crianças. Em seguida, encontramos a admirável verdade. Aquele que rejeita uma criança está rejeitando a Cristo.

3

No versículo 6, Jesus foi ainda mais longe nesta advertência. Ele falou sobre qualquer um que **escandalizar** - "fizer tropeçar", "enganar" - **um destes pequeninos que crêem em mim.** Nos Evangelhos Sinóticos essa última frase só é encontrada aqui e na passagem paralela em Marcos 9.42. Mas ela também é comum no Evangelho de João. Isso indica uma confiança pessoal e um compromisso com Cristo. E, certamente, implica em sua divindade.

4

Existe uma considerável diferença de opiniões entre os comentaristas, se os **pequeninos** ainda se referem a crianças ou se aqui Jesus está transmitindo a idéia de novos convertidos. Talvez devéssemos aceitar *as duas* interpretações e aplicações - as crianças e aqueles que têm um espírito igual ao de uma criança.

Cristo declarou que se alguém levasse alguma delas a errar, **melhor lhe fora -**literalmente, "seria mais proveitoso" - que **uma mó de azenha** ou uma *pedra de*

DISCIPULADO E CONTROVÉRSIA

Mateus 19.1—23.39

A. **Discipulado,** 19.1—20.34

1. *A Partida da Galiléia* (19.1-2)

Pela quarta vez (cf. **7.28; 11.1,13.53)** encontramos a expressão conclusiva: E **aconteceu que, concluindo Jesus esses discursos (1).** Essa frase marca o final do quarto discurso.

O "Grande Ministério da Galiléia", que havia durado talvez um ano e meio, agora chegava ao fim. Pela última vez Jesus disse adeus à sua terra e começou a jornada fatal a Jerusalém. A expressão **saiu da Galiléia** traz em si o sinal da decisão. Ela marcou o fim de uma época. Lucas realça o significado dessa afirmação nesse ponto da história: "E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém" (Lc 9.51).

Cristo **dirigiu-se aos confins** ("limites") **da Judéia, além do Jordão (1).** Essa é uma estranha expressão geográfica. Falando apropriadamente, a **Judéia** estava localizada entre o vale do Jordão e o mar Mediterrâneo. Aterra **além do Jordão** era conhecida, naquela época, como Peréia, e era governada pelo tetrarca da Galiléia, Herodes Antipas. Mas, como observa Plummer: "Judéia aqui parece ser usada no sentido mais amplo da Palestina, a terra dos judeus".[1]

Nessa área da Peréia, novamente **seguiram-no muitas gentes e curou-as ali**

(2). Em uma passagem semelhante, Marcos 10.1 diz que: "Ele tornou a ensiná-los". A narrativa indica que Ele fez as duas coisas.

Em sua última viagem a Jerusalém, o Mestre e seus discípulos atravessaram o Jordão ao sul do Lago da Galiléia (veja o mapa) e se dirigiram para o lado oriental do rio através da Peréia. Essa era a

rota usada geralmente pelos peregrinos da Galiléia quando viajavam para as festas anuais em Jerusalém. O caminho mais curto através de Samaria não era muito usado, porque esse território era considerado "impuro".

Em relação à Peréia, Andrews escreve: "A população não era formada exclusivamente por judeus, mas era mista: não era totalmente pagã como em Decápolis e também não seria tão facilmente incitada contra o Senhor como os habitantes da Judéia ou mesmo da Galiléia".[2] Ele também chama atenção para a expressão rabínica que diz que "a Judéia era o trigo, a Galiléia a palha, e a Peréia era o joio".[3]

2. *O Casamento* (19.3-12)

a) O *Divórcio* (19.3-9). A questão do divórcio teve um papel importante no primeiro século, da mesma forma que hoje. Jesus discutiu essa questão no Sermão do Monte (5.3132). Agora ela reapareceu. A discussão sobre esse assunto tinha um significado e um perigo especiais na época do ministério de Jesus, porque Herodes Antipas havia recentemente se divorciado de sua esposa.

Dessa vez, a discussão foi precipitada pelos **fariseus** (3), os rígidos mantenedores e mestres da Lei. Eles se aproximaram de Jesus **tentando-o,** ou "testando-o" (veja as notas sobre **4.1; 16.1).**[4] **A** pergunta que fizeram foi: **E lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?**

A última frase - **por qualquer motivo** - é particularmente significativa. Ela não é encontrada na passagem paralela em Marcos 10.2-12, pois os leitores gentios não teriam conhecimento, como os leitores de Mateus, da conotação judaica. Ela realça a controvérsia existente no primeiro século a.C. entre as escolas de Hillel e Shammai.

O conflito se originou a partir da interpretação de Deuteronômio 24.1 - "Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então, será que, se não achar graça em seus olhos, por nela achar coisa feia, ele lhe fará escrito de repúdio, e lho dará na sua mão, e a despedirá da

sua casa". Shammai afirmava que "coisa feia" significa fornicação: "Um homem não se divorciaria de sua mulher, a não ser que tivesse encontrado nela um motivo de vergonha".[5] Seu colega Hillel (cerca de 60 a.C. - 20 d.C.), que era muito mais liberal, enfatizava a primeira frase: "Ela não encontrou favor em seus olhos". Ele permitiría a um homem divorciar-se da esposa se ela fizesse alguma coisa que o desagradasse, até mesmo se queimasse o alimento ao cozinhá-lo.

Ao responder (4) a pergunta dos fariseus, Jesus, como de costume, mencionou a Palavra de Deus - uma sugestão para nós quando estivermos tratando de controvérsias teológicas. **O** Senhor relembrou que, no início, Deus fez os seres humanos como **macho e fêmea** (Gn 1.27). Então (5) Ele citou Gênesis 2.24, onde se encontram as diretrizes divinas para o casamento humano. Essa passagem é citada duas vezes por Paulo (1 Co 6.16; Ef 5.31). Jesus insistiu na última frase ao repeti-la (6). A união do casamento é precisamente indissolúvel porque transforma duas pessoas em uma só - **não separe o homem.** Stier diz: *"Uma só carne,* isto é, uma pessoa, formando ambos, juntos, um homem dentro dos limites de sua vida na carne, para esse mundo".[6]

Como ainda não estavam satisfeitos, os fariseus perguntaram: "Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la?" **(7).** Jesus respondeu: **por causa da dureza do vosso coração... mas, ao princípio, não foi assim** (8). **O** plano original de Deus era "conserve-se somente com ela enquanto ambos viverem". Ao dizer que Moisés **permitiu** dar-lhes uma carta de divórcio, Cristo corrigiu a palavra **mandou (7)** usada pelos fariseus. Moisés apenas "permitiu" o divórcio. A exigência de que o marido fornecesse uma **carta de divórcio** tinha o objetivo de funcionar como um controle e não como um encorajamento. Atualmente, um muçulmano só precisa dizer três vezes à sua esposa: "Eu me divorcio de você", e o divórcio será legalmente reconhecido. Moisés teria tornado esse assunto mais difícil, ao exigir que o homem usasse os serviços de um escriba para preparar um documento escrito.

Cristo se colocou claramente a favor da estrita interpretação de Deuteronômio 24.1. Ele só permitia uma razão para o divórcio - exceto **por causa de prostituição[7] (9).** Essa cláusula acrescentada ocorre apenas em Mateus (aqui e em 5.32). Embora alguns estudiosos tenham assumido a posição de que essas palavras não teriam sido pronunciadas por Jesus, a opinião deles rejeita a inspiração de Mateus. O adultério representa a negação do voto do casamento e, nesse caso, a posição de Jesus é bastante sólida. Marcos e Lucas enfatizam, ainda mais do que Mateus, a divina aversão ao divórcio. No plano de Deus, o casamento deve ser uma união permanente.

b) O *Celibato* **(19.10-12).** Os discípulos se mostraram assustados com a severidade e o rigor do Mestre. Se o casamento deve ser um compromisso tão grande, **não convém casar (10).** Ignorando esse ponto de vista egoísta e mesquinho, Jesus defendeu o celibato, ao qual tanto Ele mesmo quanto João Batista seguiam. A expressão **Nem todos podem receber esta palavra (11)** "provavelmente significa que não é dada a todos a capacidade de enxergar que não é bom se casar; **'esta palavra'** está se referindo à observação dos *discípulos*".[8] Em vista do que Cristo tinha acabado de dizer sobre a divina instituição do casamento, torna-se óbvio que o celibato não pertence ao plano habitual de Deus. Um ministro casado, e pai, pode entender mais plenamente e oferecer maior ajuda quanto aos problemas domésticos dos membros de sua congregação, do que um homem solteiro. Seria desnecessário mencionar que o discipulado pode exigir o celibato. Como diz A. B. Bruce: "Jesus eleva todo esse assunto da simples região do gosto pessoal, prazer ou conveniência, até à elevada região do Reino de Deus e de seus requisitos".[9]

Jesus prosseguiu **(12),** mencionando três classes de **eunucos** (uma palavra grega). Os primeiros são aqueles que nascem com um defeito físico que os torna eunucos por toda a vida. Outros são aqueles **que foram castrados pelos homens.** Apalavra "eunuco" vem de *eune,* "cama", e *echo,* "ter". Ela foi usada primeiramente para o "guarda do quarto de um harém oriental... uma função zelosa que só poderia ser confiada àqueles que fossem incapazes de abusar dessa confiança; portanto alguém que tivesse sido emasculado".[10]

O terceiro grupo é composto por aqueles **que se castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus.** Essa é uma atitude ética e não física. Paulo reconheceu a sabedoria dessa decisão para alguns (ICo 7.32-35). Mas também preveniu contra a promoção dos falsos mestres que "proibiam o casamento" (1 Tm 4.3).

Não existe nenhum suporte escriturístico para o celibato obrigatório. Somente aqueles que forem capazes de recebê-lo, **aqueles a quem foi concedido, (11)** é que deverão segui-lo. A palavra grega para **concedido** significa "dar espaço". Ela foi usada aqui, "metaforicamente, como dando espaço no coração ou na mente".[11]

3. *A Bênção aos Pequeninos* (19.13-15)

Esse breve e maravilhoso episódio foi descrito nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 10.13-16; Lc 18.15-17). Pais amorosos trouxeram seus filhos a Cristo, **para que lhes impusesse as mãos e orasse** (13). Carr diz: "Parece que era costume levar as crianças judias à sinagoga para serem abençoadas pelo Rabino".[12] O casamento é sagrado, assim como as crianças.

Os discípulos se ressentiam dessa imposição sobre o tempo e a resistência do seu Mestre. Eles censuravam aqueles que traziam suas crianças. Achavam que elas não tinham importância, assim como alguns obreiros da igreja atualmente. Mas a atitude de Jesus era muito diferente. Ele disse: **Deixai** - "permitam", "consintam" - **os pequeninos e não os estorveis** - "não os impeçam" - **de vir a mim** (14). O Senhor apreciava muito recebê-los de bom grado. Então, Ele acrescentou: **porque dos tais é o Reino dos céus.** A palavra grega também pode significar "aos quais pertence o Reino dos céus", ou "o Reino dos céus é composto dos tais". Na verdade, as duas idéias são verdadeiras. "Amor, simplicidade de fé, inocência e, acima de tudo, humildade, são as características ideais das criancinhas, e dos súditos do reino."[13]

4. As *Riquezas* (19.16-26)

a) *O Jovem Rico* (19.16-22). Essa história foi contada nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 10.17-31; Lc 18.18-30). Mateus diz que o homem era "jovem" (20) e que "possuía muitas propriedades" (22). Lucas informa que ele era um "príncipe" e "muito rico" (Lc 18.18, 23).

O homem disse a Jesus: **Bom Mestre**[14] ("Professor"), **que bem farei, para conseguir a vida eterna?** (16). Essa era uma questão relevante que mostrava a necessidade de um relacionamento mais profundo com Deus. Vida eterna significa "uma amizade plena e permanente" com Deus.[15] Para os judeus ela geralmente queria dizer "vida na era por vir".[16] Essa frase, muito comum em João, é encontrada pela primeira vez aqui nos Sinóticos.

Em resposta, o Mestre perguntou: **Por que me chamas bom?** (17). O melhor texto grego diz: "Por que me perguntas a respeito do que é bom?" O termo **bom** não se refere a algo, mas a alguém; a Deus. Então Jesus levou o homem a considerar as Escrituras, e disse-lhe: **guarda os mandamentos.**

Mas o interlocutor era persistente, e perguntou: **Quais?** (18). A palavra grega *poia* quer dizer, literalmente: "De que espécie?" Embora aqui essa palavra possa ser equivalente a *tis,* "Quais?, Jesus deixou de lado os quatro primeiros dos Dez Mandamentos, e citou o sexto, sétimo, oitavo, nono e o quinto. Ele omitiu o décimo, e em seu lugar Marcos registrou, "Não defraudarás alguém" (Mc 10.19). Só Mateus acrescentou: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (19; veja Lv 19.18), que é um resumo dos seis últimos mandamentos que descrevem as obrigações em relação ao homem.

Jesus não mencionou os primeiros quatro mandamentos que indicam as obrigações em relação a Deus, talvez porque tivesse a intenção de, nesse momento, testar o jovem rico. O jovem havia quebrado o primeiro mandamento, pelo fato de "mamom" ter se tornado o seu principal deus.

A afirmação desse príncipe - **Tudo isso tenho guardado** (20) - é encontrada nos três Sinóticos. Somente Mateus acrescenta: **que me falta ainda?** Parece claro que ele não estava satisfeito com a sua

religião, e sentia que faltava alguma coisa em seu interior.

Jesus falou com aquele homem em seus próprios termos: **Se queres ser perfeito** (21). A palavra *teleios* já havia ocorrido duas vezes em 5.48 (e em nenhuma outra passagem nos Evangelhos, mas ocorre dezesseis vezes nas Epístolas). Ela vem de *telos,* ou "fim". Thayer observa que seu significado mais correto é: "Levou ao seu final, terminou; nada mais faltava para a conclusão, estava perfeito".[17] Para as duas passagens em Mateus, ele sugere: "Aquele que alcançou a estatura adequada de virtude e integridade".[18] Abbott-Smith pensa que aqui ela expressa "a simples idéia da completa bondade".[19] Arndt e Gingrich sugerem para essa passagem: "*Perfeito*, *totalmente desenvolvido* em um sentido moral".[20] A tradução "completo" é a que responde melhor a essa questão: "Que me falta ainda?"

No caso desse jovem, a perfeição exigia que ele vendesse todas as suas propriedades e distribuísse todos os proventos entre os pobres. Isso porque o dinheiro, e não Deus, era o principal objetivo da sua vida. O discipülado exige renúncia a tudo em nome de Cristo. Para a maioria das pessoas, isso não quer dizer renunciar a todos os bens materiais. Mas, a fim de serem plenamente santificadas (1 Ts 5.23), todas as pessoas devem renunciar àquilo que lhes é mais querido para que Deus possa realmente assumir o primeiro lugar em suas vidas. Bonhoeffer escreve: "Existe alguma parte de sua vida que você está se recusando a renunciar? Talvez alguma paixão pecaminosa, alguma animosidade, alguma esperança, talvez a sua ambição ou a sua intuição? Se assim for, não deve se surpreender por não ter recebido o Espírito Santo, por sentir dificuldade de orar, ou por seu pedido para ter fé permanecer sem resposta".[21]

Recusando-se a renunciar, o jovem **retirou-se triste (22,** literalmente, "entristecido"). Ele estava dominado por um conflito de interesses. Desejava obedecer a Jesus, mas também queria gozar a sua fortuna. Esse último desejo era mais forte, e venceu.

O discipülado exige perfeita obediência. Algumas pessoas pensam que "Crer no Senhor Jesus Cristo" (At 16.31) significa simplesmente um

consentimento mental. Mas, como insiste D. L. Moody, também é preciso um consentimento moral. Isso quer dizer um compromisso com Cristo. Bonhoeffer expressou essa idéia com exatidão quando escreveu: "O homem que desobedece não pode crer, pois somente aquele que obedece pode crer".[22]

Na obra *Biblical Illustrator,* D. Macmillan resume a história do jovem príncipe rico da seguinte maneira: 1) Um encontro cheio de esperança, 16; 2) Uma importante conversa, 17-21; 3) Uma triste partida, 22; 4) Importantes lições, 23-26.

b) O *Perigo das Riquezas* (19.23-26). Depois que o jovem príncipe rico havia partido, o Mestre se voltou aos seus discípulos e declarou solenemente: **Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no Reino dos céus** (23). O termo difícil quer dizer "com dificuldade", e essa dificuldade reside precisamente no fato de a maioria dos homens ricos fazer da sua riqueza o seu deus.

Mais uma vez Jesus fez uso de uma hipérbole - uma afirmação exagerada para alcançar o efeito desejado. A tentativa de mudar a palavra **camelo** (24) para corda -como faz George Lamsa, baseado em um suposto original em aramaico - ou a tentativa de aumentar o **fundo da agulha** para uma pequena porta no muro de Jerusalém, são equivocadas. Devemos aceitar essa passagem exatamente como está escrita. O Talmude judaico usa a figura de um elefante passando pelo buraco de uma agulha para expressar a idéia de uma coisa impossível. Jesus fez a mesma coisa aqui.

Os discípulos **admiraram-se muito** e perguntaram, **Quem poderá, pois, salvar-se?** (25). Essa pergunta reflete a crença judaica comum de que a prosperidade material era uma evidência das bênçãos de Deus. Embora essa crença esteja muitas vezes refletida no Antigo Testamento, o Livro de Jó refuta essa idéia. '

Como uma forma de responder, Jesus primeiramente olhou **para eles (26)** - literalmente, "olhou em direção a eles". Carr observa: "Esses olhares penetrantes de Cristo produziam, sem dúvida, um efeito em suas palavras que é impossível recordar, mas que nunca se apagaria

da memória daqueles que entenderam o seu significado".[23] Em seguida, o Mestre declarou que embora **isso** (a salvação dos ricos) fosse impossível aos homens, não há limite para aquilo que Deus pode fazer quando os homens permitem que Ele faça a Sua vontade.

5. *As Recompensas do Discipulado* (19.27—20.16)

Existem dois episódios nesta seção, e eles estão intimamente ligados pelo fato de ambos terminarem essencialmente com as mesmas palavras (19.30; 20.16).

a) A *Preocupação de Pedro* (19.27-30). A recusa do príncipe rico de desistir de sua fortuna levou Pedro a dizer: **Eis que nós deixamos tudo e te seguimos** (27). Mas seu testemunho estava viciado por um pedido egoísta: **que receberemos? O** apóstolo ainda estava sendo irremediavelmente materialista e egoísta em sua visão da vida.

Jesus lhes garantiu (28) - Pedro era o porta-voz de todo o grupo de discípulos - que todos aqueles que o seguissem seriam abundantemente recompensados **na regeneração.** A palavra *palingenesia* significa "novo nascimento, renovação, restauração, regeneração".[24] Ela ocorre apenas aqui e em Tito 3.5 - "regeneração, renovação", referindo-se à experiência espiritual individual. Mas aqui ela quer dizer "o novo mundo" como foi traduzida na Versão Siríaca e encontrada no apócrifo *Apocalipse de Baruque* (44.12).[25] Ela foi posteriormente identificada como o momento em que o Filho do Homem se sentará no trono de sua glória. Essa combinação está admiravelmente refletida em Apocalipse 21.5 - "E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas". Bengel comenta: "Haverá uma nova criação, sobre a qual um segundo Adão presidirá, quando tanto o microcosmo da natureza humana, através da ressurreição, quanto também o macrocosmo do universo, renascerão".[26]

A recompensa dos discípulos foi assim expressa: **também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.** Como poderiamos esperar, essa declaração apocalíptica, vestida em uma linguagem judaica, despertou várias interpretações.

O melhor que podemos fazer é interpretar Escritura por Escritura. Paulo diz: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?" (1 Co 6.2). Isso parece refletir Daniel 7.22 - "Até que veio o ancião de dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo".

Porém, muitos relacionam essa linguagem a "reinar" e não a "julgar" em um sentido jurídico. Williams diz: "O verbo 'julgar' às vezes significa 'governar ou dirigir' e talvez possa ter sido usado aqui para dizer que os santos serão, no novo reino Messiânico, os vice-regentes de Cristo e exercerão a autoridade que a Ele pertence".[27]

Em relação às **doze tribos de Israel,** Williams escreve: "E muito provável que o termo 'Israel' seja uma referência ao **Israel** espiritual, ou a todo o corpo da igreja, e o número doze... represente o número completo daqueles que estão sendo julgados".[28]

Jesus também prometeu que todos aqueles que deixarem os seus familiares e as suas propriedades para segui-lo, receberão **cem vezes tanto** (29). Marcos acrescenta "já neste tempo". Mas a suprema recompensa é a **vida eterna.** A melhor tradução é "vida eterna" pois representa alguma coisa que é tanto qualitativa como quantitativa. Não é apenas a vida que dura para sempre **(eternamente),** mas a vida da eternidade (o próprio Deus) na alma do homem.

O versículo 30 representa uma censura à autocomplacência de Pedro. Embora ele fosse o *primeiro* dos discípulos, se mostrasse um espírito errado passaria a ser o *último.* E os cristãos que, aos olhos do mundo, são os **últimos,** passarão a ser os **primeiros.**

b) *Parábola dos Trabalhadores na Vinha* (20.1-16). Esta é mais uma das parábolas de Mateus sobre o Reino, que *começa com* a fórmula: **O Reino dos céus é semelhante...** (1; cf. c.13) e que só é encontrada nesse Evangelho.

Pai de Família significa, literalmente, "mestre da casa" (*oikos*, "casa", que se compõe com *despostes,* "mestre"). Esse homem **saiu de madrugada,** talvez ao nascer do sol, para contratar trabalhadores para a sua vinha. "Em todas as grandes cidades as pessoas que

queriam trabalhar estavam reunidas *proi*] por volta das 6 horas da manhã."[29] Quando as uvas amadurecem, precisam ser colhidas rapidamente, caso contrário a colheita estará perdida.

/ Ele encontrou alguns homens e combinou com eles que iria pagar **um dinheiro** [ou um denário] **por dia** (2). A palavra grega indica o denário romano, uma moeda de prata que valia cerca de vinte centavos de dólar americano (alguns a avaliam em quinze ou dezessete centavos). Mas essa quantia representava muito mais em poder de compra do que hoje, e era um salário habitual e justo para um dia de trabalho.

Novamente, ele voltou perto da **hora terceira** (9 horas da manhã) e encontrou homens desocupados na **praça** (3) - na *Agora,* um lugar central de reunião de cada cidade onde as crianças brincavam (11.16), as pessoas faziam compras (*agorazo* = "comprar"), os magistrados julgavam (At 16.19), e os filósofos discutiam (At 17.17). O pai de família contratou esses homens simplesmente com a promessa: **Dar-vos-ei o que for justo** (4).

Perto da **hora sexta** (meio-dia) e da **hora nona** (3 horas da tarde), ele contratou outros nos mesmos termos (5). Perto da **hora undécima** (5 horas da tarde) ele descobriu que ainda havia outros **ociosos** na Agora (6).

Quando perguntou porque não estavam trabalhando, responderam: **Porque ninguém nos assalariou** (7). Então, ele os mandou à sua vinha com a promessa de que iriam receber o que fosse **justo. ... aproximando-se a noite** (8) - o costume da época era pagar os trabalhadores ao final de cada dia (cf. Lv 19.13) - o **senhor da vinha** (o mesmo chefe de família mencionado acima) mandou que seu **mordomo** (aquele que era "encarregado" dos negócios do seu senhor) chamasse os trabalhadores e lhes desse o pagamento, **começando pelos derradeiros até aos primeiros.** Então, o "administrador" (Berkeley) colocou os trabalhadores em fila, e começou a fazer o pagamento.

Aos **que tinham ido perto da hora undécima** ele deu um dinheiro

a cada um, isto é, o pagamento de um dia completo de trabalho (9). Quando chegou a vez daqueles que haviam trabalhado o dia todo, eles naturalmente esperavam receber mais. Mas cada um recebeu também apenas um dinheiro (10). Isso causou um descontentamento imediato. Eles **murmuravam** (11) - o som da palavra grega sugere o zunido das abelhas -**contra o pai de família.** Essa frase foi condensada em uma única palavra grega, *oikodespotes,* traduzida como "chefe de família" no versículo 1.

Aparentemente, a queixa desses homens **(12)** era muito natural. Mas ela revelava um espírito egoísta. Os homens que trabalharam apenas uma hora precisavam alimentar suas famílias da mesma forma que aqueles que trabalharam o dia todo. O proprietário lembrou a um dos queixosos que o valor acordado era um dinheiro (ou denário) por um dia de trabalho **(13).** Dar mais, se assim quisesse, era uma prerrogativa do patrão. **Ou é mau o teu olho porque eu sou bom? (15).** Os trabalhadores queixosos eram mesquinhos; o chefe de família era generoso e bom.

O princípio que essa parábola pretendia mostrar está expresso no versículo 16: **Assim, os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros**[30] (cf. 19.30). É óbvio que a história foi contada como uma censura ao tipo de espírito que estava refletido na pergunta de Pedro: "Que receberemos?" (19.27). Para ele, a sua pessoa estava em primeiro lugar. Porém, alguns que virão mais tarde se tornarão, comprovadamente, os primeiros.

Carr oferece uma boa sugestão sobre as diferentes horas mencionadas. Ele diz: "E provável que o elemento tempo tenha sido introduzido para ilustrar, sob a forma de uma parábola, os aparentes graus de serviço, significando que nenhum homem pode avaliar, de forma comparativa, os méritos das obras que são feitas para Deus".[31]

Como sempre, Trench prestou um excelente serviço ao explicar o propósito dessa história. Basicamente, "a parábola foi dirigida contra um temperamento e um estado de espírito ofensivos".[32] Seu significado é o seguinte: " 'Não vem das obras, para que ninguém se

glorie'; essa era a verdade que eles estavam correndo o risco de ignorar, e que o Senhor agora pretendia reforçar através da parábola. Sem as obras, mas com graça para todos, e sem se glorificarem uns sobre os outros, sem exigências de direitos de uma parte perante qualquer outra".[33]

J. C. Gray, na obra *The Biblical Illustrator* desenvolve essa passagem sob o título *Os trabalhadores da vinha.* Ele usa um esboço impressionantemente simples: 1) Ociosidade, 1-3; 2) Chamada, 2, 4; 3) Trabalho, 7; 4) Pagamento 8-16.

6. *Terceira Previsão da Paixão* (20.17-19)

Devemos observar que os avisos de Cristo sobre a proximidade de sua morte só foram feitos aos **doze discípulos,** em particular (17). Ele não queria nenhuma publicidade sobre o assunto. Mas a importância dessas previsões pode ser constatada pelo fato de que cada uma delas foi registrada nos três Evangelhos Sinóticos (a respeito desse assunto, veja Mc 10.32-34; Lc 18.31-34). Essa terceira previsão é mais detalhada e específica do que as outras duas (cf. 16.21; 17.22-23). Jesus **será entregue** aos **príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte** (o Sinédrio; 18). Então os judeus **o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem** (19). Essa é a primeira referência à crucificação, assim como a primeira e clara afirmação de que Ele será executado pelos gentios e não pelos judeus. A Ressurreição foi retratada nas três previsões.

7. *A Ambição Pessoal de Tiago e João* (20.20-28)

Em Marcos 10.35-45, a outra passagem onde esse episódio está registrado, foi dito que Tiago e João fizeram o pedido. Aqui é a mãe, **com seus filhos** (20). Obviamente, o pedido foi feito juntamente, pelos três. Nesse ponto, Mateus abandona a sua prática habitual, e se torna mais específico do que Marcos. **Adorando-o** significa inclinando-se perante Ele.

O pedido era que os dois filhos pudessem se sentar, **um à tua direita**

e outro à tua esquerda, no teu Reino (21). Depois do segundo anúncio da Paixão, os discípulos haviam perguntado: "Quem é o maior no Reino dos céus?" (18.1). Jesus havia respondido colocando uma criança no meio deles e dizendo: "Aquele que se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no Reino dos céus" (18.4). O presente episódio mostra como era profunda a falta de entendimento deles sobre essa verdade, assim como sobre os ensinos ministrados por Jesus a respeito de sua Paixão, que se aproximava. Eles haviam deixado de entender totalmente o espírito do seu Mestre. Ainda estavam pensando no estabelecimento de um reino terreno. E já haviam decidido quem deveria ser o "maior" no reino, embora ainda não soubessem quem deveria se sentar **à direita** - lugar da mais elevada honra - e quem se sentaria **à esquerda.**

A resposta de Jesus foi clara: **Não sabeis o que pedis** (22). Algumas pessoas estão sempre procurando os privilégios de uma posição, sem reconhecer as responsabilidades envolvidas. Aqueles que estiverem mais próximos de Cristo irão sofrer mais. Será que desejavam ser pendurados em uma cruz, ao Seu lado? Não haveria quem rivalizasse com eles para essas posições! No entanto, quando o Senhor perguntou: **Podeis vós beber o cálice que eu hei de beber?** Eles responderam de forma alegre e inocente: **Podemos. Beber o cálice** era uma figura muito conhecida dos judeus (cf. SI 75.8). Williams diz: "Aqui, o cálice significa os sofrimentos interiores, mentais e espirituais, que Cristo suportou (cap. 26.39, 42)".[34]

O Mestre advertiu os seus dois discípulos: **Na verdade bebereis o meu cálice**[35] (23). Tiago foi o primeiro dos apóstolos a ser martirizado (At 12.2). Em relação aos últimos dias de João existem muitas lendas, mas nada se sabe ao certo, exceto que ele sofreu na ilha de Patmos (Ap 1.9).

Jesus acrescentou que não lhe competia atribuir assentos à Sua direita e à Sua esquerda, **mas** estes lugares são reservados **...para aqueles para quem meu Pai o tem preparado.**

Isso parece ser uma negação de autoridade da parte de Cristo. E mais provável que nessa passagem **mas** *{alia)* signifique "exceto" *{ei me),*

como aceito por Blass-Debrunner[36] e J. H. Moulton.[37] Dessa maneira, essa passagem pode ser assim entendida: "Não me compete dar estes lugares a alguém, exceto àqueles a quem Deus planejou concedê-los". Isso não significa nenhum favoritismo, mas que os lugares no Reino Messiânico serão dados a cada um de uma forma justa, e de acordo com um critério pré-estabelecido.

Quando os outros dez apóstolos perceberam o que Tiago e João haviam feito, eles **indignaram-se contra os dois irmãos** (24). Esse verbo significa "rebelar-se, indignar-se, irar-se".[38] Eles se ofenderam porque os dois filhos de Zebedeu estavam tentando "alcançar uma posição" superior à deles. Mas, infelizmente, não existem provas de que seus motivos fossem mais puros do que os demonstrados pelos dois irmãos.

Jesus reuniu os doze discípulos, e os preveniu de que as políticas de seu Reino eram diferentes daquelas dos governos terrenos. Ele lembrou que **pelos príncipes dos gentios são estes dominados e que os grandes exercem autoridade sobre eles** (expressão encontrada apenas aqui e na passagem paralela em Marcos 10.42). O verbo **exercem autoridade** talvez possa significar "tiranizar sobre alguém".[39]

Mas não seria assim entre os seguidores de Cristo (26). Em uma escala ascendente, Jesus diz primeiramente que todo aquele que quiser ser **grande,** deve ser um **serviçal.** Essa palavra corresponde a *diakonos,* de onde se originou a palavra "diácono". Em segundo lugar, quem quiser ter algum destaque deve, antes de mais nada, ser **servo** (27) -literalmente, "escravo". Isso ilustra o antigo ditado: "Para subir, é preciso descer". Aquele que se tornar servo de todos, será glorificado e elevado por todos.

O versículo **28** representa uma grande passagem teológica. Jesus declarou que **o Filho do Homem não veio para ser servido (***diakonethenai***), mas para servir** *(diakonesai),* e **para dar a sua vida em resgate de muitos.** A palavra para vida é *psyché.* Resgate é *lytron* (somente aqui e em Marcos 10.45), e vem de *lyo,* "libertar".

Ela significa *"preço da liberdade, resgate* (especialmente o dinheiro do resgate para a alforria dos escravos...)".[40] Esse uso está bastante ilustrado nos papiros, como mostrou Adolf Deissmann. Ele cita três documentos em papiros datados de 86, 100 e 107 (ou 91) d.C. que usam essa palavra com esse sentido. Seu comentário é o seguinte: "Mas quando alguém ouvia a palavra grega *lystron,* ou "resgate", no primeiro século era natural que pensasse no dinheiro necessário para comprar a alforria de um escravo".[41]

Em resgate de *(anti)* **muitos.** O significado comum da preposição grega usada nesta expressão nos papiros daquele período era "ao invés de".[42] Essa conotação está claramente evidente nas outras duas passagens em Mateus, onde essa palavra ocorre. Em 2.22 lemos que Arquelau reinava "em lugar de" *(anti)* seu pai, Herodes. Ele havia tomado o seu lugar. Em 5.38 ouvimos a expressão olho "por" *(anti)* olho e dente "por" *(anti)* dente. Obviamente, isso significa um olho retirado "em lugar de" um outro olho, e um dente retirado "em lugar de" um outro dente. De alguma forma misteriosa, que só é conhecida por Deus, Cristo deu a sua vida em resgate, "em lugar de muitos", para libertá-los da escravidão do pecado e para salvá-los da condenação eterna. .

O uso da palavra **muitos,** neste contexto, não nega o fato de que Cristo morreu por todos. Em 1 Timóteo 2.6, Paulo escreve que Cristo Jesus "deu a si mesmo em preço de redenção [*antilytron*] por *[hyper]* todos". Cristo morreu por *todos,* mas muitos foram salvos como resultado de sua morte.

Sob o título "Verdadeira Grandeza" podemos pensar: 1) No preço da grandeza -**Podeis vós beber o cálice... e ser batizados com o batismo...?** 2) Na prática da grandeza - **Todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal;** 3) No padrão de grandeza - **O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir.**

8. *A Cura dos Dois Cegos* (20.29-34)

Esse incidente está registrado nos três Sinóticos (cf. Mc 10.46-52; Lc

18.35-43). Mas enquanto Mateus menciona **dois cegos** (30),[43] Marcos e Lucas mencionam apenas um. Só Marcos identifica esse homem como sendo Bartimeu. Evidentemente, este era o que mais se destacou entre os dois, e poderia ter se tornado um cristão muito conhecido quando Marcos escreveu o seu Evangelho.

Isso aconteceu quando eles estavam **Saindo... de Jerico** (29), a caminho de Jerusalém. Mas Lucas diz que o cego pediu ajuda quando Jesus estava se aproximando de Jerico (Lc 18.35). Essa diferença nos relatos dos apóstolos deu ocasião a consideráveis comentários (veja as notas sobre Lucas 18.35-43). A solução mais simples talvez seja aceitar a declaração de Lucas como uma mera indicação de que o milagre da cura aconteceu nas proximidades de Jerico.

O pedido dos dois cegos - **Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós** (30) - é igual ao da mulher siro-fenícia (15.22). Quando a multidão tentou silenciá-los, mandando que ficassem em seus lugares, os cegos continuaram repetindo o seu apelo (31). Isso fez com que Jesus parasse e perguntasse: **Que quereis que vos faça?** (32). A resposta foi rápida e clara: **Senhor, que os nossos olhos sejam abertos** (33). **Movido de íntima compaixão** Jesus **tocou-lhes nos olhos** (34). Talvez esse ato tenha tido como maior objetivo o fortalecimento da fé deles, e não apenas a cura. ... **logo viram** (eles, literalmente, "enxergaram" ou "viram novamente"). Fazendo bom uso de sua nova visão, **eles o seguiram.** Dessa forma, a multidão aumentava enquanto o Mestre seguia o seu caminho para Jerusalém, para se oferecer como o sacrifício expiatório pelos pecados de toda a humanidade. Aquele que curava o corpo, veio especialmente para curar a alma dos homens.

B. **A Controvérsia,** 21.1—23.39

1. *A Entrada Triunfal* (21.1-11)

Esse evento marcou o início da Semana da Paixão.[44] Sua importância pode ser vista no fato de ter sido registrado nos quatro Evangelhos (cf. Mc 11.1-10; Lc 19.29-38; Jo 12.12-19). Até então, João tinha pouco material em comum com os Sinóticos, exceto na passagem em que o

Senhor alimentou as cinco mil pessoas. Mas os quatro Evangelhos registram os eventos da Semana da Paixão com muito mais detalhes do que qualquer outro período da vida de Cristo.

A Entrada Triunfal aconteceu em um domingo. Depois de curar os dois cegos em Jerico (20.29-34), Jesus e os seus discípulos, acompanhados pelos peregrinos da Galiléia a caminho da festa da Páscoa, haviam caminhado pela estrada de Jerico em direção a Jerusalém. Isso aconteceu em uma sexta-feira.

Desde o pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado (o sábado judaico) Jesus e os seus discípulos descansaram, talvez na casa de Marta e Maria em Betânia.

No domingo, eles foram para Jerusalém e, no caminho, evidentemente pararam em Betfagé. Essa vila não é mencionada no Antigo Testamento, mas somente em conexão com a Entrada Triunfal no Novo Testamento. O Talmude fala sobre ela como estando próxima a Jerusalém. Dalman diz, com base na literatura rabínica: "Este deve ter sido um distrito situado fora de Jerusalém (um subúrbio, mas não uma unidade independente), que começava na fronteira do santuário, isto é, antes do muro oriental de Jerusalém".[45] Isso pode sugerir um território que incluía o vale de Cedrom e a encosta ocidental do monte das Oliveiras.

Jesus enviou **dois discípulos** - teriam sido Pedro e João? (cf. Mc 14.13 com Lc 22.8) - com as instruções: **Ide à aldeia que está defronte de vós,** onde encontrariam **uma jumenta presa e um jumentinho com ela** (2) que deveríam ser levados ao Mestre. Se alguém protestasse, eles deveríam dizer: **o Senhor precisa deles** (3). É interessante notar que somente aqui e em uma passagem semelhante em Marcos 11.3 Jesus é chamado de Senhor nos dois primeiros Evangelhos. Lucas, entretanto, emprega esse nome dezesseis vezes.

Como de costume, Mateus cita o cumprimento de uma profecia nesse evento da vida de Cristo. A citação corresponde a Zacarias 9.9 (cf. também Is 62.11) onde está previsto que o Rei-Messias viria

humildemente, montado em um jumento (5). Este ato de Jesus mostrou que Ele estava se apresentando oficialmente à nação judaica como o Messias. Josefo registra a crença popular de que o Messias iria aparecer no Monte das Oliveiras.[46]

Os discípulos cumpriram a sua missão (6). Aparentemente, a procissão triunfal começou perto do Monte das Oliveiras. Os discípulos colocaram as suas roupas sobre o jumento, em lugar da sela, para que o Mestre se sentasse.[47]

E muitíssima gente - "a maior parte da multidão" (Weymouth, Williams, Goodspeed, RSV) - estendia as suas vestes pelo caminho (8). Isso mostra o entusiasmo quase tumultuoso desses peregrinos da Galiléia, que tinham visto muitos milagres realizados por Jesus. Agora, eles o aclamaram como o seu Messias (9). A linguagem usada aqui - **Filho de Davi** - é claramente messiânica.[48] **Hosana** significa "Salve" ou "Salve, nós pedimos". Aqui ela é provavelmente o mesmo que "Deus salve o Rei!" Hosana é a palavra de abertura do Salmo 118.25: "Um versículo que era cantado nas solenes procissões em volta do altar na Festa dos Tabernáculos, e também em outras ocasiões".[49]

Quando Jesus entrou em Jerusalém, **toda a cidade se alvoroçou** (10). Todos perguntavam: **Quem é este?** A resposta da multidão foi: **Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia (11).**

Um sermão para o Domingo de Ramos intitulado "A Entrada Triunfal de Jesus" podería ter o seguinte enfoque: 1) A preparação, 1-5; 2) A procissão, 6-8; 3) O louvor, 9.

2. *A Purificação do Templo* (21.12-13)

Esse episódio é contado por Mateus imediatamente após a Entrada Triunfal, como se tivesse acontecido no mesmo dia. Marcos 11.15-19 informa os detalhes, observando que a purificação aconteceu em uma segunda-feira. Esse é outro exemplo do hábito de Mateus descrever duas narrativas em conjunto, colocando-se na posição de um observador. Nesse caso, Lucas acompanhou Mateus (Lc 19.45-48).

João registra uma purificação do Templo (Jo 2.13-17) em uma ocasião próxima ao início do ministério de Cristo. Os três Sinóticos (cf. Mc 11.15-19; Lc 19.45-48) descrevem um evento semelhante no início da Semana da Paixão. A maioria dos estudiosos entende que não houve duas purificações. Porém, Alfred Plummer diz: "Não há nada de incrível em duas purificações".[50] E Salmon escreve: "Estamos à vontade para aceitar o relato de João de que o nosso Senhor fez seu protesto contra a profanação do Templo em uma

visita anterior àquela Casa Sagrada, e podemos acreditar que depois de uma ausência de um ano ou mais, ao retornar com um grupo de discípulos da Galiléia, Ele fizesse cumprir as suas exigências com ainda mais rigor".[51]

A purificação do Templo é descrita de forma vivida. Jesus **expulsou todos os que vendiam e compravam no templo** (12) - *hieron,* a "Área do Templo", compreendia cerca de vinte e cinco acres. No Pátio dos Gentios havia um mercado onde ovelhas e bois eram vendidos para os sacrifícios (cf. Jo 2.14). Como a Lei especificava que esses animais deveriam ser "sem mácula" (Ex 12.5) era mais seguro comprá-los no mercado do Templo que era dirigido por parentes do sumo sacerdote. Tudo que fosse comprado ali seria aprovado. Da mesma forma, seria inconveniente para os peregrinos da Galiléia trazer animais em uma viagem tão longa. Aqueles que eram demasiadamente pobres para oferecer uma ovelha tinham permissão de substituí-la por uma pomba (Lv 12.8). Todo o dia era realizada uma animada venda desses animais.

Os **cambistas** também colhiam seus frutos. Todo judeu adulto tinha que pagar uma taxa anual de meio siclo ao Templo (cf. 17.24). Mas esse pagamento deveria ser feito com a moeda fenícia. Como o dinheiro que os judeus usavam habitualmente era grego ou romano, isso queria dizer que a maioria das pessoas precisava trocar o seu dinheiro. Os sacerdotes tinham permissão de cobrar algo em torno de 15 por cento para fazer essa troca. Edersheim acredita que somente essa taxa podería alcançar uma soma entre 40.000 a 45.000 dólares por ano,[52] isto é, uma renda exorbitante naquela época.

Jesus lembrou aos transgressores o que estava escrito nas Escrituras **(13): A minha casa será chamada casa de oração** (uma citação de Isaías **56.7). Mas vós a tendes convertido em covil de ladrões** (citação de Jeremias **7.11) O** texto grego diz "uma caverna de salteadores". Essa frase devia ser muito familiar aos judeus do primeiro século.

A condenação feita por Cristo aos comerciantes do mercado do Templo, chamando-os de "ladrões" ou "salteadores" encontra sólido suporte nos escritos rabínicos. Eles falam de "Bazares dos filhos de Anás" - o antigo sumo sacerdote que foi sucedido por cinco dos seus filhos, e cujo genro, Caifás, era o sumo sacerdote nessa época. Edersheim chama atenção para a declaração de que "o Sinédrio, quarenta anos antes da destruição de Jerusalém [isto é, no ano 30 d.C., o ano da Crucificação], transferiu seu local de reunião do Pátio das Pedras Lavradas (no lado sul do Pátio dos Sacerdotes) para os Bazares e, em seguida, para a Cidade".[53]

Pouco tempo depois, a "indignação popular, três anos antes da destruição de Jerusalém, destruiu os Bazares da família de Anás".[64] A gravidade da situação está refletida nessa declaração: "O Talmude também registra a maldição que um renomado rabino de Jerusalém (Abba Shaul) pronunciou sobre as famílias dos sumo sacerdotes (inclusive a de Anás) que eram 'eles mesmos os sumo sacerdotes, seus filhos os tesoureiros, seus genros tesoureiros auxiliares, enquanto os seus servos batiam no povo com varas".[55]

A purificação do Templo foi o segundo ato messiânico de Jesus na Semana da Paixão. Ela representava uma sequência apropriada à sua recepção como o "Filho de Davi" na Entrada Triunfal, e era o cumprimento da profecia expressa em Malaquias 3.1-3.

Uma leitura cuidadosa dos quatro relatos sobre a purificação do Templo não dará qualquer suporte à idéia de que Jesus usou de violência física contra as pessoas, ou roubou-as de suas posses. Ele simplesmente fez com que os homens - com seus pertences - se retirassem da área sagrada.

3. *O Louvor das Crianças* (21.14-17)

Essa seção só é encontrada em Mateus. Depois que Jesus mandou os vis transgressores para fora do Templo, **foram ter com ele ao templo cegos e coxos, e curou-os** (14). Isso era algo completamente diferente das discussões entre compradores e vendedores, pois revelava a profunda preocupação de Deus com o sofrimento dos homens.

Entretanto, essa mudança não agradou aos **principais dos sacerdotes** (15). Esse termo incluía, provavelmente, o sumo sacerdote, os antigos sumo sacerdotes, os membros do sexo masculino de suas famílias e talvez os chefes dos vinte e quatro turnos sacerdotais. Quando estes (saduceus) e os escribas (fariseus) ouviram as crianças exclamar: **Hosana ao Filho de Davi,** eles se **indignaram.** Essa é exatamente a mesma palavra que foi traduzida como "ficaram tomados de indignação" ou simplesmente "indignaram-se" em 20.24. Em resposta à petulante reclamação deles: **Ouves o que estes dizem?** (16), Jesus citou uma parte do Salmo 8.2 da Septuaginta (8.3). Quando os líderes religiosos se recusarem a louvá-lo, as crianças preencheram a lacuna.

Esta é a primeira passagem nos Evangelhos Sinóticos onde os saduceus são mencionados fazendo oposição direta a Jesus. Até esse ponto os fariseus eram aqueles com quem Ele havia entrado em conflito. Mas quando Jesus purificou o Templo, Ele atingiu não só o prestígio, como também o bolso dos sacerdotes e, por esta razão, eles nunca o perdoaram. Foram eles que dirigiram o ataque final contra Jesus (cf. 27.1, 12; Mc 14.55; 15.10). E. F. Scott diz: "Ele os havia desafiado abertamente, e agora precisavam considerar que medidas haviam de ser tomadas para que o levassem à morte o mais rápido possível".[56]

A atitude ciumenta e crítica dos fariseus e saduceus, bem na casa de Deus, sem dúvida entristeceu o Mestre. Ele os deixou (17) e foi para **Betânia** (a cerca de três quilômetros de distância, veja o mapa) onde passou a noite. Lá, provavelmente na casa de Marta, Maria e Lázaro - Ele encontrou amor e compreensão. Aquela família era um verdadeiro

porto para a sua alma tão perturbada naqueles dias cruciais.

4. *A Maldição da Figueira* (21.18-22)

Esse episódio está registrado em Mateus e Marcos (11.12-14, 20-25). Como indicam essas duas referências, Marcos separa essa história em duas partes: a maldição da figueira na manhã da segunda-feira, e seu definhamento na manhã da terça-feira. Novamente, Mateus reúne os dois episódios em uma única narrativa, sem nenhum intervalo cronológico.

Aconteceu **de manhã** (18), quando Jesus estava retornando a Jerusalém vindo de Betânia. Sentindo fome - não sabemos porque nada havia comido naquela manhã - Ele viu **uma figueira perto do caminho** (19) - literalmente "no caminho". Quando se aproximou da árvore, encontrou apenas **folhas.** Geralmente, os figos estão escondidos sob as folhas, mas não havia nenhuma fruta. Então Jesus amaldiçoou a árvore como sinal do desgosto de Deus perante a hipocrisia.

Mateus diz: **E a figueira secou imediatamente.** A palavra grega é bastante forte. **Imediatamente** neste texto é *parachrema,* que significa "naquele momento, em seguida, instantaneamente".[57] Os discípulos perceberam a mudança na aparência da árvore e exclamaram: **Como secou imediatamente a figueira?** (20).

Como isso pode se harmonizar com a clara indicação de Marcos, de que somente vinte e quatro horas mais tarde os discípulos observaram a morte da figueira? Já notamos o hábito de Mateus juntar os eventos. Mas ao empregar a palavra "imediatamente" ele introduziu uma questão real. **A** melhor solução seria considerar **secou (19-20)** como uma introdução de tempo indeterminado, isto é, "começou a murchar". Apenas um dia depois de Jesus ter pronunciado a maldição da árvore, os discípulos se surpreenderam ao ver que ela havia secado, e podem ter usado a palavra "imediatamente" para descrever essa rápida mudança.

Alguns criticam Jesus por ter destruído a árvore, mas devemos

entender que não se tratava de uma propriedade particular, ela estava "no caminho". Além disso, Trench faz uma saudável observação: "O homem é o príncipe da criação e todas as coisas existem para servi-lo; elas preenchem sua subordinação quando o servem - na vida ou na morte - produzindo-lhe frutos, ou advertindo através de uma forma figurada qual seria a maldição e o castigo pela infertilidade".[58] Ele acrescenta: "Cristo não atribuiu uma responsabilidade moral à árvore quando a castigou por causa de sua infertilidade, mas Ele realmente lhe atribuiu a capacidade de representar qualidades morais".[59] Certamente valia a pena a perda de uma única árvore, que não pertencia a ninguém em particular, a fim de ensinar aos discípulos uma lição que impactaria milhões de pessoas.

Qual era essa lição? Na verdade havia duas. A primeira era uma vivida advertência contra a hipocrisia - ter as folhas de uma falsa profissão de fé, mas nenhum fruto da graça de Deus. Uma aplicação específica dessa lição era a nação de Israel, cujo povo professava ser filho de Deus, mas que negava essa condição através de sua conduta pecaminosa (cf. Jo 8.33-47).

A segunda lição está descrita nos versículos 21 e 22. Jesus declarou solenemente: **Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes** podereis fazer não só o que acabei de fazer como também coisas muito maiores.[60] Depois, Ele deu uma das mais notáveis promessas da Bíblia relacionada à oração: **E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis** (22). Essa expressão pode parecer a concessão de uma autoridade incondicional; uma *carta branca.* Mas existe uma importante condição - **crendo.** Ninguém pode realmente acreditar em alguma coisa que seja contra a vontade de Deus. Morison entendeu o sentido dessa passagem, quando escreveu: "O que você realmente desejar - se o seu desejo se fundiu ao desejo de Cristo e de seu Pai - você receberá desde que apresente esse desejo diante do trono da graça".[61]

5. *Controvérsias com os Líderes Judeus* (21.23—22.46)

a) *Com que Autoridade?* (21.23-27). Este episódio foi registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 11.27-33; Lc 20.1-8). Quando Jesus chegou ao templo na manhã de terça-feira, Ele foi imediatamente desafiado pelos **príncipes dos sacerdotes** e pelos **anciãos do povo** (23). Esse último termo parece ser uma designação generalizada dos membros do Grande Sinédrio de Jerusalém. Eles perguntaram: **Com que autoridade fazes isso? E quem te deu tal autoridade?** Com a palavra **isso** eles se referiam à purificação do Templo no dia anterior. Tendo sido tomados de surpresa por ocasião da purificação do Templo, os líderes judeus não haviam recuperado totalmente seu entendimento naquele momento. Mas durante a noite haviam evidentemente decidido desafiar o direito de Cristo de fazer o que fez. Portanto, perguntaram: "Quem lhe deu autoridade para perturbar o regime estabelecido no Templo?"

Muito sabiamente, Cristo respondeu dizendo que, por sua vez, ia lhes fazer uma pergunta. Se respondessem à sua questão, Ele respondería àquela que lhe fizeram.

Sua pergunta os atingiu como a explosão de uma bomba: **O batismo de João donde,era? Do céu ou dos homens?** (25) O raciocínio daqueles homens não demonstrava nenhuma preocupação ética. Não era uma questão de saber o que estava certo, mas o que era apropriado. Não disseram: "Qual é a verdade?". Mas, "Como esta resposta nos afetará?". Os interlocutores se encontraram no meio de um dilema do qual não havia como escapar. Eles não iriam dizer que vinha do céu e também não podiam, com medo do povo, dizer que vinha dos homens. Portanto, mentiram deliberadamente ao responderem: **Não sabemos** (27). Com toda razão, Jesus se negou a responder a pergunta deles. Mas a resposta às duas questões é exatamente a mesma: a fonte da autoridade era o céu.

b*)* *AParábola dos Dois Filhos* (21.28-32). Essa parábola só é encontrada em Mateus. Jesus começou com uma pergunta para atrair a atenção: **Mas que vos parece?** (28). Uma história sobre dois meninos é sempre interessante. Essa parábola tem, de fato, muitas afinidades com a parábola do filho pródigo (Lc 15.11-32). Ambas começam com as mesmas palavras: **Um homem tinha dois filhos.**

Mas aqui a palavra é literalmente “crianças”.

Ao primeiro, o pai disse: **Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.** Ele se recusou, **mas, depois, arrependendo-se, foi** (29). Esse não é o verbo grego mais comum *metanoeo* (trinta e quatro vezes no NT), mas o menos comum *metamelomai* (cinco vezes). Os dois sempre foram traduzidos como “arrepender” (na versão KJV em inglês) e parece que foram usados de forma intercambiável. Mas o verbo *metamelomai* também podería ser traduzido como “lamentar”.

De imediato, o segundo filho concordou em ir. Mas, na verdade, não obedeceu à ordem do pai. Quando Jesus perguntou qual deles havia feito a vontade do pai, a resposta óbvia era: **O primeiro** (31). Então Jesus fez a seguinte aplicação: **Os publicanos e as meretrizes entram adiante de vós no Reino de Deus** (31). Ele estava repreendendo os líderes judeus que se recusaram a acreditar em João Batista, e que não se arrependeram (*metamelomai*) depois. Proclamavam que estavam obedecendo a Deus, mas não estavam. Eram iguais ao menino que disse **eu vou,** mas **não foi.**

No texto grego de Nestle, Westcott e Hort, a ordem dos dois filhos está invertida (entretanto, a versão RSV mantém a mesma ordem da versão KJV em inglês). Trench acredita que a ordem foi mudada pelo mesmo escriba que pensou que a aplicação era a Jesus (primeiro) e aos gentios (segundo). Ele diz: “Mas a parábola não se aplica principalmente aos judeus e aos gentios, mas se refere aos dois corpos dentro do povo judeu”[62] - os fariseus, de um lado, e os **publicanos** e as **meretrizes,** de outro.

c*)* *AParábola dos Lavradores Maus* (21.33-46). Da relação das trinta parábolas de Trench, somente três delas são encontradas nos três Evangelhos Sinóticos. As duas anteriores são a parábola do semeador (13.3-9) e a parábola do grão de mostarda (13.3132). Essa é a terceira (cf. Mc 12.1-12; Lc 20.9-19).

Jesus falou sobre um **pai de família** (*oikodespotes*) que plantou uma **vinha,** algo extremamente comum na Palestina. Ele **circundou-a** - provavelmente com um muro de pedra - e **construiu nela um lagar**

(33). Esse lagar seria uma depressão contornada com pedras ou argamassa onde o suco das uvas seria pisado. Esses lagares ainda podem ser encontrados hoje na Terra Santa. Para montar guarda na vinha - para ninguém roubar as uvas maduras, ele construiu uma **torre** - uma plataforma suspensa feita de madeira que, conforme a especificação dos rabinos, deveria ter 4,5 metros de altura e uma base de 1,80 x 1,80 m. Depois, ele alugou a vinha para uns **lavradores** e viajou para o exterior.

E, chegando o tempo dos frutos (34) - setembro do quinto ano depois do plantio (Lv 19.23-25) - o proprietário enviou alguns servos para que recebessem a sua parte da colheita. Os lavradores **feriram um, mataram outro** e **apedrejaram** um terceiro (35).

Finalmente, tomado de desespero, o proprietário enviou o seu filho, pensando que eles iriam ter **respeito a meu filho** (37). Mas eles o mataram, pensando de forma insensata que poderíam herdar a sua propriedade (38-39). Entretanto, eles foram destruídos, e a vinha foi transferida para lavradores mais dignos (41).

Nos versículos **40** e **41,** Jesus deixou que os seus inimigos julgassem os pecados que eles mesmos cometeram, e que pronunciassem a conseqüente sentença. Então Ele revelou a verdade contida na parábola, ao citar o Salmo **118.22-23. A pedra que os edificadores rejeitaram (42)** - esse verbo significa "rejeitar (depois de examinar), declarar inútil"[63] - havia se tornado a **cabeça do ângulo.** Essa pedra se refere a uma pedra fundamental, ou à base de um arco.

Jesus não deixou margem para dúvida em relação ao que Ele queria dizer com essa parábola. Ele disse que o Reino de Deus seria retirado dos líderes judeus e entregue a uma outra **nação** (43, somente em Mateus). Quem caísse sobre **esta pedra** (Cristo) ficaria despedaçado (cf. Is 8.14-15) e aquele sobre quem ela caísse ficaria **reduzido a pó** (44). Parece que a primeira imagem está se referindo a alguém que, tropeçando em Cristo, ficaria "moído" (o significado literal de uma palavra pouco usada) como um jarro de água de cerâmica se despedaça ao cair sobre uma pedra. A segunda imagem é, claramente, de juízo.

Os **príncipes dos sacerdotes e os fariseus** não podiam deixar de ver que essa parábola **falava deles** (45). Eles eram os maus lavradores que representavam os antigos líderes da nação, que haviam matado os profetas **(servos).** Agora, eles mesmos estavam prestes a matar o Filho. O Reino seria dado aos gentios. Enfurecidos, eles queriam matar Jesus; mas temiam o povo, que acreditava que Ele era um **profeta** (46).

d*) A Parábola das Bodas* (22.1-14). Essa história tem algumas semelhanças com a parábola da grande ceia que só é encontrada em Lucas 14.16-24. Essas parábolas estão ligadas principalmente pela recusa dos convidados a comparecer, e pelas ordens dadas aos servos para irem até as estradas e trazerem quaisquer pessoas que pudessem encontrar.

As diferenças até agora ultrapassam as semelhanças; deste modo, podem ser consideradas histórias independentes. Em Mateus, há um **rei** que está preparando a festa de casamento (as **bodas)** do seu **filho.** Em Lucas é um "homem" que dá uma "grande ceia". Aqui está dito que os convidados **não quiseram vir** (3). Em Lucas eles apresentam desculpas variadas. Aqui lemos que **outros servos** foram enviados, e que insistiram com os convidados para virem àquela esmerada festa de casamento, onde os **bois** e os **cevados** estavam **prontos** (4). Mas os convidados **não** fizeram **caso** (5). **Eles foram, um para o seu campo, e outro para o seu negócio.** Isso tem alguma semelhança com as duas primeiras desculpas em Lucas. Mas a morte dos servos, pelos convidados (6), e a destruição pelo rei da sua cidade (7) são idéias estranhas à parábola de Lucas.

A palavra grega para estradas, nos versículos 9 e 10, é muito diferente. No 10 ela é simplesmente *hodous,* "caminho" ou "estrada". Mas no 9 ela é *diexodous ton hodon.* A palavra *diexodous,* no Novo Testamento, só é encontrada aqui. Arndt e Gingrich acreditam que essa frase provavelmente signifique: "O lugar onde uma rua atravessa os limites da cidade e se dirige ao campo aberto".[64]

O significado da parábola é bastante óbvio. Os judeus foram os primeiros convidados a gozar das boas coisas do Reino. Quando

rejeitaram essa oportunidade, os gentios foram introduzidos.

Quando o rei examinou os seus convidados, ele descobriu **um homem que não estava trajado com veste nupcial** (11). Ao ser questionado, o homem **emudeceu** (12). O rei ordenou que ele fosse amarrado e lançado **nas trevas exteriores** - fazendo um grande contraste com o brilho e a felicidade da festa de casamento. Então, ficamos sabendo que ali haverá **pranto e ranger de dentes** (13). Essa mesma expressão ocorreu em 8.12. Trata-se de um terrível quadro de tormentos. Novamente (cf. 20.16) lemos a declaração: **Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos** (14).

Essa história ensina duas lições importantes. A mais importante é que nem todos que forem chamados serão salvos. **Muitos são chamados** - a salvação é de provisão universal - **mas poucos escolhidos.** Não é porque Deus (o Rei) rejeita os homens, mas porque os homens rejeitam o seu chamado. Não existe lugar aqui para a idéia de um "chamado eficiente". Alguém pode rejeitar o chamado de Deus para a salvação, e assim se tornar um perdido.

A outra lição é encontrada no episódio do homem que não tinha a veste nupcial. Obviamente, o rei havia fornecido uma veste a cada convidado. Mas um homem se recusou a vestir a sua. Ele é do tipo daqueles que preferem sua própria justiça à justiça oferecida por Cristo. Esses serão lançados nas trevas exteriores.

Está claro que a qualificação final e determinante para a festa de casamento não era o convite, ou mesmo a sua aceitação, mas a veste nupcial. Para seu pleno entendimento, devemos associar essa parábola a Apocalipse 19.7-9, onde o traje era "de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos". Agora os santos não são simplesmente *convidados,* mas fazem parte da própria *noiva.* Se é legítimo ver na veste nupcial de Mateus uma previsão da sua identificação com Apocalipse, então poderiamos afirmar que a justiça e a santidade pessoais seriam as condições básicas *{sine qua non*) para que alguém participe das bodas do Cordeiro.

Isso representa muito mais do que a imputação automática de justiça a todos aqueles que respondem ao convite. Na verdade, trata-se de uma justiça concedida que, embora proporcionada pelo sangue de Jesus, deve ser, entretanto, alcançada por cada convidado, de forma individual e voluntária. Se o convite e a provisão da veste dependem da iniciativa do Rei, a obtenção e o uso dessa veste dependem da iniciativa do convidado. Embora seja um exagero considerar que a parábola esteja ensinando diretamente duas obras da graça, não seria exagero reconhecer nela os requisitos básicos da santidade, que são os meios em que estão incluídas a justificação e a santificação.

Em seu sermão sobre a "Veste Nupcial", John Wesley diz que a veste nupcial significa "santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor". Ele apresenta dois pontos: 1) Sem a justiça de Cristo não podemos ter nenhuma *pretensão* em relação à glória; e 2) Sem a santidade, não seríamos *adequados* a ela.

e) *A Questão dos Herodianos* (22.15-22). Neste capítulo três grupos de líderes judeus questionam Jesus. Em cada oportunidade Ele responde e faz uma pergunta que, efetivamente, silencia os seus interlocutores. Todos esses quatro itens foram registrados em cada um dos Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 12.13-37; Lc 20.20-44). Aparentemente, essas discussões tiveram lugar na terça ou na quarta-feira da Semana da Paixão.

Os **fariseus** foram os instigadores da primeira pergunta. Eles **consultaram entre si como o surpreenderíam em alguma palavra** (15) - literalmente, "em uma palavra" ou "em uma expressão". O verbo é usado na Septuaginta, mas em nenhum outro lugar do grego clássico. Trata-se de um termo próprio da caça e significa "armar uma cilada". Arndt e Gingrich traduziram essa cláusula "a fim de poderem armar uma cilada com alguma coisa que Ele dissesse".[66] O motivo deles era malicioso.

Josefo descreve "três seitas filosóficas entre os judeus"; os fariseus, os saduceus e os essênios[66] (atualmente identificados com a comunidade de Qumrã que produziu os Rolos do Mar Morto). Os essênios não foram mencionados no Novo Testamento. De forma estranha, Josefo

não faz referência aos herodianos que são mencionados três vezes nos Evangelhos (cf. Mc 3.6; 12.13). Mas sobre eles nada se conhece com certeza. O nome sugere que eram seguidores de Herodes Antipas e essa é uma suposição tão boa quanto qualquer outra.[67]

Os **fariseus** haviam usado um artifício sorrateiro **(15).** Eles enviaram a Jesus alguns de **seus discípulos, com os herodianos (16).** Geralmente, esses dois grupos estavam sempre se enfrentando porque os fariseus se opunham ao governo de Roma. Mas agora haviam se unido na inimizade comum contra Cristo.

A lisonjeira abordagem usada por esses homens era totalmente falsa. Eles tentaram pegar Jesus desprevenido, sugerindo que Ele sempre falava a verdade e não se importava com o que as pessoas pensassem a seu respeito. Eles esperavam desse modo levar Jesus a se incriminar fazendo uma afirmação imprudente.

Então armaram a cilada: E lícito pagar o tributo a César, ou não? (17) A palavra **tributo** é *kensos* (em latim, *census).* Esse era um imposto individual que os judeus achavam particularmente ofensivo por lembrar que estavam sujeitos a um poderio estrangeiro.

Os interlocutores acreditavam que haviam colocado firmemente o Mestre nas teias de um dilema do qual Ele não tinha qualquer possibilidade de escapar. Se Ele respondesse "sim", os fariseus o exporiam ao público como um judeu desleal. Se dissesse "não", os herodianos o denunciariam ao governo de Roma como culpado de sedição. Uma das piores ofensas que uma pessoa podia cometer aos olhos dos romanos era se opor ao pagamento do imposto.

Jesus, **conhecendo a sua malícia, disse: Por que me experimentais, hipócritas?** (18). Carr comenta o versículo 16 com muita propriedade: "Nada podia exceder a insidiosa hipocrisia desse ataque contra Jesus".[68]

Cristo contra-atacou fazendo um pedido: **Mostrai-me a moeda do tributo** (19) - a "moeda do censo" que era usada para pagar esse tributo. Em resposta, eles trouxeram um dinheiro (um denário) de

prata que valia cerca de vinte centavos de dólar americano.

Jesus perguntou: **De quem é esta efígie e esta inscrição?** (20). A resposta imediata foi: "De César" (21). O denário daquela época em particular trazia em um dos lados a cabeça do imperador Tibério com a seguinte **inscrição** em latim: "Tibério César, filho do divino Augusto (o próprio Augusto)".

Então, o Mestre proferiu uma ordem simples e profunda: **Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus.** O verbo **dar** quer dizer literalmente "devolver". Se o denário trazia o nome e a figura de César, ele deveria ser de sua propriedade, portanto deveríam devolver o que pertencia a ele. Paulo reitera esse princípio em Romanos 13.6.

Mas também devemos devolver o que pertence a Deus - e o que temos que não nos foi dado por Ele? "Os mestres judeus estabeleceram o princípio de que 'Será rei aquele cuja moeda seja corrente' ,*[9] Aquele que recusa ou deixa de pagar esse tributo está negando que Jesus Cristo é o Senhor da sua vida; está rejeitando o governo de Cristo.

Mas dar a Deus o que lhe é devido significa mais do que entregar os dízimos - e também incluir ofertas adicionais. Erasmo fez esse excelente comentário: "Devemos devolver a Deus aquilo que tem a imagem e o nome de Deus - a alma".[70]

Aqueles que tinham vindo para questionar Jesus partiram maravilhados. O Senhor frustrou completamente aquela tentativa de armar-lhe uma cilada.

f) *A Questão dos Saduceus* (22.23-33). Naquele mesmo dia, **chegaram junto dele os saduceus, que dizem não haver ressurreição** (23). Essa descrição dos saduceus é confirmada não só em Atos 23.8 como também por Josefo. Ele escreve: "Mas a doutrina dos saduceus é essa: De que as almas morrem com os corpos; eles desconsideram a observação de qualquer coisa além daquilo que a lei lhes prescreve. Consideram um exemplo de virtude discutir com aqueles mestres de filosofia com os quais se reúnem; mas essa doutrina é recebida apenas

por alguns poucos, embora os de maior dignidade".

Os saduceus começaram sua conversação com Jesus fazendo uma citação de Moisés (Dt 25.5) em relação à assim chamada lei do levirato (do latim *levir,* "cunhado"). Praticada por outras nações do Oriente, essa lei diz simplesmente: Se o marido morrer sem deixar filhos, seu irmão deverá se casar com a viúva e **suscitará descendência a seu irmão** (24). Dessa forma, os filhos que nascerem levarão o nome do irmão falecido.

Então os saduceus propuseram uma situação hipotética e muito improvável. Sete irmãos, sucessivamente, se casaram com a mesma mulher, mas todos morreram sem deixar filhos (25-26). Finalmente, **morreu também a mulher** (27) Agora, perguntaram os saduceus, **na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?** (28) Esse é o tipo de pergunta que as mentes pequenas gostam de fazer para importunar as pessoas sensíveis. Provavelmente, esse era um argumento que os saduceus tinham em sua coleção e que usavam muitas vezes na discussão com os fariseus. Na citação anterior de Josefo observamos que essas pessoas apreciavam muito desenvolver debates filosóficos com os seus oponentes.

Jesus chamou-lhes a atenção imediatamente. Ele disse: **Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus** (29). A única maneira pela qual a igreja e os indivíduos podem ser salvos do pecado atualmente é conhecendo a ambos. A verdadeira ortodoxia só poderá ser preservada através de um cuidadoso e constante estudo da Palavra de Deus, ao lado de uma experiência do poder e da presença do Espírito Santo.

O Mestre prosseguiu dizendo que não existe casamento na vida futura, mas serão **como os anjos no céu (30);**[71] isto é, imortais, e não reprodutivos. Depois Jesus os desafiou com as suas próprias Escrituras. Podemos observar que Josefo disse que os saduceus "desconsideram a observação de qualquer coisa além daquilo que a lei lhes prescreve", isto é, eles só aceitam o Pentateuco (Torá), e rejeitam todo o restante do Antigo Testamento. Eles negavam especificamente a ressurreição porque, de acordo com a sua

interpretação, esta doutrina não havia sido ensinada na Torá. Então, Jesus enfrentou-os em seu próprio campo. Ele citou Êxodo **3.6** - as palavras ditas pelo Senhor a Moisés na sarça ardente - e fez a sua aplicação: **Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos (32).** Se, na época de Moisés, Deus era o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e como esses homens já haviam morrido há muito tempo, havia uma clara implicação de que estavam vivendo em um estado de imortalidade, embora tivessem deixado de viver na terra. A relação dessa passagem com a ressurreição foi assim expressa por Bengel: "Deus... não é o Deus daquilo que não é: Ele é o Deus vivo. Portanto, aqueles que possuem a Deus também devem estar vivos. E para muitos desses, cuja vida foi suspensa na terra, deverão reviver eternamente".[72]

O efeito das palavras de Cristo sobre a multidão é descrito de forma vivida (33). As pessoas **ficaram maravilhadas da sua doutrina** (em grego, "ensino"). O verbo significa literalmente "atingir vigorosamente", sendo igual à forma passiva, "foram tomados de admiração".[73] Além disso, esse verbo está no tempo imperfeito. Carr explica a força dessa expressão. Ele diz: "O imperfeito expressa muito bem a emotividade da admiração que tomou conta da multidão, de pessoa em pessoa".[74]

g*) A Pergunta dos Fariseus* (22.34-40). Quando os fariseus ouviram que Jesus havia eficientemente calado - o termo grego diz "emudecido", "silenciado" - seus oponentes, os saduceus, eles sem dúvida ficaram muito contentes. Mas resolveram experimentá-lo novamente (cf. 15).

Um deles, certo **doutor da lei,** isto é, um professor da lei mosaica - fez uma pergunta a Cristo, **para o experimentar** (35). Temos novamente o problema de como traduzir a palavra *peirazon,* "tentar" (ASV), "testar" (RSV, cf. NEB), ou "tentando" (KJV). O significado fundamental do verbo é "tentar, experimentar, colocar em teste".[75] Se o texto sugerir algum motivo mal-intencionado, essa palavra pode ser traduzida como "tentar". Poderiamos entender que esse era o caso nessa passagem, se não fosse pelo relato paralelo de Marcos. Ele diz, a

respeito dessa pergunta, que o "escriba" (doutor da lei) "havia respondido bem", retratando um mútuo apreço entre Jesus e o "doutor da lei". Provavelmente, então, "testar" seria a melhor tradução aqui.

O escriba perguntou: **Mestre** (em grego, "Professor") **qual é o grande mandamento da lei?** (36). O que significa, literalmente, "de que tipo". Plummer sugere que esse doutor da lei queria um "cânon de classificação". Ele diz: "Os rabinos dividiam os 613 preceitos da Lei (248 mandamentos e 365 proibições) em "pesados" e "leves", mas essa classificação gerou muitos debates".[76]

Ao responder, Jesus citou Deuteronômio 6.5: **Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento** (37). Marcos e

Lucas acrescentam: "e de todas as tuas forças". Na verdade, a passagem em hebraico do Antigo Testamento diz "coração", "alma" e "força". ASeptuaginta diz "coração", "alma" e "poder" (*dynamis*) e alguns manuscritos trazem o termo "pensamento" (*dianoia*). Parece que Jesus fez uma combinação desses quatro significados.

Carr explica os três termos de Mateus da seguinte maneira: *"Kardia* inclui as emoções, a vontade, e o propósito; *psyché,* as faculdades espirituais; e *dianoia, o* intelecto, a faculdade de pensar".[77] Mas é impossível fazer uma distinção precisa e completa dessas palavras. Por exemplo, para *psyché* Arndt e Gingrich sugerem, com o apoio das Escrituras, os seguintes significados (dentre outros): "vida, princípio da vida"; "vida terrena"; "a alma como sede e centro da vida interior do homem em seus muitos e variados aspectos"; "a alma como sede e centro da vida que transcende o terreno".[78] Eles observam: "Muitas vezes é impossível desenhar linhas rápidas e firmes entre os significados dessas palavras, que possuem múltiplos aspectos".[79] O mesmo poderia ser dito para *kardia* **(coração).**

Mas o significado claro é que devemos amar a Deus com todo o nosso ser. A palavra grega para **amor,** *agapao,* significa muito mais do que afeto e emoção (expressa pelo termo *phileo).* Cremer diz, a respeito de

agapao: "Essa palavra sozinha não exclui o afeto, mas é sempre o afeto moral de uma vontade consciente e deliberada que ela contém, e não o impulso natural de um sentimento imediato".[80]

Depois de identificar Deuteronômio 6.5 como o **primeiro e grande mandamento** (38), Jesus continuou e disse que o segundo é: **Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (39). Essa é uma citação de Levítico 19.18. Novamente, o verbo é *agapao*. Segundo Abbott-Smith: *"Agapao* é uma palavra que foi usada adequadamente no Novo Testamento em relação ao amor cristão a Deus e aos homens, o afeto espiritual que acompanha a direção da vontade e que é, portanto, diferente do sentimento que é instintivo e irracional, podendo ser ordenado como um dever".[81]

Jesus acrescentou (apenas em Mateus): **Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas** (40) - isto é, todo o Antigo Testamento. Esses são os dois mandamentos-chave, que demonstram o significado de todos os demais.

Como a essência de todo o Antigo Testamento está contida nesses mandamentos, é óbvio que a santidade como padrão para o povo de Deus não é isolada na dispensação do Evangelho. O que é especial na nova aliança é o *meio* com o qual os homens devem atender a esse padrão, e a *medida* (ou o grau de perfeição) com que devem cumpri-lo. O poder para alcançar a plenitude interior tornou-se agora a herança de cada filho de Deus. E um poder que altera de tal maneira o afeto e preenche o ser com o Espírito Santo, que amar a Deus com todo o ser torna-se uma atitude natural e espontânea (Rm 5.5). Quando Deus promete que na nova aliança Ele irá colocar as suas leis no **entendimento e no coração** do seu povo (Hb 8.10; Jr 31.33), Ele está se referindo, acima de tudo, a estes **dois mandamentos,** pois eles incluem todos os outros.

h) *A Pergunta de Jesus* (22.41-46). Os fariseus haviam questionado a Cristo, e Ele havia respondido efetivamente às suas perguntas. Agora, Ele faz uma pergunta que eles não podem responder.

Tirando vantagem do fato de ter um considerável grupo de fariseus à

sua frente **(41),** Jesus perguntou primeiro: **Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?** Eles responderam, **De Davi** (42). Esse era um conceito popular daquela época,[82] baseado em algumas passagens das Escrituras: SI 89.20-37; Is 9.2-7; 11.1-9; Jr 23.5-6; 33.14-18; Ez 34.23-24; 37.24.

Jesus perguntou: **Como é, então, que Davi, em espírito, lhe chama Senhor?** (43). **Em espírito** significa "inspirado pelo Espírito" (RSV), isto é, o Espírito Santo. Dessa forma, Jesus afirmou, ao mesmo tempo, que Davi era o autor do Salmo 110 e que sua inspiração era divina. Então, Ele citou o primeiro versículo desse Salmo Messiânico:[83] **Disse o** Senhor **ao meu Senhor** (44), quer dizer em hebraico "Jeová [ou *Yahweh]* disse ao meu *Adonai".* No Antigo Testamento geralmente **Senhor é** a tradução de *Yahweh* e Senhor a tradução de *Adonai.* Em grego, é usada a palavra *kyrios.*

Os judeus não podiam, ou não queriam, responder a essa questão: **Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como** é **seu filho?** (45) A resposta cristã é que o Senhor de Davi tornou-se o filho de Davi através da Encarnação.

O versículo 46 indica que Jesus havia eficientemente calado todos os seus oponentes. Ninguém mais, depois daquele dia tão significativo, ousaria fazer qualquer tipo de pergunta a Jesus.

6. *Censuras aos Fariseus* (23.1-36)

a) *Posição e Orgulho* **(23.1-12).** Jesus se dirigiu à **multidão e aos seus discípulos** (1). Os fariseus haviam revelado a maldade de seu coração em seus esforços para armar uma cilada para Jesus. Então, Aquele que "sabia o que havia no homem" (Jo **2.25)** retratou os pecados que estavam abrigados no interior desses líderes religiosos.

A posição que os **escribas** e os **fariseus** (2) adotavam era de que eles ocupavam a **cadeira** de Moisés (*kathedra*). Portanto, eles falavam *ex-cathedra* - com autoridade oficial - e assim as suas palavras deveríam ser obedecidas (3). Mas suas **obras** não deveríam ser imitadas, pois diziam uma coisa e faziam outra. Obviamente, as regras que ditavam,

sobre como proceder, deveriam ser entendidas com um sentido diferente, pois em outra passagem o Mestre os condena por estarem anulando a Palavra de Deus quando ensinavam a tradição dos anciãos (15.1-6). Morison sugere aqui o seu verdadeiro significado: "Façam todas as coisas que os escribas e os fariseus lhes apresentarem ao traduzir as palavras do Livro de Deus, e qualquer coisa que eles lhe mostrarem em seus ensinos como sendo agradáveis a Deus, e que estejam de acordo com o Livro de Deus".[84]

Jesus denunciou a insensibilidade desses mestres da Lei: **Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem sobre os ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los** (4). Carr entendeu a imagem transmitida por essas palavras: "Trata-se da imagem de um condutor de camelo ou de jumento... que inventa cargas, não apenas pesadas, mas também desajeitadas e difíceis de carregar, e as coloca nos ombros do animal, e que se mantém indiferente e não levanta sequer um dedo para aliviar ou mesmo para ajustar essa carga".[85] Essa atitude está em alarmante contraste com o bondoso convite do Mestre em 11.28-30. A religião legalista sempre representa um fardo demasiado pesado para se carregar. Nela não existem alegrias.

A atitude de orgulho ostensivo era um dos constantes pecados dos fariseus. Jesus os acusou de praticar as suas boas ações **a fim de serem vistos pelos homens** (5). Naturalmente, nem todos os fariseus eram assim, mas a maioria deles adotava essa conduta. De acordo com essa exibição exterior de piedade, eles usavam grandes **filactérios.** Essa é uma palavra grega que só é encontrada no Novo Testamento. No grego clássico ela significava um "posto avançado" ou uma "fortaleza". Plutarco emprega essa palavra para "amuleto", isto é, um talismã para fins de proteção. Essa palavra vem de um verbo que significa "proteger", mas aqui ela está se referindo a pequenas caixas de couro sobre a testa e o braço esquerdo, usadas durante as orações matinais.

A caixa sobre a testa tinha quatro pequenos compartimentos, e em cada um deles havia um minúsculo pergaminho que trazia uma parte

das Escrituras. As quatro passagens eram: Êxodo 13.1-10,11-16; Deuteronômio 6.4-9; 11.13-21. O filactério usado sobre o braço tinha apenas um compartimento e um único rolo com as Escrituras. A ordem de atar as palavras das Escrituras "por sinal na tua mão" e "por testeiras entre os teus olhos" era obedecida literalmente, quando provavelmente deveria ser entendida de forma figurada.

Jesus também disse que os fariseus alargavam **as franjas das suas vestes.** A Lei prescrevia que os judeus piedosos deveriam colocar franjas em suas vestes com um "cordão azul" (Nm 15.38). -

Portanto, os judeus colocavam borlas azuis nas barras de seus mantos. Mas Cristo declarou que os escribas só faziam isso para se exibir publicamente, e não por razões de piedade pessoal.

O orgulho egoísta deles também se manifestava na maneira como procuravam os **primeiros lugares nas ceias** (6). Estes eram literalmente "os primeiros divãs" - aqueles sobre os quais as pessoas se reclinavam em volta da mesa nas refeições (exceto nas casas mais pobres). As **primeiras cadeiras** também formavam um conjunto especial. M'Neile diz: "As cadeiras principais ficavam sobre uma plataforma de frente para a congregação com as costas voltadas para a arca na qual estavam guardados os rolos das Escrituras".[86]

Jesus prosseguiu, dizendo que os escribas adoravam as **saudações nas praças** (Agora) e serem **chamados... Rabi** (7).[87] Essa era a forma habitual de tratamento com que os sábios eram saudados".[88] Essa palavra significa "meu mestre" (o "z" final representa "meu" em hebraico). Dalman diz que "por consenso geral o 'Rabi' era reconhecido como superior a 'Rab', e 'Rabban' era mais importante que 'Rabi' "f

Mas os discípulos não deveriam almejar ser **chamados de Rabi** (8). Essa ordem devia ser entendida "no espírito, não na letra" (Rm 2.29), pois "a letra mata, e o Espírito vivifica" (2 Co 3.6). Jesus não estava ditando regras precisas sobre o uso técnico de títulos como "Doutor" ou "Reverendo". Antes, Ele estava falando contra o espírito de orgulho que faz com que os homens exijam homenagens por parte de

outros. A atitude mais adequada é reconhecer que somente um é **Mestre** - outro texto grego diz "professor"[90] -**a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos.** É sempre adequado chamar um companheiro cristão de "irmão" (cf. At 9.17).

Jesus também advertiu contra chamar alguém na terra de nosso **pai,** porque **um só** é o nosso **Pai, o qual está nos céus (9).** Shurer diz: "Os Rabis exigiam de seus alunos a mais absoluta reverência, sobrepondo-se até mesmo à honra que sentiam em relação aos

seus pais .

Ele cita um número considerável de sólidas declarações dos rabinos judeus para dar suporte a essa afirmação. Essa era exatamente a atitude que Cristo estava condenando.

Vocês não deverão ser chamados de **mestres,** disse Jesus, porque **um só é o vosso Mestre, que é o Cristo** (10). A palavra para **Mestre** é *kathegetes,* e esse termo só é encontrado nessa passagem, no Novo Testamento. Ele vem de um verbo cujo significado é "ir adiante, guiar", e assim o seu significado básico é "dirigir". Mas ele também pode ser usado para "professor" e, no grego moderno, este é o seu significado. **Um só é o vosso Mestre** é uma expressão que está enfatizando a autoridade singular de Jesus como o Filho de Deus.

Então, Jesus estabeleceu os princípios gerais (já enunciados em 20.26): **Porém o maior dentre vós será vosso servo** (11). A última palavra é *diakonos,* cuja origem é desconhecida. Mas foi usada no grego clássico para pessoas que costumavam servir às mesas, e essa é a idéia transmitida aqui. Esse parágrafo termina com uma advertência de que **o que a si mesmo se exaltar será humilhado,** mas **o que a si mesmo se humilhar** (a mesma palavra grega) **será exaltado** (12).

b) Os *"Ais" Proferidos Contra os Hipócritas* (23.13-36). Nessa seção existem sete[92] "ais" pronunciados contra os escribas e os fariseus por causa de sua hipocrisia. Cada um deles começa com a fórmula: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!** (13, 14, 15, 23, 25, 27, 29), exceto o versículo 16 que diz: **Ai de vós, condutores cegos!** Contando o versículo 13 como 14, M'Neile faz o seguinte resumo: "Três ais (w. 14-22) se referem aos ensinos dos escribas, três (w. 23-28) à vida dos fariseus, e o último (w. 29-32) é dirigido diretamente à nação como um todo".[93]

A expressão **Ai de vós** pode ser traduzida como "Cuidai-vos!". Thayer diz que *ouai é* uma "interjeição de dor e de denúncia".[94] Seria melhor tratar esse termo como a expressão das duas idéias. A compaixão de Cristo fez com que Ele sentisse tristeza pelo egoísmo dos escribas e fariseus. A santidade de Cristo o impelia a denunciar os pecados daqueles homens, e a pronunciar a sentença que mereciam.

Hipócritas é a exata transliteração da palavra grega *hypocrites* (singular). Esse termo é usado no grego clássico para designar um ator que se apresenta em um palco. Naqueles dias, quando não havia meios eletrônicos de amplificação da voz, era difícil para os atores no palco serem ouvidos por uma platéia composta por 25.000 ou mais pessoas acomodadas em um anfiteatro. Portanto, eles usavam máscaras com pequenos megafones escondidos. Dessa forma, literalmente falando, o hipócrita é aquele que usa uma máscara, ou que mostra um rosto falso para o público. [1]

2) *Proselitismo* (23.15). O zelo típico dos judeus é retratado de forma

vivida por Jesus, ao dizer que eles percorriam o mar e a terra para **fazer um prosélito.** Essa frase é ilustrada pelo que aconteceu em Roma, onde os judeus viviam desde o século II a.C. Pope escreve: "Desde o início, os judeus em Roma demonstraram um espírito tão agressivo de proselitismo, que foram acusados de procurar infectar os romanos com a sua religião, e o governo expulsou da cidade os seus principais propagadores em 139 a.C.".[96] Pope também diz que a última parte desse versículo, **o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós,** é uma referência à obsessão que os fariseus tinham pela pureza ritual, que incutiam com redobrado esforço em seus prosélitos.[97]

3) *Os Juramentos* (23.16-22). A ridícula casuística da maior parte do raciocínio dos rabinos está claramente ilustrada aqui. Esses **condutores cegos** ensinavam que jurar pelo Templo nada significava, mas jurar pelo ouro do Templo resultava em um compromisso obrigatório. Parece não haver nenhuma explicação disponível sobre a razão desse tipo de pensamento religioso ter se desenvolvido entre os fariseus. Jesus respondeu a tal absurdo com uma simples lógica. A única coisa que torna o ouro sagrado é o fato de ele estar ligado ao Templo (17). O mesmo acontece com a oferta sobre o altar (18-19). Cristo advertiu claramente contra os juramentos descuidados (20-22).

4*)* *Dízimo* (23.23-34). Os fariseus eram muito escrupulosos a respeito do pagamento do dízimo sobre a **hortelã,** o **endro** (ou "anis"), e o **cominho** (23) [ervas pequenas]. Os israelitas eram obrigados por Lei a pagar o dízimo sobre suas colheitas - "de toda a novidade" - e especificamente sobre o **cereal,** o **mosto,** e o **azeite** (Dt 14.22-23). "Os rabinos, ao construírem uma barreira em torno da lei, incluíam vegetais, frutas e nozes nesse mandamento."[98]

Em sua escrupulosa atenção aos mínimos detalhes do pagamento do dízimo, os escribas e os fariseus haviam dezprezado (ou *negligenciado*) **o mais importante da lei.** Isso parece refletir a distinção feita pelos rabinos entre mandamentos "pesados" e "leves".[99] O Talmude judaico faz a seguinte declaração: "A observância dos menores preceitos é

recompensada na terra; a observância dos maiores preceitos é recompensada no céu".[100] **O mais importante** da Lei é **juízo** ("justiça"), **misericórdia** e **fé** ("ou fidelidade"). Jesus disse que eles deveriam fazer **essas coisas** sem "negligenciar" (o mesmo verbo utilizado acima) as outras - o pagamento dos vários dízimos.

A frase **coais um mosquito** (24) sugere o quadro mental de um homem se esforçando para apanhar um mosquito que está no ar. Esta interpretação está de acordo com o significado do texto grego. A tradução certa do termo grego é "coar", como Tyndale adotou na primeira versão do Novo Testamento impressa em inglês (1525). Goodspeed, por exemplo, diz: "Trata-se de um erro de impressão [traduzir a palavra grega como *retirar*] que foi aceito na King James Version, o qual, por alguma razão, nunca foi corrigido".[101]

O verdadeiro quadro é o de um rigoroso fariseu **coando** cuidadosamente a água que vai beber através de um coador feito de tecido, para ter certeza de não engolir acidentalmente um mosquito, o menor animal impuro que existe.

Enquanto está envolvido nessa meticulosa tarefa, eis que ele está engolindo um camelo inteiro - um dos maiores animais impuros. Como na referência a um camelo passando pelo fundo de uma agulha (19.24), Jesus estava propositalmente usando uma figura de retórica para sacudir os seus ouvintes, e levá-los a entender o assunto. Atualmente, os rígidos legalistas muitas vezes oferecem exemplos dessa atitude farisaica a que Jesus estava se referindo.

Com base nesse capítulo, Richard Glover indica os perigos da hipocrisia. 1) A hipocrisia é um capataz exigente, 4; 2) A hipocrisia vive apenas para louvar o homem, 5-7; 3) Os danos da hipocrisia, 13-22; 4) A hipocrisia só se preocupa com os aspectos menores da religião, 23-24.

5) *Purificação* (23.25-26). Jesus disse que os fariseus limpavam o exterior do **copo** e do **prato** ("travessa"),[102] mas que o interior daqueles homens estava cheio de **rapina -**"pilhagem, roubo" - e de **iniqüidade** ("incontinência" ou "auto-indulgência"; 25). Ele mandou

que o **fariseu cego** (26) limpasse primeiro o interior do copo e do prato. O significado dessa frase é o seguinte: "O exterior do copo e do prato representa o comportamento e a conduta exterior dos fariseus, e o interior do copo é o seu coração e a sua vida real".[103] Essas duas referências mostram a diferença básica entre o judaísmo daquela época, e o cristianismo.

6) *Sepulcros Caiados* (23.27-28). M'Neile nos dá a seguinte explicação sobre o que Jesus está dizendo: "Caminhar sobre um sepulcro causava contaminação, que deveria ser evitada por todos aqueles que desejassem entrar no Templo (cf. Nm 19.16); daí o costume... de pintar as sepulturas com cal no 15" dia do mês de Adar [março-abril], antes da Páscoa".[104] Jesus estava pleiteando algo melhor do que um cristianismo caiado, de excelente aparência superficial, porém repleto de atitudes pecaminosas.

A principal culpa era a falta de sinceridade interior. A justiça deles era totalmente superficial; portanto, era apenas um engodo. Ela foi posteriormente condenada por causa de sua exagerada piedade em coisas triviais, por ser apenas uma fachada para a negligência em relação aos princípios importantes como o juízo, a misericórdia e a fé. Se desejarmos fugir desta rigorosa condenação, nossa ética deverá ser profundamente sólida e nosso coração genuinamente santo. Devemos ter uma beleza *interior,* sempre e em primeiro lugar aos olhos de Deus, mesmo que não consigamos atingir, às vezes, uma conduta exterior perfeitamente bela. Tal pureza espiritual requer um Salvador santificador, e a constante presença do Espírito Santo habitando em nosso interior.

7) *Adorar o Passado* (23.29-36). Existem três estágios na vida de toda organização religiosa. Primeiramente, a organização se caracteriza por ser um movimento vibrante, vigoroso, ativo e agressivo. Depois, torna-se uma instituição com "mais arreios do que cavalos". Finalmente, sua vitalidade desaparece e ela se torna um museu onde os ossos dos antigos líderes são colocados em exposição. O judaísmo havia alcançado esse terceiro estágio. De forma irônica, porém triste, Jesus declarou aos escribas: **Enchei vós, pois, a**

medida de vossos pais (32); isto é, eles estavam concluindo as perseguições que os seus pais haviam iniciado. Estavam admitindo que eram os **filhos** ("descendentes") daqueles que **mataram os profetas** (31). As palavras do versículo 33 soam de forma estranha nos lábios de Cristo. Mas, aqueles a quem Ele se dirigia já estavam tramando matar o imaculado Salvador da humanidade. O Livro de Atos (por exemplo, 7.58; 8.1-3; 9.1-2) relata o cumprimento das profecias do versículo 34.

Abel (35) foi o primeiro homem a ser assassinado. O caso de Zacarias[105] está registrado no livro que faz parte do final do Antigo Testamento da Bíblia hebraica (Crônicas). Portanto, essa expressão corresponde aqui, mais ou menos, à frase atual "de Gênesis a Apocalipse".

O versículo 35 sugere uma participação nacional na culpa das gerações precedentes. Essa geração havia cometido o supremo pecado de rejeitar a Jesus Cristo. De certa forma, a culpa acumulada das gerações precedentes ao perseguir os profetas poderia, portanto, recair sobre ela.

As palavras do versículo 36 se concretizaram com terrível precisão no ano 70 d.C., quando Jerusalém foi invadida pelos romanos e seu Templo foi destruído.

7. *O Lamento por Jerusalém* (23.37-39).

A angústia contida nessas palavras desafia qualquer descrição. Jesus havia se oferecido aos judeus como seu Rei e Messias. Os líderes o rejeitaram e logo iriam condená-lo à morte. **Tu não quiseste (37)** são as palavras escritas como um epitáfio dos séculos. Cristo declarou que os judeus não o veriam mais até à ocasião em que o receberíam com alegria em sua segunda vinda à terra, com a mesma aclamação que os peregrinos da Galiléia o haviam recebido em sua Entrada Triunfal **(39;** cf. **21.9).**

Seção X

Quinto Discurso:

1

Perversidade (23.13). Essa é uma terrível acusação que Jesus faz contra os líderes judeus. Ele os acusa de fechar o Reino dos céus aos homens quando o rejeitam, porque Ele é a personificação desse Reino; eles não entram, nem deixam que os outros entrem. Essa é a acusação mais grave de todas, e Lucas a coloca no final da sua relação como um clímax (Lc 11.52). Sobre a ordem observada aqui, M'Neile comenta: "Em Mateus, a sua posição produz um agudo contraste entre o efeito intimidador do ensino dos escribas e seus esforços de proselitismo (v.15), e também entre 'Reino dos Céus' e 'Geena' "?[5] João Batista havia aberto a porta do arrependimento para que as pessoas tivessem acesso ao Reino, porém os escribas tentavam fechá-la. Para comentários sobre o versículo 14, veja a análise de Marcos 12.40 e Lucas 20.47.

O SERMÃO PROFÉTICO DO MONTE DAS OLIVEIRAS

Mateus 24.1—25.46

A. **O Final dos Tempos, 24.1-51**

O Sermão Profético do Monte das Oliveiras é o único discurso longo registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 13.1-37; Lc 21.5-36). É significativo que ele trate da Segunda Vinda e do final dos tempos. Em lugar deste sermão, o Evangelho de João apresenta o último sermão de Jesus no cenáculo. O assunto do sermão é o Espírito Santo, que torna a presença de Cristo real para nós hoje.

Tem havido muita discussão e desacordo sobre a interpretação deste vigésimo quarto capítulo. Alguns pensam que o capítulo todo se refere à destruição de Jerusalém, em 70 d.C. Outros pensam que o capítulo todo se refere ao fim dos tempos. É provável que esses dois pontos de vista estejam errados. Parece haver uma considerável sobreposição de material, e algumas predições podem, aparentemente, ser aplicadas a ambos os períodos. Crisóstomo e alguns outros patriarcas da igreja primitiva afirmavam que a partir do versículo 22, tudo está relacionado com a queda de Jerusalém.[1] Isto é mais aceitável do que aplicar o capítulo inteiro à queda de Jerusalém ou ao final dos tempos. Portanto, essa divisão precisa é, provavelmente, bastante coerente.

Os discípulos estavam ansiosos para mostrar ao Senhor **a estrutura do templo.** Josefo indica que o santuário tinha 45 metros de comprimento, e 45 metros de altura.[2] Herodes, o Grande, reconstruiu o antigo templo de 516 a.C., tendo iniciado a obra no décimo oitavo ano do seu reinado (20/19 a.C.). Ele queria fazê-lo tão grandioso e glorioso quanto o magnífico edifício de Salomão. A obra ainda estava em andamento durante o ministério de Jesus (Jo 2.20), e acredita-se que o edifício poderia estar inacabado quando foi destruído em 70 d.C.[3]

Para assombro e surpresa dos discípulos, o Mestre informou: **Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada** (2). O

cumprimento literal desta predição em 70 d.C. é confirmado por Josefo, que foi uma testemunha ocular do acontecimento. A área do Templo estava ao lado da muralha leste de Jerusalém, e ele diz que tudo, exceto a muralha oeste da cidade "foi tão completamente derrubado ao nível do solo por aqueles que a golpearam até os seus alicerces, que não sobrou nada para que alguém que viesse a essa área pudesse acreditar que ela já tivesse sido habitada".[4]

Enquanto Jesus estava sentado no monte das Oliveiras, que permite visualizar a área do Templo, os discípulos lhe fizeram uma pergunta tríplice: **Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?** (3). Aqui o texto é muito mais específico do que nas passagens correspondentes em Marcos e em Lucas. Mas é difícil separar as respostas para essas perguntas. Definitivamente, elas não parecem ser respondidas em seqüência.

A última palavra da pergunta dos discípulos, **mundo,** significa literalmente "era" *(aion).* **Vinda** é *parousia,* "presença" (literalmente, "estar ao lado"). Ela é traduzida como "presença" em 2 Coríntios 10.10 e em Filipenses 2.12, onde o sentido literal se aplica. Também é usada para falar da "vinda de Estéfanas" (1 Co 16.17), da vinda de Tito (2 Co 7.6-7) e da vinda de Paulo (Fp 1.26). Ao longo de todo o restante do Novo Testamento, ela é usada com referência à segunda vinda de Cristo (dezoito vezes). Quatro das ocorrências estão neste capítulo (3, 27, 37, 39). Ela não é encontrada nos outros três Evangelhos, nem em Atos, nem no Apocalipse. Deissmann escreve a este respeito: "Desde o período de Ptolomeu até o século **II** d.C., conseguimos rastrear esta palavra, no Oriente, como uma expressão técnica usada para a chegada ou a visita do rei ou do imperador".[5] Arndt e Gingrich afirmam que ela é usada em relação a "Cristo, e quase sempre como uma menção do seu Advento Messiânico em glória para julgar o mundo no final desta era".[5] 5.3, e pode ser traduzida como "dores de parto", vindo sobre "aquela que está grávida"). Os problemas enumerados aqui serão característicos do período precedente à era messiânica, em sua manifestação final no milênio.

O sexto sinal é a perseguição. Os seguidores de Cristo serão entregues

para serem **atormentados** (8) - literalmente “atribulados”. O substantivo *thlipsis* vem do verbo *thlibo,* “pressionar”. Aristóteles o utilizou em seu sentido literal: “pressão”. Na Septuaginta e no Novo Testamento ele é usado metaforicamente para “tribulação”. Este termo vem do latim *tribulum,* um mangual (um tipo de chicote) usado para separar os grãos das cascas. O verbo em grego era usado para descrever a extração do suco das uvas. Estas duas idéias transmitem o sentido de “tribulação” ou “aflição”[3] [4] [6] [5] [7]. O termo descreve vividamente a pressão da constante perseguição.

O sétimo sinal, intimamente relacionado, é que muitos serão **escandalizados** *(skandalizo),* **e trair-se-ão uns aos outros,** e **uns aos outros se aborrecerão** (10). O oitavo sinal é o surgimento de **falsos profetas,** que **enganarão a muitos** (11). Não se pode deixar de mencionar a multiplicidade de falsas seitas nos últimos anos. O nono sinal (somente no texto de Mateus) é a falta de amor: **por se multiplicar a iniqüidade** (literalmente “ilegalidade”), **o amor de muitos se esfriará** (12). No Novo Testamento, o último verbo só é encontrado aqui. Esta é uma advertência solene e muito pertinente nestes nossos tempos de ilegalidade.

É interessante observar que o substantivo *agape* **(amor)** no texto de Mateus só aparece aqui, não aparece nenhuma vez em Marcos, e ocorre apenas uma vez em Lucas (11.42), embora o verbo *agapao* seja encontrado muitas vezes nos três Evangelhos. A maior utilização do substantivo *agape* é nas epístolas.

Para os perseguidos, é feita uma promessa: **Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo (13).** Marcos **(13.13Ò)** tem as mesmas palavras. Lucas **21.19** diz: “Na vossa paciência, possuí a vossa alma”. Mas o substantivo “paciência” aqui tem a mesma raiz de **perseverar.** Além disso, “possuir” significa “ganhar” ou “adquirir”. Assim, a frase de Lucas tem o mesmo significado da frase de Marcos, ou da de Mateus.

O décimo sinal (somente no texto de Mateus) é a evangelização do mundo (14). Este **evangelho do Reino** - sinônimo de “evangelho de Jesus Cristo” (Mc 1.1) - **será pregado** (“anunciado”, “proclamado”)

em todo o mundo (*oikoumene*, "a terra habitada") **em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.** A palavra *oikoumene* foi usada primeiramente no mundo grego (por exemplo, por Demóstenes), mais tarde no Império Romano, e finalmente no mundo inteiro. Uma vez que, provavelmente, **todas as gentes,** no sentido geral da expressão, ouviram o Evangelho pelo menos em parte - e os meios de comunicação estão acelerando esse processo nos dias atuais - parece que ninguém poderia negar a possibilidade de que este sinal já tenha sido totalmente cumprido. O fim dos tempos pode chegar a qualquer momento.

em 168 a.C. Daniel parece se referir ao mesmo episódio. Aqui existe uma referência dupla: ao ano 70 d.C. e ao fim dos tempos.

A frase só aparece outra vez no Novo Testamento na passagem paralela de Marcos (13.14) - "abominação do assolamento". Lucas substitui esta expressão enigmática e apocalíptica por uma afirmação simples para os seus leitores gentios (21.20) - "quando virdes Jerusalém cercada de exércitos". **A abominação** poderia então se referir às águias romanas nas bandeiras dos soldados que cercavam Jerusalém. Em Daniel 9.27 lê-se: "Sobre a asa das abominações virá o assolador". O massacre dos judeus pelos zelotes durante o cerco pode ser outra aplicação, uma vez que eles profanaram o templo. Como os três Evangelhos prosseguem aconselhando a fuga para os montes, parece que todos eles se referem ao mesmo acontecimento. Mas isso não exclui, também, uma aplicação ao estabelecimento de uma imagem do Anticristo em Jerusalém no final desta era (Ap 13.14).

Eusébio nos conta como foi obedecida a ordem para que os que estavam na **Judéia** fugissem **para os montes (16).** Ele escreve: "No entanto, todo o corpo da igreja em Jerusalém tinha recebido uma ordem por uma revelação divina, dada antes da guerra aos homens de comprovada piedade, e saíram da cidade e viveram em uma cidade além do Jordão, chamada Pella".[9] A. B. Bruce pensa que esta fuga deve ter ocorrido antes do início do cerco.[10] Mas pode ser que essas condições tenham sido temporariamente relaxadas quando Vespasiano foi chamado a Roma como imperador em 69 d.C., sendo

sucedido por seu filho Tito no comando do exército romano que cercava Jerusalém.

A fuga deveria ser tão urgente que um homem que estivesse **sobre o telhado** não deveria descer até a casa para tirar nada, mas sim fugir pela escada exterior (17). E quem estivesse no campo não deveria voltar atrás a buscar as suas vestes (18). A fuga repentina seria particularmente difícil para as grávidas e para aquelas que estivessem amamentando (19). No **inverno** faria muito frio à noite e o rio Jordão - que eles deveríam cruzar - estaria cheio pelas chuvas de inverno (20). Para os seus leitores judeus, Mateus acrescenta o que seria insignificante no texto de Marcos: **nem no sábado.** Os judeus mais rigorosos não viajariam mais do que um quilômetro e meio no sábado; con-seqüentemente, poderíam ser capturados pelo inimigo.

Jesus predisse que nessa ocasião haverían **grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais** (21). Marcos usa quase as mesmas palavras. **Aflição** é *thlipsis* (veja o comentário sobre o versículo 9). Swete sugere: "O termo *Thlipsis* é usado aqui quase no seu sentido literal para a opressão diária do cerco".[11] Sempre se objetou que as palavras desse versículo são fortes demais, e por isso não poderíam ser aplicadas ao ano 70 d.C. Mas Josefo escreve: "Penso que os infortúnios de todos os homens, desde o princípio do mundo, se comparados ao infortúnio dos judeus, não são tão importantes".[12] Carr assim resume a situação:

Não há palavras que possam descrever os incomparáveis horrores desse cerco.

Era a época da Páscoa, e os judeus de todas as partes estavam comprimidos dentro das muralhas. Três facções, inimigas entre si, estavam cravadas em Sião e no monte do Templo... o pátio do Templo estava inundado com o sangue da discórdia civil, que literalmente se misturava com o sangue dos sacrifícios. [13]

Josefo afirma que mais de um milhão de judeus morreram nessa catástrofe, e que aproximadamente cem mil foram vendidos como escravos.[14] Parece que a melhor maneira de interpretar o versículo 21 é permitir a aplicação dupla - à queda de Jerusalém em 70 d.C., e também à "grande tribulação" do final desta era.

Abreviar **aqueles dias** (22) se refere ao cerco final de Jerusalém, que surpreendentemente durou menos de cinco meses (de abril a setembro de 70 d.C.). Isto aconteceu **por causa dos escolhidos** - para que os judeus cristãos da Judéia não fossem, em sua totalidade, eliminados em uma guerra que visava o extermínio dos judeus. A frase **por causa dos escolhidos** também podería significar "por causa das orações dos cristãos em Pella, orações pelos judeus que eles tinham deixado para trás".

Morison expressa meia dúzia de fatores que levaram à redução do período de cerco. A atenção de Vespasiano se voltava cada vez mais para Roma, onde ele estava prestes a se tornar imperador. As revoltas na fronteira norte do império exigiam atenção. Tito, que foi deixado no comando quando Vespasiano foi para Roma, era naturalmente generoso. Ele gostava muito de Josefo, assim como da irmã de Agripa, Berenice (cf. At 25.23). Tito estava ansioso para ir a Roma, para participar da cerimônia de investidura de seu pai. Adicionalmente, o julgamento divino caía sobre os judeus desobedientes, sob a forma de facções assassinas na cidade. Isto levou o cerco a um final mais rápido.

4. *A Vinda do Filho do Homem* (24.23-28)

Mais uma vez é feita a previsão de que surgirão **falsos cristos** (messias) e **falsos profetas (24)** que farão **tão grandes sinais e prodígios** (cf. Dt **13.1-3), que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.** Carr sugere que a última parte deste versículo deveria ser traduzida como: "com o objetivo de enganar, se possível (ei *dynaton*), ou seja, através de todos os meios possíveis, até mesmo os escolhidos".[15] Mas Cristo advertiu os seus discípulos (25) de que eles não deveríam seguir nenhum falso líder que estivesse no **deserto** nem escondido **no interior da casa** (26). A obra de Deus é honesta e pode ser realizada onde todos possam vê-la.

A vinda (*parousia*) do Filho do Homem ocorrerá repentinamente, sem prévio aviso, como o relâmpago (27). Mas a linguagem aqui também implica que ela será visível, como o relâmpago, de um lado a outro no horizonte. A imagem implica claramente que haverá conhecimento,

em todas as partes do mundo, da segunda vinda de Cristo.

Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias (28) é uma afirmação que tem sido enigmática para os intérpretes desde os primeiros dias da igreja. Devido à complexidade da situação, podemos apenas resumir alguns pontos de vista, sem fornecer as referências. Crisóstomo afirma que as águias eram os "anjos, mártires e santos". Jerônimo concorda, mas explica que o termo **cadáver** está relacionado com a morte de Cristo. Calvino fala de crentes que caminham juntos, amontoando-se como um rebanho "junto ao Autor da vida, que é o único que pode verdadeiramente alimentá-los". Erasmo, Zwinglio e Beza sustentam, em grande parte, o mesmo ponto de vista. Trapp representa os puritanos quando parece endossar a seguinte visão, um tanto incipiente: "O corpo sacrifical de Cristo tinha um suave aroma que convidava os santos (como aves predadoras) a voar a grandes distâncias com uma maravilhosa rapidez. Eles se dirigiam ao seu corpo que, embora morto, era a fonte da vida".[16]

Por outro lado, Adam Clarke acompanhou Whitby ao interpretar o **cadáver** como uma referência aos judeus, e as **águias** como uma referência aos exércitos romanos, que tinham a águia como insígnia. John Wesley diz que a nação judaica "já se encontrava perante Deus como uma carcaça, um corpo morto que as águias romanas iriam devorar".[17]

E difícil encaixar este versículo no seu contexto imediato. Mas a ênfase geral do capítulo está no julgamento divino, e parece ser melhor interpretar esta passagem em particular - talvez um provérbio de uso comum[18] - em termos de um contexto mais amplo. Lange diz: "A imagem fornece uma expressão forte e profunda da necessidade, da inevitabilidade e da universalidade do julgamento".[19] A seguir, ele apresenta a seguinte interpretação, bem abrangente e convincente, com base em uma exegese saudável e confiável:

Na destruição de Jerusalém, o julgamento irá começar com a aparição das grandes águias que se alimentam de cadáveres (está incluída uma clara alusão às águias romanas). A partir daí terá início o novo período... por fim, o juízo se estenderá a todo o mundo moralmente corrupto e espiritualmente morto.[20]

5. *O Sinal do Filho do Homem* (24.29-31)

Somente Mateus apresenta a pergunta dos discípulos: "Que sinal haverá da tua vinda?" (3), e por isso ele é o único que fornece uma resposta direta aqui. O versículo 29 é uma reminiscência de Joel 2.31; 3.15. A linguagem é definitivamente apocalíptica e muito vivida. Mas nesta era de poder atômico poderia ocorrer um cumprimento natural e físico maior do que qualquer visão já tida.

O que quer dizer **o sinal do Filho do Homem** (30)? Não se pode dar nenhuma resposta categórica. Isso pode querer dizer algum sinal visível antes da segunda vinda. Ou poderia se referir ao "Próprio Filho do Homem, como o sinal - o sinal de que a consumação dos tempos chegou; nesse caso pode haver uma referência direta a Daniel 7.13: '... vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem' "?* A referência ao fato de que **as tribos da terra se lamentarão** se baseia em Zacarias 12.12. Aúltima parte do versículo reflete Daniel 7.13. A combinação dessas duas Escrituras é novamente encontrada em Apocalipse 1.7. O som de uma trombeta lembra Isaías 27.13. O Filho do Homem reunirá o seu povo escolhido **desde os quatro ventos** (de todas as direções) e **de uma** à **outra extremidade dos céus** (31) - "de horizonte a horizonte".

6. A *Parábola da Figueira* (24.32-35)

Esta parábola se encontra nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 13.28-31; Lc 21.2933). Normalmente se considera que a figueira representa Israel. O seu avivamento anuncia o verão. Lucas acrescenta "todas as árvores", o que pode refletir o seu interesse tanto pelos gentios quanto pelos judeus. Mas esses aspectos alegóricos e especiais não devem ser enfatizados.... **ele está próximo, às portas** (33) deve ser entendido como "O Senhor está próximo".

A afirmação solene do versículo 34 - **Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam** - é outra passagem difícil. O que significa **todas essas coisas?** Será que é uma referência à destruição de Jerusalém em 70 d.C., ou uma frase que inclui a Segunda Vinda? Supondo que a segunda opção seja

a correta, qual é o significado desse versículo?

Geração *égenea.* Esta palavra inicialmente significava "família, descendência, raça". Algumas vezes se refere a "nação". O sentido primário nos Evangelhos é comentado por Arndt e Gingrich da seguinte maneira: "Basicamente, a soma de todos aqueles que nasceram na mesma época, expandida para incluir aqueles que estavam vivos na mesma época. Geração, contemporâneos".[22]

Se tomarmos a palavra com esse sentido exclusivo, a referência só pode ser aos eventos de 70 d.C., na Judéia. Os primeiros patriarcas da igreja preferiram ampliar o conceito. Crisóstomo e Orígenes disseram que ela representa aquela geração de fiéis. Jerônimo sugeriu que o significado era o da raça judaica ou da raça dos homens. Mas a maioria dos comentaristas modernos defende que a palavra deveria ser interpretada no seu sentido natural e mais limitado. A única maneira de relacioná-la com a Segunda Vinda é dizer que a geração que testemunhar o começo do cumprimento definitivo dos sinais, verá o final dos tempos. Embora um pouco nebulosa, esta interpretação não deve ser descartada de forma negligente.

O céu (35) não significa a residência de Deus, mas sim o céu azul sobre a terra. A combinação **o céu e a terra** provavelmente represente toda a criação material. Tudo o que é material **passará,** mas a Palavra de Deus jamais passará. O texto grego apresenta uma negação dupla *(ou me)* que dá mais força - "de maneira alguma" ou *"nunca"*.

7. A *Segunda Vinda Como um Evento Repentino* **(24.36-51)**

a) "*Daquele Dia e hora ninguém sabe*" **(24.36-44).** Jesus afirmou que ninguém sabe a hora da sua vinda, **nem os anjos dos céus,** "nem o Filho",[23] **mas unicamente meu Pai (36).** Aqueles que fixam datas para a Segunda Vinda estão definitivamente ignorando as Escrituras.

A época que precederá a vinda de Cristo se assemelhará aos **dias de Noé (37).** As pessoas estavam levando vidas normais e seculares, ignorando a Deus **(38).** Mas de repente **o dilúvio** (em grego,

kataklysmos, "cataclisma") os levou a todos **(39).** Assim, disse Jesus, **será também a vinda do Filho do Homem** (uma frase encontrada pela terceira e última vez neste capítulo).

A raça humana se divide, basicamente, em dois grupos - aqueles que vigiam, esperando a vinda de Cristo, e aqueles que não vigiam. O princípio da separação está graficamente exemplificado aqui. **Estando dois no campo,** será levado **um** e deixado **o outro** (40). A mesma coisa acontecerá com as duas mulheres **moendo no moinho** (41) - um pequeno moinho manual operado por duas mulheres, como ainda se pode ver na Palestina. Então Jesus faz a seguinte alusão: **Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor** (42). Este é o ponto principal do Sermão do Monte (cf. 25.13). **Vigiai** significa, literalmente: "Estejam completamente alertas!" Pois ninguém sabe quando Cristo virá.

O versículo **43** contém uma breve parábola. Se o **pai de família** (*oikodespotes*, veja 20:1,11) soubesse quando o ladrão viria, vigiaria e estaria à sua espera. Como não sabemos quando Jesus poderá vir, devemos estar sempre preparados **(44).** Estar preparado a qualquer momento para a volta de Cristo é a primeira responsabilidade de cada cristão.

b) *O Servo Fiel e o Servo Infiel* (24.45-51). A advertência final deste capítulo é feita sob a forma de uma breve parábola sobre um **servo fiel e prudente** (45; um escravo), e um **mau servo** (48). 0 primeiro se mantém ocupado, cumprindo fielmente as suas tarefas. Assim, ele está preparado para quando o seu Senhor chegar.

Mas se o escravo pensar que o seu senhor se atrasará, e começar a se divertir e a maltratar os seus companheiros, o seu mestre chegará em uma hora em que ele não sabe. O resultado será uma severa punição - ele **separa-lo-á** (51; literalmente, "dividido em duas partes") e colocará junto com os hipócritas, onde haverá **pranto e ranger de dentes** (cf. 8.12; 13.42,50; 22.13; 25.30; Lc 13.28). O castigo eterno é o destino dos infiéis.

Maclaren intitula esta seção (42-51) como: "Vigiando à espera do Rei".

Ele observa: 1) A ordem de vigiar, reforçada pela nossa ignorância da ocasião da Sua vinda, 42-44; 2) A imagem e a recompensa de vigiar, 45-47; 3) A imagem e a condenação do servo que não vigiou, 48-51.

B. **Três Parábolas Sobre a Prontidão,** 25.1-46

O capítulo 25 é normalmente considerado como uma parte do Sermão do Monte das Oliveiras (cf. 25.13 com 24.42). Somente no texto de Mateus se encontra este material. O capítulo consiste muito claramente de três partes. As duas primeiras são parábolas sobre o Reino. A terceira parte descreve um julgamento, que envolve a linguagem parabólica de ovelhas e bodes.

1. *A Parábola das Dez Virgens* (25.1-13)

Nenhuma história mais impressionante poderia ser contada para exemplificar a necessidade de estarmos permanentemente preparados para a vinda de Cristo. Jesus usou uma figura familiar, e que é muito íntima dos corações humanos - a de um casamento.

Ele descreveu **dez virgens (1)** que tomaram as suas **lâmpadas** (em grego, *lampas)* e saíram ao encontro do esposo. Cinco delas eram **prudentes** (2) - isto é, "sábias" ou "cuidadosas com os seus interesses"[24] - mas as outras cinco eram **loucas** (em grego, morai).[25] As prudentes **levaram azeite em suas vasilhas** (4), mas as loucas não levaram azeite consigo (3).

Enquanto o esposo tardava - literalmente "enquanto o tempo passava" - todas as virgens **tosquenejaram** e **adormeceram** (5). O primeiro verbo é *aoristo* e significa "inclinar a cabeça para frente". Assim, ele sugere "começar a inclinar a cabeça e cochilar". O segundo verbo está na forma imperfeita (contínua) e indica que elas continuavam dormindo.

A imagem aqui é a de um típico casamento judaico na Palestina. O noivo, acompanhado pelos seus amigos, vai até à casa da noiva, e a leva em uma procissão alegre até à sua própria casa. Na tarde do Natal de 1949 o autor encontrou uma grande procissão nupcial na

estrada entre Jerusalém e Amã. Os homens estavam a cavalo, alguns caminhando, e a noiva e as suas damas iam sobre camelos, com grandes cobertas sobre as suas cabeças para impedir que fossem vistas.

Trench opina que as virgens "se uniram à procissão em algum ponto conveniente, e entraram, juntamente com o resto do cortejo nupcial, no salão do banquete".[26] Por outro

lado, Edersheim diz que a parábola implica que o noivo tinha vindo de muito longe, e estava a caminho da casa da noiva.
"Conseqüentemente, a procissão nupcial vai ao encontro do noivo em Sua chegada, para acompanhá-lo até o lugar das bodas."[27]
Morison simplesmente comenta que *ir ao encontro do esposo* significa: "Recebê-lo por ocasião de sua vinda para a sua noiva".[28]

Havia **dez virgens,** uma vez que esse era o número exigido para a cerimônia. Nenhuma noiva é mencionada, pois no ensino espiritual da parábola, as virgens assumem o lugar da noiva.

A meia-noite ouviu-se um clamor: **Aí vem o esposo! (6).**[29] Todas as virgens se levantaram rapidamente e **prepararam as suas lâmpadas** (7). O verbo grego é *kosmeo,* do qual deriva "cosmética", e significa "arrumar, arranjar, preparar" ou "enfeitar, adornar".[30] Elas provavelmente cortaram a parte queimada dos pavios. Não havia nada para limpar.

Em desespero, as **loucas** voltaram-se às prudentes, pedindo azeite: **porque as nossas lâmpadas se apagam** (8). Mas o texto grego diz claramente "as nossas lâmpadas estão se apagando" - literalmente "estão se extinguindo". Esta é uma verdade muito mais forte, e um aviso muito mais abrangente. Existem muitos cristãos que ainda não perderam toda a sua vida espiritual, mas cujas lâmpadas estão ficando mais fracas. Eles precisam perceber que estão correndo o risco de ficar nas "trevas exteriores", assim como as virgens loucas.

As virgens prudentes rejeitaram o pedido (9). A primeira vista isto parece egoísmo. Mas sob o ponto de vista da verdade espiritual que

está sendo ensinada aqui, esta atitude era inevitável. Trench interpreta corretamente a intenção deste versículo: "Ele nos diz que todos os homens devem viver pela sua própria fé".[31] A graça de Deus não é trans-ferível de um ser humano para outro. Cada um deve guardar o seu próprio estoque.

Mas enquanto as virgens loucas foram comprar mais azeite, o esposo chegou. Aquelas que estavam **preparadas,** ou *apercebidas* (a mesma palavra usada em 24.44), entraram com ele **para as bodas** - o "banquete de casamento" que normalmente durava de uma a três semanas - e **fechou-se a porta** (10). Isto sugere a advertência solene de que algum dia terminará o período das provações para cada indivíduo. Então a porta do seu destino eterno s*e fechará* para sempre. Não haverá uma segunda oportunidade na próxima vida.

Por fim, chegaram as virgens loucas, mas encontraram a porta fechada. Dentro havia luzes, alegria e felicidade; fora, tudo era triste escuridão. As virgens gritaram desesperadas: **Senhor, senhor, abre-nos a porta! (11).** Mas era tarde demais. **O** esposo não reconheceu as suas vozes (12) e àquela hora da noite ele não ousaria abrir a porta para estranhos que poderíam ser "desmancha-prazeres".

Qual é o ensino desta parábola? Ele está resumido no versículo 13: **Vigiai, pois, porque não sabeis o Dia nem a hora em que o Filho do Homem há de vir.** A parábola nos ensina que devemos estar preparados a qualquer momento para a iminente volta do nosso Senhor, prontos para encontrá-lo quando Ele chegar. Para fazer isso, devemos manter a nossa experiência cristã atualizada. Como o azeite é um exemplo reconhecido do Espírito Santo, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, a sugestão é que devemos estar cheios do Espírito se quisermos estar preparados adequadamente. Todo homem precisa de toda a graça de Deus que lhe estiver disponível, se quiser fazer toda a vontade de Deus e estar preparado para a volta de nosso Senhor Jesus Cristo.

2. A Parábola dos Talentos (25.14-30)

Esta parábola é semelhante à parábola das minas (Lc 19.11-28). Em

ambas, algum dinheiro é confiado aos servos. Foi narrado o que aconteceu a três deles: os dois primeiros são elogiados e o terceiro é condenado. Mas as diferenças superam as semelhanças, de modo que as duas devem ser consideradas como parábolas diferentes, proferidas em diferentes ocasiões. No texto de Mateus, o Senhor dá a um servo cinco talentos, a outro dois e ao terceiro um, ao passo que no texto de Lucas ele dá uma mina a cada um dos dez servos. As quantias são diferentes, e assim também as recompensas. Ainda assim as duas parábolas transmitem o mesmo ensino, que é o da importância de ser fiel no serviço.

Jesus aqui se retrata como sendo um **homem que, partindo para fora da terra**

(14) - prevendo a sua ascensão aos céus. Este homem confiou o seu dinheiro a três servos, dando a um deles cinco talentos, dois talentos a outro e um talento a outro - **a cada um segundo a sua capacidade** (15). O talento valia aproximadamente mil dólares. O fato dessa palavra ser atualmente utilizada como uma referência à habilidade pessoal de alguém, dá um sentido adicional à parábola.[32] Todos os nossos talentos, dados por Deus, devem ser usados para a sua glória e para o bem da humanidade.

O homem que tinha recebido cinco talentos os dobrou (16), assim como aquele que tinha recebido dois (17). Mas o que tinha recebido um talento cavou um buraco na terra e **escondeu o dinheiro do seu senhor** (18). Isto é freqüentemente verdadeiro nos círculos da igreja, nas ocasiões em que uma pessoa pensa que tem somente um talento e o enterra, ao invés de usá-lo na obra do Reino.

Quando o senhor (amo) voltou, ele **ajustou contas com eles** (19). O texto grego diz, literalmente, "Ele se reuniu com eles para fazer as contas", isto é, ele "acertou as contas" com eles. A mesma expressão é usada em 18.23, onde é traduzida como "fazer contas". Provavelmente o passado contábil de Mateus, como coletor de impostos, se reflete em seu uso desta expressão de negócios *(synairo logon),* que só é encontrada neste Evangelho.

Os dois primeiros homens contaram que tinham dobrado os talentos que lhes haviam sido dados (20, 22). Em resposta, o senhor disse exatamente as mesmas palavras de elogio aos dois servos. A recompensa que ele tinha prometido se baseava em fidelidade, não em habilidade. E extremamente significativo que os dois servos tenham sido elogiados por serem **bons e fiéis** (21, 23), e não por serem capazes e inteligentes. Aqui estão duas virtudes honestas e sólidas que todos nós podemos ter - tanto os pobres quanto os ricos, tanto os que não receberam instrução quanto os intelectuais brilhantes. Estas são as duas únicas coisas que Deus requer de qualquer pessoa - que ela seja **boa** de caráter e **fiel** no serviço.

O homem que tinha recebido um talento veio com a sua reclamação chorosa e a sua desculpa tola **(24-25).** Se ele sabia que o seu senhor era tão exigente, esta era uma razão ainda maior para que tivesse negociado o seu talento e ganhado alguma coisa. **Ajuntas onde não espalhaste (24)** significa "ajuntar de um lugar onde não se fez a debulha",[33] ou seja, ajuntar no seu celeiro o que veio da debulha de outro homem. A expressão do servo implicava em "obter lucro de onde não se investiu dinheiro".

O idioma francês tem um bom provérbio para os atos deste homem: *"Qui sexcuse s'accuse"* ("Aquele que se desculpa, se acusa"). O senhor condenou o servo egoísta, que não tinha feito nada, dizendo que ele era **mau** e **negligente (26). A** última palavra significa "ineficiente, preguiçoso, indolente".[34]

O homem deveria ter entregado o dinheiro de seu senhor aos banqueiros (27; uma expressão que só é utilizada no NT). Então o seu "dono" - o termo **servo** nesta parábola significa "escravo" - teria recebido o seu dinheiro de volta acrescido de juros. O termo grego significa, literalmente, "nascimento" ou "descendência", mas é utilizado metaforicamente como "juros" (somente aqui e em Lucas 19.23).

O Senhor então ordenou que o talento deste homem fosse dado àquele que tinha dez talentos (28). Como é freqüente que os homens com dez talentos façam, na igreja, o trabalho que um homem de um talento

deveria ter feito!

Um princípio universal da vida está expresso no versículo 29. O homem que utiliza os seus muitos talentos sempre ganha mais. Aquele que não os utiliza, os perde. E a tragédia final para **o servo inútil** são **as trevas exteriores** onde há **pranto e ranger de dentes** (30).

Enquanto a parábola das dez virgens enfatiza a importância de mantermos a nossa vida espiritual atualizada, revigorada e plena, a parábola dos talentos mostra a necessidade de sermos fiéis e vigorosos no serviço do Reino. Tudo isto é necessário para que estejamos preparados para o retorno do nosso Senhor.

Sob o título "A condenação do talento enterrado", podemos observar: 1) Deus dá aos homens diferentes talentos, 14-15; 2) A recompensa do trabalho bem feito é mais trabalho para fazer, 20-23; 3) O homem que é punido é o homem que não tenta, 24-28; 4) A qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver, até o que tem ser-lhe-á tirado (William Barclay).

3. As *Ovelhas e os Bodes* (25.31-46)

O versículo 31 descreve a Segunda Vinda de Cristo na sua glória, onde Ele **se assentará no trono da sua glória.** Então Ele agirá como o Juiz. Perante Ele se reunião **todas as nações** (substantivo neutro) e Ele apartará **uns dos outros** (masculino, referindo-se aos povos) como o pastor **aparta dos bodes as ovelhas** (32). Não são as nações que são salvas ou que se perdem, mas sim os indivíduos. A linguagem dos versículos 32 e 33 recorda Ezequiel 34.17.

Carr chama a atenção para a estrutura formal dos versículos 34-46. Ele escreve: "Estes versículos estão construídos de acordo com as regras da poesia hebraica: eles se encaixam em duas divisões, a *primeira* se estende entre os versículos 34-40, e a segunda entre os versículos 41-46".[35] Deve-se observar que o versículo 34 é paralelo ao 41, e que o 35 e o 36 são paralelos ao 42 e 43; o mesmo ocorre com 37-39 e 44; e com 40 e 45. Também nos versículos 35 e 36 existe um efeito

de clímax nas obrigações reconhecidas: “As três últimas são atos voluntários de amor desinteressado”.[36]

Já houve considerável discussão quanto ao que significa **meus... irmãos** (40). Alguns afirmam que esta expressão se refere aos judeus e que são as nações gentias que estão sendo julgadas com base no seu tratamento do povo escolhido de Deus. Parece melhor afirmar que, na Encarnação e no seu amor misericordioso por todos os homens, Cristo se refere à humanidade sofredora como **meus... irmãos.** Ao enfatizar o separatismo, as igrejas evangélicas freqüentemente deixaram de reconhecer as implicações e as aplicações sociais do Evangelho de Jesus Cristo. As obras de misericórdia não são a única coisa em que se baseiam as recompensas e as punições eternas. Mas pode um homem ler essas palavras de Jesus e acreditar que um cristão deva se manter despreocupado e inativo enquanto os seus semelhantes estão passando necessidades?

O último versículo deste capítulo tem uma forte implicação teológica. Devemos observar particularmente que **eterno** (46) e perpétuo são traduções da mesma palavra grega - *aionion,* “que pertence às eras”. **O tormento** é tão **eterno** quanto é a **vida.** Aquele que acredita na felicidade eterna também precisa acreditar na tristeza eterna. Este parece ser o claro ensino desta passagem.

Tasker fez uma boa análise ao conectar os três itens deste capítulo. Ele observa que é o pecado da omissão, e não o pecado da comissão, que traz a condenação e o castigo eterno. Este é o principal ensino que este capítulo nos transmite. “A porta se fecha para as virgens loucas devido à sua negligência; o servo sem iniciativa é expulso, por não servir para nada, porque não faz nada; e aqueles que *estiverem à sua esquerda* serão severamente punidos por deixarem de perceber as muitas oportunidades que lhes foram proporcionadas para demonstrarem bondade.”[37]

1

As Perguntas dos Discípulos (24.1-3)

Pela última vez, até onde mostram os registros, Jesus saiu **do templo** (1). Ali, Ele tinha sido rejeitado pelos líderes da nação judaica. Agora essa casa seria deixada à decadência e, em breve, seria destruída.

2

Os Sinais do Fim (24.4-14)

Jesus parece responder, em primeiro lugar, a última pergunta. Nesta seção são dados nada menos que dez sinais do final desta era. O primeiro é o surgimento dos falsos messias (5): muitos virão, dizendo: **Eu sou o Cristo** (isto é, "o Messias").

O segundo sinal é a informação de **guerras e de rumores de guerras** (6). Praticamente todas as gerações têm sofrido este mal. Porém isso vai piorar ainda mais durante o período mais próximo do final dos tempos. Jesus disse: **ainda não** é **o fim;** isto é, o fim se aproxima, mas ainda não é agora.

O terceiro sinal é **fomes,** o quarto é **pestes** - estes dois caminham, freqüentemente, juntos - e o quinto é **terremotos** (7). **Todas essas coisas,** disse Jesus, **são o princípio das dores** (8). A última palavra quer dizer, literalmente, "pontadas do parto" (cf. 1 Ts

3

A Abominação da Desolação (24.15-22)

4

Esta expressão significa "a abominação desoladora" (cf. Dn 11.31; 12.11). Árndt e

5

Ela é identificada como sendo a **de que falou o profeta Daniel** (15). Encontrada

6

Gingrich a definem como “aquela coisa detestável que causa a desolação do santuário”.[8]

[7]

três vezes em Daniel (9.27; 11.31; 12.11), também ocorre em 1 Macabeus 1:54 - onde

[8]

aparentemente é usada para o altar de Zeus erigido sobre o altar sagrado do Templo

A PAIXÃO

Mateus 26.1—27.66

A. A Preparação Para a Morte, 26.1—27.31

1. *Preliminares* (26.1-5)

a) A *Perspectiva* (26.1-2). Pela última vez encontramos a fórmula: **E aconteceu que, quando Jesus concluiu todos esses discursos** (1), que aparece no final de cada um dos cinco grandes discursos de Jesus no texto de Mateus (cf. 7.28; 11.1; 13.53; 19.1). **E aconteceu** é *kai egeneto,* uma expressão da Septuaginta, encontrada normalmente no texto de Lucas, mas que só é usada por Mateus com esta fórmula.

Jesus predisse a sua paixão três vezes (16.21; 17.22-23; 20.17-19). Agora Ele lhes revela que faltavam apenas **dois dias** para que Ele fosse traído (2). Como Jesus comemorou a **Páscoa** com os seus discípulos na noite de quinta-feira, esse dia seria a terça-feira. Parece que o Mestre pode ter passado a quarta-feira separado do povo, instruindo os seus discípulos em particular. **Será entregue** deveria ser "está sendo traído" (o presente profético).[1]

b) A *Conspiração* (26.3-5). **Os príncipes dos sacerdotes, e os escribas,[2] e os anciãos do povo** (3) formavam o grande Sinédrio em Jerusalém, que era o corpo judicial supremo da nação judaica. Este grupo se reunia na **sala** (em grego, "corte") do sumo sacerdote, **Caifás,** que esteve neste cargo de 18 a 36 d.C.

Consultaram-se ("trocaram idéias") sobre como poderiam prender **Jesus com dolo** - a palavra originariamente queria dizer uma "isca" ou "armadilha" e, portanto, "artifício"

ou "engano" - **e o matarem** (4). Eles queriam evitar fazer isso **durante a festa,** para que não houvesse **alvoroço** ("tumulto", "reação das multidões") **entre o povo** (5). O fanatismo religioso sempre se exaltava durante a época da Páscoa, que comemorava

a libertação dos israelitas da escravidão no Egito. Era uma época em que só era necessária uma faísca para acender o fogo da revolução contra o governo romano. Os líderes judeus sabiam muito bem disso. Eles teriam preferido esperar até que os peregrinos (mais de um milhão de pessoas) tivessem deixado Jerusalém. Mas quando Judas se ofereceu para trair o seu Mestre, eles evidentemente decidiram ir em frente logo.

2. A Unção em Betânia (26.6-13)

João 12.2-8 coloca esta unção - que não deve ser confundida com aquela do texto de Lucas 7.36-50 (veja os comentários ali) - "seis dias antes da Páscoa" (Jo 12.1). Isso seria na noite de sexta-feira ou do sábado anterior à semana da Paixão. Porém Marcos (14.39) e Mateus a registram aqui, exatamente antes da traição. Parece ser melhor seguir a cronologia de João, onde a relação do tempo é mais precisa. Andrews sugere a solução mais satisfatória para o problema: "Uma verificação minuciosa dos textos de Mateus e de Marcos mostra que o relato deles da ceia é feito como um parêntesis".[3] A razão para isso é que eles aparentemente queriam mostrar que foi a unção que precipitou o ato de Judas, de ir ter com os príncipes dos sacerdotes (14). Plummer concorda com isso, e escreve: "Evidentemente, devemos supor que a proposta foi uma conseqüência...
daquele acontecimento".[4]

A unção aconteceu em **Betânia** (a três quilômetros de Jerusalém. Veja o mapa), **em casa de Simão, o leproso** (6). Simão era um nome muito comum e este homem pode ter sido curado por Jesus da lepra que o acometia.

Então veio uma **mulher** - João a identifica como Maria (a irmã de Marta) - com um **vaso de alabastro** (7). Aversão em grego diz simplesmente *alabastron.* Arndt e Gingrich definem esta palavra da seguinte forma: "*Alabastro*, ou seja, um frasco *de alabastro* para a unção, um recipiente com um gargalo comprido que era quebrado quando o seu conteúdo era usado".[5] O ungüento era **de grande valor** (literalmente, "de enorme valor"). Este ungüento poderia ter

reprgsentado as economias de toda a sua vida. Ela **derramou-lho sobre** a cabeça de Jesus. Ela não se concentrou em aplicá-lo gota a gota, como normalmente se usaria um perfume caro. Ao invés disso, ela quebrou o gargalo estreito do vaso (Mc 14.3) e com amor e devoção derramou o seu conteúdo sobre a **cabeça** do Mestre. João 12.3 diz que foi sobre os seus pés. Era costume ungir a cabeça e os pés (cf. Lc 7.38, 46); assim, Maria naturalmente fez as duas coisas. A expressão **quando ele estava assentado à mesa** pode ser traduzida como: "quando Ele se recostava sobre a mesa".

Os discípulos **indignaram-se** (8), a mesma palavra de 20.24 e 21.15 (veja os comentários sobre estas passagens) - por causa desse desperdício. João 12.4 nos diz que foi Judas Iscariotes quem fez a crítica. Ele parece ter ficado furioso ao ver todo este "desperdício". Mateus afirma que todos os discípulos (Marcos diz "alguns") pensavam no aspecto material. Eles não captaram a fragrância da devoção de Maria, simbolizada pelo perfume.

Mas Jesus defendeu o ato dela. Ele disse (10): Ela "praticou uma boa ação para comigo".[6] Eles sempre teriam os **pobres** - a história comprova isso - mas Jesus em breve iria embora (11). Então o Mestre explicou o significado do ato da mulher: **...fê-lo preparando-me para o meu sepultamento** (12). Embora o Senhor fosse morrer em uma cruz, ao invés de se sentar em um trono, Ele ainda era o Rei. Maria, por ouvir com mais atenção (cf. Lc 10.39), havia provavelmente entendido a missão do Mestre de uma forma mais completa do que qualquer outra pessoa.

Pelo seu amor e pela sua lealdade, **em todo o mundo, também será referido o que ela fez para memória sua** (13). Milhões de cópias do Evangelho, em milhares de idiomas, contam essa história, onde quer que o evangelho tenha chegado. Como ela deu tudo de si, o nome de Maria se tornou imortal.

William Barclay chama a unção de Jesus por Maria de "A Extravagância do Amor". Na história podemos ver que 1) Há ocasiões em que o bom senso falha, 6-9; 2) Há certas coisas que precisam ser feitas quando surge a oportunidade, caso contrário jamais poderão ser

feitas, 10-12; 3) A fragrância de um ato de amor dura para sempre, 13.

3. *A Traição de Judas* (26.14-16)[7]

A mente ambiciosa de Judas Iscariotes reagiu violentamente ao "desperdício" de aproximadamente um ano de salário (cf. Mc 14.5; Mt 20.2). Judas também esperava que Jesus estabelecesse o seu reino em Jerusalém. Mas parecia que tudo o que o Mestre dizia estava relacionado à sua crucificação, e não à sua coroação. Parece evidente que Judas agiu impulsionado por um motivo duplo; a sua ganância e as suas ambições políticas frustradas. Alguns pensam que ele queria que Jesus se manifestasse abertamente como Rei, e que a sua traição seria capaz de forçar essa situação.

Judas foi ter com **os príncipes dos sacerdotes** (14) - agora os principais inimigos de Jesus - e perguntou o que lhe dariam se lhes entregasse o Mestre (15). **Eles lhe pesaram trinta moedas de prata.** Este uso de *histemi* como "colocar em uma balança"[8] e assim "pesar" só é encontrado no Novo Testamento, embora ocorra no texto grego clássico e na Septuaginta. A quantia que eles pesaram foi de **trinta moedas** (ou peças) **de prata,** que eram siclos de prata. O valor total seria igual a 120 denários, ou aproximadamente 25 dólares. Este era o preço de um escravo (Ex 21.32), o que reforça as palavras de Jesus em 20.28 e a afirmação de Paulo em Filipenses 2.7-8.

4. *A Última Páscoa* (26.17-29)

a) *Os Preparativos* (26.17-19). Uma das últimas coisas que Jesus fez com os seus discípulos antes da sua morte, foi comer a refeição da Páscoa com eles. Isto foi particularmente apropriado, uma vez que, dentro de poucas horas, Ele mesmo se oferecería como o Cordeiro Pascal para fazer a expiação pelos pecados de todos os homens.

No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos (17) - nesse dia se sacrificava o cordeiro da Páscoa (veja Mc 14.12; Lc 22.7). De acordo com a Lei Mosaica, esta comemoração recebia o nome de Páscoa, e era seguida pelos sete dias da Festa dos Pães Asmos (Lv 23.5-6). Mas

naquela época todo esse período era conhecido por esse nome. Josefo diz: “Nós temos um banquete que dura oito dias, que é chamado de festa dos pães asmos”.[9]

Os três Evangelhos Sinóticos concordam em retratar Jesus como comendo a refeição da Páscoa com os seus discípulos na noite anterior à Sua crucificação. Mas alguns pensam que o Evangelho de João não parece estar de acordo com isso. João diz que os judeus não entraram na audiência de Pilatos na manhã da crucificação “para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa” (Jo 18.28).

O problema de harmonizar os relatos sinóticos e o de João, quanto a este aspecto, é o mais difícil na cronologia do Novo Testamento. A maioria dos estudiosos hoje em dia considera que eles são irreconciliáveis, e escolhem a cronologia de João como sendo a correta, e a dos sinóticos como não sendo tão precisa. Alguns procuram uma posição de equilíbrio dizendo que não foi realmente a refeição da Páscoa que Jesus comeu com os seus discípulos - os Evangelhos Sinóticos afirmam categoricamente que foi - ou então que Ele intencionalmente comeu mais cedo, sabendo que estaria morto na hora normal da refeição.[10]

Edersheim insiste que a última Ceia dos Evangelhos Sinóticos era verdadeiramente a Páscoa.[11] A mesma coisa diz J. Jeremias, que chama a atenção para o fato de que a ceia aconteceu em Jerusalém, durante a noite, com os Doze, com pão e vinho, e com um hino.[12] Ele parece ter provado conclusivamente este ponto. Parece não haver como evitar o fato de que Jesus comeu a refeição de Páscoa com os seus discípulos antes da sua morte.

Qual é a solução para este problema? Andrews afirma que João usou o termo “Páscoa” no seu sentido mais amplo. Ele escreve: "... a frase ‘comer a Páscoa’ naturalmente vem a significar todo o banquete”.[13] Ele ainda diz: “A Páscoa, no texto de João, é uma palavra que se refere a toda a festa; e uma vez que já tinham celebrado a refeição pascal, ele não poderia empregar essa palavra para designar as refeições restantes?”.[14]

Stauffer tem outra explicação. Ele esclarece o fato surpreendente de que não é mencionado nenhum cordeiro ao dizer que um apóstata não tinha permissão de comer o cordeiro da Páscoa. Assim, sem o cordeiro, "Jesus teve a sua Páscoa 24 horas antes da refeição oficial de Páscoa dos membros da comunidade do templo".[15]

Duas outras soluções foram oferecidas põr autores recentes. Uma delas é a seguinte: "Naquele ano particular os judeus da Palestina observaram a Páscoa no sábado; os da Dispersão a observaram na sexta-feira".[18] Marcos seguiu o calendário da Dispersão. Assim, tanto os Sinóticos quanto João estão certos. ("Sexta-feira" significa o anoitecer da quinta-feira, uma vez que o dia judaico começa no pôr-do-sol).

Freedman afirma que os Rolos do Mar Morto mostram que muitos judeus religiosos seguiam o antigo calendário solar de Israel (364 dias) e rejeitavam o novo calendário lunar. Ele opina que Jesus comeu a refeição da Páscoa com os seus discípulos na noite de terça-feira, ao passo que os sacerdotes e os demais a comeram na sexta-feira, depois da crucificação.[17] Ele considera que Jesus foi mantido prisioneiro desde a noite de terça-feira até a sexta-feira.

Com tantas soluções propostas para escolher, é óbvio que não precisamos concluir que existe uma contradição irreconciliável entre João e os Sinóticos. Enquanto nenhuma solução obtiver aceitação universal, a de Andrews talvez seja a que apresenta menos dificuldades e mais evidências a seu favor.

O costume de Mateus de omitir detalhes volta a se manifestar nesta narrativa. Ele não diz quem foi enviado para preparar a Páscoa. Marcos diz que foram "dois discípulos" e Lucas diz que foram "Pedro e João". Mateus diz que eles foram ao encontro de **um certo homem** (18), ao passo que Marcos e Lucas falam de "um homem que leva um cântaro de água".

Os discípulos deveríam levar a mensagem: **Em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.** Seguindo as instruções, eles **prepararam a Páscoa** (19).

b) *A Última Ceia* (26.20-25). Jesus **assentou-se** (ou "reclinou-se") à mesa com os doze apóstolos (20). Enquanto estavam comendo, Ele anunciou que um deles iria traí-lo (21). Os discípulos, chocados e entristecidos, perguntaram, um por um: **Porventura, sou eu, Senhor?** (22). O texto grego indica que se esperava uma resposta negativa -"Senhor, não sou eu, sou?!" O Mestre informou: **O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair** (23). Este fato torna o crime de Judas ainda mais hediondo. Pois comer com uma pessoa era um sinal de amizade e um compromisso de não lhe causar nenhum dano, de não lhe fazer nenhum mal. Até mesmo o traidor fez a pergunta, embora se dirigisse a Jesus como Mestre (em grego, "Rabi") e não como Senhor. Cristo respondeu: **Tu o disseste** (25), o que parece ser uma resposta afirmativa direta. Apesar desse aviso de Jesus, e mesmo depois dessa oportunidade de reconsiderar a sua decisão, Judas prosseguiu com os seus planos de traição.

c) *A Ceia do Senhor* (26.26-29). Em uma conexão com a Ultima Ceia, Jesus instituiu a Ceia do Senhor. Ele **abençoou e partiu** o pão, e disse aos seus discípulos: **Tomai, comei, isto é o meu corpo** (26). Deve ficar claro que o significado é "isto *representa* o meu corpo".

Então o Mestre tomou o **cálice** (27). Carr entende que este era o terceiro cálice da refeição da Páscoa, chamado "o cálice da bênção".[18] Ele os instruiu: **Bebei dele todos.** É uma pena que essas palavras, repetidas milhares de vezes, todos os domingos, ao redor do mundo, tenham sido traduzidas de forma variada. O texto grego diz muito claramente: "Todos vocês bebam dele" (cf. RSV). Jesus então prosseguiu e identificou o conteúdo do cálice como representando **o meu sangue, o sangue do Novo[19] Testamento** ("aliança"), **que é derramado** (grego, "despejado") **por muitos, para remissão dos pecados.**

Cristo declarou que Ele não beberia deste fruto da vide **até àquele Dia em que o beba de novo convosco no Reino de meu Pai** (29). Existe um sentido em que Cristo compartilha com os fiéis o serviço da comunhão. Paulo afirma: "Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha" (1

Co 11.26).

5. *No Monte das Oliveiras* (26.30-56)

a*)APredição das Negações de Pedro* (26.30-35). No final da Ceia, eles cantaram um **hino** (30). Edersheim diz: "Provavelmente devemos entender que esse hino foi a segunda parte do *Hallel* [SI 115-118], entoado algum tempo depois do terceiro cálice, ou então o Salmo 136, que, no ritual atual, está próximo ao final do serviço".[20]

Aos seus discípulos, o Mestre fez outro anúncio triste (cf. v. 21): **Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim** (31). Lenski apresenta: "Todos vocês serão perseguidos, como alguém que é surpreendido em uma armadilha, por estarem ligados a mim".[21] O verbo é *skandalizo.* E certo que todos os discípulos caíram na armadilha de Satanás naquela noite, quando abandonaram o seu Mestre. Cristo citou Zacarias 13.7, mudando o imperativo (tanto na versão hebraica quanto na Septuaginta) para um tempo futuro; o Senhor acrescentou: **depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós** (32) para a Galiléia. O último verbo significa literalmente "mostrar o caminho", e traz em si a imagem do **pastor** (31).

Pedro sempre tinha uma palavra a dizer. Como de costume, era uma palavra de autoconfiança. Mesmo que todos os demais "abandonassem" a Jesus (RSV, NEB, NTLH), ele **nunca** o faria (33). Infelizmente, Pedro não conhecia a sua própria fraqueza. Cristo se sentiu obrigado a avisá-lo de que naquela mesma noite, antes que o galo cantasse, Pedro negaria três vezes o seu Mestre (34). Seguindo o seu comportamento característico, Pedro respondeu que morreria antes de negar o seu Senhor (35). Teria sido mais sábio pedir humildemente que o Senhor o fortalecesse para enfrentar a prova. **Todos os discípulos** o acompanharam, afirmando a lealdade deles.

b) *A Oração no Getsêmani* (26.36-46). O nome Getsêmani (somente aqui e em Marcos 14.32) significa "prensa de óleo". O m onte das Oliveiras era naturalmente um lugar apropriado para extrair o azeite de oliva que era usado naquela época como combustível para lâmpadas, alimento e ungüento curativo.

Jesus deixou oito dos seus onze discípulos na entrada do jardim. Levando somente o seu círculo mais íntimo - **Pedro e os dois filhos de Zebedeu** (37) - Ele caminhou para o interior do bosque de oliveiras e abriu o seu coração para esses companheiros mais próximos. Ele disse: **A minha alma está cheia de tristeza até à morte** (38). Era o peso dos pecados do mundo sobre os seus ombros que o estava esmagando. Ele implorou: **Ficai aqui e vigiai comigo.** Mas eles fracassaram.

Jesus foi **um pouco adiante** (39), não apenas fisicamente, mas espiritualmente. Se Ele não tivesse ido **um pouco adiante,** poderiamos não ser salvos. **E** a menos que nós também caminhemos **um pouco adiante** - em serviço misericordioso e consagrado -muitos outros não serão salvos.

O Mestre **prostrou-se sobre o seu rosto.** Isto revela alguma coisa sobre a agonia da sua alma. Ele orou pedindo que, se fosse possível, o **cálice** passasse dele. O que era este cálice? Certamente, era mais do que a morte física. Jesus não era covarde. Parece que os resíduos mais amargos deste cálice de dor seriam a separação do rosto do Seu Pai, quando Aquele que não conheceu o pecado se tornaria "pecado" (ou "uma oferta pelos pecados") por nós (2 Co 5.21). A sua oração final foi: **todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.** Esta sempre é a oração de uma alma consagrada.

Quando Jesus retornou aos três discípulos, que deveriam estar vigiando (38), Ele os encontrou **adormecidos** (40). Como Pedro havia se vangloriado de forma tão elevada, o Mestre o repreendeu. **Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo?** E Cristo lhes deu outra advertência solene: **Vigiai e orai, para que não entreis em tentação** (41). Esta é uma advertência à qual todo cristão precisa dar atenção, durante todas as horas de todos os dias. "A eterna vigilância é o preço da liberdade." Isto é verdade no campo militar, e é verdade espiritualmente. Jesus reconheceu que o **espírito está pronto, mas a carne é fraca.** Isto não significa a natureza carnal, mas o corpo físico. Os discípulos estavam tão cansados e tão entristecidos que adormeceram.

Indo segunda vez, Jesus orou basicamente a mesma oração, com talvez uma ênfase um pouco maior em **faça-se a tua vontade (42).** Mais uma vez Ele encontrou os discípulos dormindo, **porque os seus olhos estavam carregados** (43). Eles haviam terminado uma semana dura. As intenções deles eram boas, mas o desempenho deixava algo a desejar.

Pela terceira vez o Mestre orou, dizendo as mesmas palavras (44). Quando Ele retornou desta vez, disse: **Dormi, agora, e repousai** (45). Esta aparente exortação parece inconsistente com o versículo 46: **Levantai-vos, partamos; eis que** é **chegado**

o que me trai. A solução do problema é simples. O texto grego do versículo 45 pode, com igual exatidão, ser traduzido como uma ordem ou como uma pergunta - a forma para ambas é exatamente a mesma. Mas aqui a ordem não se encaixa, enquanto a pergunta se encaixa perfeitamente. A melhor tradução, em nossa opinião, é: "Vocês ainda estão dormindo e repousando?" Em uma ocasião como esta, em que o Filho do Homem está "sendo traído" - a ação já está ocorrendo - vocês estão dormindo como sentinelas no seu posto?

c*) A Traição e a Prisão* (26.47-56). Enquanto o Mestre estava tentando despertar os seus discípulos, Judas, **um dos doze** - que observação patética, encontrada nos três Evangelhos Sinóticos! - apareceu. Com ele estava uma **grande multidão** (47). StaufFer pensa que era "um pequeno exército de mil soldados".[22] Mas isso não parece provável em vista da missão de prender um Homem - ou até mesmo quase uma dúzia de homens. Era uma multidão heterogênea com **espadas e porretes.** Com certeza eles tinham falsas idéias sobre o Príncipe da Paz. Estes homens tinham sido enviados pelos **príncipes dos sacerdotes e dos anciãos do povo,** isto é, pelo Sinédrio.

Judas lhes havia fornecido um **sinal** (48). Ele identificaria Cristo com um beijo. Este é um ato particularmente atroz, uma vez que o beijo era um símbolo da amizade e da honra. Ele se aproximou de Jesus e o saudou afetuosamente com um beijo e as palavras: **Eu te saúdo, Rabi** (49; em grego, "mestre"). Com gentil compaixão o Mestre disse: **Amigo** (literalmente "companheiro" ou "camarada"), **a que**

vieste? (50). Mas não havia mais tempo para conversas. A multidão rapidamente rodeou Jesus e o prendeu.

Um dos discípulos de Jesus - João 18.10 nos diz que foi Pedro - puxou a sua espada e tentou defender o seu Mestre. Ele agitou a espada, provavelmente com a intenção de cortar a cabeça do homem que ousou colocar as suas mãos em Cristo. O homem talvez tivesse tentado esquivar-se do golpe e assim perdeu uma orelha, em lugar de perder a cabeça. João também nos diz que o nome do servo do sumo sacerdote era Malco. E provável que tivesse essa informação por ele ser conhecido do sumo sacerdote (cf. 18.15).

Jesus ordenou ao seu zeloso discípulo que guardasse a sua espada, pronunciando a significativa verdade: **todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão** (52). Ele também declarou que poderia convocar **mais de doze legiões de anjos** (53). Não lhe faltava defesa. Mas Ele precisava se submeter, para que a vontade de Deus, revelada nas **Escrituras** (o nosso Antigo Testamento) fosse cumprida (54).

A seguir, Cristo repreendeu a multidão (55) por sair **como para um salteador** (55; grego, "ladrão") com **espadas e porretes** ("pedaços de pau"). O Senhor lembrou aqueles homens de que haviam tido todas as oportunidades de prendê-lo quando Ele ensinava diariamente no Templo. Mas o que estava acontecendo era o cumprimento das **Escrituras dos profetas** (56). Uma triste observação figura como um apêndice: **Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram.** Onde estava a lealdade que com tanta firmeza havia sido afirmada poucas horas antes (cf. 35)?

6. *O Julgamento Judaico* (26.57—27.2)

a) *Perante o Sinédrio* (26.57-68). Amultidão que tinha aprisionado Jesus o levou até Caifás, o sumo sacerdote, onde **os escribas e os anciãos** (o Sinédrio) estavam reunidos (57). Pedro, embora repreendido pelos seus esforços para proteger o Mestre, **seguiu-o de longe** (58). Ele deve, pelo menos, receber o crédito por tê-lo seguido. **O** seu amor pelo Senhor fez com que ele fosse até lá, embora tivesse

medo. **O** apóstolo entrou no **pátio do sumo sacerdote** (em grego, "corte") e assentou-se entre os criados, **para ver o fim** (58). Ele provavelmente percebeu, a esta altura dos acontecimentos, um pouco da gravidade da situação.

Todo o conselho - composto dos príncipes dos sacerdotes, dos anciãos e dos escribas - procurava **falso testemunho contra Jesus, para poderem dar-lhe a morte** (59). Esses líderes estavam tão determinados a matá-lo, que se curvariam a qualquer falsidade que pudesse levá-lo à morte. Mas todos os esforços falharam, pois as falsas testemunhas não conseguiam chegar a um acordo em suas histórias fabricadas (60).

Finalmente, duas fizeram a mesma acusação. Elas acusaram Jesus de ter dito: **Eu posso derribar o templo de Deus e reedificá-lo em três dias** (61). E evidente que Jesus nunca disse nada parecido com isso. Esta foi provavelmente uma interpretação errada de sua frase registrada em João 2.19.

O sumo sacerdote desafiou Cristo a responder às acusações levantadas contra Ele

(62) . Mas o Mestre permanecia em silêncio. Finalmente, o sumo sacerdote interrogou Jesus, sob juramento, solicitando que o Senhor falasse sobre os fatos relativos à sua origem

(63) . Diante de tamanha insistência, Jesus respondeu: **Tu o disseste** (64). A mesma expressão aparece no versículo 25. Carr escreve: "Esta é uma fórmula de concordância tanto no hebraico quanto no grego, e ainda é usada na Palestina com esse sentido".[23] Jesus então acrescentou uma afirmação altamente apocalíptica sobre o Filho do Homem sentado à direita do **Todo-poderoso** - um substituto tipicamente judaico para "Deus" - e **vindo sobre as nuvens do céu.** Este é o tipo de atitude que se esperava do Messias.

O efeito das palavras de Jesus foi eletrizante. Caifás **rasgou as suas vestes (65).** Sob circunstâncias normais, a lei proibia o sumo sacerdote de tomar uma atitude como esta (Lv **10.6; 21.10),** "mas o

costume que o obrigava a isso ao ouvir uma blasfêmia, pode ter se desenvolvido a partir do século I".[24]

Não havia mais a necessidade de testemunhas: **Eis que bem ouvistes, agora, a sua blasfêmia.** Não teria sido blasfêmia afirmar ser um messias humano; aliás, muitos estavam esperando esta atitude. Mas o sumo sacerdote colocou Jesus sob juramento para dizer se Ele era "O Filho de Deus" (63). O Senhor respondeu afirmativamente. Este fato, juntamente com o restante do versículo 64, mostra porque o Sinédrio o considerou culpado de blasfêmia.

Quando indagado, o grupo de líderes respondeu: **E réu de morte** (66). Os atos que se seguiram são um triste comentário sobre o nível ético do judaísmo daqueles dias. O fato de os líderes religiosos da nação terem se curvado a atos tão infames, como cuspir no Seu rosto, esmurrá-lo e esbofeteá-lo (67), mostra a decadência do judaísmo.

O versículo 68 fica claro à luz de Lucas 22.64, onde se afirma que eles vendaram Jesus, e lhe disseram para identificar quem o havia esbofeteado.

b) *Pedro Nega Jesus* (26.69-75). Enquanto acontecia o julgamento perante Caifás, Pedro estava **assentado fora, no pátio** (69) - como no original grego. Uma **criada** aproximou-se dele com a acusação: **Tu também estavas com Jesus, o galileu.** Pedro negou, afirmando: **Não sei o que dizes** (70). A seguir, para evitar a sua identificação junto à brilhante luz do fogo (cf. Mc 14.54), ele se esgueirou para o **vestíbulo,** ou "entrada" (71). Mas ali, outra criada o viu e disse aos que estavam à sua volta: **Este também estava com Jesus, o Nazareno.** Ele negou outra vez, agora **com juramento: Não conheço tal homem** (72). Aqui, Pedro foi culpado de perjúrio.

Depois de pouco tempo, os que ali estavam se aproximaram dele com a afirmação: **Verdadeiramente, também tu és deles, pois a tua fala te denuncia** (73). Uma possível tradução seria: "O teu sotaque te denuncia". Os galileus falavam com um sotaque diferente dos judeus da Judéia. Era fácil para o povo de Jerusalém reconhecer um galileu ao ouvi-lo falar.

Quando Pedro se viu realmente encurralado, ele começou **a praguejar e a jurar, dizendo: Não conheço esse homem** (74). Isso podería facilmente ser interpretado como significando que ele usou uma linguagem profana. Mas o que isso realmente significa é que ele chamou sobre si as maldições de Deus, caso não estivesse dizendo a verdade, e fez um juramento de que estava. Assim ele foi culpado de duplo perjúrio (cf. 72).

Exatamente nesse instante **o galo cantou.** Pedro se lembrou das palavras de Cristo sobre o que ele tinha acabado de fazer (75). **E, saindo dali, chorou amargamente.** Essas eram lágrimas de genuíno arrependimento, como se mostrará a seguir.

Quando Pedro afirmou categoricamente que nunca iria negar o seu Senhor, ele foi sincero. Mas ele não conhecia o grau de corrupção do seu próprio coração, que lhe foi revelado por esta experiência de negar a Cristo. Com isso, então, ele ficou preparado para esperar, com os demais, pelo derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, que purificaria o seu coração e o faria completamente leal ao seu Senhor.

c) *A Sessão Matinal do Sinédrio* (27.1-2). As reuniões do Sinédrio à noite eram ilegais. Assim, o grupo se reuniu durante o dia para dar a sentença oficial a Jesus. O governo romano não permitia que os judeus executassem ninguém - exceto no caso de um estrangeiro que invadisse os recintos sagrados do Templo, isto é, que passasse além do Pátio dos Gentios. Tudo o que o Sinédrio podia fazer era prender Jesus e entregá-lo a Pilatos para o julgamento final. **Pôncio Pilatos** era o **governador** (2; *hegemon),* ou "procurador" da Judéia entre 26 e 36 d.C.

7. O *Remorso de Judas* (27.3-10)

Embora os três Evangelhos Sinóticos falem do pacto que Judas Iscariotes fez com os príncipes dos sacerdotes para trair Jesus, e os três registrem a traição, somente Mateus narra o remorso e o suicídio do traidor. O caso de Judas nos faz pensar com seriedade; como um homem a quem Cristo escolheu para ser apóstolo e enviou a pregar,

pôde terminar a sua carreira dessa maneira.

Quando Judas viu que Jesus fora **condenado** pelo Sinédrio - e este veredicto era irrevogável[26] - ele ficou **arrependido (3). O** verbo não é *metanoeo,* "mudar de idéia", mas sim *metamelomai,* "lamentar". Ele lamentou as conseqüências do seu ato de traição, mas não teve um genuíno arrependimento do seu pecado. Voltando à presença dos **príncipes dos sacerdotes** e dos **anciãos** (o Sinédrio), ele levou as trinta moedas de prata. **O** dinheiro queimava nas suas mãos.

Aos líderes religiosos ele fez esta confissão: **Pequei, traindo sangue inocente (4).** Mas ele não recebeu conforto nem ajuda por parte deles, que, como resposta, somente lhe disseram: **Que nos importa? Isso é contigo.** Se os líderes espirituais falavam dessa maneira ao seu povo, fica bastante claro que as coisas estavam muito mal com o judaísmo.

Judas não conseguia mais suportar a visão do seu ganho ilícito. Literalmente, "atirando no santuário as moedas de prata" - a parte interior do templo, onde somente os sacerdotes podiam entrar - ele **retirou-se e foi-se enforcar** (5).

Os **príncipes dos sacerdotes** apanharam as **moedas de prata,** mas ficaram confusos quanto ao que fazer com elas. Eles não poderíam usá-las no Templo, porque eram **preço de sangue** (6). Eles se reuniram em conselho e decidiram comprar com elas **o campo de um oleiro** (7). O texto grego é "o campo do oleiro", o que dá a entender que era um lugar bem conhecido nas proximidades de Jerusalém. Os **estrangeiros** que eles queriam **sepultar** ali seriam os judeus estrangeiros que morriam durante as festividades anuais, ou que vinham, já em idade avançada, para morrer na Terra Santa.[26]

De acordo com os seus hábitos, Mateus cita uma profecia do Antigo Testamento **(910).** A citação é atribuída a **Jeremias.** (Na leitura das Escrituras em voz alta, os nomes proeminentes do Antigo Testamento mencionados no Novo Testamento devem sempre receber a forma familiar que eles têm nas Escrituras antigas.) Mas a passagem parece ser uma citação de Zacarias **11.12-13.** Bengel julga que

Jeremias é um comentário, adicionado por um copista.[27] John Wesley — que se baseou fortemente na obra *Gnomon,* de Bengel —, em seu *Explanatory Notes on the New Testament* escreve: "A palavra Jeremias, que foi adicionada ao texto em cópias posteriores, e por isso foi acolhida em muitas traduções, é evidentemente um engano; pois aquele que falou o que Mateus registra, ou melhor, parafraseia, não foi Jeremias, mas sim Zacarias".[28] Da mesma maneira, Adam Clarke diz: "E muito provável que a leitura original fosse *dia touprophetou* ['por meio do profeta'], e que não fosse mencionado o nome de nenhum profeta".[29]

O problema textual é que "Jeremias" é o que está escrito em praticamente todos os manuscritos gregos, incluindo o mais antigo, que ainda existe. O comentarista Morison, que segue o pensamento de Wesley, entende que se trata de um erro tipográfico que de alguma maneira teria sido introduzido na "edição original dos Evangelhos, a primeira edição publicada", assim como a expressão *"pressionar um* mosquito" ao invés de *"coar um* mosquito" teria sido introduzida na primeira edição da versão King James em inglês, e assim permanecido (cf. 23.24).[30]

8. *O Julgamento Romano* (27.11-31)

a) *Jesus Perante Pilatos* (27.11-14). Tendo sido condenado pelos judeus em um exemplo de julgamento corrupto, Cristo agora compareceu perante o **governador** (11). Os três Evangelhos Sinóticos dizem que Pilatos perguntou: **És tu o Rei dos judeus?** e os três dão a Sua resposta: **Tu o dizes.** M'Neile diz que isto parece implicar: "Você está verbalmente correto, mas a verdade está além da sua compreensão".[31]

Sendo acusado pelos líderes judeus, Jesus **nada respondeu** (12). **"O** silêncio, que respondeu às acusações e à próxima pergunta de Pilatos, é do mesmo tipo de 26.62ss.; legalmente ele podería ser interpretado como uma confissão de culpa, mas, na verdade, produzia um efeito desconfortável sobre o juiz: Caifás foi levado por ele a extorquir uma confissão, e Pilatos a uma série de tentativas para libertar o

prisioneiro e a si mesmo."[32] Pilatos **estava muito maravilhado** com o perfeito equilíbrio de Cristo (14).

b) *Jesus ou Barrabás ?* (27.15-23). Durante a festa anual (15) da Páscoa, o governador tinha o costume de soltar um preso escolhido pelo povo. Muitas vezes já se chamou a atenção para o fato de que este costume não é mencionado fora dos Evangelhos. Carr faz uma boa sugestão sobre como ele surgiu entre os judeus. Depois de notar que a libertação dos prisioneiros ocorria em algumas festas em Roma, ele diz: "Portanto, não é improvável que Herodes, o Grande, que certamente familiarizou os judeus com outros costumes da Grécia e de Roma, introduzisse esse hábito, e que o governador romano, ao ver que o costume estava estabelecido e que agradava aos judeus, de acordo com os procedimentos romanos... o tivesse mantido".[33] E significativo que Pilatos diga: "Vós tendes por costume" (Jo 18.39).

Havia outro **preso bem conhecido** ali, chamado **Barrabás** (16). Este é um nome aramaico que significa "filho *[bar]* de um pai *\abbaf',* Marcos (15.7) e Lucas (23.19) afirmam que Barrabás havia cometido o crime de assassinato durante um motim. Pilatos agora perguntou aos líderes judeus (17) se eles queriam que ele libertasse Barrabás ou **Jesus,** o Messias **(Cristo).** E óbvio que o governador esperava que eles preferissem o profeta inofensivo no seu meio ao perigoso assassino. Ele sabia que o ódio que eles sentiam por Jesus era devido à **inveja** (18). Isto deveria tê-lo obrigado a libertar a Cristo. Adicionalmente, houve uma mensagem de sua esposa (registrada somente no texto de Mateus) insistindo com ele: "Não entres na questão desse justo". Lenski faz o seguinte comentário: "No sonho dela, Jesus apareceu completamente inculpável, e o sonho provavelmente sugeriu que Pilatos estava prestes a condenar este homem justo".[34] Foi por isso que ela disse **num sonho muito sofri por causa dele** (19).

Enquanto Pilatos estava ocupado com a mensagem de sua esposa, **os príncipes dos sacerdotes e os anciãos** aproveitaram a oportunidade para incitar a multidão a pedir que Barrabás fosse solto, e que Jesus fosse morto (20). Assim, quando Pilatos retomou o

julgamento onde havia parado, perguntando quem deveria libertar, o povo respondeu **Barrabás** (21). Então Pilatos fez uma pergunta que assumiu proporções cósmicas em seu impulso evangelístico: **Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?** (22) Podemos recordar as palavras da canção: "O que você fará com Jesus? Neutro você não pode ficar". Nenhum ser humano pode permanecer neutro em relação a Jesus Cristo.

Esta passagem sugere três pontos. Pilatos: 1) foi confrontado por Cristo, 11; 2) ficou preocupado com Cristo, 17; 3) foi condenado por Cristo, 23. O texto principal está no versículo 22.

Como resposta à pergunta do governador, o povo gritou: **Seja crucificado!** Em seu poderoso romance, *Behold the Man,* Kagawa talvez tenha percebido bem o que estava acontecendo aqui. Ele retrata o ardiloso e idoso Anás, ex-sumo sacerdote (cf. Jo 18.13) agindo em desespero. "De um modo secreto, ele estava infiltrando os seus servos na multidão, através dos sacos de moedas que estavam distribuindo, sussurrando para os que estavam ali o que deveriam fazer."[35] O que eles estavam dizendo à multidão, naturalmente, era que deveriam pedir a libertação de Barrabás e a crucificação de Jesus.

c) *Jesus é Açoitado* (27.24-26). Pilatos finalmente cedeu aos pedidos da multidão. Ele podia ver que a multidão estava ficando descontrolada, que um **tumulto** (levante) estava surgindo. Não havia nada que um governador romano temesse mais do que um tumulto. Se Roma ficasse sabendo que ele tinha permitido que acontecesse uma revolta, a sua carreira pública estaria encerrada. Era melhor deixar que um prisioneiro sofresse um erro da justiça do que arriscar o seu próprio futuro. Assim, Pilatos, tomando água, lavou as mãos diante da multidão, dizendo: **Estou inocente do sangue deste justo; considerai isso (24).** De forma insana, a multidão respondeu: **O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos (25). O** horrível holocausto do ano **70** d.C. acrescenta uma trágica nota de rodapé a este epitáfio de uma nação.

Pilatos **soltou** Barrabás, mandou **açoitar** Jesus e **entregou-o para ser crucificado** (26). **O** açoite romano era um instrumento cruel -

um chicote pequeno com longas tiras que tinham peças agudas de metal ou ossos presos nas extremidades. O prisioneiro era forçado a se curvar, e o açoite caía com uma força terrível sobre as suas costas despidas. A pele esticada em breve estaria retalhada. Não era incomum que os homens morressem sob esse açoite. Parece ter sido um costume romano o de açoitar as vítimas antes da crucificação. Josefo menciona pelo menos dois casos como este.[36]

d) *Jesus é Escarnecido* (27.27-31). Os soldados do governador levaram Jesus à **audiência** - uma única palavra,*praitorion,* do latim*praetorium*. Essa palavra primeiramente se aplicava ao quartel-general em um acampamento militar romano, e posteriormente à residência oficial do governador de uma província. A localização do Pretório em Jerusalém é uma questão discutida. Alguns estudiosos julgam que era o palácio de Herodes, na parte sudoeste da cidade, perto da atual Porta Jaffa. Outros preferem a Torre de Antônia, o quartel romano na extremidade noroeste da área do Templo. Josefo parece favorável à última: ele menciona o governador estabelecendo o seu tribunal "no palácio".[37] Schurer diz: "Em ocasiões especiais, particularmente durante as principais festas judaicas, quando, devido às multidões que se espremiam em Jerusalém, uma vigilância particularmente cautelosa era necessária, o procurador ia a Jerusalém, saindo de Cesaréia, a sede do governo romano na Palestina, e residia ali, no lugar que havia sido o palácio de Herodes"[38]. Este ponto de vista tem o apoio de M'Neile,[39] de George Adam Smith,[40] de Sherman Johnson,[41] e talvez da maioria dos estudiosos da atualidade.

Os soldados reuniram toda a **coorte.** Normalmente isso consistia de uma décima parte de uma legião, aproximadamente seiscentos homens. Mas nem todos poderiam estar em serviço ao mesmo tempo. Esses soldados despiram Jesus e o cobriram com uma **capa escarlate** (28) - a capa exterior de um soldado romano. A seguir, eles teceram uma **coroa de espinhos,** que colocaram na sua cabeça, e na sua mão direita puseram uma **cana** (como se fosse um cetro). Fazendo reverências diante dele, o escarneciam, dizendo: **Salve, Rei dos judeus** (29). Cuspindo nele com desprezo, **tiraram-lhe a cana e**

batiam-lhe com ela na cabeça (30). Nunca alguém foi tratado com desdém mais cruel e mais imerecido. Depois que os soldados tinham zombado de Jesus até se cansarem do seu jogo cruel, tiraram-lhe a capa e o levaram para ser crucificado (31).

B. A **Morte e o Sepultamento,** 27.32-66

1. A *Crucificação* (27.32-50)

a) *As Horas da Manhã* (27.32-44). Quando os soldados deixaram o Pretório, eles obrigaram um homem **cireneu** (32) - do norte da África - a levar a cruz de Jesus. Jesus começou a caminhar levando a sua cruz, mas enfraquecido por tudo o que havia passado, Ele foi incapaz de carregá-la por muito tempo. Assim, os soldados forçaram uma pessoa que passava e colocaram a cruz sobre os seus ombros.

A palavra **Gólgota** (33) é uma transliteração da palavra aramaica que significa **caveira.** Ela é encontrada em Mateus, Marcos e João, mas não em Lucas. Os quatro Evangelhos têm a palavra grega *kranion,* que chegou aos idiomas inglês e português em sua forma latina, *cranium*. Em algumas versões é traduzida como "Calvário" em Lucas (23.33). Ela vem da Vulgata Latina, onde *calvaria* é a tradução normal para a palavra grega *kranion* (encontrada somente aqui e nas três passagens correspondentes nos outros Evangelhos - Mc 15.22; Lc 23.33; Jo 19.17). Apesar disso, a palavra "calvário" se tornou muito enraizada no nosso pensamento teológico e tem um lugar importante na nossa homilética e nos nossos hinos.

A localização do Gólgota é um assunto incerto e muito discutido. No entanto, de forma geral, hoje em dia os estudiosos estão de acordo em que não significa um "lugar de caveiras" - isto é, de execuções - mas sim um monte em forma de caveira. Os dois lugares propostos são a Igreja do Santo Sepulcro, dentro da Velha Jerusalém, e "o calvário de Gordon", do lado de fora da muralha norte da cidade, perto da Porta de Damasco. Embora os arqueólogos prefiram o primeiro lugar, o último fornece mais o "sentimento" da crucificação - e o Jardim do Sepulcro quase fornece o "sentimento" da ressurreição.

Tendo chegado ao lugar da execução, os soldados ofereceram a Jesus **vinho misturado com fel** para beber (34). A tradição diz que as mulheres de Jerusalém tinham o costume de oferecer esse narcótico anestesiante, movidas pela piedade aos prisioneiros que seriam crucificados. Mas quando Jesus o provou, ele **não quis beber.** Ele não queria que os seus sentidos se amortecessem, nem que a sua consciência diminuísse enquanto sofria pelos nossos pecados.

Finalmente, **eles o crucificaram** (35). As suas roupas foram repartidas entre os quatro soldados. O **lançando sortes** é explicado por João (19.23-24) como um ato específico em relação à túnica, que não tinha costura (*chiton*). Mateus novamente usa a sua fórmula favorita: **para que se cumprisse o que foi dito.** Desta vez, a citação pertence ao Salmo 22.18, o grande salmo messiânico da crucificação.

O versículo 36 é algumas vezes interpretado como uma evidência adicional da insensível crueldade dos soldados. Mas M'Neile provavelmente está mais próximo da verdade, quando escreve: "Isto não significa que eles estivessem tripudiando sobre o Sofredor; eles se sentaram e o vigiaram, como era costume, para evitar a possibilidade de uma fuga".[42]

Sobre a cabeça de Jesus havia uma tábua que exibia a sua **acusação** ("crime"; **37).** As palavras exatas são um pouco diferentes nos quatro Evangelhos. Marcos apresenta a forma mais curta: "O Rei dos Judeus", que é incorporada pelas outras três. Colocando-as todas juntas, obtemos: "Este é Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus".

Com Jesus estavam sendo crucificados dois **salteadores** (em grego, "ladrões"), **um, à direita, e outro, à esquerda** (38). E perfeitamente possível que eles fossem amotinados, como Barrabás. Se este foi o caso, é possível que Barrabás tivesse sido designado para morrer na cruz que estava no centro. Mas Jesus tomou o seu lugar - uma parábola acerca do fato de que Ele tomou o lugar de cada pecador na cruz.

Até mesmo os que passavam por ali zombavam de Jesus de uma

maneira impiedosa. Eles recordavam a acusação de que Ele tinha afirmado ter o poder para destruir e reconstruir o Templo. Se Ele era o **Filho de Deus** (40), por que não afirmava o seu divino poder e não descia da cruz? **Os príncipes dos sacerdotes, com os escribas, e anciãos** (que formavam o Sinédrio) também zombavam dele. Involuntariamente, proferiram uma verdade profunda: **Salvou os outros e a si mesmo não pode salvar-se** (42). Era exatamente isso. Se Ele tivesse salvado a sua própria vida, nós ainda estaríamos mortos no pecado. A crueldade desses homens pode ser vista em sua insinuação de que Deus Pai não queria Jesus (43). Naturalmente, a verdade é que o Pai tinha que voltar as costas para o seu Filho e deixar que Ele morresse sozinho. Isso era parte do preço da nossa redenção. Até mesmo os "ladrões" dos dois lados **lhe lançaram também em rosto** as mesmas palavras (44) - somente duas palavras em grego: "o censuraram".[43]

b) *As Horas da Tarde* (27.45-50). Os três Evangelhos Sinóticos mencionam a mudança que ocorreu na **hora sexta** (ao meio-dia), quando houve escuridão até a **hora nona** (45) - três horas da tarde. Isto aconteceu sobre toda a **terra.** A palavra grega é *ge,* que pode ser traduzida como "terra" ou "região". Se a segunda hipótese for a correta, ela pode se referir a toda a Palestina ou somente à Judéia. Provavelmente, a última interpretação é a melhor. Uma vez que a lua sempre é cheia na época da Páscoa, o que acontece no meio do mês lunar entre as luas novas, isto não podería ter sido um eclipse do sol. Tratava-se de uma escuridão sobrenatural ou devida a nuvens muito pesadas e escuras. De qualquer forma, o acontecimento foi um milagre.

Aproximadamente na **hora nona** - a hora da oferta dos sacrifícios do entardecer -Jesus exclamou em alta voz: **Eli, Eli, lemá sabactâni?** - palavras aramaicas que significam: **Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (46).** De que maneira Jesus tinha sido abandonado? M'Neile diz: "O grito foi uma expressão da sua agonia de corpo e alma, mas naquela agonia está envolvido o mistério da expiação".[41]

Alguns dos presentes pensaram que Jesus estivesse chamando o profeta Elias. Um deles ensopou uma esponja em vinagre e ofereceu a Ele, para saciar a sua insuportável sede (48). Mas os restantes procuraram contê-lo. E melhor esperar e ver se Elias virá salvá-lo (49). Mais uma vez Jesus clamou em voz alta, e então **entregou o espírito** (50) - ou "despediu o seu espírito". Jesus havia declarado que tinha poder para dar a sua vida e também para tornar a tomá-la (Jo 10.18).

2. *Outros Acontecimentos* (27.51-54)

Quando Jesus morreu, o **véu do templo** se rasgou em duas partes, de alto a baixo (51). Este era o véu interno, que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo. O significado espiritual desse acontecimento se afirma claramente em Hebreus 9.1-14; 10.19-22. Através do véu da carne rasgada de Cristo, o caminho para a presença de Deus estava agora aberto. Isto também pode ter sido uma indicação de que em breve o antigo santuário seria destruído (70 d.C.) No cristianismo podemos adorar a Deus a qualquer hora e em qualquer lugar. Também pode ter havido uma conexão entre este evento e a conversão de muitos sacerdotes (At 6.7).

O rasgar do véu está registrado nos três Evangelhos Sinóticos (cf. Mc 15.38; Lc 23.45), mas o tremor de terra e a ressurreição de alguns santos só estão registrados aqui (515-53). Se houve alguma relação entre o tremor de terra e o rasgar do véu, não se sabe; nada está afirmado aqui. Parecem ter sido duas específicas conseqüências sobrenaturais daquela morte que abalou a Terra. Tampouco sabemos o que aconteceu com os santos que ressuscitaram. Quaisquer sugestões a esse respeito seriam pura especulação.

Quando o **centurião** (oficial encarregado de cem homens) viu as coisas que tinham acontecido, ele se atemorizou e disse: **Verdadeiramente, este era o Filho de Deus** (54). Não há um artigo definido no texto grego aqui. Essa frase pode ser traduzida como "um filho de Deus" (RSV) ou talvez "Filho de Deus" (Berkeley). Mas uma coisa deve ser dita sobre a tradução "o Filho de Deus" aqui. E. C. Colwell discutiu longamente o uso ou a omissão do artigo

definido no texto grego do Novo Testamento.[45] Moule aparentemente concorda com ele.[46] A omissão do artigo definido não é uma evidência contrária à divindade de Jesus, ensinada tão claramente por todo o Novo Testamento. A omissão aqui apenas sugere que era improvável que um soldado romano pagão pudesse ter conhecimento suficiente para entender e afirmar a divindade de Jesus. Na narrativa de Lucas, o centurião diz: "Na verdade, este homem era justo".

3. As *Mulheres Presentes* (27.55-56)

Em um agudo contraste com as atitudes e os atos vis dos líderes judeus ao redor da cruz (41-43) estão as reações do centurião (54) e destas mulheres. Com amorosa devoção, elas tinham seguido o Mestre desde a Galiléia, **para o servir** (*diakonousai;* 55). Carr chama isso de "O início do ministério das mulheres - o diaconato feminino - na igreja cristã".[47] Os homens tinham fugido amedrontados (26.56). Foram as mulheres que ficaram diante da Cruz. Que consolo isto deve ter sido para Cristo!

Maria Madalena (56) é mencionada aqui pela primeira vez neste Evangelho. O seu nome indica que ela vinha de Magdala, na costa ocidental do mar da Galiléia. Jesus tinha expulsado sete demônios dela (Lc 8.2), e ela estava cheia de gratidão a Ele. A sua profunda devoção fez com que ela fosse a primeira a estar no seu sepulcro vazio na manhã da Páscoa, e a primeira a ver Jesus depois da sua ressurreição (Jo 20.1-18). Sabe-se muito pouco sobre a outra **Maria.... a mãe dos filhos de Zebedeu** provavelmente se chamava Salomé (cf. Mc 15.40).

4. O *Sepultamento* (27.57-61)

Vinda já a tarde (57) - o final da tarde, antes do pôr-do-sol, quando começaria o sábado sagrado - José de Arimatéia realizou o sepultamento do corpo de Jesus. Entre os judeus se considerava uma coisa horrível para o corpo de um amigo ou companheiro judeu permanecer sem ser sepultado. O Livro apócrifo de Tobias enfatiza fortemente este fato.

José aqui é chamado de **discípulo de Jesus.** Esta parece ser a primeira vez em que ele se apresenta abertamente a favor de Cristo. Foi preciso ter coragem para ir até Pilatos e pedir o corpo de Jesus. Mas José o fez, e o seu pedido foi atendido.

Não havia tempo para qualquer tratamento demorado do corpo. Ele simplesmente **envolveu-o num fino e limpo lençol, e o pôs no seu sepulcro novo, que havia aberto em rocha** (59-60). Ele rolou uma grande pedra para a porta do sepulcro e se foi. As duas Marias estavam vigiando atentamente o lugar onde o Senhor foi colocado (61).

5. *A Colocação da Guarda* (27.62-66)

Embora os quatro Evangelhos registrem o sepultamento de Jesus, somente o de Mateus fala da colocação da guarda. Isso aconteceu no **dia seguinte** (62), no sábado. **Os príncipes dos sacerdotes** (os saduceus) **e os fariseus** (representando o Sinédrio) vieram até Pilatos. Eles tinham ouvido falar da predição de Jesus, de que ressuscitaria no terceiro dia. Eles não queriam arriscar. Pediram que uma guarda fosse colocada diante do sepulcro, para que os discípulos não viessem e roubassem o corpo, e então afirmassem que Ele tinha ressuscitado. A última frase do versículo 64 é assim explicada por M'Neile: " 'O último erro' seria a crença na ressurreição de Jesus; o 'primeiro', a crença de que Ele era o Messias".[48]

Pilatos respondeu: **Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes** (65). O termo **guarda** aqui é *koustodian* ("custódia"). Talvez o verbo *ter* devesse ser tratado como um imperativo, ao invés de um indicativo (a mesma forma em grego, na segunda pessoa do plural). Lenski faz a seguinte tradução: "Usem a guarda!".[49] Provavelmente Pilatos estivesse irritado e tenha falado rispidamente. Estes homens o haviam encurralado e ele estava sem dúvida desgostoso pelos seus pedidos de favores adicionais. Mas ele evidentemente lhes deu um pequeno grupo de soldados para que montassem uma guarda oficial no sepulcro (66).

A RESSURREIÇÃO

Mateus 28.1-20

Mateus menciona duas aparições pós-ressurreição de Jesus. A primeira foi para as mulheres no dia em que Ele ressuscitou. A segunda foi para os onze apóstolos, em um monte da Galiléia. Marcos não fala de nenhuma aparição nos oito primeiros versículos do capítulo 16, mas nos últimos doze versículos menciona várias.[1] Lucas fala de três, além de fazer uma referência a uma quarta (a Simão Pedro). Ele descreve as aparições para os dois discípulos na estrada para Emaús, o encontro no cenáculo em Jerusalém no primeiro domingo à noite, e a aparição final, na Ascensão. João menciona a primeira aparição - para Maria Madalena -, as visitas aos discípulos nos dois primeiros domingos após a ressurreição, em Jerusalém, e a aparição no lago da Galiléia (um total de quatro).

A. O **Dia da Ressurreição,** 28.1-15

1. *As Mulheres no Sepulcro* (28.1-10)

No fim do sábado (1) significa "depois do sábado".[1] **Quando já despontava o primeiro dia da semana** demonstra que já era a manhã de domingo. **Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.** E provável que esta seja a mesma visita descrita em João 20.1, onde somente Maria Madalena é mencionada. As duas mulheres foram contar a novidade para os discípulos (Pedro e João, no quarto Evangelho) e talvez a outra Maria não tenha voltado para o sepulcro até mais tarde, depois que Maria Madalena já tinha visto o Senhor ressuscitado.

Somente Mateus fala do **terremoto,** quando um anjo veio e **removeu a pedra** (2), e somente ele descreve a aparência do anjo (3) e o medo dos **guardas,** ou "guardiões" (4).

As palavras do anjo (5-7) são bastante semelhantes nos textos de Mateus e de Marcos (16.6-7). Em ambos, as mulheres recebem a

ordem de ir dizer aos discípulos que Jesus se encontrará com eles na Galiléia (7). Ambos mencionam a mescla de sentimentos das mulheres, quando saíram do sepulcro vazio (8).

Somente Mateus relata a aparição de Jesus a essas mulheres, quando elas estavam indo contar a novidade aos discípulos (9). Ele as saudou com as palavras: **Eu vos saúdo.** Em grego, esta é uma única palavra, *chairete,* que literalmente significa "alegrem-se, fiquem contentes". Lenski diz: "O verbo *chairein* é usado para expressar todas as formas de saudação, e normalmente transmite um desejo de felicidade e de bem-estar".[1] [2] Para esta passagem, Arndt e Gingrich sugerem "bom dia".[3] As duas mulheres caíram aos seus pés e **o adoraram** como o seu Senhor ressuscitado e vivo.

Como o anjo tinha dito às mulheres que não tivessem medo (5), assim também Jesus lhes disse: **Não temais (10).** Isto significa literalmente: "Parem de ter medo!" Então Ele repetiu as instruções do anjo, de que elas deveriam dizer aos discípulos que fossem para o norte, para a Galiléia, onde os encontraria. Mas tudo indica que permaneceram em Jerusalém durante uma semana, antes de partirem para a Galiléia (cf. Jo **20.28).**

Sob o título "A mensagem do Sepulcro Vazio", podemos considerar: 1) o mistério do sepulcro vazio - **Ele não está aqui;** 2) o milagre do sepulcro vazio - **Ele ressuscitou;** 3) o significado do sepulcro vazio - *a)* um sacrifício aceito, Rm 4.25; *b*) uma presença permanente, Jo 20.16; *c)* um julgamento marcado, At 17.31.

B. A **Grande Comissão,** 28.16-20

Obedecendo à ordem de Cristo, **os onze discípulos** seguiram para o norte, para a Galiléia, até o **monte** onde Jesus iria encontrá-los (16). Em nenhum ponto se menciona qual era esse monte. Quando eles viram Jesus, **o adoraram; mas alguns duvidaram** (17). Isto parece implicar que havia um grupo maior do que onze pessoas, e essa pode ter sido a mesma reunião em que o Cristo ressuscitado foi visto por "mais de quinhentos irmãos" ao mesmo tempo (1 Co 15.6).

A Grande Comissão é dada nos versículos 18-20. Blair a chama de "a passagem-chave deste Evangelho", e acrescenta: "Aqui se compreendem muitas das ênfases do livro".[5] Ele menciona a totalidade do poder de Jesus, "o seu caráter derivativo", a ordem de evangelizar o mundo todo, a natureza do discipulado, e a certeza da presença de Jesus".[6]

Poder (18) é *exousia,* ou seja, "autoridade". **Ensinai** no versículo 19 significa "fazer discípulos" - uma palavra que tem o sentido completamente diferente de **ensinar** no versículo 20. **Todos os dias** (20) significa literalmente que não importa quais sejam os dias que possamos ter - bons ou maus, alegres ou tristes - Jesus prometeu que Ele estaria conosco "todos os dias" - **até à consumação** da "era" (*aion*). Blair acertadamen-te observa: "A afirmação nos lábios de Jesus no final do Evangelho - 'E-me dado todo o poder no céu e na terra' - simplesmente abarca o impulso da história toda".[7]

Notas

INTRODUÇÃO

[1] Theodor Zahn, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 reimpressão), II, 556.

[2] Eusébio, *Ecclesiastical History,* trad. por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955 reimpressão.), III. 39 (p. 127).

[3] Alfred Wikenhauser, *New Testament Introduction,* trad. por Josepb Cunningham (Nova Iorque: Herder and Herder, 1958), p. 181.

[4] Eusébio, *op. cit.*, V. 8 (p. 187).

[5] *Ibid.,* VI. 25 (p. 245).

[3] *Ibid.,* III. 24 (p. 108).

[7] ***Op. cit.,*** **p. 195.**

[8] **R. V. G. Tasker,** ***The Gospel According to St. Matthew*** **("Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 15.**

[9] ***Ibid.,*** **p. 14.**

[10] **Edgar J. Goodspeed,** ***Matthew, Apostle and Evangelist*** **(Filadélfia: John C. Winston Co., 1959), p. 77-98. O título do livro indica a sua tese.**

[11] **B. H. Streeter,** ***The Four Gospels*** **(ed. rev.; Londres: Macmillan and Co., 1930), p. 523-24.**

[12] ***Ibid.,*** **pp. 500-507.**

[13] **D. A. Hayes,** ***The Synoptic Gospels and the Book ofActs*** **(Nova Iorque: Methodist Book Concern, 1919), p. 90.**

[14] ***Op. cit.,*** **p. 150. Veja também G. D. Kilpatrick,** ***The Origins ofthe Gospel According to St. Matthew*** **(Oxford: Clarendon Press, 1946), p. 9.**

[15] ***Op. cit.,*** **p. 14.**

[16] ***Op. cit.,*** **p. 44.**

SEÇAOI

[4] **Vincent Taylor,** ***The Names of Jesus*** **(Londres: Macmillan & Co., 1953), p. 24.**

[2] **G. Abbott-Smith,** ***A Manual Greek Lexicon of the New Testament*** **(2® ed; Edinburgh: T. & T. Clark, 1923), p. 90.**

[3] ***A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*** **(Chicago:**

University of Chicago Press, 1957), p. 154.

[4] **Theodor Zahn,** ***Introduction to the New Testament*** **(Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 reimpressão), II, 532.**

[5] **Alan H. M'Neile,** ***The Gospel According to St. Matthew*** **(Londres: Macmillan & Co., 1915), p. 4.**

[6] **R. V. G. Tasker,** ***The Gospel According to St. Matthew*** **("The Tyndale New Testament Commentaries"; Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961), p. 31-32.**

[7] **James Morison,** ***A Practical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*** **(Londres: Hodder and Stoughton, 1899), p. 7-8.**

[8] **Alfred Plummer,** ***An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*** **(Londres: Elliot Stock, 1909), p. 4.**

[9] **Abbott-Smith,** ***op. cit.,*** **p. 295.**

[10] ***Op. cit.,*** **p. 527.**

[11] **Alfred Edersheim,** ***The Life and Times of Jesus the Messiah*** **(8ª ed., Nova Iorque: Longmans, Green, and Co., 1903), 1,150.**

[12] ***Op. cit.,*** **p. 7.**

[13] **Op.** ***cit.,*** **p. 5.**

[14] ***Op. cit.,*** **p. 9.**

[15] **O método atual de datar os acontecimentos d.C. (depois de Cristo, em latim A.** ***D.,*** **ou seja,** ***Anno Domini,*** **"no ano de nosso Senhor") foi introduzido por Dionísio, o Pequeno, em aproximadamente 530 d.C., e tornou-se de uso geral durante o reinado de Carlos Magno (768-814). Dionísio definiu o nascimento de Jesus em 25**

de dezembro de 754 A.U.C. (*Anno urbis conditate*: "no ano da fundação da cidade de Roma"). Mas Edersheim calculou que Cristo nasceu em 749 A.U.C. (correspondendo a 5 a.C. no calendário de Dionísio), e os estudiosos concordam que o cálculo de Edersheim está substancialmente correto. Desta forma, o erro de Dionísio é o responsável pela fixação da data do nascimento de Jesus entre 6 e 4 a.C. (Edersheim, *op. cit.,* 1,187, 212-13).

[16] Homer A. Kent, Jr., "Matthew", *Wycliffe Bible Commentary,* ed. Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 932.

[17] *Ibid.*

"Basil F. C. Atkinson, "Gospel According to Matthew", *New Bible Commentary* (2® ed., Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), p. 775.

[19] F. W. Beare, *The Earliest Records of Jesus* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1962), p. 31.

™ *Ibid.,* p. 32.

[21] Floyd V. Filson, *A Commentary on the Gospel According to St. Matthew* ("Harperis New Testament Commentaries"; Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960), p. 58.

[22] Plummer, *op. cit.,* p. 14.

[23] *Ibid.,* p. 13-14.

[24] William Barclay, *The Gospel of Matthew,* I (2® ed.; "The Daily Study Bible"; Filadélfia: Westminster Press, 1958), pp. 22-24.

[m] *Ibid.,* p. 24.

[26] John M. Gibson, *The Gospel ofSt. Matthew* ("The Expositor's Bible"; Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, s.d.), p. 20.

[27] *Op. cit.,* p. 17.

[28] Frederick C. Grant, "Matthew", *Nelson's Bible Commentary* (Nova Iorque^ Thomas Nelson &

Sons, 1962), VI, 32.

[29] Josefo, *Antiquities* XVII, 6. 5.

[30] *Ibid.*, XVII, 9. 3; *War,* II, 6. 2.

[31] F. W. Green, *The Gospel According to Saint Matthew* ("The Clarendon Bible"; Oxford: Clarendon Press, 1936), p. 112-13.

[32] *Op. cit.,* p. 25.

[33] *Ibid.* (itálico omitido).

[34] H. A. W. Meyer, *Criticai and Exegetical Handbook to the Gospel ofMatthew* (Nova Iorque: Funk

and Wagnalls, 1884), p. 70.

[35] John Peter Lange, "Matthew", *Commentary on the Holy Scriptures,* ed. J. P. Lange (Grand

Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 64.

[36] E. H. Plumptre, "Matthew", *Commentary on the Whole Bible,* ed. C. J. Ellicott (Grand Rapids:

Zondervan Publishing House, s.d.), p. 9.

[37] G. H. Box, "Nazarene", *Dictionary ofChrist and the Gospels,* ed. James Hastings (Nova Iorque:

Charles Scribner's Sons, 1908), II, 236.

[38] Abbott-Smith, *op. cit.*, p. 246.

[39] "Wilderness", *Interpreters Dictionary ofthe Bible,* ed. George A. Buttrick *et al.* (Nova Iorque:

Abingdon Press, 1962), IV, 844.

[40] "Wilderness, Desert", *Dictionary ofthe Bible,* ed. James Hastings (ed. rev.; Nova Iorque: Charles

Scribner's Sons, 1963), p. 1037.

[41] F. F. Bruce, *Second Thoughts on the Dead Sea Scrolls* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956), p. 129.

[42] *Ibid.,p.* 130.

[43] W. L. Chamberlain, *The Meaning ofRepentance* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943), p. 22.

[44] Theodore H. Robinson, *The Gospel ofMatthew* ("Moffatfs New Testament Commentary"; Nova Iorque: Harper and Brothers, 1927 prefácio), p. 14.

[45] Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon ofthe New Testament* (Nova Iorque: American Book Company, 1889), p. 406.

[46] Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew and Mark* (Grand Rapids: Baker Book House, 1949), p. 22.

[47] A. B. Bruce, "The Synoptic Gospels", *Expositor's Greek Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.), 1,80.

[48] *Op. cit.,* p. 134. [49] *Ibid.*

[50] *Ibid.*

[51] *Op. cit.,* p. 29.

[52] George E. Ladd, *The Gospel ofthe Kingdom* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), p. 19.

[53] Gosta Lundstrom, *The Kingdom of God in the Teaching of Jesus,* trad. por Joan Bulman (Richmond, Va.: John Knox Press, 1963), p. 238.

[54] Halford E. Luccock, "The Gospel According to Mark" (Exposição), *The Interpreter's Bible,* ed. George A. Buttrick *et al.,* VII (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951), 649.

[55] *The Biblical Illustrator: St. Mark,* ed. Joseph S. Exell (Grand Rapids: Baker Book House reimpressão), p. 8.

[56] *Antiquities* XVIII, 5. 2.

[57] Matthew Black, "Pharisees", IDB, III, 776.

[58] *Antiquities* XVII, 2. 4.

[59] A. C. Sundberg, "Sadducees", IDB, IV, 160.

[60] *Antiquities* XIII, 10. 6.

[61] *Veja Antiquities* XVIII, 1. 3-4.

[62] Veja os comentários sobre Atos 23.8.

[63] Trinta vezes em Mateus, doze em Marcos, vinte e oito em Lucas, vinte em João, nove em Atos e uma vez em Filipenses (3.5).

[64] Sete vezes em Mateus, uma vez em Marcos, uma vez em Lucas, cinco vezes em Atos.

[66] *Ant.,* XVIII, 1. 4.

[66] *Op. cit.,* p. 34.

[67] George Adam Smith, *Historical Geography of the Holy Land* (20- ed.; Londres: Hodder & Stoughton, s.d.), p. 317.

[68] Pode tratar-se de um jogo de palavras em hebraico, entre "filhos" (*banirn) e* "pedras" (*ebhanim*).

[69] Abbott-Smith (p. 383) dá "junto a" como um significado de *pros* com o acusativo.

[70] **Sherman Johnson, "Matthew" (Exegese), IB, VII, 265.**

[71] **Henry Alford, *The Greek Testament,* rev. Everett Harrison (Chicago: Moody Press, 1958), I, 23.**

[72] ***Ibid.***

[73] **Philip A. Micklem, *St. Matthew* ("Westminster Commentaries"; Londres: Methuen & Co., 1917), p. 15-16.**

[74] **David Brown, "Matthew-John", *A Commentary... on the Old and new Testaments,* de Robert Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948, reimpressão), V, 12.**

[76] ***Ibid.***

[76] **G. Campbell Morgan, *The Gospel According to Matthew* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1929), p. 23.**

[77] **J. C. Ryle, *Expository Thoughts on the Gospels: Matthew-Mark* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 19-20.**

[78] **A. E. Airhart, "The Baptism with the Holy Spirit", *Preacher's Magazine,* XXXVIII (Maio de 1963), 14.**

[79] **Madeleine S. Miller e J. Lane Miller, *Encyclopedia ofBible Life* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1944), p. 19.**

[80] ***The Crises ofthe Christ* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1903), p. 120.**

[81] **Suzanne de Dietrich, "The Gospel According to Matthew", trad. por Donald G. Miller, *The Laymen's Bible Commentary,* XVI (Richmond, Va.: John Knox Press, 1961), 23.**

[82] **M. F. Sadler, *The Gospel According to St. Matthew* (3ª ed., Nova Iorque: James Pott & Co.,**

1887), p. 35.

[83] **Charles R. Erdman, *The Gospel of Matthew* (Filadélfia: Westminster Press, 1920), p. 37.**

[84] ***Op. cit.,* p. 87.**

[86] ***Op. cit.,* p. 77.**

[86] **G. A. McLaughlin, *Commentary on the Gospel According to Saint Matthew* (Chicago: Christian Witness Co., 1909), p. 40.**

87 *Ibid.*

[88] **John A. Broadus, *Commentary on the Gospel ofMatthew* ("An American Commentary on the New Testament"; Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1886), p. 62.**

[89] **Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 351.**

[90] ***Op. cit.,* p. 646.**

[91] ***Op. cit.,* p. 37.**

[92] **Ou, "Como você é o Filho de Deus".**

[93] **Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture,* "St. Matthew" (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 reimpressão), p. 78.**

[94] ***Crises ofthe Christ,* p. 168.**

95 ***Ibid.,* p. 175.**

[96] **"Matthew" (Exposição), IB, VII, 277.**

[97] **K. Stendahl, "Matthew", *Peake's Commentary on the Bible,* ed. Matthew Black e H. H. Rowley (Londres: Thomas Nelson and Sons, 1962), p. 774.**

O Suborno dos Guardas (28.11-15)

2

Como Mateus é o único que fala da colocação da guarda (27.62-66), é natural que ele seja o único a mencionar os guardas no versículo 4, e a relatar este incidente.

3

Depois que as duas mulheres deixaram o sepulcro, alguns **da guarda** ("os que vigiavam") foram à cidade para contar aos **príncipes dos sacerdotes** sobre o anjo, o terremoto e o fato de que o corpo de Jesus tinha desaparecido (11). Os príncipes dos sacerdotes convocaram os **anciãos** (12) para uma rápida reunião no Sinédrio, a fim de deliberar o que iriam fazer. A decisão foi a de dar **muito dinheiro** ("muitas moedas de prata") aos soldados, instruindo-os a dizer que os discípulos de Cristo haviam roubado o seu corpo durante a noite, enquanto os soldados estavam dormindo (13). Já que se uma sentinela dormisse no seu posto estaria cometendo um crime e seria punida com a morte, os príncipes dos sacerdotes prometeram que, se o governador descobrisse, **nós o persuadiremos e vos poremos em segurança** (14). Carr cita exemplos para mostrar que ambos os verbos tinham um uso técnico naquela época, significando "persuadir (por meio de suborno)", e a expressão **vos poremos em segurança** está relacionada ao "suborno judicial". Este é um triste comentário sobre a moral daqueles dias.

O objetivo de Mateus ao inserir este parágrafo foi obviamente neutralizar a falsa história sobre o roubo do corpo de Jesus. A história foi divulgada **entre os judeus, até ao dia de hoje (15)** - isto é, a época em que este Evangelho foi escrito.

SEÇAOII

[1] Martin H. Franzmann, *Follow Me: Discipleship According to Saint Matthew* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1961), p. 34.

[2] *Ibid.*

[3] *Ibid.*

[4] Harvey McArthur, *Understanding the Sermon on the Mount* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960) , c. 4.

[5] *Ibid.,* p. 106.

[6] *Ibid.,* p. 105.

[7] *Ibid.,* c. 5.

[8] R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Matthew's Gospel* (Columbus, O.: Wartburg Press, 1943), p. 183.

[9] John Wick Bowman e Roland W. Tapp, *The Gospel from the Mount* (Filadélfia: Westminster Press, 1957), p. 29.

[10] Archibald M. Hunter, A *Pattern for Life* (Filadélfia: Westminster Press, s.d. Edição Britânica, 1953), p. 30.

[11] *Op. cit.,* p. 487.

[12] William Fitch, *The Beatitudes of Jesus* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961) , p. 24.

[13] *Ibid.*

[14] Martin Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount,* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959) p. 58.

[15] Richard C. Trench, *Synonyms ofthe New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947, reimpressão), p. 152.

[16] *Ibid.*

[17] *Op. cit.,* p. 49.

[18] *Ibid.,* p. 66.

[19] *Op. cit.,* p. 27.

[20] *Ibid.,* pp. 35-36.

[21] *Op. cit.,* p. 72.

[22] D. D. Whedon, *Commentary on the Gospels: Matthew-Mark* (Nova Iorque: Hunt & Eaton, 1860), p. 73.

[23] *Op. cit.,* p. 50.

[24] *Op. cit.,* p. 42.

[25] *Op. cit.,* pp. 124-25.

[26] *Op. cit.,* I, 207.

[27] Por alguma razão desconhecida, os tradutores da versão KJV em inglês mudaram estas palavras para "havia sido dito" nos versículos 31, 33, 38 e 43. O termo grego é exatamente o mesmo em todos os casos - *errethe,* "foi dito".

28 Edward P. Blair, *Jesus in the Gospel ofMatthew* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1960), p. 46.

[29] Vincent Taylor, *The Person ofChrist in New Testament Teaching* (Londres: Macmillan & Co., 1958), p. 166.

[30] A expressão "Sem motivo", que consta em algumas versões, não consta nos dois manuscritos gregos mais antigos, e pode ser omitida.

[31] A. Carr, *The Gospel According to St. Matthew* ("Cambridge Greek Testament"; Cambridge: University Press, 1886), p. 120.

[32] *Op. cit.,* p. 741.

[33] J. B. Lightfoot, *Notes on the Epistles ofSt. Paul* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 reimpressão.), p. 288.

[34] William F. Beck, *The New Testament in the Language of Today* (St. Louis: Concordia Publishing House, 1963), p. 8.

[35] James Hope Moulton e George Milligan, *The Vocabulary of the Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), p. 576.

[36] John Albert Bengel, *Gnomon ofthe New Testament,* 5 vols. (Edinburgh: T. & T. Clark, 1860), 1,180.

[37] O termo grego para "capa" significa uma roupa que vai por baixo de outra, enquanto que "man to" significa uma roupa externa. Os equivalentes modernos seriam "camisa" e "casaco".

[38] Harvie Branscomb, *The Teachings of Jesus* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1931), p. 186.

[39] Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible* (Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., s.d.), V, 66.

[40] *Op. cit.,* p. 91.

[41] John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941

reimpressão), p. 35.

[42] **Emil G. Kraeling, *The Clarified New Testament* (Nova Iorque: McGraw-Hill Book Co., 1962), 1,133.**

[43] **Nesta tradução do Novo Testamento, pubücada em 1775, ele fez 12.000 mudanças a partir da**

versão KJV. Em mais de 6.500 delas, o *Novo Testamento* de John Wesley concorda com a Revised Standard Version (1946) contra a King James Version (1611). Cerca de 430 destas indicam que ele estava usando um texto grego melhor do que o chamado Textus Receptus, no qual a King James Version foi baseada.

[44] **Adolf Deissman, *Bible Studies,* trad. por A. Grieve (Edinburgh: T. & T. Clark, 1901), p. 229,**

escreve: "As palavras *eles têm o seu galardão* (ou *já receberam o seu galardão)* no Sermão do Monte, quando consideradas à luz do acima citado - os papiros -, adquirem um significado irônico mais pungente - *eles podem assinar o recibo de seu galardão:* o direito de receberem o seu galardão está cumprido, precisamente como se já tivessem dado um recibo por ele".

[45] ***Op. cit.,* p. 21.**

[46] **Matthew Black, *An Aramaic Approach to the Gospels andActs* (2ª ed.; Oxford: Clarendon Press,**

1954), p. 102, mostra que a mesma palavra aramaica significa "dívida" e "pecado". Ele diz: "O pecado foi considerado em termos de uma dívida". Isto é, algo é devido a Deus.

[47] ***Op. cit,* p. 92.**

[48] **Arthur W. Pink, *An Exposition of the Sermon on the Mount* (Grand Rapids: Baker Book House,**

1951), p. 173.

[49] **Veja Matthew Black, *The Scrolls and Christian Origins* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons,**

1961), pp. 154-56.

[50] ***Op. cit.,* p. 100.**

[51] ***Op. cit.,* p. 199.**

[52] ***Op. cit,* p, 253.**

[53] George A. Buttrick, "Matthew" (Exposição), IB, VII, 325.

[54] *Op. cit.,* p. 143.

[55] *Studies on the Sermon on the Mount* (Cincinnati: God's Revivalist Press, 1915), p. 84.

[56] E. Stanley Jones, *The Christ of the Mount* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1931), p. 250.

[57] A. Marcus Ward, *The Gospel According to St. Matthew* ("Epworth Preacher's Commentaries"; Londres: Epworth Press, 1961), p. 50.

SEÇÃO III

[1] C. S. Lewis, *Miracles* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1947), p. 15.

[2] *Ibid.,* p. 131.

[3] Lucas a apresenta em uma ligação com outro fato (Lc 13.28-29).

[4] *Op. cit.,* p. 121.

[5] *Ibid.,* p. 122.

[6] *Op. cit.,* p. 112.

[7] *The Names of Jesus,* p. 25.

[8] William Manson, *Jesus the Messiah* (Filadélfia: Westminster Press, 1946), p. 141.

[9] Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (ed. rev.; Nova Iorque: Macmillan Co., 1959), pp. 48-49.

[10] *Notes on the Miracles,* pp. 133-34.

[11] J. R. Dummelow (ed.), A *Commentary on the Holy Bible* (Londres: Macmillan and Co., 1909), p. 656.

[12] Henry Offermann, "The Gospel According to Matthew", *New Testament Commentary,* ed. H. C.

Alleman (ed. rev.; Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944), p. 183.

[13] ***Op. cit.,*** **p. 49.**

[14] **B. J. Bamberger, "Tax Collector", IDB, IV, 522.**

[15] **Veja Marcos 5:21-43; Lucas 8:40-56.**

[16] **"Chefe" é identificado em Marcos e em Lucas (8.41) como sendo um príncipe ou principal da sinagoga, encarregado dos serviços da sinagoga.**

[17] ***Op. cit.,*** **p. 123.**

[15] **Abbott-Smith,** ***op. cit.,*** **p. 148.**

SEÇAOIV

[1] **Thayer,** ***op. cit.,*** **p. 387.**

[2] **Abbott-Smith,** ***op. cit.*****, p. 414.**

A. F. Walls, "Apostle", ***New Bible Dictionary,*** **ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), p. 48.**

[4] MATEUS	MARCOS	LUCAS	ATOS
Pedro	***Pedro***	***Pedro***	***Pedro***
André	Tiago	André	João
Tiago	João	Tiago	Tiago
João	André	João	André

Filipe	***Filipe***	***Filipe***	***Filipe***
Bartolomeu	**Bartolomeu**	**Bartolomeu**	**Tomé**
Tomé	**Mateus**	**Mateus**	**Bartolomeu**
Mateus	**Tomé**	**Tomé**	**Mateus**
Tiago	***Tiago***	***Tiago***	***Tiago***
(de Alfeu)	**(de Alfeu)**	**(de Alfeu)**	**(de Alfeu)**
Tadeu	**Tadeu**	**Simão (*)**	**Simão**
		(o cananeu)	**(o cananeu)**
Simão (*)	**Simão**	**Judas**	**Judas**
(o cananeu)	**(o cananeu)**	**(de Tiago)**	**(de Tiago)**
Judas Iscariotes	**Judas Iscariotes**	**Judas Iscariotes**	

(*) Simão, "o cananeu", também pode ser identificado como Simão, "o zelote".

[5] W. C. Allen, *A Criticai and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew*

("International Criticai Commentary"; Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907), p. 35.

[6] ***Op. cit.,*** **p. 106.**

[7] *Ibid.,* **p. 107.**

[8] **Cf. Josefo** *War* **IV. 3. 9. Veja também W. R. Farmer,** *Maccabees, Zealots and Josephus* **(Nova**

Iorque: Columbia University Press, 1956), p. 124, n. 86, onde o autor indica que o sentido mais geral de "zelote" é "nacionalista extremista".

[9] **Veja também Mc 6.8-11; Lc 9.2-5.**

[10] *The New Testament ofOur Lord and Saviour Jesus Christ* **(Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury**

Press, s.d.), 1,118.

[11] **Rudolf Stier,** *The Words ofthe Lord Jesus* **(Nova Iorque: N. Tibbals, 1864), I, 170.**

[12] **EGT, 1,160.**

[13] **AdolfDeissmann, LigAí/rom** ***the AncientEast,*** **trad. por L. R. M. Strachan (Nova Iorque: George**

H. Doran Co., 1927), p. 109.

[u] ***Ibid.***

[15] ***Op. cit.,*** **p. 108.**

[16] **A forma Beelzebub vem do latim. Os manuscritos gregos apresentam Beelzeboul ou Beezeboul.**

[17] **T. H. Gaster, "Beelzebul", IDB, I, 374.**

[18] **J. Newton Davies, "Matthew",** ***Abingdon Bible Commentary,*** **ed. F. C. Eiselen,** ***et al.*** **(Nova Iorque:**

Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 972.

[19] **Notáveis exceções desse ponto de vista são A. B. Bruce (EGT) e Carr (CGT). O último julga que**

esta referência pode ser a Deus ou a Satanás. Allen (ICC) diz que esta referência é a Deus. Sherman Johnson (IB) diz: "Provavelmente a Deus".

[20] *Op. cit.,* p. 108.

[21] E também está registrado em Mc 8.35; Lc 9.34; 17.33; Jo 12.25.

[22] *Op. cit.,* p. 134.

[23] *Op. cit.,* p. 972.

[24] P. P. Levertoff e H. L. Goudge, "The Gospel According to St. Matthew", *A New Commentary on Holy Scripture,* ed. Charles Gore, H. L. Goudge e Alfred Guillaume (Nova Iorque: Macmillan Co, 1928), p. 153 (NT).

[25] *Op. cit,* I, 417.

SEÇÃO V

[1] *Op. cit.,* p. 427.

[2] EGT, I, 172.

[3] O adjetivo está no grau comparativo, *mikroteros.* Mas no grego *coinê* o comparativo era freqüentemente usado como superlativo. Este é o uso comum no Novo Testamento.

[4] Oscar Cullmann, "Significance of Qumran Texts", *Journal of Biblical Literature,* LXXIV (1955), 219.

[5] EGT, 1,172.

[6] *Op. cit.,* p. 101.

[7] A opinião alternativa, de que o Reino sofre violência dos seus inimigos, não se encaixa tão bem aqui.

[8] *Op. cit.,* p. 437.

[9] *Ibid.*

[10] *Op. cit.,* p. 113.

[11] G. E. P. Cox, "The Gospel According to St. Matthew", *The Twentieth Century Bible Commentary,* ed. G. H. Davies, *et al.* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1955), p. 393.

[12] *Op. cit.,* p. 276.

[13] *Ibid.,* p. 767.

"Ibid., p. 796.

[15] *Op. cit.,* p. 174.

[16] Op. *cit.,* p.37.

[17] Literalmente, "pães do anúncio". O nome hebraico era "pão da presença". Doze pães frescos

eram colocados na mesa dourada no Lugar Santo todos os sábados, para simbolizar a presença de Deus no meio do seu povo, as doze tribos de Israel.

[18] O melhor texto grego tem a forma neutra do adjetivo ao invés do masculino ("algo maior", KJV).

"O neutro dá a idéia de grandeza indefinida" (Carr, *op. cit.,* p. 178).

"Para mais comentários sobre este episódio, veja Mc 2.23-28; também Lc 6.1-5.

[20] Op. *cit,* pp. 220-21.

[21] Op. *cit.,* p. 171.

[22] Arndt e Gingrich (p. 785) explicam que se trata de um latinismo, que significa "fazer um plano,

decidir, consultar, tramar".

[23] Op. *cit.,* p. 179.

[24]Op. *cit.,* p. 202.

[25]Op. *cit.,* p. 179.

[26]Op. *cit.,* p. 127.

[27] Sobre isto paira uma estranha história. A primeira edição da Versão King James (1611) omitiu, corretamente, o advérbio "não". Assim também fizeram quatro edições posteriores. Então o "não" começou a ser introduzido em algumas edições, e finalmente se estabeleceu em 1769. Veja Morison, op. *cit,* pp. 204-5.

[28]Para a forma apropriada desta palavra, veja as notas sobre 10.25.

[29] Arndt e Gingrich, op. *cit.,* p. 108. [m]*Ibid,,* p. 761.

[31] Op. dá, p. 64.

[32]Op. *cit.,* p. 211 (itálicos removidos).

[33]/6id, p. 212.

[M]*Ibid.*

[35]Op. *cit.,* p. 104.

[36]Carr, op. *cit.,* p. 183.

[37] William Neil, *Harper's Bible Commentary* (Nova Iorque: Harper & Row, 1962), p. 342.

[38] Op. *cit.,* p. 247.

SEÇÃO VI

[l]*Op. cit.,* p. 617.

[2]C. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Londres: Nisbet & Co., 1936), p. 16.

[3]George A. Buttrick, *The Parables of Jesus* (Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928), p. xiii.

[4] Crisóstomo, "Homilies on the Gospel of Saint Matthew", *A Select Library ofthe Nicene and Post-Nicene Fathers ofthe Christian Church,* ed. Philip Schaff(Nova Iorque: Christian Literature Co., 1888), X, 292.

[5]Op. *cit.,* p. 186.

[e]*Ibid.*

7 Veja também Marcos 4.1-9; Lucas 8.4-8.

[8]Op. *cit.,* pp. 186-87.

[9]0p. *cit.,* pp. 191-92.

"James Hope Moulton, *A Grammar ofNew Testament Greek:* Vol. III, "Sintaxe", de Nigel Turner (Edinburgo: T. & T. Clark, 1963), p. 102.

[11]IB, VII, 697.

[12] Joachim Jeremias, *The Parables of Jesus,* trad. por S. H. Hooke (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1955), p. 156.

[13] A. M. Hunter, *Interpreting the Parables of Jesus* (Naperville, 111.: SCM Book Club, 1960), p. 46. [14]Carr, *op. cit.,* p. 192.

[15] Notavelmente, "Isaías o profeta" é a leitura do Códex Sinaíticus (século IV) e de alguns bons manuscritos. Não é impossível que o salmista tenha citado um discurso de Isaías, uma expressão oral. Esta também pode ser uma variação por parte do escriba do Códex Sinaíticus.

SEÇÃO VII

'Veja também Mc 6.14-29; Lc 3.19-20; 9.7-9.

[2] A palavra grega não é *douloi,* uma palavra comum que significa "escravos", mas *paides,* que foi traduzida como "filhos" em 2.16, em algumas versões. Aqui ela se refere aos "servidores da corte" de Herodes (M'Neile, *op. cit.,* p. 208).

***[3]Ant.* XVIII. 5.1.**

[4]Op. *cit.* p. 197.

[5]Op. *cit.,* p. 892.

[6]Registrado também em Mc 6.45-56 e em Jo 6.15-21, mas não em Lucas.

[7] *Op. cit.* p. 51. [8]*Ibid.,* p. 606.

[9]Op. *cit.,* p. 200.

[10] Arndt e Gingrich, *op. cit.,* p. 448.

***[11]* *Op. cit.* p. 220.**

[12]Carr, *op. cit.,* p. 201.

[13] *War* III. 10.8.

***[14]Op. cit.,* p. 202. ■**

[18]lbid.

***[K]Op. cit.,* p. 222.**

[17] A lei não tinha nenhum requisito quanto a este ponto.

[18]Op *cit.,* p. 203.

[19]Op. *cit.,* p. 223.

[20]Montefiore, *The Synoptic Gospels,* 1,169.

[21] Op. *cit.,* p. 205.

[22] Op. *cit.,* p. 267.

t

[23] Leslie Weatherhead, *It Happened in Palestine* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1936), pp. 198-202.

[24] *Op. cit.,* p.202.

[25] A citação completa nestes dois versículos (depois de "eles") foi omitida nos dois manuscritos gregos mais antigos, e colocada entre parêntesis em Nestle, Westcott e Hort, entretanto foram mantidas na versão RSV em inglês. Não temos certeza se esta é uma parte autêntica.

[26] A sua autenticidade também é discutida (veja a nota anterior).

[27] Op. *cit.* p. 238.

[28] Op. *cit.,* p. 210.

[29]Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 359.

[30]Op. *cit.,* p. 241.

[31] Oscar Culmann, *Peter: Disciple-Apostle-Martyr,* trad. por Floyd V. Filson (Filadélfia: Westminster Press, 1953), p. 215.

[32]*0p.cit.,* p. 284. John Wesley escreve: "Esta frase significa o poder e a política de Satanás e seus instrumentos" (op. *cit.,* p. 81).

[33] A. T. Robertson. *Word Pictures in the New Testament* (Nova Iorque: Richard R. Smith, 1930), I, 135.

[34] Op. *cit.,* p. 243.

[35]Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (2® ed. Nova Iorque, Macmillan Co., 1959), p. 77. [36] Op. *cit.,* p. 214.

Vbid.

[38]F. C. Grant, *Introduction to New Testament Thought* (Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1950), p. 162.

[39] Op. *cit.,* p. 248.

[40] Op. *cit.* p. 293.

[41] *The Crises of the Christ,* p. 216. *[i2]Ibid„* p. 217.

[43]Por exemplo, Mt 5.17; 7.12; 11.13; 22.40; At 24.14; Rm 3.21. Cf. "Moses and the Prophets" - Lc 16.29,31; 24.27; At 26.22.

[44]Veja as notas sobre 3.17.

[45]"Entello aponta, antes, para o conteúdo da ordem" (Abbott-Smith, op. *cit.* p. 156). Este relato só é encontrado em Mateus e Marcos (9.9-13).

[46] O mesmo verbo grego é usado na Septuaginta, em Malaquias 4.6 (LXX, 3.23). Em algumas versões

em inglês, o termo utilizado é "mudará". Veja a importante previsão em Lucas 1.16-17.

[47] Registrada também em Marcos 9.14-29; Lucas 9.37-43.

[48] O melhor texto grego diz: "pouca fé" (cf. 6.30; 8.26; 14.31; 16.8).

[49]Lukyn Williams, entretanto, diz: "Parece que Jesus desejava que suas palavras fossem entendidas de forma literal" (*Pulpit Commentary,* "Matthew"), II, 178.

[50]IB, VII, 463.

[51]Ibid., p. 464.

[52]Aní. XVI. 6.3.

[53]War VII. 6.6.

[64]Carr, *op. cit.,* p. 219.

[S5]Ibid.

SEÇÃO VIII

'Op. *cit.,* p. 420.

[2]Op. *cit.,* p. 591.

[3]Op. *cit.,* p. 779. *[i]Op. cit.,* II, 208.

[5]Robert Shank, *Jesus-His Story* (Springfield, Mo.: Westcott Publishers, 1962), p. 119.

[6]Op. *cit.,* II, 209.

[7]0p. *cit.,* p. 686.

[8]0p. *cit.,* II, 209.

[9]0p. *cit.,* p. 222.

"Embora nenhuma outra declaração seja feita na Bíblia Sagrada, o versículo 11 não consta dos manuscritos gregos mais antigos de Mateus e, portanto, foi omitida nesse ponto nas Versões Revisadas. Ela é autêntica em Lucas 19.10, da qual evidentemente foi transcrita aqui.

[n]Ryle, *op. cit.,* p. 223.

[12]Carr, *op. cit.,* p. 223.

[13] W. K. Lowther Clarke, *Concise Bible Commentary* (Nova Iorque: Macmillan Co., 1953), p. 738. [14]Carr, *op. cit.,* p. 224.

[16]IB, VII, 475.

SEÇÃO IX

[l]Op. cit., p. 251, n. 1.

[2] Samuel J. Andrews, *The Life of Our Lord* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 reimpressão), p. 388.

[3] *Ibid.,* p. 388, n. 3.

[4] Cf. "testando-o" (ASV); "testaram-no" (RSV, NEB); "tentando-o" (RC); "o experimentavam" (RA/TB).

[5] Citado em M'Neile, *op. cit.,* p. 272.

[6] Stier, *op. cit,* I. 352.

[7] O Novo Testamento não faz uma distinção técnica entre fornicação e adultério.

[8] Plummer, *op. cit,* p. 261.

[9] EGT, I, 247. [w] *Ibid.*

[u] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 486.

[12] Op. *cit.,* p. 228.

[13] *Ibid.*

[14] A palavra "bom" foi omitida no texto grego mais antigo.

"Filson, *op. cit.* p. 209.

"Gustaf Dalman, *The Words of Jesus,* trad. por D. M. Kay (Edinburgh: T. & T. Clark, 1909), p. 159.

[17] Op. *cit.,* p. 618. [m] *Ibid.*

[19] *Op. cit.,* p. 442.

[20] Op. *cit.* p. 817.

[21] Op. *cit.,* p. 57.

[22] *Ibid.*

[23] *0p.cit,,* p. 232.

[24]Abbott-Smith, op. *cit.,* p. 335.

[25]Dalman, op. *cit.,* p. 177.

[26] Op. *cit.,* I, 365.

[27] Op. *cit.,* II, 252.

[23] Ibid.

[29]Eric F. Bishop, *Jesus ofPalestine* (Londres: Lutterworth Press, 1955), p. 203.

[30] O final do versículo (na versão KJV em inglês) não foi encontrado nos dois manuscritos gregos mais antigos, embora seja autêntico em outras passagens e registros (22.14).

[31] Op. *cit.* p. 234.

[32] Op. *cit.* p. 138.

[33]Ibid., pp. 138-39.

[34] Op. *cit.,11,* 281.

[35] A referência ao batismo nos versículos 22 e 23 não é encontrada nos manuscritos mais antigos, embora seja autêntica em Marcos 10.38-39, onde é encontrada a sua discussão.

[36]Op. *cit.,* p. 233.

[37] Op. *cit.,* I, 241.

[38]Arndt e Gingrich, op. *cit.,* p. 4.

[39]*Ibid.,* p. 422.

[40]Ibid,, p. 483.

[41]LAE.,p. 327.

[42]Moulton e Milligan, VGT, p. 56.

[43]Há outros episódios "duplos" anteriores em Mateus. Veja 8.28 e 9.27.

[44] O *Webster's Unabridged Dictionary* (2® ed., p. 1788) define a "Semana da Paixão" da seguinte maneira: "Originariamente, a semana antes da Páscoa: Semana Santa; agora, habitualmente, a semana entre o domingo da Paixão e o domingo de Ramos". Estamos usando essa expressão com o seu sentido original.

Para um resumo dos acontecimentos dessa semana, veja o quadro relacionado aos comentários sobre Marcos 11.11.

[45]Gustaf Dalman, *Sacred Sites and Ways* (Londres: S.P.C.K., 1935), pp. 252-53.

[iS]*War* II. 13.5; Ant. II. 8. 6.

[41] Muitas vezes os críticos zombaram do suposto quadro pintado por Mateus de Jesus montado, ao mesmo tempo, em dois animais. Mas isso implicaria um certo grau de estupidez do autor desse Evangelho, o que é negado pela nobreza de seu conteúdo. O texto grego do versículo 7 é um tanto duvidoso. Em Zacarias 9.9 o "jumento" e o "jumentinho" são o mesmo animal (um paralelismo poético hebraico). Os outros Evangelhos mencionam apenas um animal chamado "jumentinho" (Mc 11.2; Lc 19.30; Jo 12.14).

[48]Carr *(op. cit.* p. 242) diz: "Aquele que vêm' era um reconhecido título messiânico". Mas M'Neile *(op. cit.,* p. 151) e Vincent Taylor (.*Names of Jesus,* p. 79) negam essa afirmação. Esse último acredita que ela tenha se originado em João Batista.

[49]Carr, *op. cit.,* p. 241.

[50]*Op. cit.,* p. 287.

[51]George Salmon, *The Human Elements in the Gospels* (Nova Iorque: E. P. Dutton & Co., 1907), pp. 433-34.

[52]Op. *cit.,* I. 368.

™*Ibid„* p. 371.

[u]*lbid.* p. 372. '

[55]*Ibid.*

[56] E. F. Scott, *The Crisis in the Life of Jesus: The Cleansing of the Temple and Its*

Significance (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952), p. 101.

[67] Abbott-Smith, *op. cit.,* p. 344.

[58] R. C. Trench, *Notes on the Miracles of Our Lord* (Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878), p. 346. [b9] *Ibid.*

[60] Para o significado de remover montanhas, veja as notas sobre 17.20.

[61] Op. *cit.,* p. 384.

[62] *Notes on the Parables,* p. 155.

[63] Arndt and Gingrich, *op. cit.,* p. 90.

[64] Op. *cit.,* p. 193.

[65] Op. *cit.,* p. 607.

[m] *Ant.* XVIII, 1. 2-5; *War* 8. 2-14. Josefo também escreve: "Mas da quarta seita da filosofia judaica, Judas, o Galileu, era o autor" *[Ant.* XVIII. 1. 6). Esta parece ser uma referência aos Zelotes.

[67] S. Sandmel está de acordo com esta opinião. "Herodians", IDB, II, 595.

[68] Op. *cit.,* p. 253.

[m] *Ibid.*

[70] Citado por A. M. Hunter, *Gospel According to Mark* (Londres: SCM press, 1948), p. 117.

[71] Lucas (20.35-38) explica com mais detalhes, e de acordo com o ensino de Paulo em Filipenses

3.11 e Romanos 14.8.

[72] Op. *cit.* I, p. 398.

[73] Thayer, *op. cit.,* p. 199.

[74] *Op. cit.* p. 255.

[75] Arndt e Gingrich, *op. cit.* p. 646.

[76] *Gospel According to Mark,* p. 283.

[11] *Op. cit.,* pp. 255-56.

[78]Op. cit. pp. 901-2. [n]*Ibid.,* p. 901.

[80]Hermann Cremer, *Biblico-Theological Lexicon ofNew Testament Greek,* trad. por William Urwick (Edinburgh: T.& T. Clark, 1878), p. 11.

[81] Op. *cit.,* p. 3.

[82]Veja notas sobre 9.27; 15.22; 20.30.

[83]Ele foi citado cinco outras vezes no Novo Testamento (At 2.34; Hb 1.13; 5.6; 7.17, 21).

[84]Op. *cit.,* p. 424.

[85] Op. *cit.* p. 4.

[86]M'Neile, op. *cit.,* p. 331.

[87] O segundo "Rabi" nesse versículo não consta nos manuscritos mais antigos.

[88]Dalman, *Words of Jesus,* p. 331.

[89]Ibid., p. 332.

[90] O uso mais antigo da palavra inglesa "doutor" não foi para um médico, mas para um professor *(Oxford English Dictionary,* III, 570).

[91]Emil Schurer, *A History ofthe Jewish People in the Time of Jesus Christ,* trad. para o inglês (Edinburgh: T. &. T., Clark, 1885), II. i. 317.

[92] AKing James Version tem oito. Embora o versículo 14 tenha sido omitido nas Versões Revisadas

com base nas evidências dos manuscritos mais antigos, o conteúdo é autêntico em Marcos 12.40 e Lucas 20.47. Veja as respectivas observações.

[93] Op. *cit.,* p. 332.

[94] Op. *cit.,* p. 461.

[95] Op. *cit.,* p. 333.

[96] M. H. Pope, "Proselyte", IDB, III, 925. [m] *Ibid.* p. 930.

[98] IB, VII, 535. [m] *Ibid.,* p. 536.

[100] Carr, op. *cit.,* p. 261.

[101] Edgar J. Goodspeed, *Problems ofNew Testament Translation* (Chicago: University of Chicago Press, 1945), p. 38.

[102] Essa palavra ocorre (no NT) apenas nesses dois versículos.

[103] Carr, op. *cit,* p. 261.

[104] Op. *cit.,* p. 337.

[105] Em 2 Crônicas 24.20-22 o nome de seu pai consta como Joiada, e não Baraquias. Essa diferença ainda não foi resolvida. Mas "filho" às vezes pode significar "neto". Além disto, os homens da época da Bíblia também tinham, ocasionalmente, dois nomes.

SEÇAO X

[4]Carr, op. *cit.,* p. 265.

[2]*Ant.* XV. 11.3.

[3]W. F. Stinespring, "Temple, Jerusalem", IDB, IV, 550.

[4] *War* VII. 1.1.

[5]LAE, p. 368.

[6]Op. *cit.,* p. 635.

[7] O substantivo é traduzido 21 vezes (na versão KJV em inglês) como "tribulação", e 17 vezes como "aflição", de um total de 45 ocorrências no Novo Testamento.

[8]Op. *cit.,* p. 137.

[9] Eusébio, *Ecclesiastical History,* trad. por C. F. Cruse (Grand Rapids: Baker Book House, 1955), III, 5.

[10]EGT, I, 292.

[11]H. B. Swete, *The Gospel According to St. Mark* (Londres: Macmillan and Co., 1898), p. 289.

[12] War, Prefácio, 4.

[13]Op. *cit.,* p. 269.

[14] *War,* VI. 9.3.

[15]Op. *cit.,* p. 270.

[16] John Trapp, *Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958 [reimpressão]), p. 249.

[17]*Explanatory Notes,* p. 115.

[18]**Também M'Neile, *op. cit.*, p. 351.**

[19]***Op. cit.*, p. 426. [w]*Ihid.*, p. 427.**

[21]**Plummer, op. *cit.*, p. 335.**

[22]**Op. *cit.*, p. 153.**

[23]**Esta complementação em Marcos (13.32) também é encontrada no texto de Mateus, e nos manuscritos gregos mais antigos.**

[24]**Thayer, op. *cit.*, p. 658.**

[25] **O melhor texto grego inverte "prudentes" e "loucas" (cf. RV).**

[26]***Notes on the Parables*, p. 193.**

[27]**Op. *cit.*, II, 455.**

[28]**Op. *cit.*, p. 494.**

[29] **A palavra acrescentada "vem" não consta em alguns manuscritos antigos.**

[30]**Abbott-Smith, op. *cit.*, pp. 254-55.**

[31]***Notes on the Parables*, p. 203.**

[32]**Cf. Carr (*op. cit.*, p. 277): "Foi a partir desta parábola que a palavra 'talento' passou às línguas modernas com o sentido de 'habilidades' ou 'dons mentais', embora pareça apropriado o significado de 'oportunidades' ou 'esferas de obrigação' ".**

[33]**Meyer, *op. cit.*, pp. 441-42.**

[34]**Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 565.**

[35]**Op. *cit.*, p. 279. [m]*Ibid.*, p.280. ,**

[37]**Tasker, *op. cit.*, p. 239.**

SEÇAO XI

[1] Veja F. Blass e A. Debrunner, *A Greek Grammar ofthe New Testament and Other Early Christian*

Literature, trad. por Robert W. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961), p. 168 -"Quando se trata de profecias, isto é muito freqüente no Novo Testamento".

[2] Omitido nos primeiros manuscritos.

[3]0p. *cit.,* pp. 426-27,

[4]Op. *cit.,* p. 354.

[5]Op. *cit.,* p. 33.

[6] A palavra grega *kalos* significa "boa, bonita". Carr (op. *cit.,* p. 286) comenta: "O Senhor faz um elogio maior a este ato, do que a qualquer outro ato registrado no Novo Testamento".

[7]Registrado também em Mc 14.10-11; Lc 22.3-6.

[8]Abbott-Smith, op. *cit.,* p. 219. [s]*Ant.* II. 15.1.

[10]Cf. Plummer, *op. cit.,* p. 357.

[11] Op. *cit.,* II, 480-82.

[12] Joachim Jeremias, *The Eucharistic Words of Jesus,* trad. por Arnold Ehrhardt (Nova Iorque:

Macmillan Co., 1955), pp. 14-37.

[13]Op. *cit.,* p. 456. [u]*Ibid.,* p. 471.

[15] Ethelbert Stauffer, *Jesus and His Story,* trad. por Richard e Clara Winston (Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1959), p. 113.

[16]Massey H. Shepherd, Jr., "Are Both the Synoptics and John Correct About the Date of Jesus' Death?" *Journal ofBiblical Literature,* LXXX (1961), 125.

[17] Da vi d Noel Freedman, "When Did Christ Die?", *Perspective,* III (1962), 257.

[18]Op. *cit.,* p. 289.

[19] Os manuscritos mais antigos omitem a palavra "novo".

[20]Op. *cit.,* II, 533.

[21] Op. *cit.,* p. 1033.

[22]Op. *cit.,* p. 120.

[23]Op. cií., p. 290. "

[24]M'Neile, *op. cit.,* pp. 402-3.

[25]Stauffer, op. *cit.,* p. 128.

[26] O problema da harmonização dos versículos 5-8 com Atos 1.18-19 será tratado em conexão com a última passagem.

[27]Op. *cit.,* I, 471.

[28] Op. *cit.,* pp. 130-131.

[29]Op. *cit.,* I, 270.

[30]Op. *cit.,* pp. 573-74.

[31] Op. *cit,* p. 409.

[32]*Ibid.,* pp. 409-10.

[33] *Op. cit.,* p. 303.

[34]Op. *cit.,* p. 1090.

[35]Toyohiko Kagawa, *Behold the Man* (Nova Iorque: Harper and Brothers, 1941), p. 302.

[36]War II, 14.9; V. 11.1.

[37]War II, 14.8.

[38]*Ibid.,* I. i. 48.

[39]Op. *cit.,* p. 414.

[40]George Adam Smith, *Jerusalem* (Nova Iorque: A. C. Armstrong and Son, 1908), II, 574.

[41]IB, VII, 599-600. [i2]*Op.cit.,* p. 418.

[43]Quanto à diferença no relato de Lucas, veja os comentários sobre Lc 23.29-43.

[44]Op. *cit.,* 421.

[46] "Uma Regra Definida para o Uso do Artigo no Grego do Novo Testamento", *Journal ofBiblical Literature,* LII (1933), 20.

[46] C. F. D. Moule, *An Idiom Book ofNew Testament Greek* (Cambridge: University Press, 1953), p. 116. [47]Op. *cit.,* p. 312.

[48]Op. cií., p. 428.

[49]Op. *cit.,* p. 1145.

SEÇAO XII

'Para uma discussão sobre a relação deles com o Evangelho, veja as notas sobre esse aspecto, nos comentários sobre o texto de Marcos.

[2]Blass-Debrunner, op. *cit.,* p. 91 (164, 4).

[3]Op. *cit.,* p. 1157.

[4]0p. *cit.,* p. 882.

[5]Edward P. Blair, *Jesus in the Gospel ofMatthew* (Nova Iorque: Abingdon Press, 1960), p. 45. [e]*Ibid.,* pp. 45-46. [n]*Ibid.,* p. 46.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Alford, Henry. ***The Greek Testament.*** **Revisado por Everett Harrison. Chicago: Moody Press, 1958.**

Allen, W. C. ***A Criticai and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew.*** **"International Criticai Commentary". Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1907.**

Atkinson, Basil F. C. "Gospel According to Matthew". ***New Bible Commentary*****, editado por F. Davidson. Segunda Edição. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.**

Barclay, William. ***The Gospel of Matthew,*** **Vol. I. Segunda Edição. "The Daily Study Bible". Filadélfia: Westminster Press, 1958.**

Barnes, Albert. ***Notes on the New Testament: Matthew and Mark.*** **Grand Rapids: Baker Book House, 1949.**

Bengel, John Albert. ***Gnomon ofthe New Testament.*** **5 volumes. Edinburgh: T. & T. Clark, 1860.**

Broadus, John A. ***Commentary on the Gospel of Matthew.*** **"An American Commentary on the New Testament". Filadélfia: American Baptist Publication Society, 1886.**

Brown, David. "Matthew-John", A ***Commentary... on the Old and New Testaments,*** **Vol. V, por R. Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reimpressão).**

Bruce, A. B. "The Synoptic Gospels". ***Expositor's Greek Testament.*** **Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d.**

Buttrick, George A. "Matthew" (Exposição). ***Interpreter's Bible.*** **Editado por George A. Buttrick,** ***et al.,*** **Vol. VII. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.**

Carr, A. ***The Gospel According to St. Matthew.*** **"Cambridge Greek Testament". Cambridge: University Press, 1886.**

Crisóstomo. "Homilies on the Gospel of St. Matthew". A ***Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers ofthe Christian Church.*** **Editado por Philip Schaff. Nova Iorque: Christian Literature Co., 1888.**

Clarke, Adam. ***The New Testament ofour Lord and Saviour Jesus Christ,*** **Vol. I. Nova Iorque:**

Abingdon-Cokesbury Press, s.d.

Clarke, W. K. Lowther. *Concise Bible Commentary.* Nova Iorque: Macmillan Co., 1953.

Cox, G. E. P. "The Gospel According to St. Matthew". *The Twentieth Century Bible Commentary.* Editado por G. H. Davies, *et al.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1955.

Davies, J. Newton. "Matthew". *Ahingdon Bible Commentary.* Editado por F. C. Eiselen, *et al.* Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.

De Dietrich, Suzanne. "The Gospel According to St. Matthew". Traduzido por Donald G. Miller, *The Layman's Bible Commentary,* Vol. XVI. Richmond: John Knox Press, 1961.

Dummelow, J. R. (ed.). A *Commentary on the Holy Bible.* Londres: Macmillan and Company, 1909.

Erdman, Charles R. *The Gospel of Matthew.* Filadélfia: Westminster Press, 1920.

Filson, Floyd V. A *Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* "Harper's New Testament Commentaries". Nova Iorque. Harper & Brothers, 1960.

Gibson, John M. *The Gospel ofSt. Matthew.* "The Expositor's Bible". Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, s.d.

Grant, Fredrick C. "Matthew". *Nelson's Bible Commentary,* Vol. VI. Nova Iorque: Thomas Nelson & Sons, 1962.

Green, F. W. *The Gospel According to St. Matthew.* "The Clarendon Bible". Oxford: Clarendon Press, 1936.

Henky, Matthew. *Commentary on the Whole Bible.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Company, s.d.

Johnson, Sherman. "Matthew" (Exegese). *Interpreteis Bible.* Editado por George Buttrick, *et al.,* Vol. VII. Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.

Kent, Homer A., JR. "Matthew". *Wycliffe Bible Commentary.* Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

Kraeling, Emil G. *The Clarified New Testament.* Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1962.

Lange, John Peter. "Matthew". *Commentary on the Holy Scriptures.* Editado por J. P. Lange. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Lenski, R. C. H. *The Interpretation ofSt. Matthew's Gospel.* Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1943.

Levertoff, P. P, e Goudge, H. L., "The Gospel According to St. Matthew". *A Commentary on the Holy Scriptures.* Editado por Charles Gore, H. L. Goudge e Alfred Guillaume. Nova Iorque: Macmillan Co., 1928.

Maclaren, Alexander. *Exposition of Holy Scripture.* "St. Matthew". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 (reimpressão).

Mclaughlin, G. A. *Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* Chicago: Christian Witness Co., 1909.

Meyer, H. A. W. *Criticai and Exegetical Handbook to the Gospel of Matthew.* Nova Iorque: Funk & Wagnalls, 1884.

Micklem, Philip A. *St. Matthew.* "Westminster Commentaries". Londres: Methuen & Co., 1917.

M'neile, Alan H. *The Gospel According to St. Matthew.* Londres: Macmillan & Co., 1915.

Montefiore, C. G. *The Synoptic Gospels.* 2 volumes. Londres: Macmillan & Co., 1909.

Morgan, G. Campbell. *The Gospel According to Matthew.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1929.

Morison, James .*APractical Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* Londres: Hodder & Stoughton, 1899.

Neil, William. *Harper's Bible Commentary.* Nova Iorque: Harper & Row, 1962.

Offermann, Henry. "The Gospel According to Matthew". *New Testament Commentary.* Editado por H. C. Alleman. Edição revisada. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1944.

Plummer, Alfred. *An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* Londres: Elliot Stock, 1909.

Plumptre, E. H. "Matthew". *Commentary on the 'Whole Bible.* Editado por C. J. Ellicott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Robinson, Theodore H. *The Gospel of Matthew.* "Moffatfs New Testament Commentary". Nova Iorque: Harper and Brothers, 1927.

Ryle, J. C. *Expository Thoughts on the Gospels: Matthew-Mark.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.

Sadler, M. F. ***The Gospel According to St. Matthew.*** **Terceira Edição. Nova York: James Pott & Co., 1887.**

Stendahl, K. "Matthew". ***Peakes Commentary on the Bible.*** **Editado por Matthew Black e H. H. Rowley. Londres: Thomas Nelson & Sons, 1962.**

Tasker, R. V. G. ***The Gospel According to St. Matthew.*** **"Tyndale New Testament Commentaries". Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.**

Trapp, John. ***Commentary on the New Testament.*** **Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958 (reimpressão).**

Ward, A. Marcus. ***The Gospel According to St. Matthew.*** **"Epworth Preacher's Commentaries". Londres: Epworth Press, 1961.**

Wesley, John. ***Explanatory Notes upon the New Testament.*** **Londres: Epworth Press, 1941 (reimpressão).**

Whedon, D. D. ***Commentary on the Gospels: Matthew-Mark.*** **Nova Iorque: Hunt & Eaton, 1860.**

Williams, A. Lukyn. "St. Matthew" (Exposição). ***Pulpit Commentary.*** **Editado por Joseph S. Exell. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).**

II. OUTROS LIVROS

Abbott-SMITH, **G. A.** ***Manual Greek Lexicon ofthe New Testament.*** **Segunda Edição. Edinburgh: T. & T. Clark, 1923.**

Andrews, Samuel J. ***The Life of Our Lord.*** **Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954 (reimpressão).**

Arndt, W. F. e Gingrich, F. W. A ***Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.*** **Chicago: University of Chicago Press, 1957.**

Blair, Edward P. ***Jesus in the Gospel of Matthew.*** **Nova Iorque: Abingdon Press, 1960.**

Bonhoeffer, Dietrich. ***The Cost of Discipleship.*** **Edição Revisada. Nova Iorque: Macmillan Co., 1959.**

Bowman, John Wick, e TAPP, Roland W. ***The Gospel from the Mount.*** **Filadélfia: Westminster Press, 1957.**

Branscomb, Harvie. *The Teachings of Jesus.* Nova Iorque: Abingdon-Cokesbury Press, 1931. Buttrick, George A. *The Parables of Jesus.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1928.

Chambers, Oswald. *Studies in the Sermon on the Mount.* Cincinnati: God's Revivalist Press, 1915.
Deissmann, Adolf. *Bible Studies.* Traduzido por A. Grieve. Edinburgh: T. & T. Clark, 1901.

_. *Light from the Ancient East.* Traduzido por L. R. M. Strachan. Nova Iorque: George H.

Doran Co., 1927.

Dodd, C. H. *The Parables ofthe Kingdom.* Londres: Nisbet & Co., 1936.

Edersheim, Alfred. *The Life and Times of Jesus the Messiah.* Oitava edição. Nova Iorque: Longmans, Green and Co., 1903.

Farmer, W. R. *Maccabees, Zealots and Josepuhs.* Nova Iorque: Columbia University Press, 1956.
Fitch, William. *The Beatitudes of Jesus.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961.

Franzmann, Martin H. *Follow Me: Discipleship According to St. Matthew.* St. Louis: Concordia Publishing House, 1961.

Hayes, D. A. *The Synoptic Gospels and the Book ofActs.* Nova Iorque: Methodist Book Concem, 1919.

Hunter, A. M. *Gospel According to Mark.* Londres: S.C.M. Press, 1948.

_. *Interpreting the Parables of Jesus.* Naperville, 111.: S.C.M. Book Club, 1960.

_. *A Pattern for Life.* Filadélfia: Westminster Press, s.d. (Edição Britânica, 1953).

Jeremias, Joachim. *The Eucharistic Words of Jesus.* Traduzido por Arnold Erhardt. Nova Iorque: Macmillan Co., 1955.

_. *The Parables of Jesus.* Traduzido por S. H. Hooke. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1955.

Jones, E. Stanley. *The Christ ofthe Mount.* Nova Iorque: Abingdon Press, 1931.

Josephus, Flavius. *Works.* Traduzido por William Whiston. Filadélfia: Henry T. Coates & Co., s.d.

• Ladd, Greoge E. *The Gospel ofthe Kingdom.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

Lightfoot, J. B. *Notes on the Epistles ofSt. Paul.* Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957 (reimpressão).

Lloyd-jones, Martin. *Studies in the Sermon on the Mount. 2* Volumes. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

Lundstrom, Gosta. *The Kingdom ofGod in the Teaching of Jesus.* Traduzido por Joan Bulman. Richmond: John Knox Press, 1963.

Manson, William. *Jesus the Messiah.* Filadélfia: Westminster Press, 1946.

Mcarthur, Harvey. *Understanding the Sermon on the Mount.* Nova Iorque: Harper & Brothers, 1960.

Morgan, G. Campbell. *The Crises ofthe Christ.* Nova Iorque: Fleming H. Revell Co., 1903.

Pink, Arthur W. *An Exposition ofthe Sermon on the Mount.* Grand Rapids: Baker Book House, 1951. Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament,* Vol I. Nova Iorque: Richard R. Smith, 1930.

Schurer, Emil. *A History ofthe Jewish People in the Time of Jesus Christ,* Vol. II. Tradução Inglesa. Edinburgh: T. & T. Clark, 1885.

Scott, E. F. *The Crisis in the life of Jesus: The Cleansing ofthe Temple and Its Significance.* Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1952.

Smith, George Adam. *Historical Geography ofthe Holy Land.* Vigésima Edição. Londres: Hodder & Stroughton, s.d.

_. *Jerusalem.* Nova Iorque: A. C. Armstrong & Son, 1908.

STAUFFER, Ethelbert. *Jesus and His Story.* Traduzido por Richard e Clara Winston. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 1959.

Streeter, B. H. *The Four Gospels.* Edição Revisada. Londres: Macmillan & Co., 1930.

Taylor, Vincent. *The Names of Jesus.* Londres: Macmillan & Co., 1953.

_. *The Person of Christ in New Testament Teaching.* Londres: Macmillan & Co., 1958.

Trench, Richard C. *Notes on the Miracles ofOur Lord.* Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878.

_. *Synonyms ofthe New Testament.* Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1947 (reimpressão).

_. *Notes on the Parables of Our Lord.* Filadélfia: Wm. Syckelmoore, 1878.

Wikenhauser, Alfred. *New Testament Introduction.* Traduzido por Joseph Cunningham. Nova Iorque: Herder & Herder, 1958.

Zahn, Thedor. *Introduction to the New Testament.* Traduzido por John M. Trout, *et al.* 3 volumes. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953 (reimpressão).



6

Mateus ,i I ucas

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Ralph Earle Al Elwood Sanner Charles L. Childor'-

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ete tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a. Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e

prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra, de Deus. que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0690-1